


Não podemos fugir dos nossos segredos



OS
IMPOSTORES
CHRIS PAVONE

— “Um suspense inteligente
e uma trama bem construída.”

JOHN GRISHAM



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."





OS IMPOSTORES

CHRIS PAVONE



Título original: *The Expats*
Copyright © 2012 por Cláris Pavone
Copyright da tradução © 2013 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser
utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes
sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Vera Ribeiro
preparo de originais: Sheila Ti
revisão: Mariana Garcia e Rebeca Boite
projeto gráfico e diagramação: Valéria Teixeira
capa: Feber
fotos de capa: Johnny Ring, Mark Owen/Arcangel Images
adaptação de capa: Ana Paula Dault Brandão
adaptação para e-book: Geográfica e Editora Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

P366i

Pavone, Cláris

Os impostores [recurso eletrônico] / Cláris Pavone [tradução de Vera Ribeiro]. São Paulo: Arqueiro, 2013.
recurso digital

Tradução de: *The expats*
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8041-164-5 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Ribeiro, Vera. II. Título.

13-2013

CDD: 813
CDU: 821.111-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54
Vila Olímpia – 04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-9818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para meus pequenos ex-desterrados, Sam e Alex.

“A verdade é linda, sem dúvida, assim como as mentiras.”

RALPH WALDO EMERSON

“O único encanto do casamento é que ele torna a vida de dissimulação absolutamente necessária para ambas as partes.”

OSCAR WILDE

PRELÚDIO

Hoje, 10h52, Paris – Kate? Kate está olhando para uma vitrine repleta de travessieiros, toalhas de mesa e cortinas, tudo em cores castanho-acinzentadas, chocolate e verde-musgo, paleta que substituiu os tons pastel da semana anterior. A estação mudou, assim, de repente.

Ela desvia o olhar para a mulher a seu lado, na estreita nesga de calçada da Rue Jacob. Quem é ela? – Ah, meu Deus! Kate, é você? A voz é familiar. Mas só a voz não basta.

Kate esquece o que estava procurando sem grande entusiasmo. Era algo de pano. Cortinas para o lavabo? Alguma coisa desnecessária.

Segura com força o cinto da capa de chuva, num gesto de autoproteção. Choveu de manhã cedo, enquanto levava as crianças para a escola: as brumas do Sena pairando, sinuosas, os saltos das botas de couro estalando nas pedras molhadas do calçamento.

Ela ainda está usando seu impermeável leve, com o jornal Herald-Tribune dobrado projetando-se do bolso, as palavras cruzadas feitas na cafeteria vizinha à escola, onde ela toma o café quase todas as manhãs com outras mães estrangeiras.

Essa mulher não é uma delas.

Essa mulher usa óculos escuros que, além de cobrirem a área inteira dos olhos, ocultam metade da testa e quase toda a bochecha. Não há como identificar quem está por trás de todo aquele plástico preto com logomarcas douradas. O cabelo curto, castanho, foi puxado para trás com vigor e mantido no lugar por uma faixa de seda. A mulher é alta e atlética, mas com busto e quadril fartos, voluptuosa. A pele reluz com um bronzeado saudável, de aparência natural, como se ela passasse muito tempo ao ar livre, jogando tênis ou cuidando do jardim. Nada do tom escolhido por tantas francesas, o bronzeado adquirido pela exposição à radiação de lâmpadas fluorescentes em cabines que lembram caixões.

A roupa dessa mulher, apesar de não se compor propriamente de calças de montaria e blazer, faz lembrar equitação. Kate reconhece o casaco quadriculado. Viu-o na vitrine de uma butique absurdamente cara das imediações, a loja que substituiu uma livraria muito querida e levou alguns moradores mais falantes a dizer que se tratava do início do fim do Faubourg Saint-Germain que conheciam e amavam. Mas o apreço pela livraria era bastante abstrato, porque, em geral, ela ficava vazia, ao passo que a nova butique está sempre lotada: donas de casa texanas e homens de negócios japoneses, além de bandidos russos – que compram toneladas de camisas, echarpes e bolsas em espécie (maços bem-arrumados e fresquinhos de dinheiro recém-lavado) e dos ricos moradores da área. Não há moradores pobres ali.

E essa mulher? Está sorrindo, a boca cheia de dentes que reluzem de tão brancos e são perfeitamente alinhados. É um sorriso conhecido, combinado com uma voz conhecida, mas Kate ainda precisa ver os olhos para confirmar sua pior suspeita.

Há carros zero-quilômetro fabricados no Sudeste Asiático que são vendidos por preços menores que o do casaco dela. Kate também está bem-vestida, no estilo discreto típico de seu grupo. Essa mulher segue um conjunto diferente de princípios.

É americana, mas fala sem nenhum sotaque regional. Poderia ser de qualquer lugar. Poderia ser qualquer pessoa.

– Sou eu – diz ela, tirando, por fim, os óculos escuros.

Instintivamente, Kate dá um passo atrás, esbarrando na pedra cinza enegrecida da base da construção. Os metais de sua bolsa causam um tinido preocupante ao baterem no vidro da vitrine.

Ela fica boquiaberta, muda.

No pânico absoluto que se instala de súbito, a primeira coisa em que pensa são os filhos. Esta é a essência da maternidade: o pânico imediato por causa dos filhos, sempre. E foi a parte do plano em que Dexter nunca pensou seriamente: o agravamento do pavor – a angústia invencível – quando há crianças envolvidas.

A tal mulher estava escondida atrás dos óculos escuros e tem uma nova cor e um novo corte no cabelo. Sua pele está mais morena do que era e ela ganhou uns cinco quilos. Está diferente. Mesmo assim, Kate fica perplexa por não tê-la reconhecido de cara, à primeira sílaba. Sabe que foi porque não quis reconhecer.

– Ah, meu Deus! – consegue gaguejar.

Sua mente dispara. Em seus pensamentos, ela sai correndo pela rua, dobra uma esquina, cruza o pesado portão vermelho e o fresco corredor entre os prédios, passa pelo pórtico que cerca o pátio, penetra no saguão de piso de mármore, sobe no elevador com porta pantográfica e entra no alegre hall amarelo onde fica o desenho do século XVIII na moldura dourada.

A mulher está de braços abertos, num convite para um grande abraço ao estilo americano.

Corre até o fim do corredor, para o escritório revestido de madeira, com as paisagens da Torre Eiffel vista do alto. Usa a chave de bronze ornamentada para abrir a gaveta inferior da escrivaninha antiga.

E por que não abraçá-la? São velhas amigas, afinal. Mais ou menos. Se houver alguém observando, talvez pareça suspeito essas duas pessoas não se abraçarem. Ou talvez pareça suspeito se o fizerem.

Não demorou muito a desconfiar de que estava sendo vigiada. E de que sempre fora, o tempo todo. Faz pouquíssimos meses que Kate enfim conseguiu se imaginar levando uma vida totalmente livre de vigilância.

E então, dentro da gaveta da escrivaninha, a caixa de aço com reforço duplo.

– Que surpresa! – diz Kate, o que é verdade e não é.

E, no interior do cofre, os quatro passaportes com identidades alternativas para a família. E o maço grosso de dinheiro, dobrado e preso com um elástico, euros, libras esterlinas e dólares americanos em notas grandes, notas novas e limpas, sua versão pessoal de dinheiro lavado.

– É um prazer vê-la.

E, embrulhada numa flanela azul-clara, a Beretta 92FS que ela comprou de um cafetão escocês em Amsterdã.

PARTE I

1

Dois anos antes, Washington

– Luxemburgo?

– É.

– Luxemburgo?

– Isso mesmo.

Katherine não sabia como reagir. Então optou pela resposta-padrão, fuga via ignorância.

– Onde fica Luxemburgo? Na mesma hora se arrependeu da falsa pergunta.

– Na Europa Ocidental.

– Quero dizer, é na Alemanha? Ela desviou os olhos de Dexter, com vergonha do buraco que estava cavando para si mesma. – Ou na Suíça?

Dexter a fitou com um olhar inexpressivo, claramente tentando – com afincos – não dizer a coisa errada.

– É um país independente – respondeu. – Um grão-ducado – acrescentou, o que era irrelevante.

– Um grão-ducado.

Ele assentiu.

– Você está de brincadeira – falou ela.

– É o único grão-ducado do mundo.

Kate não disse nada.

– Faz fronteira com a França, a Bélgica e a Alemanha – prosseguiu Dexter, sem ser solicitado. – Esses países o cercam.

– Não – retrucou Katherine, balançando a cabeça. – Esse país não existe. Você está falando, sei lá, da Alsácia. Ou da Lorena. Está falando da Alsácia-Lorena.

– Esses lugares ficam na França. Luxemburgo é, hum, uma nação à parte.

– E o que faz dela um grão-ducado?

– Ela é governada por um grão-duque.

Katherine redirecionou a atenção para a cebola meio picada na tábua de cortar sobre o tempo que ameaçava soltar-se de vez do armário empenado. Seria uma separação causada por alguma força primitiva – a água, a gravidade ou ambas – e, com isso, a cozinha transporia o limite do aceitavelmente furreca para o inaceitavelmente esculhambado (além de anti-higiênico e francamente perigoso), obrigando-os a encarar a reforma completa que lhes custaria 40 mil dólares que eles não tinham, mesmo que cortassem dela todos os caprichos desnecessários e todas as escolhas meramente estéticas.

Dexter havia colocado grampos tipo C nos cantos da bancada, um conserto provisório para impedir que o tampo de madeira escorregasse de cima do armário. Isso já fazia dois meses. Desde então, os grampos mal colocados tinham feito Katherine espatifar uma taça de vinho e, uma semana depois, bater com a mão num deles quando fatiava uma manga, fazendo a faca resvalar e afundar silenciosamente na carne de sua mão esquerda, dando um banho de sangue na manga e na tábua. Ela ficara parada diante da pia, comprimindo o ferimento com um pano, enquanto o sangue pingava no tapetinho esmolambado e se espalhava pelas fibras de algodão, formando o mesmo desenho daquele dia no Waldorf, quando ela devia ter desviado os olhos, mas não desviou.

– E o que vem a ser um grão-duque? – perguntou, enxugando de um dos olhos as lágrimas de cebola.

– É o cara que governa um grão-ducado.

– Você está inventando essas coisas.

– Não, não estou.

Dexter exibia um sorrisinho muito discreto, como se pudesse mesmo estar zombando da cara dela.

Mas não: o sorriso era discreto demais para isso. Aquele era o sorriso de Dexter fingindo zombar da cara de alguém, quando realmente falava sério. Uma imitação de sorriso falso.

– Está bem – disse ela. – Eu mordo a isca: por que nós nos mudaríamos para Luxemburgo?

– Para ganhar muito dinheiro e viajar o tempo todo pela Europa.

Pronto, ali estava o sorriso completo, sem restrições.

– Como nós sempre sonhamos – emendou ele.

Era a expressão franca do homem que não guardava segredos nem admitia a possibilidade de que outros guardassem. Era o que Katherine mais valorizava no marido, acima de qualquer outra coisa.

– Você vai ganhar muito dinheiro? Em Luxemburgo?

– Vou.

– Como?

– Andam com escassez de homens lindos por lá. Aí vão me pagar uma montanha de dinheiro por eu ser incrivelmente bonito e estonteantemente sensual.

Fazia uma década que aquela era a piada deles. Dexter não tinha uma beleza digna de nota nem era particularmente sexy. Era um exemplar clássico do grandalhão desengonçado fanático por computadores. Não era feio, na verdade: tinha feições comuns, uma mistura corriqueira de cabelo louro, queixo pontudo, maçãs do rosto salientes e olhos castanho-claros. Com a ajuda de um corte de cabelo decente, algum treino em relações públicas e, talvez, um pouco de psicoterapia, poderia se tornar muito atraente. Mas a imagem que ele projetava

era de seriedade e inteligência, não de sensualidade ou preocupação com a aparência.

Fora isso que atraía Katherine, de início: um homem completamente não irônico, não malicioso, não entediado, não indiferente, não erudito. Dexter era franco, fácil de decifrar, confiável e agradável. Os homens do mundo profissional dela eram manipuladores, vaidosos, implacáveis e egoístas. Dexter era o antídoto de Katherine. Um homem estável, desprezioso, de honestidade infalível e aparência comum.

Fazia muito tempo que ele se conformara com o visual genérico e a falta de sofisticação. Assim, enfatizava seu jeito de nerd da maneira típica: óculos de acrílico, roupas sem graça, desalinhadas e aparentemente pegas ao acaso, cabelo de quem acabou de levantar da cama. E fazia piadas sobre sua aparência.

– Vou ficar parado em locais públicos – continuou. – De vez em quando, se me cansar, pode ser que eu me sente. E aí é só ficar lá, sabe como é, sendo lindo – completou, dando uma risadinha da própria piada. – Luxemburgo é a capital mundial dos bancos privados.

– E daí?

– Acabei de receber uma oferta lucrativa de um desses bancos privados.

– Lucrativa, quanto?

– Trezentos mil euros por ano. Quase meio milhão de dólares, ao câmbio de hoje. Mais despesas de moradia. Mais bônus. O total pode acabar subindo para uns 750 mil dólares.

Era muito dinheiro, com certeza. Mais do que Kate havia imaginado que algum dia Dexter viesse a ganhar. Apesar de ter estado às voltas com a internet praticamente desde o começo dela, ele nunca tivera o ímpeto nem a visão necessários para enriquecer. Na maior parte do tempo, fora um espectador, enquanto seus amigos e colegas levantavam capital e corriam riscos, iam à falência ou lançavam ações na bolsa, e acabavam andando de jatinho particular para lá e para cá. Mas não Dexter.

– E, depois – continuou ele –, quem sabe? Além disso – falou, erguendo as mãos para anunciar o golpe de misericórdia –, nem vou precisar trabalhar tanto assim.

Os dois tinham sido ambiciosos, em outros tempos. Mas, depois de dez anos juntos, cinco deles com filhos, apenas Dexter alimentava alguma ambição. E a maior parte tinha a ver com trabalhar menos.

Ou assim pensava Kate. Agora, aparentemente, ele também aspirava a ficar rico. Na Europa.

– Como é que você pode saber? – perguntou ela.

– Conheço o tamanho da operação, a complexidade dela, os tipos de transações. As necessidades de segurança de lá não são tão grandes quanto essas com que lido agora. E eles são europeus. Todo mundo sabe que os europeus não

trabalham tanto assim.

Dexter nunca chegara a ficar rico, mas tinha uma remuneração decente. E o salário de Katherine crescera gradativamente ao longo de sua carreira. Juntos, os dois tinham ganhado 250 mil dólares no ano anterior. Mas, com a hipoteca, os intermináveis consertos da velha casinha na vizinhança “emergente” da supostamente revitalizada Columbia Heights, mais a escola particular – as escolas públicas em geral do centro do Distrito de Columbia não eram consideradas tão boas – e os dois carros, eles nunca tinham dinheiro. O que tinham era uma vida confortável que lhes custava demais. E a cozinha estava caindo aos pedaços.

– Quer dizer que vamos ficar cheios da grana e poder viajar para todo lado e você estará comigo e com as crianças? Ou vai ficar fora o tempo todo? Nos dois meses anteriores, Dexter tinha feito um número anormal de viagens. Ele vinha perdendo muito da vida em família. Por isso, no momento, aquele era um assunto delicado. Ele acabara de passar alguns dias na Espanha, em uma viagem de última hora que havia exigido que Katherine cancelasse compromissos sociais, que já eram poucos e espaçados e não deveriam ser cancelados do nada. Ela não tinha uma vida social intensa nem uma legião de amigos. Mas isso era melhor do que nada.

Em certa época, as viagens de trabalho dela é que tinham sido um problema sério. Mas, logo depois de Jake nascer, ela havia cortado quase por completo as viagens e feito uma redução drástica nas horas de trabalho. Mesmo nesse novo regime, ainda era raro conseguir chegar em casa antes das sete.

O tempo para valer com os filhos era nos fins de semana, imprensado entre idas ao mercado, limpeza da casa, aulas de ginástica olímpica das crianças e todo o resto.

– Não muito – respondeu ele, vagamente.

Katherine percebeu seu jeito evasivo.

– Para ir aonde?

– Londres. Zurique. Talvez os Bálcãs. Provavelmente, uma vez por mês.

Duas.

– Os Bálcãs?

– Sarajevo, talvez. Belgrado.

Katherine sabia que a Sérvia era um dos últimos lugares que Dexter poderia querer visitar.

– O banco tem interesses por lá – explicou, dando de ombros. – Enfim, as viagens não serão uma parte relevante do trabalho. Morar na Europa, sim.

– Você gosta de Luxemburgo? – perguntou ela.

– Só estive lá umas duas vezes. Não tenho uma ideia tão boa assim do lugar.

– Mas tem alguma ideia? Porque eu poderia ter me enganado sobre o

continente em que esse lugar fica.

Uma vez que tinha começado essa mentira, Katherine teria de levá-la até o fim. Este era o segredo para sustentar uma mentira: não tentar escondê-la. Sempre fora inquietantemente fácil mentir para seu marido.

– Sei que o país é rico – disse Dexter. – Tem o maior PIB per capita do mundo, há alguns anos.

– Não pode ser verdade – objetou ela, mesmo sabendo que era. – Isso tem que ser de algum país produtor de petróleo. Talvez os Emirados Árabes, ou o Qatar, ou o Kuwait. Não um lugar que, até cinco minutos atrás, eu achava que era um estado da Alemanha.

Dexter encolheu os ombros.

– Tudo bem. O que mais? – indagou Katherine.

– Ele é... hum... pequeno.

– Pequeno, quanto?

– Meio milhão de pessoas no país inteiro. Mais ou menos do tamanho de Rhode Island. Mas acho que Rhode Island é maior. Um pouco.

– E para qual cidade seria? Existem cidades, não é?

– Para a capital. Também se chama Luxemburgo. Tem 80 mil pessoas.

– Você disse 80 mil? Isso não é população de uma capital. É... sei lá... de uma cidade universitária.

– Mas uma cidade universitária linda e no centro da Europa, onde alguém vai me pagar muito dinheiro. Logo, não seria uma cidade universitária qualquer. E, nessa cidade universitária, você não vai precisar trabalhar fora.

Katherine congelou no meio do corte da cebola, na guinada do plano que tinha previsto dez minutos antes, assim que o marido perguntara “O que você acha de se mudar para Luxemburgo?”. A guinada que significava que ela teria que sair do emprego, em caráter definitivo. Naquele primeiro clarão de reconhecimento, ela se sentira inundar por um profundo alívio, o alívio de ter uma solução inesperada para um problema insolúvel. Ela teria que pedir demissão. Não seria uma decisão sua, apenas não teria alternativa.

Nunca havia admitido para o marido – mal o admitira para si mesma – que queria sair. E agora, nunca teria que admiti-lo.

– E eu faria o quê? – perguntou. – Em Luxemburgo? Que, aliás, ainda não me convenci de que seja real.

Dexter sorriu.

– Você tem que admitir que parece invenção – disse ela.

– Você vai levar uma vida de ócio.

– Fala sério.

– Eu estou falando sério. Você vai aprender a jogar tênis. Planejar nossas viagens. Montar uma casa nova. Estudar idiomas. Criar um blog.

– E quando eu me entediar?

- Se você se entediar. Aí você pode arranjar um emprego.
- Fazendo o quê?
- Washington não é o único lugar do mundo em que as pessoas redigem

documentos oficiais.

Katherine voltou os olhos para a cebola destrocada e recomeçou a picá-la, tentando afastar o problema enorme que havia acabado de surgir na conversa.

– Touché.

– Na verdade – continuou Dexter –, Luxemburgo é uma das três capitais da União Europeia, ao lado de Bruxelas e Estrasburgo.

Agora ele tinha se transformado num informe comercial sobre a porcaria do lugar.

– Imagino que haja muitas ONGs que gostariam de ter uma americana bem informada nas suas folhas de pagamento recheadas de verbas.

E também estava agindo como agente de recrutamento. Um daqueles funcionários de RH invariavelmente bem-humorados, de calça cáqui com vinhos e sapatos reluzentes de tão engraxados.

– E isso seria para quando? – perguntou Katherine, evitando que o assunto girasse em torno dela, suas perspectivas, seu futuro. Escondendo-se.

– Bem – suspirou Dexter, fundo demais.

Um mau ator que superestimava suas habilidades.

– Aí é que está o porém – falou ele.

Não continuou. Esse era um de seus poucos hábitos desagradáveis: obrigar a esposa a lhe fazer perguntas, em vez de simplesmente dar as respostas que sabia que ela queria.

– E ele é...?

– Precisamos ir o mais rápido possível – admitiu ele, como que sob coação.

– E isso significa o quê? – Que estaríamos morando lá no fim do mês. E é provável que eu precise ir até lá sozinho uma ou duas vezes antes disso. Tipo segunda-feira.

Katherine ficou boquiaberta. Não só aquela ideia sugira do nada como chegava a toda a velocidade.

Sua mente disparou, tentando avaliar como seria possível pedir demissão num prazo tão curto. Seria difícil. Levantaria suspeitas.

– Eu sei que é uma correria danada – disse Dexter. – Mas um dinheiro desses, sabe? Precisaria haver algum sacrifício. E este sacrifício nem é tão ruim: precisamos nos mudar para a Europa o mais rápido possível. E olhe...

Ele enfiou a mão no bolso do casaco e desdobrou uma folha de papel ofício, alisando-a sobre a bancada. Parecia uma planilha, com o título orçamento de luxemburgo no topo.

– E é um bom momento, na verdade – continuou, com ar defensivo, ainda

sem explicar por que toda aquela pressa.

Katherine só viria a entendê-la muito, muito depois.

– Ainda estaremos nas férias de verão e podemos chegar a Luxemburgo a tempo de os meninos começarem as aulas na nova escola no início do ano letivo.

– E a escola seria...?

– Uma escola particular de língua inglesa.

Dexter tinha uma resposta rápida para tudo. Havia preparado uma planilha, pelo amor de Deus! Que romântico! – Vai ser paga pelo cliente.

– A escola é boa?

– Imagino que a capital mundial dos bancos privados, com a renda per capita mais alta do planeta, tenha uma escola decente. Ou duas.

– Não precisa ser sarcástico. Só estou fazendo umas perguntas sobre a educação dos nossos filhos e sobre onde vamos morar. Você sabe, essas pequenas coisas.

– Desculpe.

Katherine o deixou suportar sua raiva por alguns segundos, antes de recomençar: – Nós moraríamos por quanto tempo em Luxemburgo? – O contrato seria de um ano. Renovável por mais um, com um aumento.

Ela examinou a planilha e achou a última linha, uma poupança líquida de quase 200 mil por ano.

Euros? Dólares? Tanto fazia.

– E depois? – perguntou, simpatizando com aquele saldo líquido.

Fazia muito tempo que se resignara a viver eternamente dura. Agora parecia que esse “eternamente” teria fim.

– Quem sabe?

– Está aí uma resposta bem insatisfatória.

Dexter contornou a bancada sinuosa da cozinha e se posicionou atrás da esposa, passando os braços em torno dela e mudando todo o teor da conversa.

– É a nossa hora, Kat – disse, com o hálito quente na pele dela. – É diferente do que tínhamos imaginado, mas é a nossa hora.

Na verdade, era exatamente o que eles haviam sonhado: começar uma vida nova no exterior.

Sobrecarregados por circunstâncias que impediam uma juventude despreocupada, os dois tinham a sensação de ter deixado escapar experiências importantes. Agora, no fim da casa dos 30, ainda ansiavam pelo que haviam perdido, ainda achavam que seria possível. Ou nunca admitiam que seria impossível.

– Nós vamos conseguir – disse Dexter, baixinho, junto ao pescoço dela.

Katherine largou a faca. Um adeus às armas. Não seria o primeiro.

Discutiriam o assunto a sério, altas horas da noite, depois do vinho. Ou com a seriedade possível, já tarde e meio alcoolizados. Concordavam em que,

mesmo sem ter ideia de qual seria a dificuldade de se chegar a outro país, decididamente seria fácil deixar Washington.

– Mas Luxemburgo? – insistiu ela.

As terras estrangeiras que os dois haviam imaginado eram lugares como o Provença ou a Úmbria, Londres ou Paris, talvez Praga ou Budapeste, ou até Istambul. Lugares românticos, lugares aonde queriam ir – aonde todo mundo queria ir. Luxemburgo não estava nessa lista, nem na lista de ninguém. Ninguém sonha morar em Luxemburgo.

– Por acaso você sabe que língua se fala em Luxemburgo? – perguntou Katherine.

– Luxemburguês. É um dialeto germânico, com um pouco de francês misturado.

– Não pode ser.

Dexter a beijou no pescoço.

– Mas é. Só que eles também falam o alemão comum, além de francês e inglês. É um lugar muito internacional. Ninguém terá que aprender luxemburguês.

– Fico à vontade é com o espanhol. Fiz um ano de francês, mas falo mesmo é espanhol.

– Não se preocupe. A língua não será problema.

Tornou a beijá-la, descendo a mão por sua barriga até abaixo da cintura da saia, a qual começou a suspender. Os meninos tinham saído para brincar.

– Confie em mim.

Katherine os vira muitas vezes em aeroportos internacionais, com suas montanhas de malas baratas, os rostos repletos de preocupação, atordoamento e cansaço, os filhos de ombros caídos, o pai segurando punhados de passaportes vermelhos ou verdes, que os distinguiam dos americanos de passaportes azuis.

Eram imigrantes imigrando.

Ela os vira partindo do aeroporto da Cidade do México, depois de saltarem de ônibus vindos de Morelia ou Puebla, ou de conexões aéreas de voos de Quito ou da Guatemala. Vira-os em Paris, chegando de Dacar, do Cairo ou de Kinshasa. Vira-os em Manágua e Porto Príncipe, Caracas e Bogotá. Em todos os lugares do mundo em que estivera, ela os vira partindo.

E os vira chegando, em Nova York e Los Angeles e Atlanta e Washington, na outra ponta de suas longas viagens, exaustos, mas nem perto de haverem terminado suas jornadas épicas.

Agora ela era um deles.

Agora esta era ela, na beira da calçada do aeroporto de Frankfurt. Às suas costas, uma pilha de imensas malas que não combinavam. Ela já tinha visto dessas malas gigantescas e pensado: quem, em seu juízo perfeito, algum dia compraria malas tão feias e desajeitadas? Agora sabia a resposta: alguém que precisasse carregar absolutamente tudo, de uma vez só.

Espalhadas em volta de suas oito malas horrorosas, do tamanho de uma pessoa, havia quatro sacolas de mão, uma bolsa, duas pastas para computador e duas mochilinhas de criança e, sobre as pilhas mais baixas, casacos, ursinhos de pelúcia e um saco plástico com fecho cheio de barras de cereal e frutas frescas e secas, além de M&Ms marrons – todas as outras cores tinham sido comidas antes de chegarem à Nova Escócia.

Esta era ela, agarrada aos passaportes azuis da família, diferentes daqueles cor de vinho dos alemães, e destacando-se deles não só por causa das cores da capa, mas também porque as pessoas do lugar não ficavam sentadas em pilhas de malas medonhas, agarrando os passaportes.

Esta era ela, sem entender o que dizia pessoa alguma, numa língua incompreensível. Após um voo de sete horas, que permitira duas de sono, com olhos inchados, exausta, faminta, enjoada, empolgada e com medo.

Esta era ela: uma imigrante imigrando.

Começara por se conformar em usar o sobrenome de Dexter. Já não precisava de seu nome de solteira, seu nome profissional. Por isso tinha marchado até o registro municipal do Distrito de Columbia, preenchido os formulários e entregado a ordem de pagamento. Solicitara uma nova carteira de habilitação e um passaporte com urgência.

Dissera a si mesma que, morando num país católico, seria mais fácil lidar com a burocracia se marido e mulher tivessem o mesmo sobrenome. Ela já

estava abrindo mão de tudo o mais em sua identidade – da rede de aparências que encobria as verdades mais complexas –, e um sobrenome, ponderou, era apenas um item extra.

Por isso, ela agora era alguém que nunca tinha sido: Katherine Moore. Chamaria a si mesma de Kate. A amável e descontraída Kate, em vez da séria e rigorosa Katherine. Havia um toque agradável no nome: Kate Moore era alguém que sabia se divertir na Europa.

Durante uns dias, havia testado mentalmente Katie Moore, mas chegara à conclusão de que parecia nome de personagem de livro infantil ou de animadora de torcida.

Kate Moore tinha orquestrado a mudança. Trocara o endereço, suspendera ou cancelara dezenas de contas. Havia comprado as malas feias. Tinha separado os pertences da família nas três categorias necessárias – bagagem a ser levada, remessa por frete aéreo, remessa por frete marítimo. Preenchera formulários de embarque, formulários de seguros, formulários de formalidades.

E tinha conseguido se desligar do emprego. Não fora fácil nem rápido. Mas, feitas as entrevistas de saída e finalmente superados os obstáculos burocráticos, ela havia suportado uma rodada de drinques de despedida na casa de seu chefe, em Capitol Hill. Apesar de nunca ter pedido demissão de um emprego ao longo de sua vida adulta, comparecera a algumas outras despedidas. No começo, ficara decepcionada com o fato de o bota-fora não ocorrer em algum pub irlandês, com todo mundo bebendo demais ao redor de uma mesa de sinuca do tamanho de um bar, como nos filmes. Mas é claro que as pessoas do seu escritório não poderiam se reunir num bar para beber. Por isso, tinham bebericado garrafas de cerveja no térreo do sobrado de tijolinhos de Joe, o qual, como Kate ficara em parte aliviada e em parte decepcionada por descobrir, não era notavelmente maior nem estava em muito melhores condições que a casa dela.

Fez um brinde com os colegas e, dois dias depois, deixou o continente.

Esta é minha chance de me reinventar, tornou a dizer a si mesma. De ser alguém que não faça um esforço de meia-tigela por uma carreira não planejada, que não tente encerrar a maternidade de um jeito improvisado e frouxo, que não more numa casa caindo aos pedaços, numa porcaria de bairro sem bons vizinhos, numa cidade amarga e competitiva – um lugar que, para todos os efeitos, ela escolhera ao partir para a faculdade e de onde nunca mais tinha saído. Havia permanecido em Washington e prosseguido em sua carreira porque uma coisa levava à outra. Não tinha feito sua vida acontecer; ela apenas acontecera.

O motorista alemão aumentou a música, uma melodia popular dos anos 1980, cheia de sintetizadores.

– New wave! – exclamou ele. – Eu adoro! Ia tamborilando furiosamente

no volante, marcando o ritmo com o pé na embreagem e piscando feito um louco, às nove horas da manhã. Anfetaminas? Kate desviou os olhos do louco e contemplou a paisagem bucólica da zona rural alemã que ia passando: colinas suaves, florestas densas, pequenos aglomerados de casas de pedra, juntinhas umas das outras, como que se protegendo do frio, dispostas em minúsculos vilarejos cercados por vastas pastagens.

Ela iria se reinventar. Iria se relançar. Enfim se tornaria uma mulher que não ia mentir constantemente para o marido sobre o que realmente fazia e quem de fato era.

– Oi – dissera Kate, ao entrar no escritório de Joe, logo de manhã cedo.

Essa sílaba única fora toda a extensão de seu preâmbulo.

– Lamento ter que dizer isso, mas estou pedindo demissão.

Joe ergueu os olhos de um relatório, um lote de folhas acinzentadas saído de uma impressora matricial, provavelmente instalada sobre uma mesa de aço de fabricação soviética, em algum ponto da América Central.

– Meu marido recebeu uma oferta para trabalhar na Europa. Em Luxemburgo.

Joe arqueou uma sobrancelha.

– E eu pensei: bem que podíamos ir.

Essa explicação era uma simplificação grosseira, mas tinha a vantagem de ser honesta. Kate decidira usar de completa franqueza nesse processo. Exceto num assunto, caso ele viesse à tona. E tinha certeza de que acabaria vindo.

Joe fechou a pasta, exibindo uma capa pesada azul, adornada por uma variedade de carimbos, assinaturas e rubricas. Havia uma trava de metal do lado, que ele trancou.

– Que tipo de emprego? – Dexter trabalha com segurança eletrônica para bancos.

Joe balançou a cabeça.

– Há uma porção de bancos em Luxemburgo – acrescentou Kate.

Joe deu um meio sorriso.

– Dexter vai trabalhar para um deles – concluiu.

Surpreendeu-se com o arrependimento que sentiu. A cada segundo que passava, mais se convencia de ter tomado a decisão errada, mas agora tinha o dever de ir até o fim.

– Está na minha hora, Joe. Já estou nisto há... não sei...

– Há muito tempo.

O arrependimento veio acompanhado pela vergonha, um tipo complicado de vergonha do próprio orgulho, de sua incapacidade de reconsiderar uma decisão ruim depois de tomada.

– Sim. Muito tempo. E, para ser sincera, ando entediada. Tenho estado meio entediada há algum tempo. E esta é uma grande oportunidade para o

Dexter. Para nós. De ter uma aventura.

– Você já não teve aventuras suficientes na vida? – Como família. Uma aventura em família.

Ele meneou a cabeça num gesto seco.

– Mas, na verdade, isso não tem muito a ver comigo. Quase nada. Tem a ver com Dexter. Com a carreira dele e, quem sabe, com ganhar um dinheirinho, finalmente. E tem a ver com levarmos uma vida diferente.

Joe entreabriu a boca, os dentes miúdos e acinzentados surgindo por baixo do bigodão grisalho, que parecia ter sido colado em seu rosto pálido. Por uma questão de coerência, ele também tendia a usar ternos cinza.

– Há alguma chance de você mudar de ideia? Nos dias anteriores, enquanto Dexter lhe dava mais detalhes práticos, provavelmente a resposta teria sido sim. Ou, pelo menos, talvez, possivelmente. E então, no meio da madrugada anterior, Kate tinha se comprometido a tomar uma decisão final: às quatro horas da madrugada, havia se sentado na cama completamente ereta e desperta e torcido as mãos, agoniada, tentando descobrir o que queria.

Passara grande parte de sua vida – toda ela, na verdade – considerando outra pergunta: do que precisava? Mas descobrir o que queria era um desafio inteiramente novo.

Chegara à conclusão de que o que queria, nesse momento, começava por pedir demissão. Sair para sempre desse escritório. Abandonar essa carreira de uma vez por todas. Iniciar outro capítulo – outro livro – de sua vida, no qual ela fosse um personagem diferente. Não queria necessariamente ser uma mulher sem emprego, sem nenhum objetivo profissional; mas já não queria ser uma mulher com esse emprego, esse objetivo.

Por isso, em uma manhã quente e úmida de um dia nublado de agosto, a resposta foi: – Não, Joe. Sinto muito.

Ele deu outro sorriso, menor e mais espremido, menos sorriso que careta. Toda a sua postura mudou, passando do burocrata de médio escalão que ele costumava parecer para o guerreiro implacável que Kate sabia que era: – Pois muito bem – disse, afastando a pasta azul e substituindo-a por seu laptop. – Você sabe que haverá uma porção de entrevistas, certo? Kate fez que sim com a cabeça. Embora os pedidos de demissão não fossem um assunto sobre o qual as pessoas costumassem comentar, ela sabia vagamente que o processo não seria rápido nem simples. E sabia que nunca mais tornaria a pôr os pés em seu escritório de 6 metros quadrados, nunca mais entraria naquele prédio. Todos os seus pertences pessoais seriam entregues por um mensageiro.

– E elas vão começar agora mesmo.

Joe abriu o computador.

– Por favor – disse, movendo a mão num gesto breve, ao mesmo tempo exigente e desdenhoso, com a mandíbula tensa e o cenho franzido –, feche a

porta.

Saíram do hotel pelo labirinto de estreitas ruas de paralelepípedos do bairro central, subindo e descendo os contornos naturais da cidade-fortaleza medieval. Passaram pelo palácio do monarca, por cafés com mesas do lado de fora, por uma praça ampla em que uma feira livre transbordava de produtos agrícolas e flores.

Pelas finas solas de borracha dos sapatos, Kate sentiu todos os sulcos e proeminências das pedras duras sob seus pés. Houvera um tempo em que ela passara grande parte de seus dias caminhando por ruas irregulares, em bairros violentos de cidades desconhecidas; houvera uma época em que tinha calçados apropriados para isso. Durante um período, chegara a caminhar por esses mesmos paralelepípedos, e já se iam mais de quinze anos. Reconheceu o passeio coberto que ligava as duas praças principais e em cuja extremidade sul ela um dia havia parado e perguntado a si mesma se estaria entrando numa armadilha. Estava seguindo aquele garoto argelino que, como viria a constatar, não pretendia fazer nada mais que comprar um crepe.

Isso tinha sido muito tempo antes, quando os pés dela eram mais jovens. Agora, precisaria substituir todos os seus sapatos, para combinar com tudo o mais que era novo.

Os meninos iam marchando obedientes à frente dos pais, absortos numa conversa ininteligível de crianças sobre cabelo de Playmobil. Dexter segurou a mão de Kate, ali, no meio da cidade, na animação de uma praça central europeia, com gente bebendo e fumando, rindo e flertando. Fez cócegas na palma da mão dela com a ponta do indicador, num convite clandestino – uma promessa furtiva – para alguma coisa mais tarde, a sós. Kate sentiu-se enrubescer.

Sentaram-se à mesa de um pequeno restaurante. No meio da praça arborizada e repleta, uma banda de dez músicos – adolescentes – acabara de começar a tocar uma cacofonia. O cenário fazia lembrar as muitas cidades mexicanas por onde Kate havia transitado: a praça cercada por cafés e lojas para turistas, e todas as gerações de moradores – desde recém-nascidos gorgolejantes até velhinhas fofoqueiras de braços dados – reunidas em volta de um coreto, onde amadores tocavam (e mal) as músicas favoritas do lugar...

O longo e distante alcance do colonialismo europeu.

O lugar onde Kate havia passado mais tempo tinha sido a praça central de Oaxaca, no México, que ficava uns 800 metros a leste de seu apartamento conjugado, ao lado da escola de idiomas onde ela fazia aulas particulares de nível avançado durante metade do dia, para dominar os dialetos. Vestia-se como outras mulheres do seu grupo, com saias compridas de linho, blusas de camponesa e bandanas para prender o cabelo, revelando uma tatuagem – falsa – de borboleta na base do pescoço. Integrovase ao local, circulando pelos cafés, tomando

cerveja Negra Modelo e usando uma sacola de corda para carregar as compras feitas no mercado 20 de Noviembre.

Uma noite, juntaram algumas mesas, com um casal de alemães e alguns americanos, além dos indispensáveis rapazes mexicanos que viviam paquerando as mulheres – eles atiravam para todo lado, mas de vez em quando acertavam na mosca –, quando um sujeito bonitão, de jeito seguro, perguntou se podia juntar-se ao grupo. Kate já o vira antes, muitas vezes. Sabia quem era ele; todos sabiam. Seu nome era Lorenzo Romero.

De perto, era mais bonito do que ela presumira pelas fotos. Quando ficou claro que o homem estava ali para conversar com ela, Kate mal pôde se conter. Ficou ofegante, as palmas das mãos transpirando. Teve dificuldade para se concentrar nas insinuações que ele fazia, mas não tinha importância. Entendeu o que estava acontecendo. Deixou a blusa entreabrir-se. Tocou o braço dele, um toque demorado. Bebeu um último gole de cerveja, para se acalmar.

– Cinco minutos – disse-lhe em espanhol, inclinando a cabeça para a catedral no extremo norte da praça.

Ele meneou a cabeça confirmando que entendera e correu a língua pelos lábios, o olhar ávido.

A travessia da praça levou uma eternidade. Todas as criancinhas e pais tinham ido para casa, deixando ali apenas os jovens, os idosos e os turistas, numa mescla de fumaça de charutos e maconha, inglês de bêbado, cheio de girias, e a tagarelice das vovós. Sob as árvores, longe dos postes de iluminação, casais se apalpavam sem o menor pudor.

Kate mal podia acreditar que estava mesmo fazendo aquilo. Esperou impaciente na rua Independencia, junto à catedral, na sombra. Ele chegou e se aproximou para lhe dar um beijo.

– No – disse ela, balançando a cabeça. – Aquí no.

Caminharam em silêncio em direção a El Llano, o parque em que outrora houvera um jardim zoológico e que agora era um espaço baldio, que parecia assustador a Kate quando estava sozinha.

Mas ela não estava só. Sorriu para Lorenzo e entrou na escuridão. Ele a seguiu, um predador pronto para dar o bote.

Ela respirou fundo. A hora era essa, finalmente. Contornou um tronco grosso de árvore, sob a folhagem densa da copa, e esperou que ele a seguisse, enquanto deslizava a mão para dentro do bolso interno do casaco largo de lona.

Quando o homem contornou o tronco da árvore, no escuro, Kate encostou o cano da arma em sua barriga e apertou o gatilho duas vezes, antes que ele fizesse a menor ideia do que estava acontecendo. Ele desabou no chão, o corpo mole. Kate disparou mais uma vez, na cabeça, para ter certeza.

Lorenzo Romero fora o primeiro homem que ela matara.

– Você a viu? – perguntou a italiana. – A nova americana.

Kate bebeu um gole do café latte e pensou em acrescentar algo para adoçá-lo.

Não conseguia lembrar se a italiana se chamava Sonia ou Sophia, ou, ao estilo “que elemento não pertence ao grupo?”, Marcella. O único nome de que tinha certeza era o da inglesa elegante, Claire, que passara quinze minutos batendo papo, mas depois havia sumido.

E também não lhe ocorreu que a pergunta poderia se referir a ela mesma, a nova americana.

Como que para frisar sua não resposta, examinou criteriosamente os objetos na mesa, buscando alternativas para adoçar o café. Havia um potinho de cerâmica com alvos torrões de açúcar. Havia um grande açucareiro de vidro com açúcar mascavo – ou melhor, um açúcar meio marrom; aquilo não se parecia com o ingrediente usado para fazer brownies (que Kate tinha preparado exatamente duas vezes na vida, para eventos escolares de angariação de fundos). Havia um jarrah de aço com leite vaporizado e uma garrafa de vidro com leite comum.

Numa época remota Kate tinha sido muito boa em recordar nomes; usava truques mnemônicos religiosamente. Mas agora, fazia anos que não praticava.

Que bom seria se todos usassem crachás.

Havia um recipiente plástico baixinho cheio de porta-copos de papelão que exibiam um brasão barroco, com um leão e bandeirolas e talvez cobras, um sol, uma lua crescente, listras, uma torre de castelo e umas letras góticas que ela não conseguia decifrar, porque, de onde estava, o texto ficava de cabeça para baixo, uma escrita preta grossa, altamente estilizada. Por isso, Kate nem chegou a descobrir em que língua estava o que não conseguiu ler.

Havia um porta-guardanapos de aço, com aqueles guardanapinhos de três dobras que conseguem ao mesmo tempo ser finos e resistentes, o que parece impossível, mas não é. Nos últimos tempos, Kate se apanhara limpando o narizinho de Ben repetidas vezes com esses guardanapos, que estavam em toda parte; o menino andara resfriado. E ela não tinha achado aquelas embalagens de bolso de lenços de papel que se compram em praticamente qualquer tipo de comércio nos Estados Unidos: postos de gasolina, lojas de conveniência, supermercados, docerias, jornaleiros, farmácias. Em Luxemburgo, aparentemente, as farmácias só vendiam remédios. Se você pedisse lenços de papel – se soubesse pedir lenços de papel –, era provável que a mulher de ar severo atrás do balcão risse da sua cara. Ou coisa pior. Todas elas tinham um ar muito severo, as mulheres atrás dos balcões.

Havia um iPhone branco, um iPhone preto e um BlackBerry azul. Kate

ainda não tivera tempo de arranjar um celular local e, apesar de o serviço de atendimento ao cliente (situado em Bombaim) de sua operadora (do Colorado) ter garantido que ela conseguiria habilitar seu telefone ali, não havia código de discagem nem combinação de dígitos nem mudança de configuração de rede nem coisa alguma que ela tivesse tentado que fizesse seu aparelho (projetado na França, produzido em Taiwan e distribuído na Virgínia) receber ou originar chamadas na Europa.

Tinha sido mais simples quando havia outras pessoas para lidar com os aspectos técnicos de sua vida.

Mas o que parecia não existir na mesa era adoçante. Nunca havia nada além de açúcar em mesa alguma.

E “adoçante” não era algo que ela houvesse aprendido a dizer *en français*. Ensaíou mentalmente uma frase em francês que seria a tradução de “Você tem uma coisa para pôr no café que pareça açúcar, mas seja diferente?” Estava tentando lembrar se “açúcar” era masculino ou feminino, porque isso determinaria sua pronúncia da palavra correspondente a “diferente”. Ou será que não? Com o que esse adjetivo deveria concordar? Será que “diferente” era mesmo adjetivo? Só que dizer “Você tem uma coisa para pôr no café que pareça açúcar, mas seja diferente?” faria com que ela simplesmente parecesse retardada, temia Kate. Assim sendo, que importância teria o fato de sua pronúncia estar perfeita ou não? Nenhuma.

Havia um cinzeiro na mesa, é claro.

– Kate – chamou a italiana, olhando diretamente para ela. – Você a viu, a nova americana? Kate ficou pasma ao descobrir que era com ela que estavam falando.

– Não.

– Acho que a nova americana não tem filhos, ou, pelo menos, nenhum que frequente a nossa escola.

Ou então não é ela que leva e busca os filhos na escola – interpôs a indiana.

– Certo – disse a outra americana à mesa.

Amber, talvez? Kelly? Algo do gênero.

– Mas ela tem um marido que é um tesão – continuou a americana. – Pacote completo: moreno, alto, bonito. Não é, Devi? A indiana deu um risinho cobrindo a boca com a mão e enrubescou: – Ah, eu não sei nada sobre a beleza ou a falta de beleza dele, isto eu posso assegurar.

Kate ficou impressionada com a quantidade de palavras que essa mulher usava para transmitir suas ideias.

Não pôde deixar de se perguntar o que aquelas mulheres teriam dito sobre ela e Dexter, duas semanas antes, no primeiro dia de aulas. Correu os olhos pelo estranho café e bar montado no espaçoso subsolo de teto rebaixado do centro

esportivo. Acima delas, as crianças estavam tendo aulas de tênis com treinadores suecos que falavam inglês: Nils e Magnus. Um era muito alto, o outro, um pouco menos, mas ambos poderiam ser descritos sem erro como treinadores de tênis suecos, altos e louros. Ao que parecia, todos os professores de tênis do lugar eram suecos. A Suécia ficava a menos de mil quilômetros de distância.

Elas faziam isso todas as quartas-feiras. Ou fariam isso todas as quartas-feiras. Ou essa era a segunda quarta-feira em que o faziam, com planos de ser o que fariam nas quartas-feiras seguintes.

Talvez já houvesse uma rotina, só que ela ainda não a reconhecia.

– Kate, peço desculpas se eu já tiver feito esta pergunta, por isso me perdoe se eu parecer grosseira, mas não consigo lembrar se já lhe perguntei: quanto tempo vocês planejam morar em Luxemburgo? Kate olhou para sua interlocutora indiana, depois para a outra americana, depois para a italiana: – Quanto tempo? – perguntou a si mesma pela centésima vez. – Não faço ideia.

– Quanto tempo você vai morar em Luxemburgo? – perguntara Adam.

Kate estivera olhando fixamente para si mesma no espelho que cobria uma parede inteira da sala de interrogatório sem janelas – oficialmente, aquela era a sala de conferências, mas o nome não enganava ninguém – no sexto andar. Prendeu uma mecha solta do cabelo castanho atrás da orelha. Por uma questão prática, sempre usara o cabelo curto – por necessidade, até, na época em que viajava regularmente. Mesmo quando deixara de viajar para o exterior, continuara a ser uma mãe estressada que trabalhava fora, daí o cabelo curto fazer sentido. Mas, em geral, era difícil marcar hora para cortá-lo, por isso era comum ele ficar pelo menos um pouquinho comprido e sempre havia mechas escapando. Como naquele momento.

Suas bochechas pareciam flácidas. Kate era alta e esguia – rija, dissera alguém certa vez, de um modo não particularmente gentil, mas com exatidão inegável –, e não era uma dessas malucas que se acham ou fingem se achar gordas. A flacidez era só nas bochechas, uma quedinha extra que significava que ela não vinha se alimentando bem nem se exercitando o bastante, mas que, provavelmente, não equivalia a nada além de meio quilo extra, talvez um quilo.

Além disso, os círculos escuros ao redor de seus olhos cinza-esverdeados estavam mais visíveis nesse dia, sob aquelas fortes lâmpadas fluorescentes. Kate andava dormindo mal – pessimamente – e a noite anterior tinha sido particularmente desastrosa. Sua aparência estava um lixo.

Ela deu um suspiro: – Já expliquei isso, há duas horas.

– A mim, não – retrucou Adam. – Então, por favor, explique de novo.

Kate cruzou as pernas compridas, batendo os tornozelos um no outro. As pernas sempre tinham sido um de seus melhores atributos físicos. Ela chegara a desejar seios mais fartos ou um corpo mais curvilíneo. No fim, porém, tinha de admitir que, provavelmente, as pernas bem torneadas eram a escolha mais

sensata entre as formas corporais que os homens julgavam atraentes. Era óbvio que os seios grandes eram um pé no saco, ao passo que a bunda, não sendo pequena, tendia a despencar e se tornar algo absolutamente horrroso em mulheres da sua idade, que se exercitavam com a mesma irregularidade que ela e não se privavam de tomar sorvete.

Kate nunca tinha visto esse tal Adam, um tipo ex-militar que parecia pronto para um embate iminente. Mas isso não era surpresa. Sua companhia empregava dezenas de milhares de pessoas por todo o mundo, milhares delas na área de Washington, espalhadas sabe-se lá por quantos prédios.

Devia haver muita gente que ela nunca vira.

– O contrato do meu marido é de um ano. Pelo que entendo, isso é bastante comum.

– E depois de um ano?

– Esperamos que seja renovado. Também é uma situação comum entre pessoas que trabalham fora de seus países.

– E se o contrato dele não for renovado? Acima do ombro de Adam, ela olhou para o grande espelho falso, atrás do qual sabia haver uma fileira de superiores a observá-la.

– Não sei.

– Meninos.

– Mas foi o Jake. Ele...

– Meninos.

– Mamãe, o Ben pegou o meu...

– Meninos! Parem já com isso! Agora! Fez-se silêncio no carro, aquela calma da manhã seguinte à passagem de um tornado que arrancou árvores antigas pela raiz, espalhando seus galhos pelo chão, e atirou telhas para longe. Kate respirou bem fundo, procurando acalmar-se, relaxando as mãos que apertavam o volante. Não conseguia aguentar essas briguinhas.

– Mamãe, eu tenho um amigo novo – disse Ben, a voz clara e descontraída.

Não se incomodava por ter sido tratado aos gritos quinze segundos antes. Não guardava ressentimentos da mãe.

– Que bom! Como é o nome dele? – Não sei.

É claro que não: como Shakespeare, as crianças sabem que as rosas teriam o mesmo perfume, mesmo que as chamássemos por outro nome.

“Na rotatória, pegue a. Segunda. Saída. E entre. Na via expressa.” O GPS falava com Kate num inglês de sotaque aristocrático. Dizendo-lhe o que fazer.

– Entre. Na via expressa – imitou Jake, no banco de trás. – Entre. Na via expressa – repetiu, com uma inflexão diferente. – Entre. Na via expressa. Mamãe, o que é via expressa? Tempos atrás, Kate estudava mapas, adorava mapas. Era capaz de dirigir em qualquer lugar, sem que sua bússola interna

jamais hesitasse. Memorizava impecavelmente cada curva e direção. Mas, com esse GPS com voz de Julie Andrews a conduzi-la por todo desvio ou descida de rua, ela não precisava mais exercitar o cérebro, nem fazer nenhum esforço. Esse negócio parecia calculadora: ajudava a resolver as coisas mais rápido e mais fácil, porém era debilitante.

Kate havia sugerido que eles poderiam viver sem GPS, mas Dexter tinha sido inflexível. Seu senso de direção nunca fora grande coisa.

– Via expressa é a estrada – disse Kate, com uma voz ultrapaciente, tentando apagar sua explosão, expiar a culpa.

A doçura de seus garotinhos lhe derretia o coração, que, comparado aos deles, parecia de uma frieza desumana. Os filhos a deixavam com vergonha de si mesma.

O sol baixo a ofuscou momentaneamente quando ela olhou para sudoeste, para o trânsito que vinha da rotatória.

– Mamãe, a via expressa é isso? – Não. Vamos entrar nela depois da rotatória.

– Ah, tá. Mamãe, o que é rotatória? – A rotatória é um círculo no trânsito.

Kate detestava rotatórias. Pareciam um convite a colisões laterais. E eram uma confusão. Além disso, ela ficava sempre com a impressão de que iria balançar os filhos a ponto de arrancá-los das cadeirinhas e que derrubaria todas as sacolas de mantimentos na mala. Ploft, lá se foram todas as verduras e legumes, os tomates-cereja rolando, as maçãs ficando machucadas.

Na América Latina, as vias públicas costumavam ser um horror, e os hábitos ao volante, letais. Mas ela nunca dirigira lá tendo os filhos no banco traseiro.

– Mamãe, o que é círculo no trânsito? Eles estavam em toda parte, os tais círculos no trânsito, o novo conceito dominante. Junto com os trincos das janelas, que eram exatamente iguais, onde quer que ela fosse. E as descargas dos toaletes, todas embutidas na parede acima do vaso sanitário. E os interruptores largos, os corrimões de ferro batido, os pisos de lajotas extremamente polidos... Todas as peças de acabamento pareciam ter sido adquiridas de um único fornecedor pelos construtores, como se houvesse um monopólio baixado por decreto.

– É isto aqui – respondeu ela, procurando não se exasperar com todas as perguntas do filho. – Isto é um círculo no trânsito, meu bem.

O que fazer com os filhos, o tempo todo? Em Washington, ela ficava encarregada dos meninos nos fins de semana; o jardim de infância e a babá arcavam com o grosso das responsabilidades de cuidar das crianças no dia a dia. Na época, Kate queria passar mais tempo com os filhos.

Mas agora? Agora era todo dia depois das aulas, toda tarde, toda noite, toda manhã e o fim de semana inteiro. Como é que alguém conseguia diverti-los

sem passar a vida jogado no chão, brincando de Lego? Sem os meninos se matarem, ou fazerem uma bagunça insuportável, ou a deixarem maluca? Agora que realizara seu desejo, ela começava a ficar insegura de suas escolhas – o que tinha sido o seu pior medo, nessa história toda.

– Mamãe, a via expressa é isso aqui? – É, meu amor. Esta é a via expressa.

O painel começou a piscar. A intervalos regulares, o computador de bordo lhe passava mensagens em alemão, umas palavras tremendamente compridas, às vezes piscantes, que ela se esforçava por ignorar. Era só um carro alugado; ainda não tinham encarado a tarefa de comprar um carro.

– Mamãe? – Sim, querido? – Quero fazer cocô.

Kate deu uma espiada no GPS: mais 2 quilômetros.

– Vamos chegar em casa daqui a uns minutos.

A via expressa acabou e ela se viu numa rua junto ao pátio da ferrovia, lado a lado com trens expressos parados, e em seguida passou pela torre do relógio da estação, no coração do bairro da Gare. Agora sabia para onde ir. Desligou o GPS, desfazendo-se da muleta. Era o único jeito de aprender.

– O seu marido trabalhou lá durante quatro anos, antes de ir para o banco? – perguntou Adam, que não tinha levantado os olhos do bloco, a caneta suspensa entre seus dedos.

– Isso mesmo.

– Ele saiu um ano antes do lançamento das ações na bolsa.

– Sim.

– Não parece ter sido uma escolha muito... hum... inteligente da ocasião.

– Dexter nunca foi um grande estrategista financeiro.

– Parece que não. E então, nesse banco, ele fazia exatamente o quê? – Trabalhava na segurança dos sistemas. O trabalho dele era descobrir como as pessoas poderiam invadir o sistema e impedir que invadissem.

– Que sistema? – As contas. Ele protegia as contas.

– O dinheiro.

– Correto.

Adam pareceu em dúvida. Kate sabia que ele estava – todos estavam – desconfiado de Dexter e dessa mudança para Luxemburgo. Mas ela, não. Tinha feito seu dever de casa muito tempo atrás: Dexter estava acima de qualquer suspeita. Fora por isso que se permitira casar com ele.

Mas é claro que eles não teriam como saber. É claro que deveriam desconfiar. Talvez até ela devesse. Mas prometera a si mesma, já fazia muito tempo, que não desconfiaria.

– Você sabe muita coisa sobre esse tipo de trabalho? – perguntou Adam.

– Praticamente nada.

Adam a encarou, aguardando uma explicação mais detalhada. Mas Kate

não sentia grande vontade de explicar nada, não em voz alta. Não queria nem justificar o assunto para si mesma. Na verdade não queria entender o mundo de Dexter porque não queria que ele entendesse o seu. Toma lá dá cá.

Adam não estava disposto a aceitar o silêncio como resposta: – Por quê? – Enquanto não conversássemos sobre o trabalho dele, não teríamos que conversar sobre o meu.

– E agora? Kate fitou o homem do outro lado da mesa, esse estranho a lhe fazer perguntas íntimas, perguntas que nem ela fazia a si mesma, respostas que não queria.

– Agora o quê? – Agora que vai nos deixar, você pretende falar com ele sobre seu trabalho? Hoje, 10h54 Kate dá um passo à frente e leva os braços à mulher. As duas se abraçam, mas é um gesto contido, cauteloso. Talvez porque não queiram amassar as echarpes uma da outra ou o cabelo perfeitamente penteado. Talvez por outro motivo.

– É ótimo ver você – diz a mulher, em tom baixo e amável, falando junto ao cabelo de Kate. – Muito bom! – Você também – responde Kate, em tom igualmente baixo, mas menos amável. – Você também.

Ao se separarem, a mulher deixa uma das mãos no braço de Kate. Seu gesto provoca uma sensação autêntica de afeto. Mas pode ser que ela esteja apenas impedindo Kate de sair, segurando-a com um aperto suave mas inflexível.

Além de imaginar haver pessoas observando, Kate também duvida de tudo. Absolutamente tudo.

– Você está morando aqui? Em Paris? – Na maior parte do ano – diz Kate.

– Neste bairro? Por acaso, Kate está olhando na direção de seu apartamento, a poucos quarteirões dali.

– Não fica longe – responde.

– E no resto do ano? – Passamos o último verão na Itália. Numa villa alugada.

– Itália? Que maravilha! Em que parte? – No sul.

– Na costa Amalfitana? – Por ali – responde Kate, sem entrar em detalhes. – E você, onde está morando? – Ah...

Um pequeno dar de ombros.

– Ainda não estou inteiramente instalada. Um pouco em cada canto – diz a mulher.

Ela sorri. Um risinho malicioso, na verdade.

– E então – recomeça Kate, indicando com o braço a ruazinha, que não é exatamente a Champs-Élysées nem o bulevar Saint-Germain –, o que a traz a este canto de Paris? – Compras.

A mulher levanta uma sacolinha e Kate nota que ela está usando um anel de noivado: um diamante modesto, porém não mais a aliança de ouro que

costumava usar. O desaparecimento da aliança faz sentido. Mas o surgimento do anel de brilhante é um mistério.

Se havia uma coisa de que essa mulher realmente gostava era fazer compras, no estilo das que se fazem na Rue Jacob: antiguidades, tecidos, móveis. Livros sobre antiguidades, tecidos e móveis para pôr em mesinhas de centro. Mas Kate sempre achava que aquilo era só encenação.

Impossível saber o que era verdadeiro naquela mulher, se é que havia algo.

– É claro – concorda Kate.

As duas se encaram, os sorrisos congelados.

– Escute, eu adoraria pôr o papo todo em dia. Dexter está na cidade? Kate faz que sim.

– Poderíamos tomar um drinque logo mais? Ou jantar? – Seria ótimo. Tenho que ver se Dexter pode. – Enquanto fala, Kate prevê que a mulher vai sugerir que telefone para ele e pergunte, por isso se antecipa: – Não posso ligar para ele agora.

Procura o telefone na bolsa, ganhando tempo, enquanto pensa numa justificativa razoável.

– Ele está na academia.

É o que lhe ocorre. É razoável e pode até ser verdade. Dexter ou vai à academia ou joga tênis todos os dias. Seu trabalho em horário integral, gerenciando investimentos, é, quando muito, um emprego de meio expediente.

– Mas me dê o seu número – pede Kate.

– Sabe de uma coisa? Por que você não me dá o seu? – replica a mulher, inclinando a cabeça.

Ela remexe na bolsa e retira uma agenda de couro e uma caneta combinando. Pequenos artigos preciosos, comprados na mesma boutique do casaco. Essa mulher apareceu em Paris e gastou uma fortuna a dois quarteirões da casa de Kate. Seria possível que fosse coincidência? – Não consigo achar meu carregador – explica a mulher – e não gostaria que um celular morto impedisse nosso reencontro.

Pura conversa mole. Kate quase dá uma risada. Mas é uma reviravolta justa. É difícil sentir raiva de alguém por mentir, quando nós mesmos estamos mentindo exatamente pelas mesmas razões. Ela se apressa em dar o número e a mulher o anota, obediente.

Embora Kate saiba muito bem que não precisa anotar número algum para recordá-lo.

Kate se deslumbra com as múltiplas camadas de fingimento que vão passando entre elas.

– Eu telefono às cinco, está bem? – Maravilha.

Trocam outro abraço, outro par de sorrisos falsos.

A mulher começa a se afastar. Kate se apanha observando o bumbum da outra, que está maior. Essa mulher era macérrima, não fazia muito tempo.

Kate se vira e parte na direção oposta, afastando-se de casa, sem outro motivo senão aumentar a distância entre ela e a mulher.

Faz força para não olhar para trás, para não segui-la. Sabe que não convém. Sabe que não conseguiria.

– Ah, Kate? A outra vem voltando na direção dela, sem a menor pressa.

– Sim? – Você pode dar um recado meu ao Dexter? Continua andando devagar, aproximando-se.

– É claro.

– Diga a ele – pede, agora a um passo de distância – que o coronel morreu.

Kate ergueu os olhos dos livros de colorir que colocara na mesa diante dos filhos. Mais um jantar em família em outro restaurante de preço mediano, a mesma solução das três últimas semanas para os desafios de se instalarem numa vida nova, numa casa nova, num novo continente.

– Pois é, você já anda trabalhando muito.

Dexter arqueou as sobrancelhas, pego de surpresa pela crítica – pela reclamação – no comentário da mulher: – Havia uma porção de coisas que eu precisava resolver de imediato – justificou.

– Então agora vai ficar tudo mais calmo – rebateu Kate.

Ela desconfiava que sua observação não correspondesse à realidade. Mas queria obrigar o marido a refutá-la. Embora a relação deles estivesse boa desde a mudança, Dexter não estivera tão presente quanto ela havia esperado.

– Na verdade, não.

– Pensei que você trabalharia menos nesse emprego. Que teria tempo para ajudar na nossa instalação.

Eles haviam escolhido um apartamento amplo no centro antigo da cidade após três horas circulando com um corretor. Os móveis de aluguel tinham chegado dias depois da assinatura do contrato e a família se mudara do hotel. Kate começara a desfazer as malas horrendas e gigantescas e a desembalar os jogos de panelas, toalhas e lençóis alugados. O contêiner despachado de navio com os pertences deles ainda levaria pelo menos um mês para chegar.

Kate havia esperado que Dexter a ajudasse a desfazer as malas, mas não fora assim.

– Você prometeu que eu não teria que fazer tudo sozinha, Dexter.

Ele lançou um olhar expressivo na direção dos filhos: – Eu quero fazer isso com você, mas preciso trabalhar.

– Por que neste momento? Por que de imediato? – Porque tive que montar um escritório seguro de imediato. Precisei instalar sistemas de segurança.

Precisei comprar aparelhos, contratar eletricitas e carpinteiros e supervisionar o trabalho deles.

Precisei mandar fazer isso tudo imediatamente, porque também tinha que começar a trabalhar numa coisa importante que está acontecendo.

– O quê, exatamente? O que está acontecendo? – É difícil explicar.

– Você poderia tentar? Ele deu um suspiro.

– Sim, posso tentar. Mas não hoje, por favor. Está bem? Kate o encarou, sem responder de pronto, embora ambos soubessem o que ela ia dizer e soubessem que essa pausa silenciosa nada mais era que um protesto. Quanto mais longa a pausa, mais veemente o protesto.

– Está bem – concordou ela, após uns dois segundos.

Não tinha demorado demais, não era um protesto tão estridente assim.

– Mas quero que você me diga pelo menos quem é seu cliente.

Dexter tornou a suspirar.

– Katherine, eu...

– Eu já lhe disse: por favor, me chame de Kate.

Ele amarrou a cara.

– Kate. Eu já expliquei isso. Todo mundo nesta cidade trabalha em bancos. Não seria bom, aliás, seria ruim, se os concorrentes de meu cliente soubessem que ele buscou um perito em segurança nos Estados Unidos para analisar seus métodos.

– Por quê? – É um sinal de fraqueza, de insegurança. É uma informação que a concorrência poderia usar contra nós, para seduzir nossos clientes, alegando que não temos segurança o bastante. Seria ruim até se as pessoas que trabalham no banco soubessem.

– Está certo, eu entendo. Mas por que você não pode contar para mim? – Porque não haveria nenhum benefício nisso, Kat. Kate. Os nomes desses bancos não significam nada para você agora, só que, mais cedo ou mais tarde, você vai descobrir que o marido da sua melhor amiga, por exemplo, trabalha para meu cliente. E pode ser que ela a pressione, quem sabe depois de uns drinques, “Vamos, Kat, para mim você pode contar”. E aí você ficaria numa situação incômoda. Para quê? Dexter balançou a cabeça.

– Não faz sentido – completou ele.

– Não faz sentido? Ser franco com a sua esposa? – Não, querida. Não faz sentido eu lhe dar uma informação se isso só significar que você vai ter de guardar segredo. De todo mundo. É uma tremenda desvantagem. Sem nenhum benefício.

Segredos. O que Dexter sabia sobre guardar segredos? – E o que eu digo às pessoas? – Diga a verdade: que os termos do contrato me proibem de revelar o nome do cliente.

– À sua esposa? – Ninguém vai se importar. A base da economia deste país é o sigilo.

– Mesmo assim, parece extremamente, sei lá, anticonjugal.

Kate ficava impressionada com sua incapacidade de resistir a acusar Dexter de suas próprias transgressões.

– Vai dar tudo certo – disse ele. – Confie em mim.

Guiando o Volvo alugado, Dexter contornou a embaixada sob a garoa suave, seguindo ao redor do prédio num círculo amplo e sacolejante – não exatamente um círculo, mas um polígono de cinco lados desiguais, um pentágono torto – à procura de uma vaga. Acabaram achando um espaço apertado sob um enorme castanheiro, embaixo do qual o chão estava coberto de folhas e cascas ocas de castanha.

Havia meia dúzia de pessoas zanzando em volta da guarita de segurança,

esperando que os guardas as chamassem, despachassem seus pertences por um aparelho de raios X e as escoltassem pelo jardim até uma salinha de espera no edifício consular, onde aguardariam por cinco, dez, quinze minutos.

Kate já tinha visitado essa embaixada uma vez, anos antes, e não tivera que esperar.

Ela e Dexter foram chamados. Entraram numa sala minúscula. Um guichê com vidro à prova de bala ocupava toda uma parede. Um homem de uniforme atendia do outro lado.

– Bom dia – cumprimentou ele. – Passaportes, por favor.

Os dois empurraram os passaportes por uma abertura. O homem examinou os documentos, depois conferiu dados no computador. Por um minuto, talvez dois, houve um silêncio quase completo. Kate pôde ouvir o tique-taque de um relógio do outro lado do vidro. O homem clicou o botão do mouse, moveu o cursor, bateu no teclado. Mais de uma vez, olhou de relance para Kate e Dexter pelo vidro grosso.

Kate não tinha razão para estar nervosa, mas estava.

– Bem, em que posso servi-los, Sr. e Sra. Moore? – Nós nos mudamos para cá – disse Dexter. – Chegamos há algumas semanas.

– Sei.

O funcionário sustentou o olhar de Dexter.

– Algum problema? – perguntou Dexter, olhando pelo vidro e tentando sorrir, mas conseguindo apenas uma expressão que sugeria que ele talvez precisasse ir ao banheiro.

– Um dos senhores tem emprego aqui, Sr. Moore? – Eu.

Kate sentiu o coração disparar. Quando você está longe de casa e alguém de uniforme está com seu passaporte atrás de um vidro blindado, é muito fácil perder a calma.

O funcionário virou-se ligeiramente para Kate e a encarou. Ela ainda não deixara para trás aquela fase de sua vida em que, em geral, ficava preocupada com os próprios segredos, em que nunca lhe ocorreria que alguém pudesse desconfiar do marido, e não dela.

O homem tornou a se virar para Dexter: – O senhor tem licença para trabalhar aqui? – Sim – respondeu Dexter. – Tenho, sim.

– Não temos nenhum registro de sua licença de trabalho. O governo de Luxemburgo nos envia cópias das licenças recém-emitidas para cidadãos norte-americanos.

Dexter cruzou os braços, mas não disse nada.

– Quando foi expedida? – quis saber o funcionário.

– Perdão? – Sua licença de trabalho, Sr. Moore. Quando foi expedida? – Hum, não tenho certeza... Foi... recentemente.

Os homens se olharam fixamente pelo vidro grosso.

– Deve ter havido alguma confusão – alegou Dexter.

– Deve.

– Vocês precisam de uma cópia da minha licença? – Precisamos.

Kate sentiu a tensão que emanava do marido, como um campo elétrico.

– Nesse caso, volto outro dia – disse ele – e trago a cópia. Precisamos voltar nós dois? – Não, Sr. Moore. Só o senhor.

– Um último assunto, Katherine.

Ela estivera encarando o tampo da mesa, repassando as informações privadas que tinha em sua mente. Haveria mais interrogatórios no dia seguinte e no outro e sabe-se lá por quanto tempo ainda, enquanto vasculhavam seus arquivos, seus projetos e sua equipe, voltando repetidas vezes aos mesmos detalhes, para ter certeza de que ela não estava mentando.

– Há mais alguma coisa que você queira acrescentar agora sobre sua decisão de cinco anos atrás de deixar o trabalho de campo? Ela levantou a cabeça para fitar Adam, que tinha um olhar desafiador. Controlou a sensação de pânico, bloqueou a visão que não tinha conseguido reprimir na noite anterior: ela sendo escoltada até o estacionamento, posta num furgão sem janelas, supostamente a caminho de outro escritório, mas, na verdade, destinada a um campo de aviação, colocada num jatinho particular com dois sujeitos truculentos num voo de nove horas e levada a um presidio no norte da África, onde seria espancada diariamente ao longo do mês seguinte, até morrer de hemorragia interna, sem nunca mais voltar a ver a família.

– Não – respondeu. – Acho que não.

Adam deixou as duas mãos descerem da mesa para as coxas, no tipo exato de pose que adotaria se estivesse prestes a entrar em ação.

Kate sacudiu o guarda-chuva e o deixou no capacho para secar. Uma luz piscava no telefone, indicando haver recados. Primeiro precisava achar algum programa apropriado em francês na televisão e acomodar as crianças diante dela, depois descarregar as sacolas de mantimentos e começar a fazer o jantar na cozinha cheia de aparelhos alemães – as muitas opções na préprogramação do forno incluíam coisas como Ober-Unterhitze, Intensivbacken e Schnellauflheizen.

Ela adorava o som de Intensivbacken, por isso usava esse ajuste para tudo.

E então, deixou cair uma garrafa de néctar de pêssego. Ela se espatifou no piso de pedra, atirando não só pedaços, cacos e lascas de vidro por toda parte, mas também borrifos, gotas, poças de um suco grosso e pegajoso. Foram necessários quinze minutos para limpar tudo, ela de quatro no chão, munida de toalhas de papel, esponjas e um aspirador barato que viera com os utensílios alugados.

Nem se exagerasse muito conseguiria expressar quanto odiava o que estava fazendo.

Passou-se meia hora antes que conseguisse apertar o botão dos recados.

“Oi, sou eu”, disse a voz de Dexter. “Desculpe, mas hoje não vou conseguir chegar para o jantar.” De novo. Era um fenômeno recente e cansativo.

“Tenho um compromisso às seis, depois outro às oito. Vou chegar lá pelas nove e meia. Assim espero. Dê um beijo nos meninos por mim.” Apagar.

“Alô, Kate, aqui é a Karen, do Clube de Mulheres Americanas de Luxemburgo.” Clube de quê? “Só queria dar um oi e lhe informar que acabou de chegar outro casal americano à cidade.” E quem se importava? “Achei que seria uma boa ideia vocês se conhecerem.” – Tem certeza? – perguntara Adam.

Kate se esforçava para manter a respiração regular.

Talvez sua insistência tivesse a ver com o que acontecera em Barbados, que não fora algo inteiramente autorizado. Ou talvez com o arquivo desaparecido sobre os bandidos salvadorenhos, mas ela não tivera nada a ver com isso. Ou podia significar que Joe não confiava nela, pura e simplesmente.

Porém o mais provável era que fosse sobre Torres. Nos cinco anos anteriores, Kate estivera convencida de que Torres voltaria para assombrá-la. Para se vingar dela.

Ou talvez fosse apenas o protocolo.

– Sim. Tenho certeza.

Adam a encarou. Ela reuniu coragem para retribuir o olhar. Com medo, do outro lado da mesa de conferência. Cinco segundos, dez. Meio minuto de silêncio.

Ele poderia esperar para sempre. Era seu trabalho.

Mas ela também podia.

Não era Torres em si que assustava Kate. Era a mulher inesperada.

Aquela mulher inocente.

– Então, está bem – disse Adam, enfim.

Deu uma espiada no relógio, rabiscou uma anotação no bloco.

– Identificação na mesa.

Kate tirou do pescoço o cordão com o crachá, hesitou, colocou-o na mesa.

Adam arrancou a página do bloco. Levantou-se e contornou a mesa até onde estava Kate, depois lhe estendeu a mão para entregar o papel: – Você deve estar nesse lugar amanhã de manhã, às nove horas.

Ela fitou o papel, ainda sem compreender que essa fase estava encerrada. As coisas sempre terminam mais subitamente do que o esperado.

O confronto não ia acontecer. Não nesse dia, não ali. E, se não fosse nesse dia nem ali, seria quando? Onde? – Procure por Evan – instruiu ele.

Kate levantou a cabeça para Adam, tentando conter o espanto pelo fato de que o assunto Torres não viria à baila.

– Quanto tempo isso vai levar? – perguntou, para ter alguma coisa a dizer, para não pensar em quanto estava aliviada.

Ainda estava em tempo de estragar tudo. Sempre estaria.

– Pelo menos dois dias. Não sei quantos mais. Programe-se para duas semanas, que é o período em que continuará a receber salário. Não vai demorar tudo isso, mas é uma boa diretriz para organizar sua agenda. É o prazo normal, é claro.

– É claro.

– Então, é isso.

Adam sorriu e tornou a estender a mão, dessa vez para um aperto.

– Você não é mais funcionária da CIA. Boa sorte, Katherine.

– Meu nome é Julia – disse a mulher. – É um prazer conhecê-la.

– E eu sou Katherine. Kate.

Sentou-se na cadeira de palhinha do café e olhou para o outro lado da mesa, para a recém-chegada que fora empurrada para cima dela pelo Clube de Mulheres Americanas de Luxemburgo – ao qual, para piorar, se associara. Aparentemente, era o que convinha fazer, quando se era uma mulher americana morando em Luxemburgo.

– E como está a adaptação de vocês à cidade? – perguntou Kate.

Sentiu-se uma impostora por repetir o que outras mulheres viviam perguntando a ela. A pergunta implicava que a pessoa que a fazia já estava completamente adaptada e que talvez pudesse oferecer orientação ou ajuda. Kate não estava adaptada nem podia oferecer nada.

– Está indo bem, eu acho – respondeu Julia. – Mas não sei fazer nada aqui.

Kate fez um gesto afirmativo.

– Você consegue dar um jeito para que as coisas indispensáveis sejam feitas? – indagou Julia.

– Não – respondeu Kate, balançando a cabeça. – Mas a coisa em que eu sou perita, a que realmente sei fazer, é montar essas porcarias de móveis modulados. Aqui não existem closets.

– Nenhum! – confirmou Julia. – Você tem razão. Esses prédios antigos foram construídos antes dos closets.

– Passei o último mês montando cômodas e armários. E abajures também. Por que a eletricidade é diferente da dos Estados Unidos? Isso faz algum sentido? – Nenhum. Seu marido não faz essas coisas, montar móveis? – Nunca. O que o meu marido faz é trabalhar. O tempo todo.

– O meu também.

Ambas fitaram suas taças de vinho. O garçom veio e anotou os pedidos.

– E então – recomeçou Julia –, há quanto tempo você está aqui? – Quatro semanas.

– Não é muito.

– Não, não é.

Esse era um dos muitos aspectos da vida de um desterrado para o qual Kate sentia não ter preparo: manter conversinhas inúteis com estranhos. A coisa era meio infernal. Ela teve vontade de pedir licença, levantar e sair. Sumir.

– Soube que você é de Washington – disse Julia. – Deve ser incrível! É, sim. Mas este lugar aqui, que tédio! Mas Kate não disse isso. Estava decidida a tentar. Precisava de amigos e de vida social, e era assim que se obtinham ambos: conversando com estranhos. Todos eram estranhos, todos em pé de igualdade no quesito desconhecidos. Questões que fariam diferença em suas cidades de origem – família, escola, experiências – não tinham importância ali. Todos

partiam da mesma estaca zero, que era esta: sentar-se com uma estranha e bater papo.

– Na verdade, não sou de Washington. Morei lá por quinze anos. Nasci em Bridgeport, em Connecticut. E você? De onde é? O garçom pôs as saladas na mesa.

– De Chicago. Já esteve lá? – Não – admitiu Kate, um pouco sem jeito.

Isso era algo de que Dexter um dia tinha caçoado e ela entrara no jogo. Acabara virando uma das piadas secretas do casal: que Kate tinha tanto horror a Chicago que jamais poria os pés na cidade.

Chegava até a se recusar a fazer amizade com qualquer pessoa de lá.

– Que pena – comentou Julia, levantando os olhos da tarefa de dividir ao meio sua torrada com queijo de cabra, ou, na verdade, de separar toda a sua salade composée em duas porções. – É uma cidade agradável.

A verdade era que Kate não detestava Chicago, de forma alguma. Simplesmente nunca tivera oportunidade de ir lá.

– Talvez você faça uma visita quando retornar para casa – continuou Julia.

– Quando vocês planejam voltar? – Isso está em aberto.

– Para nós também.

– O que seu marido faz? – perguntou Kate.

– Alguma coisa que não entendo com finanças – respondeu Julia, mantendo os olhos fixos na outra.

– E o seu? – Idem.

– Eles todos fazem alguma coisa que não entendemos com finanças, não é? – É o que parece.

Era para isso que Luxemburgo servia: ganhar dinheiro, evitar impostos.

– Tenho uma vaga ideia do que o meu faz – admitiu Julia. – Operações cambiais. Mas que diabo isso significa eu não saberia dizer. E o seu? – Ele é perito em sistemas de segurança, especializado em programas de transações de instituições financeiras.

Esse era o texto que ela havia internalizado.

– Uau! Isso é muito, hum, específico. Significa que ele faz exatamente o quê? Kate balançou a cabeça: – Sinceramente, não tenho ideia.

O que ela sabia era aquela pincelada geral de que o trabalho de Dexter era impedir – ou tornar tão impossível quanto dava – que algum hacker roubasse dinheiro em transferências eletrônicas. De algum modo, essa se tornara sua especialidade ao longo da última década, tempo em que ele saíra de um provedor de internet para um banco, depois fora para outro banco, até que, cerca de um ano antes, tinha se lançado como consultor independente. E depois, Luxemburgo.

– Onde ele trabalha? – Ele tem escritório no Boulevard Royal, mas é autônomo.

– Quem são os clientes dele? Kate enrubesceu: – Não faço ideia.

Julia deu um risinho. Kate retribuiu a risada, que se tornou uma gargalhada hilária para as duas, até que, de repente, Julia fez uma careta: – Ai, meu Deus – disse, agitando as mãos como se tentasse voar. – Acabo de rir até sair vinho pelo nariz. Eeeca! Quando as risadas diminuíram, Julia retomou o assunto: – E você? Está trabalhando aqui? – Num emprego remunerado, não. Cuido das crianças e da casa.

Era outra frase que Kate havia enunciado dezenas de vezes. Ainda não lhe caía bem; ela desviava os olhos ao proferi-la.

– E você? – Sou designer de interiores. Era designer de interiores. Acho que não vou trabalhar muito com isso por aqui. Não mesmo.

Kate nunca se havia imaginado marcando almoços com desconhecidas cuja antiga carreira fosse de decoradora.

– Por quê? – É preciso conhecer muitas pessoas da sociedade, que serão seus clientes. Além disso, você precisa conhecer todo o pessoal do comércio, as pessoas que executam o que você projeta, além de todas as lojas, todos os recursos. Aqui eu não conheço ninguém nem coisa alguma. Não tenho como trabalhar em Luxemburgo.

Kate examinou atentamente essa nova americana. Cabelo louro na altura dos ombros – tintura, quase com certeza, mas muito bem-feita –, cacheado, repicado, hidratado e modelado com secador: a mulher se esforçava para valer. Olhos azuis, um toque de rímel e sombra, mas sutil, não em demasia.

Bonita, mas não linda; atraente, de um jeito não intimidante. Ligeiramente mais alta que Kate, talvez 1,75 metro, e macérrima, reta em todos os lugares: o tipo de corpo de quem não teve filhos. Tinha 35 anos. Pelo menos.

– Há quanto tempo você é casada, Julia? – Quatro anos.

Kate meneou a cabeça.

– Sei no que você está pensando – continuou Julia. – Casada há quatro anos, no meio da casa dos 30... onde estão as crianças? Então, para tirar isso do caminho, vou logo dizendo: não posso ter filhos.

– Ah.

As americanas, Kate se dera conta, eram terrivelmente diretas a respeito de sua saúde reprodutiva.

– Sinto muito.

– Eu também. Mas é a vida, não é? Atirando limões na gente.

– Imagino que sim.

– Enfim, a nossa limonada é que estamos planejando adotar. E, já que o relógio biológico não é problema, resolvemos esperar até passarmos dos 40. Para podermos dedicar esta década da nossa vida a nos divertirmos, enquanto o Bill ganha dinheiro. E depois nos acomodarmos, termos filhos.

Kate se assustou com a tagarelice excessiva da outra. As pessoas

extrovertidas demais a deixavam desconfiada. Ela não conseguia deixar de supor que aquela barulheira servia para esconder mentiras silenciosas. E, quanto mais distinta uma pessoa parecia à primeira vista, mais Kate se convenciu de que aquilo era uma capa.

Essa Julia estava fazendo todos os seus alarmes internos dispararem.

Mesmo assim, Kate teve de admitir que havia algo de simpático nela.

– Parece um ótimo projeto.

– Não é? Julia bebeu outro gole de vinho.

– E você, o que fazia nos Estados Unidos? – Pesquisas para o governo.

Documentos oficiais sobre comércio internacional, desenvolvimento, esse tipo de coisa.

– Devia ser interessante.

– Às vezes – disse Kate. – Outras vezes era um saco.

As duas tornaram a rir, tornaram a bebericar, perceberam que suas taças estavam quase vazias.

– Monsieur – Julia chamou um garçom que passava. – Encore du vin, s'il vous plaît.

Seu sotaque em francês era pavoroso. Talvez aquilo nem pudesse ser considerado francês.

O garçom fez uma expressão de quem estava confuso. Tentava decifrar a frase de Julia em meio às vogais desfiguradas. Por fim, ele entendeu: – Oui, madame.

O homem voltou trazendo a garrafa de vinho.

– E você? Quer mais? – perguntou Julia.

– Não devo. Nossos pratos principais ainda nem chegaram.

Julia havia comido exatamente metade da salada e pousado o garfo. Kate se impressionou com a disciplina daquilo.

– Não seja boba – disse a Kate. Depois, para o garçom: – Pour elle aussi.

Quando o homem se afastou, tendo completado a taça de Kate, ela comentou: – Seu francês é excelente.

– Obrigada por mentir, mas não, não é. Tenho um sotaque horrível. A maldição de quem vem do Meio-Oeste.

Ela não soava muito como quem viesse de lá. Mas, por outro lado, o país inteiro estava nivelando seus sotaques. Em vinte anos, todo mundo, em todos os lugares, falaria igual.

– Mas caprichei no estudo do vocabulário – prosseguiu Julia. – À ta santé – brindou, e as duas fizeram as taças tilintar. – E aux nouvelles amies.

Kate fitou essa mulher cujos olhos cintilavam com o vinho, a pele corada.

– A novas amigas – concordou.

Estreitou os olhos sob o sol baixo e luminoso ao avistar o marido, que vinha arrastando os pés pela trilha de cascalho.

– O que está fazendo aqui? – perguntou Kate.

A família não o vira muito na semana anterior. E o pouco que tinha visto mostrara um homem distraído, distante. Kate ficou feliz por encontrá-lo. Praticamente se emocionou, ainda que se tratasse de um acontecimento bem pouco emocionante.

– O trabalho estava meio devagar – disse Dexter, curvando-se para beijá-la de leve na boca.

Fazia muito tempo que Kate considerava inútil esse selinho mecânico, mas nunca havia encontrado ânimo para dizer a Dexter que parasse com aquilo. Sabia que teria dificuldade de explicar sua antipatia pelo gesto e temia parecer pouco amorosa, apesar de, na verdade, sua opinião ser exatamente o oposto: o beijo dado de forma tão automática é que era desprovido de amor. Por isso, não dizia nada e apenas retribuía.

– Pensei em ver o que você e os meninos fazem depois da aula – acrescentou.

Correu os olhos pelo parquinho, cujas maiores atrações eram um grande navio pirata e um escorregador alto e fechado, semelhante a um tobogã aquático, só que sem água. Jake estava em algum lugar no interior daquela estrutura. Ben contornava sorrateiro a lateral do navio pirata, quase completamente à vista, sem conseguir controlar os risinhos.

Meia hora antes, os meninos haviam atingido o auge de suas brigas, que já duravam alguns dias, com Jake dando um soco em Ben e Ben puxando o cabelo de Jake e os dois gritando e chorando.

Precisavam de uma pausa, ali, ao ar livre. Kate havia colocado cada um junto a uma árvore, ambos sentados de pernas cruzadas sobre as folhas caídas, encostados nos troncos e longe dos olhos do outro. Eles pareceram apavorados ali, no bosque, e Kate se sentiu péssima, porém foi uma pausa proveitosa. Os meninos voltaram sinceramente arrependidos.

– É mais ou menos isso – observou Kate.

Estava sentada diante de uma mesa metálica de cafeteria, com uma xícara de café e uma garrafa d'água pronta para quando os meninos chegassem anunciando “Estou com sede”, como seria inevitável. Sua gramática de francês estava aberta numa página humilhantemente no início.

Dexter observou os filhos se moverem furtivamente e em silêncio.

– O que eles estão fazendo? – perguntou.

– Brincando de espião – murmurou, tentando não vacilar.

Não queria ter que explicar a brincadeira que havia inventado.

– O quê? – Espião – repetiu ela, mais alto. – Estão brincando de espião. É uma brincadeira que eu inventei.

Curiosamente, Dexter pareceu ficar tenso. Depois, forçou um sorriso e perguntou: – Como é que funciona? – Está vendo os guardanapos nos bolsos

traseiros deles? – falou, apontando.

Havia encontrado outro uso para os guardanapos de três dobras. Podia escrever um livro, 101 utilidades dos guardanapos finos.

– Ganha um ponto quem pegar o guardanapo do bolso do outro, mas isso tem que ser feito chegando na surdina por trás do adversário. É preciso ser paciente, cuidadoso e decidido.

O sol estava baixo no céu, como que num ângulo típico de inverno, embora ainda fosse setembro.

Dia relativamente quente, com as crianças brincando sem agasalhos, só de camisa. Mas aquele sol baixo era prenúncio de que algo aconteceria. Quando ele se pusesse, Kate sabia, o clima ia mudar para pior. Sempre mudava.

Dexter deu uma olhada em volta, sorrindo: – Bem, isto não parece nada mau.

– É, nada mau.

Ante de buscar os filhos na escola, ela passara o dia sozinha, cuidando de várias tarefas domésticas: lavar a roupa e pendurá-la no varal, comprar mantimentos, limpar o banheiro. Por causa do alto teor de minerais na água, as louças dos banheiros e da cozinha ficavam cheias de marcas, o que dava a impressão de pertencerem a uma estação abandonada na Antártida. Kate precisava de uma solução descalcificadora ou de um alvejante, talvez dos dois. Por isso, tinha ido ao hypermarchê. Só então se dera conta de que todos os rótulos estavam em francês ou alemão e que aquele era um vocabulário que ela não tinha aprendido em suas aulas de idiomas em regime de imersão antes da mudança, nem nunca aprenderia nas duas aulas semanais do curso Berlitz.

Voltara para casa a fim de buscar o dicionário de bolso e, ao retornar ao mercado, pegara um engarrafamento causado por dezenas de tratores: uma manifestação de criadores de gado leiteiro.

Furiosos com as vacas, as vacas loucas. Ou loucos com os impostos, o que era mais provável. Todo mundo, em todos os lugares, tinha raiva deles. Os impostos precisavam de bons publicitários.

Levara duas horas para comprar um produto de limpeza que custava 4 euros.

Não podia explicar tudo isso; não podia reclamar. Não estava em condições de reclamar dessa vida, ainda não. Provavelmente, nunca estaria. Era o que desejara, tinha dito ao marido que estava certa de que gostaria disso. Agora não podia ficar choramingando.

Kate tinha sido uma escolha óbvia: havia optado por uma faculdade no Distrito de Columbia, o que revelava um interesse pelo serviço público. Estudava não só ciência política, mas também espanhol, numa época em que as ameaças externas mais significativas vinham da América Latina e as informações mais cruciais, do sul da fronteira. Seus pais já haviam falecido e ela não tinha relações

estreitas com outros membros da família – com ninguém, aliás. Sabia até manejar armas: seu pai fora caçador e ela havia disparado sua primeira espingarda Remington aos 11 anos.

Enquadrava-se perfeitamente no perfil. Sua única desvantagem era não ser muito patriota. Sentir-se traída pelo desamparo em que o país havia deixado seus pais, praticamente abandonados à morte por serem pobres. O capitalismo era inclemente. O sistema de seguridade social norte-americano era de uma insuficiência lamentável, com consequências bárbaras, desumanas.

Mas tinha sido fácil guardar suas opiniões para si mesma, como sempre fizera com tudo. Nunca escrevera uma carta furiosa para o senador que havia ajudado a eleger, nem tampouco um trabalho acadêmico que criticasse o país. Nunca carregara um cartaz de protesto para se solidarizar com um sindicato em greve, nunca participara de uma passeata. Era o início dos anos 1990. Não havia muito ativismo político em que valesse a pena se engajar, contrariando seu bom senso – ou sua cabeça fria, pelo menos.

Na primavera do penúltimo ano de faculdade, Kate foi convidada para uma conversa com um professor de relações internacionais, um homem que fora acadêmico a vida inteira e que, tempos depois, ela descobriria ser também responsável por identificar universitários que pudessem vir a ser bons agentes. Uma semana depois, os dois tomaram um café na lanchonete do campus e o professor a convidou para uma reunião em seu gabinete. Havia um órgão de governo com vagas para estagiários, dissera. Preferiam alunos já formados, mas às vezes abriam exceções para estudantes da graduação que tinham boas notas.

Aos olhos desses recrutadores, Kate parecera ser a candidata ideal, porque de fato era. E, em contrapartida, a CIA era perfeita para ela. Nunca houvera nada em sua vida além de longos períodos de decepção entremeados por breves vislumbres de esperança. Ela precisava de algo grandioso que preenchesse seu imenso vazio, que captasse seu potencial e, de algum modo, o canalizasse. Ficara seduzida pelo romantismo daquilo, eletrizada ao pensar nas oportunidades que poderia ter.

E assim, cruzando de leve os dedos às costas, tinha engolido tudo o que disseram em seu treinamento e depois. Aceitara a ideia de estar desempenhando um papel importante numa missão crucial contra inimigos mortais. Por certo era verdade que os Estados Unidos, apesar das imperfeições, não saíam perdendo na comparação com Cuba ou a Nicarágua ou o Chile, muito menos com o que restava da antiga União Soviética, ou com o gigante adormecido da China, ou mesmo com as sociais-democracias estagnadas e ineficazes da Europa Ocidental. Os Estados Unidos eram a única superpotência restante e todo mundo quer jogar no time que está ganhando. Ou quase todo mundo.

Kate fora acolhida de braços abertos na nova família da Diretoria de Operações, uma família muito unida e abrangente, com pessoas iguais a ela,

inteligentes, resolutas e pouco afeitas a intimidade.

Gostara do trabalho, ainda que algumas facetas dele a fizessem acordar suando frio no meio da noite.

Havia crescido no Serviço Nacional Clandestino.

Depois, de algum modo, conseguira abrir espaço para Dexter. E, não muito depois, para os filhos.

À medida que sua vida fora sendo preenchida por essa nova família – essa família de verdade –, os segredos realmente haviam se tornado um problema, um incômodo irritante, uma artrite na mente. Ela tivera de pôr de lado a vida antiga, a vida fabricada, a vida presa por sentimentos que não eram amor. Passara a precisar cada vez menos da Agência. E cada vez mais do marido e dos filhos.

Começara a sacrificar aquela antiga identidade em benefício da nova. Afinal, aquela era a nova vida que todo mundo queria.

– Parece o primeiro ano de faculdade, não é? Dexter cuspiu um bocadinho de espuma de pasta de dentes: – O que você quer dizer? Kate olhou para o marido pelo espelho de três painéis, cada qual virado numa direção, refletindo ângulos diferentes, numa composição de fragmentos: cubismo de banheiro.

– Vamos conhecendo gente nova, tentando descobrir quem vai virar amigo, quem será inimigo, quem será o chato de que vamos fugir nas festas.

A escova de dentes estava pendurada num dos cantos da boca e ela a mudou de posição.

– Imaginando que lugares frequentar, onde comprar café, onde fazer seja o que for. E todos estão basicamente na mesma situação: estamos todos encontrando juntos os nossos rumos separados.

– Lembra mesmo a faculdade – concordou Dexter. – Mas não é essa a minha vida. Passo os dias olhando para uma tela, sozinho.

Ele pegou um pouco de água para lavar a espuma da pia. Era um homem limpo e organizado, um companheiro de quarto atencioso.

– Não bato papo com novos amigos.

Kate também cuspiu. Enxaguou a boca.

– Sabia que hoje eu não falei com ninguém, literalmente? – continuou Dexter. – Exceto para pedir um sanduíche numa padaria. Un petit pain jambon-fromage, merci. Foi isso que eu disse.

Repetiu a frase, contando nos dedos.

– Dez sílabas. Ditas a um estranho.

Kate também ainda não tinha amigos. Sabia nomes de pessoas, mas não considerava nenhuma delas amiga. Agora que Dexter tinha posto na mesa a enormidade de sua solidão, no entanto, ela se sentiria ridícula fazendo o mesmo.

– Hoje eu almocei com uma mulher – disse. – Julia. Foi uma espécie de encontro às cegas arranjado para nós.

Devolveu ao armário o tubo de hidratante para a área ao redor dos olhos, pondo-o ao lado de um vidro de perfume de cristal, um objeto puramente decorativo. A última vez que usara perfume tinha sido na faculdade, um vidrinho minúsculo presenteado por um admirador no Dia dos Namorados.

Perfumes eram algo a evitar em seu ramo de atividade: faziam-se notar, podiam ser identificados, traziam recordações à tona, deixavam pistas. Tudo o que não se queria.

– Imagine só: ela é de Chicago.

O olhar de Dexter cruzou com o da mulher no espelho: – Tem certeza de que pode fazer amizade com ela, Kat? Ele nunca deixava passar uma oportunidade de fazer essa piada, se bem que, dessa vez, não pareceu estar se divertindo. A piada, como a maioria de seus beijos, se tornara mecânica.

– Farei o melhor possível – respondeu.

Cheirou um vidro de perfume, este presente de Dia dos Namorados dado pelo marido. Talvez começasse a usá-lo, agora que podia.

– Mas, Dexter...

– Hum? – Você poderia fazer o favor de parar de me chamar de Kat? Ou de Katherine? Aqui eu quero ser Kate.

– Desculpe, eu vivo esquecendo.

Beijou-a nos lábios, limpos e com sabor de menta.

– Vai demorar um pouco até eu me acostumar com minha nova esposa.

Dessa vez não foi um beijo mecânico. Dexter deixou a mão descer até a cintura dela, ao elástico da calcinha.

– Chicago, é? – riu, depois levou os lábios até o pescoço de Kate e a mão para sua coxa.

Muito tempo depois, ela se daria conta de que Chicago deveria ter sido sua primeira pista.

Por que nunca havia contado a verdade a Dexter? No começo do relacionamento, é óbvio, teria sido ridículo dizer qualquer coisa. Não faria o menor sentido, pelo menos até que estivessem casados. Mas e depois? Olhou para o marido, que tinha um livro no colo, como sempre. Dexter era um leitor voraz – revistas técnicas, publicações bancárias, textos sérios de não ficção e, misteriosamente, um tipo de romance policial inglês que Kate considerava destinado a mulheres. Havia sempre uma pilha alta no lado dele da cama, sua única bagunça numa vida arrumada e ordeira.

O que a fizera manter aquilo em segredo, depois de estarem casados, de terem filhos? Depois até de ela ter deixado de trabalhar para a Diretoria de Operações? Não podia ter sido só o protocolo, embora não pudesse descartá-lo. Seria porque simplesmente não queria admitir que mentira por tanto tempo? Quanto mais tempo passava sem que admitisse a verdade, pior era imaginar essa conversa. “Dexter”, ela diria, “tenho uma coisa para lhe contar.” Nossa, seria horrível.

Além do mais, não queria contar ao marido as coisas que havia feito, os atos que tinha sido – e ainda era – capaz de cometer. Se não pudesse lhe contar toda a verdade, relutaria em contar qualquer parte dela. Pareceria pior. E, como o pior era aquela manhã em Nova York, que fora também o que motivara o fim de tudo, sua história não ficaria completa – não faria sentido – sem que esse acontecimento fosse explicado. E com ele, não seria uma história que pudesse justificar.

Para completar, ela era obrigada a admitir que uma pequena parte do que a levava a manter o sigilo era o fato de, assim, guardar algo para si. Se nunca dissesse a verdade a Dexter, ainda teria como voltar à antiga vida. Voltar a ser agente secreta. A ser uma pessoa capaz de esconder de todo mundo os maiores

segredos, inclusive do próprio marido, para sempre.

Kate havia chegado às nove da manhã à suíte do hotel situado no Penn Quarter, como lhe fora ordenado. Sentou-se diante de um bloco amarelo pautado tamanho ofício, uma caneta Bic e um simpático homem de meia-idade chamado Evan, que, durante as oito horas seguintes, interrogou-a pacientemente sobre todas as operações de que ela havia participado, todos os informantes com quem tinha lidado, todas as pendências que pudesse ter deixado.

Fazia quase três dias inteiros que ela participava disso, quando Evan lhe perguntou: – E quanto a Sarajevo? Os dois já haviam conversado sobre tudo que ela pudesse ter deixado de registrar em seus relatórios das várias missões – localização de escritórios, nomes de adidos, descrições de amigas.

Depois, haviam passado para eventos menos importantes. As primeiras missões de treinamento de Kate na Europa: deixar uma mensagem secreta num palazzetto reformado perto da Piazza Navona, estabelecer contato com um nacionalista basco em Bilbao, seguir uma pessoa que transportava dinheiro sujo pelas ruas de paralelepípedos e os bancos particulares de Luxemburgo.

E agora, aparentemente, iam discutir eventos que não aconteceram.

– Nunca fui a Sarajevo – respondeu ela.

– Nem uma vez? – Não.

– Mas seu marido foi. Recentemente.

Evan levantou os olhos de seu próprio bloco amarelo, cheio de rabiscos e grifos, grandes xis e setas.

– Por quê? Ninguém gosta de admitir que desconhece as idas e vindas, os hábitos e inclinações do próprio cônjuge. Kate não queria falar das viagens de Dexter ao exterior. Não via que importância poderiam ter para sua carreira.

– Não sei – respondeu, tentando parecer, tentando ser indiferente. – Trabalho.

Começou a chegar correspondência; a mudança de endereço e o serviço de redirecionamento estavam funcionando. Kate abriu um envelope do governo norte-americano, um cheque de reembolso pelas férias que não tirara. Precisaria mandar esse pedaço de papel de volta para o outro lado do oceano, para depositar os dólares. Veio o contrato de aluguel da casa de Washington, até que enfim, com todas as assinaturas exigidas por lei – uma casa que, infelizmente, eles estavam alugando por um preço um pouco menor que o pagamento mensal da hipoteca. Alguns itens de mala direta: propaganda de uma academia de ginástica em uma área residencial da Virgínia, um convite para um clube do livro – será que ainda existiam mesmo clubes do livro? Ainda não houvera nenhuma correspondência do banco de Dexter, na qual Kate tinha esperança de descobrir para quem o marido trabalhava. Mas era provável que não chegasse nenhuma: ele tinha um contrato independente, não era funcionário. Tinha um endereço comercial em que receberia as correspondências relativas ao trabalho. Kate

estava levemente desconfiada – quem não estaria? –, mas lembrou, mais uma vez, a promessa que fizera a si mesma junto com os votos matrimoniais: nunca investigar o marido.

Porque é claro que ela o havia investigado antes de se casarem. Exaustivamente e mais de uma vez.

A primeira tinha sido logo depois de se conhecerem na feira de agricultores de Dupont Circle, os dois estendendo a mão para a mesma caixa de produtos em lados opostos da barraca. Era uma linda manhã de verão, um horário propício do dia: ambos estavam num pico natural de endorfinas por causa dos exercícios matinais – isso tinha sido nos tempos em que Dexter era corredor e Kate andava regularmente de bicicleta, uma paixão que logo acabara – e se mostraram atipicamente extrovertidos.

Foram tomar um café na livraria da rua, logo adiante, ambos com sacolas de frutas e legumes para levar a seus apartamentos, que descobririam ficar a poucos quarteirões um do outro. Foi um encontro saudável, quase saudável demais.

Kate se perguntou se teria sido armação. Sentou-se diante do computador, perto da janela vitoriana no segundo andar da casa de tijolos amarelos, em meio ao choro abafado do recém-nascido do apartamento de baixo. Conectou-se à internet pelo servidor seguro e examinou minuciosamente os vários Dexter Moore dos Estados Unidos, até identificar aquele que lhe interessava. Com seu número no sistema de seguridade social, foi seguindo sua trilha por diversos bancos de dados, pela faculdade, pelo Departamento de Trânsito de Washington e o Departamento de Educação do Arkansas, pela ficha policial do pai dele – lesão corporal qualificada em Memphis – e pelo histórico militar de seu irmão mais velho, morto na Bósnia.

Depois de uma hora, se deu por satisfeita: esse Dexter Moore era um cidadão honrado. Pegou o telefone, discou o número e o convidou para ir ao cinema. Mais para o fim da semana, ela passaria um mês fora, talvez mais, na Guatemala, permanecendo a maior parte do tempo no norte, na selva.

Dois anos depois, Kate cavou ainda mais fundo, levantando registros telefônicos e extratos bancários e colhendo sub-repticiamente um conjunto completo de impressões digitais, que usou para uma verificação no banco de dados da CIA. Tornou a confirmar que Dexter era quem dizia ser, perfeitamente franco e inegavelmente respeitável.

Já dissera sim a seu pedido de casamento.

Isso fazia seis anos. E fora então que ela havia conseguido suspender seu estado normal de descrença nas pessoas e renovar sua fé na inocência da vida. Uma fé que ela havia perdido muito antes, na adolescência, com o início da sucessão de desgraças de sua família.

Portanto na época ela havia acreditado – quisera acreditar, precisara

acreditar – que poderia deixar de lado seu ceticismo e se casar com esse homem, para levar um arremedo de vida normal.

Depois de investigá-lo até se dar por plenamente satisfeita, prometera a si mesma que nunca mais faria isso.

Já na ocasião, tinha percebido que talvez isso fosse um ato de ignorância proposital; talvez ela houvesse colaborado para que fosse enganada durante todos esses anos.

– Ben – chamou, fazendo sinal para o caçula, que passava correndo para brincar de ambulância.

– Que é? – Venha cá.

Abriu os braços e o menino se aproximou, enroscando os braços magros em volta das coxas dela.

– Eu amo você.

– Eu também mamãe mas tenho que correr tchau amo você tchau.

Poderia até haver iludido a si mesma. Mas teria sido algo indispensável para que tivesse isto.

Kate não conseguiu se conter. Vasculhou o arquivo, folheando rapidamente os extratos de cartões de crédito, apólices de seguros e contas antigas. Nada. Deu outro passo, mais devagar, tirando uma pasta de cada vez da gaveta superior, examinando todos os pedaços de papel, chacoalhando os manuais de roteadores e HDs externos, além do de um equipamento de som estéreo que Kate tinha certeza de que ficara em Washington.

Serviu-se de mais uma xícara de café e voltou à gaveta de baixo, começando pela parte de trás.

Deparou com um velho envelope de papel pardo, com uma etiqueta amassada e rasgada que dizia refinanciamento da hipoteca. Dentro dela, atrás do formulário-padrão de solicitação de empréstimo residencial e à frente do formulário em que se declarava o patrimônio, finalmente o encontrou: um contrato de prestação de serviços entre Dexter Moore e o Banco Europeu Continental.

Kate leu as duas páginas de jurídiquês, duas vezes. Não havia absolutamente nada digno de nota.

Em suma, ficou com raiva de Dexter por ter escondido o contrato. Mas é claro que era isso que ele teria de fazer, para garantir que ela não soubesse o nome do banco.

Assim, o desculpou. Por outro lado, se censurou por sua desconfiança e bisbilhotice. Lembrou as coisas que tinha prometido a si mesma não fazer, os sentimentos que havia se comprometido a não ter.

No final, acabou desculpando a si mesma também e foi buscar os filhos na escola.

– Meus pais morreram – disse Kate. – Minha irmã e eu perdemos os dois

no espaço de um ano.

– Santo Deus – exclamou Julia. – Onde está sua irmã? – Em Hartford, eu acho. Talvez em New London. Não mantemos contato.

– Briga feia? – Não exatamente. Emily vive bêbada. Em geral, dopada também.

– Ah! – Quando meus pais adoeceram, não havia muitos tratamentos disponíveis. Nem dinheiro, aliás.

Meus pais eram novos demais para conseguirem ajuda no programa de saúde do governo e a fábrica do meu pai, uma empresa de produtos eletrônicos, tinha fechado. Por isso, na época, os dois trabalhavam meio expediente em empregos que ou não ofereciam plano de saúde ou ofereciam um muito básico. Ficaram na pior. Foi desumana a maneira como foram tratados.

– Foi por isso que vocês se mudaram para o exterior? – Não. Viemos para cá pela experiência. Mas acho que fiquei ressentida, sim. Ou melhor, não sei se “ressentimento” é a palavra certa. “Decepção”? Não me entenda mal: eu adoro os Estados Unidos.

Mas não tudo o que há por lá. Foi assim que minha irmã ficou esquecida em meio às desgraças da nossa família. Tornou-se sua própria desgraça.

Enquanto Emily se perdia no álcool e nas drogas, Kate se enterrara num túmulo de apatia, onde não se afeiçoava a nada e não permitia que ninguém se afeiçoasse a ela, uma solitária viciada no trabalho. Começara também a desenvolver um dos papéis que definiriam sua idade adulta: o de mártir. Quem cuidava de todos e provia uma parte importante do sustento e fazia o serviço doméstico. Os sacrifícios, o sofrimento. Até o desaparecimento dessa sua faceta, Kate nunca havia percebido quanto gostava dela.

– Acabei tendo que desistir de me importar com a Emily. Ela era um caso perdido.

– Como é que se para de falar com a própria irmã? – Ela nunca foi de manter muito contato. Depois que nossos pais morreram, como não tínhamos intimidade com ninguém mais da família, não precisávamos nos comunicar mais. Para mim, foi simples: só parei de ligar para ela.

Não era verdade. Kate mantivera o contato com a irmã durante anos, depois da morte dos pais, ao longo de todo o seu curso universitário e da lenta trajetória de Emily rumo à pobreza. Mas, depois de ingressar na Agência, manter uma ligação com ela passara a ser não apenas uma provação pessoal, mas também uma desvantagem profissional. Um ponto negativo que poderia ser usado contra Kate.

Ela percebeu que tinha que se livrar da compaixão, precisava despi-la como quem tira uma roupa esfarrapada e imunda, impossível de lavar ou consertar, e a joga direto no lixo.

Tivera notícias da irmã algumas vezes, naquele primeiro ano na CIA:

recados não respondidos.

Depois, não ouvira falar nela durante meia década, até Emily precisar que alguém pagasse a fiança para tirá-la da cadeia. Mas Kate, que estava em El Salvador, não pudera ajudar. E, ao voltar para os Estados Unidos, não quisera fazê-lo.

– E quanto à família de Dexter – prosseguiu Kate –, a mãe dele, Louise, morreu, e depois o pai se casou com uma mulher pavorosa. O irmão dele também morreu.

– O irmão? Que horror! – Ele se chamava Daniel. Era muito mais velho que o Dexter. Andre e Louise mal passavam de duas crianças quando o primeiro filho nasceu, na verdade. Ele entrou para o corpo de fuzileiros navais no final dos anos 1980. Uns anos depois, estava oficialmente fora dos fuzileiros e, não oficialmente, trabalhava como “assessor militar” nos Bálcãs. Fazia parte de um grupo militar contratado, um mercenário, para ser mais clara.

– Puxa! – O corpo dele foi encontrado num beco em Dubrovnik

– Nossa – disse Julia, inexpressiva.

Parecia surpreendentemente não surpresa, ou, ao contrário, tão chocada que ficara muda de perplexidade. Kate não soube dizer qual das duas.

– Pois é. Mas, enfim – falou, trocando a marcha –, esta deve ter sido uma resposta muito mais prolixa do que você esperava, ao perguntar se eu sinto saudade da minha família.

Depois de Kate desabafar sobre a saga da família, Julia lhe contou a história de como conhecera Bill. Estava trabalhando voluntariamente como decoradora no silencioso leilão de um evento para angariar fundos. Tentava matar muitos coelhos com uma cajadada só: ajudar uma causa, formar uma rede de contatos, atrair clientes, interagir socialmente. E Bill estava lá fazendo o que os caras jovens da área de finanças costumam fazer: gastando uma quantidade absurda de dinheiro na tentativa de atrair o tipo certo de mulher, ou seja, uma socialite solteira de 20 e poucos anos. Do tipo que sempre aparecia em coquetéis com convites caríssimos e renda revertida em bolsas de estudos para a garotada dos bairros pobres.

Bill presumiu que Julia fosse uma dessas mulheres. Três horas depois, quando ela desfez o equívoco, os dois estavam nus. Julia havia apressado a situação, porque mal conseguira acreditar na sorte gigantesca de ter aquele homem incrivelmente bonito interessado nela.

– E, com o correr dos anos – disse –, descobri que os homens me acham muito mais interessante quando estou nua.

Kate percebeu que Julia não estava brincando.

Pararam no estacionamento lotado de um hipermercado gigantesco da rede Cactus. Correram pela chuva que castigava a cidade e recobram o fôlego embaixo da marquise.

– Droga – disse Julia, remexendo na bolsa. – Devo ter deixado o celular no seu carro. Posso ir buscá-lo? – Eu vou com você – disse Kate.

– Ah, não. Esta chuva está um horror. Vá entrando. Eu dou uma corrida até lá.

Kate tirou da bolsa as chaves do carro: – Fique à vontade.

– Obrigada.

Kate relanceou os olhos pelo estacionamento, pela rua principal, pela desolação molhada do bairro residencial e por aquela gigantesca massa de concreto, repleta de gôndolas repletas de prateleiras repletas de porcarias que ela não devia querer nem comprar. Essa saída tinha sido um erro. Elas deviam ter feito outra coisa. Um café em algum lugar, ou uma visita a pontos turísticos da Alemanha, ou um almoço na França. Miniviagens.

Viajar vinha se tornando o passatempo favorito de Kate. Ela havia começado a pesquisar as viagens seguintes da família assim que voltaram de Copenhague, que tinha sido seu primeiro fim de semana prolongado fora de casa. No próximo fim de semana, fariam um passeio de carro a Paris.

– Obrigada – disse Julia, sacudindo a água do guarda-chuva.

Devolveu as chaves de Kate com um sorrisinho enigmático.

Hoje, 11h02 Kate dobra a esquina e entra na Rue de Seine, fora do campo visual da Rue Jacob e de quem a pudesse estar observando de lá.

Só então se permite fazer uma pausa, parar de andar, soltar a respiração (que nem percebera estar prendendo) e mergulhar mais fundo no pensamento, nas contingências, no pânico.

Eles moram há um ano em Paris, sem se fazerem notar, sem ostentação, sem despertarem atenção nem suspeitas. Deveriam estar fora de perigo.

Então por que essa mulher havia de aparecer ali, agora? A ansiedade crescente obriga Kate a se deter, distraída, sob um par de imensas portas de madeira em arco. Uma delas se abre, rangendo, empurrada por uma mulher miúda e decrépita, que usa um impecável tailleur de buclê e bengala. Ela encara Kate daquele jeito atrevido que parece ter sido inventado pelas francesas idosas.

– Bonjour! – grita a velhota de repente e Kate quase dá um pulo de susto.

– Bonjour – responde.

Para além da mulher, avista o pátio luminoso e arborizado na outra ponta da galeria escura cujas paredes são cheias de caixas de correio e ligações elétricas e latas de lixo e cabos soltos e bicicletas presas com correntes. Seu prédio tem uma passagem semelhante; há milhares delas em Paris. Todas concorrendo ao prêmio de melhor lugar para matar alguém.

Kate recomeça a andar, absorta em pensamentos. Para de novo diante das vitrines amplas de uma galeria de arte. Fotografia contemporânea. Observa o reflexo dos transeuntes na vitrine, a maioria mulheres com roupas como as dela e homens que se vestem uns iguais aos outros. Há também um bando de turistas

alemães, com suas sandálias e meias, e um trio de jovens americanos de mochilas e tatuagens.

Há um homem andando muito devagar do seu lado da calçada, com um terno de caimento ruim e sapatos inadequados: sapatos de cordão com sola de borracha, esportivos demais, feios demais. Ela o observa passar, seguir pela rua, sumir de vista.

Continua voltada para a vitrine, agora fitando o interior, não os reflexos. Meia dúzia de pessoas circula por salões amplos e arejados que se derramam uns nos outros. A porta de acesso é mantida aberta por um calço de plástico e deixa entrar a brisa fresca de outono. O interior deve ser barulhento. Com barulho suficiente para Kate manter uma conversa telefônica que não chame muita atenção de ninguém.

– Bonjour – diz ela à jovem chique da recepção, que poderia ser qualquer uma das outras mocinhas bonitas que atendem nas caixas registradoras e nos estandes de recepcionistas instalados para atrair o dinheiro que sempre circula pelas ruas dos arrondissements centrais.

– Bonjour, madame.

Kate sente a moça examiná-la, avaliar seus sapatos e a bolsa e as joias e o corte de cabelo, formando em uma olhadela sua opinião sobre o pacote completo. Se há uma coisa que essas jovens das lojas parisienses sabem fazer é descobrir de estalo quem é um legítimo consumidor e quem só quer dar uma espiada, ou, quando muito, sair com o produto mais barato da casa. Kate sabe que passou no teste.

Corre os olhos pelas fotos em formato grande do salão de entrada, paisagens semiabstratas: rígidas fileiras de campos agrícolas, fachadas repetitivas de prédios comerciais modernistas, superfícies de água ondulantes. Poderiam ser de qualquer lugar do mundo, essas paisagens.

Ela examina cada foto por alguns segundos, antes de ir em frente e entrar no salão seguinte, este repleto de fotografias de praias. Ali um casal jovem conversa muito alto em espanhol, com sotaque madrileno.

Kate pega o telefone.

Tinha conseguido fingir que jamais voltaria a ver aquela mulher. Mas nunca ficara realmente convencida. Na verdade, parte de sua mente sempre tivera certeza do oposto: ainda a veria, exatamente como tinha acabado de acontecer.

Seria o passado de Dexter alcançando-o? Aperta o botão de discagem automática.

Ou o dela?

Kate aproveitou sua liberdade em Paris no bairro Marais. Dexter havia concordado em que era direito dela visitar sozinha algumas cidades. Viajar não tinha graça quando a pessoa não chegava a ver ou fazer o que queria; era só um tipo diferente de trabalho, num lugar diferente.

Em Copenhague, dois fins de semana antes, ela havia passado as horas que lhe tinham sido concedidas vagando pelas butikques do centro. Agora, no Village Saint-Paul, havia comprado um jogo antigo de toalhas de chá, um balde de gelo de prata com desenhos em baixo-relevo e um saleiro esmaltado, utensílios franceses de donas de casa chegadas a antiguidades. Comprou também um par de alpargatas de lona robustas, de solado de borracha, para proteger as solas dos pés das pedras do calçamento de Luxemburgo – ou de Paris. Da velha Europa dos paralelepípedos.

O céu exibia um azul vivo, decorado por nuvens altas e bojudas – um veranico de 21o C.

Kate ainda estava se acostumando com a ideia de perambular por uma cidade estrangeira sem a menor preocupação de que, por uma entre muitas razões, alguém quisesse matá-la.

Voltou ziguezagueando em direção ao rio, ao encontro do marido e dos filhos na Île Saint-Louis.

Depois de quatro horas longe, sentia falta deles. Não parava de imaginar os rostos dos meninos, os olhos risonhos, os bracinhos magros e rijos. Ela passava muito tempo da sua nova vida querendo tirar uma folga das crianças, e o resto do tempo, impaciente para voltar para elas.

Chegou à brasserie, deu uma olhada no interior, não viu a família. Sentou-se num banco do lado de fora, estreitando os olhos para o sol. Avistou-os vindo da Île de la Cité. A catedral de Notre Dame se erguia majestosa ao fundo, com gárgulas e botaréus, e os meninos corriam pela ponte de pedestres que separava uma ilha da outra, costurando por entre pessoas e bicicletas e cães terriers Jack Russell soltos das guias.

Kate se levantou, os chamou, acenou. Eles vieram correndo ao seu encontro, para lhe dar beijos e abraços.

– Olha, mamãe! – disse Jake, mostrando um boneco de ação, um Batman de plástico todo de preto.

– É! – gritou Ben, agitado demais para se controlar. – Olha! Segurava um Homem-Aranha.

– Achamos uma loja de histórias em quadrinhos. Não conseguimos resistir – admitiu Dexter.

Falava como quem se desculpasse, envergonhado por ter comprado porcaria de plástico para os filhos, produtos licenciados por empresas americanas e fabricados no Sudeste Asiático.

Kate deu de ombros. Havia muito que deixara de criticar as artimanhas que qualquer pessoa usasse para passar um dia inteiro com crianças.

– Mas também fomos a uma livraria, certo, meninos? – É – concordou Jake. – O papai comprou O menino príncipe pra nós.

– Pequeno.

– É, é um livro bem pequenininho, mamãe.

Uma autoridadezinha no assunto.

– Não. O livro se chama O pequeno príncipe. Vocês foram à Shakespeare and Company? – Foi – tornou a concordar Jake. – Quando a gente pode ler?

Agora? – Agora não, querido – disse Kate. – Mais tarde, talvez.

Jake deu um suspiro, com aquele imenso desapontamento que um garotinho é capaz de sentir centenas de vezes por dia, por qualquer coisa, por tudo, por nada.

– Monsieur? O garçom estava ao lado de Dexter, que pediu uma cerveja. O rapaz deu um passo para o lado, para deixar um casal russo de meia-idade e modos grosseiros e barulhentos desocupar uma mesa. A mulher estava carregada de sacolas de compras das butiques caríssimas da Rue Saint-Honoré, a quase 2 quilômetros dali. Essas pessoas tinham andado demais, para o lugar errado.

– Et pour les enfants? Quelque chose à boire? – perguntou o garçom, ignorando os russos e indo direto à bebida das crianças.

– Deux Fanta, orange, s’il vous plaît. Et la carte.

– Bien sûr, madame.

Antes de trazer as duas Fantas, o garçom lhes entregou os cardápios com capa de couro e tornou a chegar para o lado, abrindo espaço para que outro casal se instalasse na mesa vizinha.

Mesmo descontando a entrada à base de ostras – “um meleção cinza que nadava em gosma”, nas palavras de Jake –, a refeição da noite anterior não tinha feito sucesso com os meninos. Por isso, Kate estava torcendo, rezando, para que essa brasserie tivesse alguma coisa que fosse do agrado dos filhos. Seus olhos vasculharam o menu, deslocando-se freneticamente.

O homem da mesa vizinha pediu uma bebida e a mulher acrescentou “La mème chose”, numa voz familiar. Kate levantou a cabeça e deu com um homem arrasadoramente bonito, sentado quase de frente para ela, enquanto a mulher estava praticamente diante de Dexter; as duas mulheres usavam óculos escuros. Por causa dessa configuração, dos óculos e da preocupação de Kate com o cardápio – começava a se inclinar para o joelho de porco refogado, servido com o sempre bem-vindo purê de maçã –, um minuto inteiro se passou até que as duas, sentadas lado a lado, percebessem junto de quem se sentavam.

– Ah, meu Deus! – Julia! – exclamou Kate. – Que surpresa! – Ah – disse Dexter, sorrindo para Kate. – Você é a mulher de Chicago.

Implicante.

Kate lhe deu um chute por baixo da mesa.

Todos tomaram uma rodada de bebidas e os quatro resolveram jantar juntos mais tarde. Bill sugeriu que o hotel provavelmente teria um serviço de babás, no que estava certo. Kate logo percebeu que Bill era o tipo de sujeito que estava sempre certo.

E assim, eles alimentaram as crianças e voltaram ao hotel. O concierge jurou que a babá chegaria às dez horas. Kate e Dexter puseram os meninos na cama, torcendo para que suas cabecinhas tivessem entendido plenamente que, se eles acordassem de noite para beber água, ou fazer xixi, ou por causa de um pesadelo, haveria uma estranha no quarto e era provável que ela não falasse inglês.

Levemente embriagados, os quatro adultos saíram pela rua às dez e meia, rumo a um novo restaurante da moda escolhido por Bill. Ficava numa avenida calma e aparentemente deserta, mas seu interior era quente, animado e apertado, joelhos batendo nas bordas das mesas, cadeiras imprensadas contra as paredes, garçons numa confusão de braços e mãos que subiam e desciam com pratos e travessas, o tilintar de copos, o tinar dos garfos nas facas.

O garçom da mesa do grupo afundou o nariz na taça bojudá, o cenho franzido numa avaliação crítica do vinho que estava prestes a servir. Levantou as sobranceiras, indiferente: – Pas mal – sentenciou.

Depois de avaliar que o vinho não era ruim, teve que deslizar, dançar e girar para contornar a mesa e servi-lo corretamente, desviando de outros clientes e funcionários e dos movimentos imprevisíveis dos braços dos convivas.

Kate olhou pela janela, por cima das meias cortinas – cortinas de bistrô, recordou –, para o outro lado da avenida, para o gradil floreado em estilo art nouveau de um balcão estreito, diante de janelas extraordinariamente altas, que reluziam com a luz das velas por trás das cortinas diáfanas e esvoaçantes, através das quais Kate pôde ver os movimentos da festa que se realizava lá dentro – formas cambiantes e luzes bruxuleantes. Uma mulher afastou as cortinas para soprar a fumaça do cigarro pelas portas francesas mal entreabertas – a-há! Portas francesas! – para a avenida larga.

Os homens se entregaram a uma conversa sobre esqui. Bill regalou Dexter com histórias passadas em Zermatt, na Suíça; Courchevel, na França; e Kitzbuhel, na Áustria. Era um desses peritos em tudo, um sujeito que saberia dizer qual estação de esqui favorita nos Alpes, a ilha predileta no Caribe e a safra de Bordeaux que mais o satisfazia. Havia pesquisado fixadores de esquis e cordas de raquetes de tênis, entendia tudo de rúgbi (torcia para um time inglês) e tinha um programa cult favorito da televisão dos anos 1970.

Dexter ficou de queixo caído com ele.

Bill pegou a garrafa e serviu a todos uma porção igual das últimas gotas. Depois, puxou o punho da manga para consultar a hora num relógio grandalhão

de homem cheio da grana, com pulseira de metal. Dexter usava um Timex de lojinha barata.

– Quase meia-noite – anunciou.

– Devemos pedir outra garrafa? – perguntou Julia, olhando em volta à procura de hesitações, confirmações, evasivas.

– Bem, nós poderíamos – disse Bill, inclinando-se para o resto do quarteto com ar conspiratório. – Ou podemos ir a um lugar que eu conheço.

– Nous sommes des amis de Pierre – disse Bill, apresentando-se ao leão de chácara como amigo de Pierre.

Estavam parados na calçada larga da avenida ampla e tranquila, logo do outro lado da Pont d’Alma.

– Est-il chez lui ce soir? – continuou Bill.

– Votre nom? Em vez de responder se Pierre estava, o porteiro, um negro grande e careca, apenas perguntou o nome de quem queria saber.

– Bill Maclean. Je suis américain.

O homem sorriu – era óbvio que Bill era americano – e inclinou a cabeça para uma garota esguia de tubinho prateado que fumava alguns metros adiante. Ela mesma lembrava um pouco um cigarro. A garota se desfez da guimba com um piparote e entrou calmamente na casa noturna.

Kate e Dexter e Julia e Bill aguardaram em meio a uma dúzia de pessoas que talvez estivesse esperando o mesmo tipo de coisa. Talvez exatamente a mesma coisa, da mesma pessoa. Outros supostos amigos de Pierre.

Isso não era algo que Dexter e Kate jamais tivessem feito em Washington. Ou em qualquer outro lugar. Ele segurou a mão da mulher, os dedos frios no ar cortante de outono, e lhe fez cócegas na palma com a ponta do indicador. Kate abafou um risinho diante daquela cócega, o sinal secreto do marido em busca de sexo.

A garota-cigarro reapareceu, fez sinal com a cabeça para o leão de chácara, acendeu outro cigarro e voltou a assumir seu ar de enfado.

– Bienvenu, Biil – saudou o leão de chácara.

Outro homem grande e negro, este com um penteado afro curto, parado ao lado da corda, não atrás dela, abriu o fecho de latão e afastou a corda grossa e trançada.

Bill fez um gesto para que sua mulher passasse primeiro, depois para Kate, segurando-a de leve pelo casaco, as pontas dos dedos se fazendo sentir através da seda e da lã com muita suavidade, mas com uma presença inegável. Kate compreendeu num sobressalto que havia algo errado nesse contato.

Bill não havia tocado em Julia assim.

– Merci beaucoup – disse ele, apertando a mão do leão de chácara.

O corredor era uma penumbra avermelhada, a luz baixa refletida em paredes ao mesmo tempo brilhantes e foscas. Kate estendeu a mão e deixou os

dedos deslizarem pelo relevo de flores-de-lis de veludo sobre o fundo de cetim. O corredor se alargou, abriu-se, e eles se viram junto a um pequeno balcão de bar, pedindo uma garrafa de champanhe, enquanto Bill punha um cartão de crédito sobre a madeira reluzente. O barman o apanhou e guardou junto à caixa, abrindo a conta.

Para além do bar, mesas baixas e sofás cercavam uma pista de dança diminuta. Duas mulheres dançavam com ar brincalhão em volta de um homem, que permanecia parado e deixava a cabeça oscilar de um lado para outro. Dança minimalista.

Bill se inclinou até o ouvido de Kate: – Ainda é cedo – explicou. – Haverá mais gente.

– Cedo? É meia-noite.

– Este lugar só abre às onze. E ninguém apareceria às onze.

Chegaram à mesa de um homem moreno e esguio que fedia a cigarro, as orelhas cheias de argolas, os braços tatuados, a camisa desabotoada até a metade. Ele e Bill se cumprimentaram com beijos no rosto. Bill o apresentou como Pierre, primeiro a Kate, depois a Dexter e, por fim, a “ma femme, Julia”. Pierre pareceu surpreso por Bill ter uma esposa.

Os americanos se acomodaram em uma mesa junto à de Pierre, esta ocupada por um homem de aparência semelhante à do anfitrião e duas moças com jeito de modelo, que usavam calças jeans e blusas justas e não exibiam um grama sequer a mais de gordura corporal.

Kate tomou outro gole de champanhe.

Estava escuro, fazia barulho e a pista de dança, as luzes e a música disputavam a concentração de todos, puxando-a para uma luz aqui, um corpo ali, um ritmo cá, uma voz lá. Todas essas distrações, essa sobrecarga sensorial, criavam uma espécie de privacidade, um escudo por trás do qual Kate teve a impressão de poder finalmente avaliar Bill, esse marido de uma mulher que de pronto se tornara sua melhor amiga no continente europeu.

O braço de Bill estava jogado sobre o encosto do sofá junto à parede. Ele havia tirado o paletó e aberto dois botões da camisa. Seu cabelo preto e ondulado estava meio em desalinho e ele exibia o sorriso fácil de quem está bebendo há seis horas. Parecia completamente à vontade ali, naquela boate na margem direita do Sena. Inclinou a cabeça para trás, para ouvir Pierre, depois soltou uma gargalhada sonora e frouxa. Poderia ser estilista ou cineasta. O que não tinha era jeito de corretor de câmbio.

A graça da piada de Pierre se extinguiu e levou consigo a maior parte do sorriso de Bill. Ele tornou a se voltar para seus companheiros americanos, para sua própria mesa, e seus olhos encontraram os de Kate e se detiveram neles por alguns segundos, sem dizer nem perguntar nada, apenas olhando.

Ela se perguntou o que o homem estaria procurando e quem diabo era ele.

O ser, a presença de Bill, dominava o seu entorno. Fazia sua mulher parecer pequena e calada, mesmo quando ela se empertigava e falava alto. Eram um casal estranho: Bill parecia meio acima do padrão de Julia.

– Ei, vocês – disse Kate ao marido e a Bill, tirando o celular do bolso –, que tal uma foto? Os dois pareceram reticentes, mas não o bastante para discutir.

Kate já havia deparado com muitos tipos como Bill: machos alfa que tentavam superar uns aos outros. No trabalho, tinha sido sua função lidar com eles. Na vida privada, ela tivera por critério evitá-los.

– E você, Julia, por que não chega mais perto? – sugeriu.

O trio sorriu e Kate bateu a foto.

Olhou para os dois do outro lado da mesa baixa e entulhada, seu marido e o outro homem. Este completamente imerso em uma confiança que brotava de algum poço profundo, originário sabe Deus de onde – talvez tivesse sido astro de algum esporte, ou possuísse memória fotográfica, ou fosse impressionantemente bem-dotado – e que esbanjava melifluidade, fluidez, como se todas as suas engrenagens estivessem bem azeitadas, perpetuamente lubrificadas e funcionando com eficiência, o que se manifestava em movimentos físicos suaves e sorrisos travessos e uma sexualidade inegavelmente animal. Esse homem não passava a mão no cabelo, não ajeitava o colarinho, não corria os olhos apressados pela sala nem matraqueava a esmo: não se inquietava de modo algum.

E havia o outro marido, despojado dessa confiança. Seu suprimento de autoestima estava comprometido – um poço vedado ou uma tubulação partida, que deixava aflorar apenas um filete, não o bastante para conter seu nervosismo e sua insegurança, impedir que sua linguagem corporal fosse espasmódica, com rangidos e guinchos e ângulos incômodos. Esse era o seu homem, o que não apenas a desejava, mas precisava dela, e não só de passagem, mas desesperadamente. Era o legado da criação que Kate tivera, o resultado de sua própria reserva finita de autoconfiança, de sua avaliação de si mesma no mundo: ela precisava muito ser necessária. Tinha gravitado para homens que mais tendiam a precisar dela que a desejá-la. Casara-se com o que mais necessitava dela.

Outra vez o homem a olhou fixamente, desafiando-a enquanto ela o olhava. Ciente de que Kate estava pensando nele, queria que soubesse que ele também estava pensando nela.

Kate não pôde deixar de se perguntar como seria ficar com um homem que não tivesse a mínima necessidade dela, que meramente a desejasse.

Kate não tinha visto ninguém pedir, buscar nem entregar a terceira garrafa de champanhe, mas era impossível que essa ainda fosse a segunda. Ela estava com calor e com sede. Bebeu um gole demorado, e mais outro, antes de Julia puxá-la de novo para a aglomeração pulsante da pista de dança, todos no

mesmo movimento e na mesma batida, todos suados, a luz estroboscópica varrendo lentamente o salão, o globo de espelhos piscando.

Dexter estava absorto na conversa com uma mulher de beleza estonteante, que era apresentadora de jornal num canal de notícias. A francesa queria se mudar para Washington e fazer cobertura política.

Estava interrogando Dexter em busca de informações que ele não possuía. Kate não se ressentiu da evidente empolgação do marido, refestelado no brilho das atenções de uma mulher inatingivelmente deslumbrante.

Estavam todos para lá de bêbados.

Julia havia aberto mais um botão da blusa, ultrapassando o limite entre o sensual e o exibicionista.

Mas metade das mulheres da boate estava no mesmo nível de nudez.

Kate desviou os olhos de Julia, atravessando os obstáculos de luzes e formas, a vista atraída para a parede oposta, onde Bill estava arriado junto a uma bela mulher, que virou a cabeça e, aparentemente, lambeu sua orelha.

Kate olhou de relance para Julia, que dançava de olhos fechados, alheia.

Tornou a vasculhar aquele mar tempestuoso de corpos. Agora era Bill quem se virava para o pescoço da jovem. Ela sorriu e fez um sinal afirmativo com a cabeça. Bill a segurou pelo pulso e a levou embora.

Agora os olhos de Julia estavam abertos, mas ela não fitava nenhum ponto próximo do marido.

Kate viu Bill afastar-se com a moça por um desses corredores de boates e bares que conduzem à privacidade, a toaletes e quartinhos de material de limpeza e depósitos e portas traseiras que dão para becos. A lugares a que as pessoas se dirigem, tarde da noite, apalpando-se e apertando-se, abrindo o zíper das calças e puxando a calcinha para o lado, sôfregas e numa pressa urgente.

Kate piscou bem devagar, deixando os olhos fechados por algumas batidas altas da música tecno.

Julia deslizou para longe, dançando com um rapaz alto e muito magro; tinha a boca úmida e entreaberta, os dentes cintilando, a língua roçando os lábios devagar. Uma de suas mãos estava pousada na barriga plana. Subiu até o seio, envolvendo-o, tornou a cair, passou pela barriga e desceu para o quadril, a coxa. Ela jogara a cabeça para trás, espichando o pescoço luzidio. Mantinha os olhos baixos, semicerrados, não olhava para o homem com quem estava dançando, mas para o outro lado do salão, não na direção de seu marido desaparecido, mas, como Kate soube sem nem mesmo se virar, na direção de Dexter.

Eram três e meia da manhã.

Bulevar deserto, sem leões de chácara nem mocinhas casadoiras, sem um só táxi ou pessoa à vista, mas, de repente, surgidos de lugar nenhum, lá estavam os dois, de capuz e jeans folgados e piercings e barba esparsa. Um jogou Dexter com força contra a parede. O outro fez o movimento rápido e inconfundível do

jovem nervoso ao apontar uma arma.

Kate seria capaz de visualizar os segundos posteriores em câmera lenta, quadro a quadro. Lá estavam o rosto de Dexter, em pânico, e o de Julia, cristalizado de pavor, e a calma impressionante, impassível de Bill.

– Je vous en prie. Un moment – pediu ele. – Por favor. Calma.

Kate estava meio fora do confronto principal, ignorada. Seria fácil para ela. Sabia exatamente o que fazer para acabar com aquilo: um chute rápido na lateral da cabeça, um golpe nos rins, pegar a arma.

Porém, dessa forma todos iriam querer saber como é que ela tivera a coragem e a técnica necessárias – e ela não poderia explicar.

Assim, pôs-se a pensar se sentiria falta de alguma das coisas que estava prestes a entregar a esses bandidos. Assaltante não atira em turistas nas ruas centrais de Paris, atira? Não.

Mas então aconteceu uma coisa estranha. Bill pegou a bolsa de Julia e a estendeu na direção do sujeito que segurava a arma. Os garotos balançaram a cabeça. Obviamente, não era assim que tinham planejado a situação.

– Tenez – ofereceu Bill.

Kate viu que ele sabia o que estava fazendo: empurrando a bolsa na direção da arma, chegando muito perto, forçando o outro sujeito a se colocar entre ele e as balas para pegar a bolsa. E foi nesse instante que Bill agarrou o homem desarmado, usando-o como escudo, enquanto estendia a mão e arrancava a arma do outro pelo cano, sem esforço, com atrevimento.

Todos ficaram imóveis por uma fração de segundo, tirando os olhos da arma para se entreolharem, arfantes, boquiabertos e calculando os possíveis atos seguintes...

Os jovens saíram correndo e Bill jogou a arma na sarjeta.

Tarde de segunda-feira e chovia torrencialmente.

Kate aguardava sozinha diante da escola, o guarda-chuva tão baixo que a cabeça encostava no nylon listrado e as armações de alumínio se apoiavam em seus ombros enquanto ela tentava resguardar as poucas partes não encharcadas do corpo. Da cintura para baixo, estava tudo ensoado, chapinhando, irrecuperável.

Cortinas de gotas grossas e pesadas despencavam do céu carregado e escuro, martelando o concreto, batendo na grama, espirrando ruidosamente nas poças fundas acumuladas em cada depressão ou baixada, cada fresta ou rachadura.

Os grupos de mães se dividiam por nacionalidade. Havia os de dinamarquesas de olhos azuis e de holandesas louras, de italianas de salto alto e de suecas ultrassaudáveis. Os grupos mistos de língua inglesa, dominados por britânicas pálidas, com americanas rechonchudas, australianas sempre risonhas, neozelandesas agressivamente amistosas, uma ou outra irlandesa ou escocesa. Lá estavam as indianas isoladíssimas e as japonesas totalmente inabordáveis. E as russas e tchecas e polonesas individuais e errantes, esperançosas de se fixarem na Europa Ocidental, bajuladoras, dando apertos firmes de mão, tentando se fazer convidar para ingressar na União Europeia, parecendo desconhecer – de propósito? – a inutilidade universal de tentarmos ser convidados para o que quer que seja, em qualquer época.

Havia até alguns homens espalhados por ali, sem se falarem, cada qual em sua órbita independente.

Tecnicamente, Kate já não estava de ressaca pela noite de sábado. Mas ainda se sentia fisicamente cansada, devido às poucas horas dormidas – as crianças haviam acordado no domingo às sete da manhã, indiferentes à noitada dos pais –, e continuava sentindo um mal-estar inespecífico.

Também sentia uma inquietação em parte relacionada à possível infidelidade de Bill; em parte, ao exibicionismo impróprio de Julia endereçado a Dexter; em parte, ao comportamento heroico de Bill – heroico demais? – e, em parte, a seu próprio desespero na volta ao hotel. A porta do banheiro trancada para barrar qualquer criança sonâmbula, ela caindo em cima de Dexter, faminta, pedindo mais, com mais força, enquanto em sua fantasia rodopiavam imagens incontroláveis de pessoas que não eram seu marido, e às vezes nem eram ela mesma, os corpos suados, os lábios, as línguas...

Agora chovia ainda mais forte. Ela não imaginaria que isso fosse possível.

Não conseguia compreender o que exatamente havia acontecido com os quatro, no fim da noite de sábado em Paris, e não sabia dizer se fora bom, ruim, ou as duas coisas.

– Vou chegar tarde hoje – avisou Dexter do outro lado da linha.

De novo.

Kate e os meninos tinham trocado a roupa molhada por chinelos e moletoms macios, estavam embrulhados em agasalhos. Mas ela ainda sentia dificuldade de se livrar da friagem do último de uma longa série de encharcamentos.

– Está tudo bem? – indagou.

– Está. Vou jogar tênis. Com o Bill.

Não tinham dito uma palavra sobre Julia e Bill desde o momento em que os casais haviam entrado em táxis separados, às quatro e meia da manhã, na Avenue George V, quatro dias antes.

– Ele reservou uma quadra num clube, mas seu parceiro habitual não pode ir hoje.

Uma imagem cruzou a mente de Kate: Bill sem camisa, no vestiário, abrindo o cinto, tirando a...

Ela repôs o fone no gancho, ao lado do laptop, de frente para a paisagem geralmente majestosa, que nesse momento era uma vastidão de nuvens, neblina e chuva em contraste com os marrons e cinza das árvores desfolhadas, os ardósia e pretos dos telhados de pedra, os bege e castanhos das fortalezas de pedra e dos afloramentos de rochas e das ruas calçadas de pedras.

Era melancólico, e ela estava sozinha de novo, chegando de outra tarde de quarta-feira no subsolo sem janelas do centro esportivo, onde conversara sobre depilação de virilha. Kate já fora uma pessoa que fazia coisas. Não só coisas prosaicas normais de trabalho, mas coisas de vida e morte.

Atravessar ilegalmente a fronteira de um país. Fugir da polícia. Contratar assassinos, pelo amor de Deus! E agora dobrava a roupa limpa. Seria mesmo possível que sua vida houvesse se transformado nisso? – Quando é que o papai vem pra casa? – perguntou Jake, apertando o ursinho de pelúcia junto ao peito, o irmão em silêncio a seu lado, os dois com frio e cansados e querendo o papai, de novo.

– Eu sinto muito, meu amor – disse Kate. – Ele só vai chegar depois que vocês estiverem dormindo.

Ben deu meia-volta depressa, zangado, e se afastou. Mas Jake continuou ali: – Por quê? Por que ele não pode ficar em casa? – perguntou.

– Ah, ele quer ficar, meu amor. Mas às vezes precisa fazer outras coisas.

O menino enxugou uma lágrima no rosto e Kate o envolveu nos braços.

– Desculpe, Jake. Mas prometo que o papai vai lhe dar um beijo quando chegar, está bem? Ele fez que sim, lutando com outras lágrimas, e se afastou, amuado, para ir ao encontro do irmão, que já estava ocupado com o Lego.

Kate sentou diante do computador. Saiu de alguns arquivos – mobília alugada de luxemburgo, escolas de luxemburgo e serviços de utilidade pública-

luxemburgo. Esperou o aparelho localizar o sinal da rede sem fio. Olhou para a tela, criticando-se pelo que estava prestes a fazer, pelo que esperava descobrir e por não ter certeza se queria descobrir ou não.

Não lhe ocorreu que estava fazendo exatamente o que se esperava que fizesse.

Mas, antes que pudesse fazer qualquer coisa, o telefone voltou a tocar.

– Muito obrigada – disse Julia. – Eu me sinto completamente perdida sem internet.

– Imagina! Kate fechou a porta depois que ela entrou.

– Sei exatamente o que você está sentindo. Meninos, digam oi à Julia.

– Oi! – Olá! Finda a novidade de ter a campanha tocando, voltaram correndo para a cozinha, para suas tarefas culinárias: Ben descascava cenouras, Jake as cortava em pedaços grandes. Os dois estavam trepados em banquinhos junto à bancada, muito concentrados, tomando cuidado para não se machucarem.

– Você tem ajudantes de mestre-coza – observou Julia.

– É.

Os meninos estavam cuidando dos ingredientes para um ensopado de frango. Tinham o livro de receitas aberto na bancada, embaixo de uma prateleira com meia dúzia de outros livros de receitas, todos comprados na Amazon inglesa.

Julia foi andando para a sala.

– Nossa! – exclamou, notando a vista. – Isto aqui é lindo.

– Obrigada.

Já estavam no interior da sala, depois de cruzar duas portas e dobrar uma curva para longe dos meninos. Bem longe dos ouvidos deles. Se em algum momento iam mencionar a noite de sábado, seria agora. Mas não.

– Bem, o computador fica ali – disse Kate, apontando o quarto de hóspedes.

– Obrigada de novo. Fico mesmo muito grata. Devo demorar uns dez minutos, tudo bem? – O tempo de que precisar.

Kate deixou Julia sozinha.

Os meninos estavam dormindo, Dexter no tênis com Bill e Kate sozinha sob o brilho cinzento da tela, mãos apoiadas de leve nas teclas, os indicadores acariciando as bordas do J e do F. Sentiu um calor, uma comichão. Estava em busca de uma atividade, para diminuir seu tédio. E de uma imagem, para alimentar sua fantasia.

Digitou: b i l l e s p a ç o m a c l e a n .

A primeira página de busca revelou uma personalidade coerente que tinha esse nome, mas não era a que ela procurava. Kate rolou páginas e mais páginas de resultados – sete, oito, nove, dezenas de links –, mas nenhuma era de um corretor de câmbio recém-transferido de Chicago para Luxemburgo, com cerca

de 40 anos de idade.

Nada no Facebook. Nem no LinkedIn. Nenhuma atualização de ex-alunos universitários nem lista de estudantes do ensino médio nem fotos em páginas de associações nem referências em publicações.

william espaço maclean.

Um conjunto ligeiramente diferente de links, mas na maioria os mesmos. Num site de segunda classe de redes profissionais, havia uma página de um William Maclean de Chicago, listado como profissional de finanças, e mais nada. Nem foto nem links nem biografia, nada de sólido.

Ela experimentou outras grafias – Mclean, McLean, Maclane, Maclaine –, mas os resultados foram quase exatamente os mesmos. Nenhum dos homens encontrados era ele.

– E quanto ao Santibanez? – Evan tinha perguntado.

– Ouvi dizer que foi o Leo – Kate havia respondido.

– É, todos ouviram isso. Sabe alguma coisa mais específica? Agora que a conversa estava finalmente em curso, Kate se sentia aliviada. Demorara muito para acontecer. Ela ficara surpresa com tantos rodeios, tantos interrogatórios e execuções e assassinatos que obviamente não tinham nada a ver com ela.

– Nada.

Evan deu uma olhada no bloco: – Ele foi morto em Veracruz. Duas no peito, uma na cabeça. Sem sequestro, sem carnificina, sem espetáculo.

Exatamente como ela fora treinada a fazer.

Foi nesse momento da conversa – do depoimento, do interrogatório – que Kate finalmente compreendeu o objetivo daquela falação interminável sobre violência: estavam fazendo com que ela se lembrasse de que, apesar de haver deixado o trabalho de campo fazia cinco anos, ainda não se livrara da mácula das operações sujas. Nunca se livraria.

– Ou seja, não pareceu trabalho do pessoal da Narcóticos. Pareceu coisa feita por alguém do nosso ramo.

E eles sempre saberiam disso.

– Esse Santibanez, houve uma época em que ele andou com Lorenzo Romero, não? Romero fora um informante da CIA que tinha passado dados enganosos a seu agente, em troca de enormes somas em dinheiro dos narcotraficantes. Infelizmente, as informações falsas tinham feito seu contato na CIA levar um tiro na cabeça e ser desovado no porto de Tampico. Toda a divisão do México havia concordado em ir à forra, e Kate, a única mulher do grupo, seria a pessoa mais indicada a atrair o notório mulherengo para uma situação em que ele fosse pego desprevenido.

– Como eu disse, não sei nada específico sobre o Santibanez.

– Certo.

Evan meneou a cabeça, olhos voltados para o bloco.

– E quanto a Eduardo Torres? Kate respirou, nem muito fundo nem muito leve. Ali estava, finalmente.

Dexter estava em Londres no dia da mudança: a companhia locadora apareceu às oito da manhã com um pequeno guindaste e recolheu todas as peças – sofás e camas, roupas de cama e mesa, louça, escovas de limpeza e aspirador de pó. Cadeiras, cómodas, uma escrivaninha, uma mesa de jantar.

Tudo já saíra pela janela às dez da manhã. Papéis assinados, caminhão fechado e na estrada.

Era outro dia escuro e chuvoso de outono. A janela passara a manhã inteira aberta. O apartamento estava frio e vazio. Kate, de novo sozinha.

Sozinha e aguardando a chegada do contêiner embarcado, após três semanas esperando a liberação da alfândega. O mesmo contêiner laranja que partira de sua calçada em Washington, dois meses antes, quando ela ficara sozinha naquela outra casa vazia, os papéis assinados para atestar que tudo fora embalado e carregado e preso a um caminhão preto espalhafatosamente decorado com silhuetas em neon de mulheres com seios incredivelmente grandes, com destino ao porto de Baltimore, para ser posto no cargueiro Osaka e atravessar o Atlântico em onze dias, até a Antuérpia, e depois ser engatado num caminhão branco de uma companhia holandesa de frete, um sem decoração alguma, que agora dobrava a esquina ali, em frente a esse apartamento vazio onde de novo ela estava sozinha, enquanto o marido trabalhava no mesmo emprego num continente diferente e os filhos estavam na escola aprendendo as mesmas coisas, e o que havia no contêiner era igual, e as grandes diferenças eram o lugar em que ela estava e quem ela era. No meio da Europa, a nova Kate.

– O Dexter parece um ótimo marido. Ele é? Era comum as conversas com Julia ficarem muito mais pessoais do que Kate gostaria. Julia exibia sem pudor sua necessidade de intimidade, praticamente implorando que Kate se abrisse com ela.

Apesar de se mostrar extrovertida e confiante, era tremendamente insegura. Não dera sorte no amor, não acreditava em relacionamentos e a intimidade a constrangia. Fora solitária a vida inteira, tal como Kate, até topar por acaso com Bill. Mas continuava sozinha, ainda temia que sua felicidade pudesse ser arrancada a qualquer momento, por razões que fugiam ao seu controle.

Kate não sabia responder à pergunta de Julia – não saberia nem mesmo dar uma resposta a si mesma. Sua relação com Dexter tinha melhorado logo depois da mudança: ele fora surpreendentemente atencioso e os dois haviam ficado mais próximos, mais íntimos. A mudança lhes fizera bem, tinha sido boa para o casamento. Embora ainda não fosse boa para Kate como indivíduo.

Mas depois Dexter fora ficando cada vez mais ausente, viajando sabe-se lá para onde. Ela mal tinha disposição para ouvir seus itinerários. E ele ficara

também mais e mais evasivo, distante e distraído quando estava em casa.

Kate não conseguia decidir se devia ou não quebrar a promessa que fizera a si mesma de não desconfiar do marido. E se cedesse a essa ânsia e se permitisse ficar desconfiada: de quê? De traição? De que ele estivesse passando por algum tipo de crise psicológica? Será que os planos dele para o emprego estavam dando errado e ele não queria lhe contar? Será que ele estava aborrecido com ela por alguma razão? Kate não saberia identificar em que área estava o problema. Ou sequer se existia algum. E, mesmo sentindo a vaga necessidade de falar disso, tinha uma compulsão mais forte a manter suas inquietações em segredo. Sempre ficara à vontade com o não dito; os segredos eram sua especialidade.

Olhou Julia nos olhos, fitando aquela porta para outro nível de relacionamento entre as duas, e resolveu não entrar. Como tinha feito a vida inteira.

– Sim, ele é um ótimo marido.

Kate se acomodou numa rotina.

Às terças e quintas, depois de deixar as crianças, fazia os exercícios de francês e ia para a aula.

Sua professora, uma franco-somaliana perturbadoramente jovem e bem-humorada, se impressionava com o progresso rápido e a pronúncia da aluna, que soava como a de alguém que houvesse nascido num país de língua francesa. O idioma não era difícil para Kate, depois de todos aqueles anos falando espanhol e dominando as nuances de cada região – Cuba e Nicarágua, a parte norte e a parte leste do México.

Malhava duas ou três vezes por semana. Havia aceitado a recomendação de Amber – sempre se exercitando, nunca em forma – e se matriculara numa academia bizarra, que oferecia sanduíches de presunto e cappuccino, mas não toalhas nem aulas de manhã cedo; as portas nem sequer abriam antes das nove.

Kate circulava de automóvel para encontrar coisas. Dirigiu trinta minutos até uma grande loja de brinquedos num centro comercial em Foetz, que se pronunciava fêtz. Estava à procura de um artigo que vinha se revelando difícil de achar: um boneco do Robin. Não era grande surpresa, pois quem é que vai querer o Robin, quando há tantos Batmans disponíveis? Ben, ora quem mais.

Ela foi a Metz, a 45 minutos de distância, à procura de um mixer.

Dirigia pelas vias principais de Luxemburgo – Route d’Arlon, Route de Thionville, Route de Longwy –, entrando e saindo de shoppings e centros comerciais, almoçando em restaurantes indianos com bufê de pratos quentes – frango inosso no tikka masala, naan gorduroso.

Sentava-se diante do computador pesquisando destinos de fim de semana, hotéis e atrações, voos e rotas rodoviárias, restaurantes e jardins zoológicos.

Mandava lavar o carro em lugares diferentes. Num deles, ficou presa por

meia hora. Um funcionário solícito, de macacão, ia vê-la a todo momento, a intervalos de minutos. A certa altura, mencionou que ela podia ficar à vontade para chamar a polícia.

Cortou o cabelo. Havia muitas pessoas com cortes de cabelos estranhos em Luxemburgo, e ela não conseguiu escapar de ser também uma vítima. Foi por pouco, mas não conseguiu avisar a tempo que não queria nada dos mullets, franjas e moicanos em que os cabeleireiros do lugar eram especializados.

Comprou persianas, tapetes, jogos americanos e porta-xampus.

Comprou e instalou um suporte extra para toalhas no banheiro do casal, o que levou à aquisição de uma furadeira elétrica. E a fez retornar à loja de ferragens para comprar as brocas, que não vieram com a furadeira. E voltar de novo, em busca das brocas diamantadas de que precisaria para furar o que estivesse por trás do emboço das paredes. Cada viagem de ida e volta à loja demorava uma hora.

Kate se encontrava com outras mulheres para tomar um café ou para almoçar. Quase sempre era Julia, mas às vezes era Amber, ou Claire, ou qualquer outra; não havia ninguém com quem não tentasse. Holandesas e suecas, alemãs e canadenses. Ela era embaixadora de si mesma.

E também a babá da família. Ficava no chão com os meninos, montando Lego ou blocos de madeira, manuseando os recortes de papelão de quebra-cabeças de 36 peças. Lia livros e mais livros e mais livros em voz alta.

Veza por outra, encontrava-se com o marido para uma refeição. Mas não com frequência. Dexter trabalhava em período integral e quase todas as noites.

Ela ansiava pela noite em que saíam juntos – que, supostamente, acontecia uma vez por semana, mas não raro era cancelada, em decorrência do trabalho ou de viagens. Em Washington, a noite de encontro não tinha sido importante, era opcional. Mas agora era algo de que ela sentia necessidade, uma oportunidade de compartilhar o lixo da vida de dona de casa, de fazer o marido expressar sua solidariedade com ela, seu apoio.

Muito daquilo parecia sem valor. Ela andava pelo apartamento catando brinquedos e roupas, endireitando pilhas de coisas, arquivando papéis. Lavava a cabeça dos meninos e lhes ensaboava as axilas e os supervisionava nas requintadas artes de lavar o bumbum, escovar todos os dentes e fazer xixi no interior do vaso, não só na direção dele.

Saía para comprar mantimentos e carregava sacolas. Preparava o desjejum e embalava o almoço e fazia o jantar e lavava a louça. Aspirava e esfregava e espanava. Separava a roupa lavada, colocava-a para secar, depois a dobrava e guardava em gavetas e cabides e ganchos.

Quando terminava as tarefas domésticas, estava na hora de recomeçar cada uma delas.

E o marido não fazia ideia. Nenhum marido sabia o que sua mulher fazia

todos os dias, durante as seis horas que as crianças passavam na escola – não só as tarefas intermináveis, mas também os passatempos, as aulas de culinária e idiomas e tênis e, em circunstâncias especiais, as aventuras amorosas com os professores de tênis. Encontrar com todas as outras mulheres para um cafezinho, o tempo todo. Ir à academia. Ao shopping. Sentar em parquinhos, molhando-se de chuva. Um dos parquinhos tinha um quiosque onde elas podiam ficar menos molhadas.

Dexter não sabia de nada disso. Assim como não tivera ideia de como Kate realmente passava os dias, nos tempos de Washington, quando ela fazia algo completamente diferente do que dizia.

Do mesmo jeito que, agora, ela não sabia exatamente o que o marido fazia o dia inteiro.

Hoje, 11h09 – Bonjour – atende Dexter. – Comment ça va? Como está? Kate corre os olhos pela galeria, deserta exceto pelo casal espanhol. O homem não para de fazer comentários em voz baixa.

Provavelmente se considera um especialista.

– Ça va bien. Bem – responde Kate.

Faz um ano que eles se mudaram de Luxemburgo para Paris, no início do ano letivo numa nova escola, numa nova cidade, num novo país. No réveillon, Kate havia chegado à conclusão de que nenhum dos dois estava progredindo o suficiente no idioma.

Assim, convencera Dexter de que deveriam falar apenas em francês às terças e quintas. Agora é uma quinta-feira, nove meses depois. Nesta conversa, porém, eles precisam quebrar a regra, precisam garantir de que tudo será compreendido.

– Acabei de topar com uma velha amiga – diz Kate. – Julia.

Dexter passa um segundo em silêncio e ela não o pressiona. Sabe que o marido está pensando no significado da chegada dessa mulher.

– Quelle surprise – diz ele, sem demonstrar qualquer surpresa, na verdade. – Faz muito tempo.

Nem Kate nem Dexter viram Julia desde sua partida apressada, mas não inesperada, de Luxemburgo, no penúltimo inverno.

– Podemos nos encontrar para um drinque logo à noite? Bill também está em Paris.

Dexter faz outra pausa de um segundo: – Está bem. Será divertido pôr a conversa em dia.

– Sim – concorda Kate. Mas não está pensando em quanto vão se divertir.

– Então, que tal às sete, no café do Carrefour de l'Odéon? – Claro. Perfeito.

O café fica na esquina próxima à garagem em que eles estacionam o carro, a meio quarteirão de uma estação de metrô movimentada. Tem banheiros minúsculos e sem janelas, sem salas nos fundos nem entrada de serviço. Não há

onde se esconder, nenhuma forma de surpreender ninguém pelas costas. As mesas da varanda proporcionam uma vista sem obstrução de todo o cruzamento. É o lugar perfeito para tomar uma bebida. E o lugar perfeito do qual escapar depressa.

– Vou ligar para Louis e reservar uma mesa – diz Dexter. – Aviso se houver algum problema.

Kate sabe que não haverá problema, não com Louis e a mesa. Mas é capaz de imaginar muitos outros problemas, quase todos terminando com a conta sendo fechada e uma nota cor-de-rosa de 50 euros presa sob o pesado cinzeiro de vidro do café, depois os passos apressados dobrando a esquina, o afivelar rápido dos cintos de segurança nos bancos macios da caminhonete, com as crianças já seguras no banco de trás, o adeusinho a Sylvie, a babá, a corrida em direção ao Sena e a travessia da Pont Neuf, depois a pista de velocidade sob o cais, fluindo para a autoestrada leste, seguindo na mesma direção pela pista larga de trânsito leve da A4, depois rumo ao norte pela A31, e aí entrar numa nação diferente e em estradas diferentes, que aos poucos se estreitam e se tornam sinuosas e íngremes, até parar, finalmente, quatro horas depois de sair do estacionamento à margem esquerda do Sena, diante dos muros de pedra da casa de fazenda caiada de branco, num planalto pontilhado por árvores nas profundezas da quase despovoada floresta das Ardenas.

E, no banheiro do andar inferior da casinha de pedra, atrás do painel de saída de ar do aquecimento quebrado, chegar a uma caixinha de aço fixada com imãs potentes.

– Está bem. Ah, Dexter, Julia me pediu para lhe dar um recado.

A fuga para as Ardenas é uma coisa que já treinaram. Fizeram uma simulação.

– Sim? – O coronel morreu.

Dexter não reage.

– Dexter? – Sim, entendi.

– Então, está bem. À bientôt.

E, dentro da caixa no banheiro da fazenda, pilhas bem arrumadas de cédulas novinhas, 1 milhão de euros, dinheiro impossível de rastrear. Dinheiro para a vida nova.

O casal espanhol saiu da galeria. Kate fica só, olhando para as fotografias, imagens de água e areia e céu, água e areia e céu, água e areia e céu. Uma sucessão ininterrupta de azuis e bege em matizes de cinza e branco. Linhas hipnóticas, abstrações de lugares tão abstratos que já não são lugares, apenas linha e cor.

Talvez uma praia, pensa Kate. Talvez uma praia distante seja nossa próxima residência. Depois de desaparecermos daqui.

Era complicado telefonar para qualquer pessoa nos Estados Unidos, por causa da diferença de fuso combinada com o horário escolar. Kate ficava livre durante a manhã inteira, mas nesse período todos dormiam na Costa Leste dos Estados Unidos, ou, no máximo, tomavam o café da manhã. Quando eram nove horas em Washington, ela estava buscando as crianças e na companhia delas, na mercearia e no açougue e na padaria, em parquinhos e no centro esportivo, dirigindo e arrumando e cozinhando.

Quando já não estava ocupada – filhos de banho tomado e na cama, louça lavada, casa impecável –, sentia-se exausta, desconcentrada, e assistia à última temporada dos seriados do canal HBO no iTunes, o laptop ligado ao televisor por cabos grossos e cheios de tomadas.

Só havia uma pessoa na zona de seu fuso horário para quem podia telefonar. Discou o número comprido, que foi atendido ao primeiro toque.

– Alô.

– Oi – disse ela. – Estou entediada.

Não disse seu próprio nome nem o dele. Nada de nomes por telefone, jamais.

– Na verdade, mais entediada que nunca. Em toda a minha vida.

– Sinto muito – disse ele.

– Tenho lavado roupa.

– Isso é ótimo – comentou o homem. – É importante vestir a família com roupa limpa.

Kate percebeu que essa conversa – solidão, lavagem de roupa – soava exatamente como um espião transmitindo informações codificadas a um agente.

– Diga-me alguma coisa interessante – pediu.

– Interessante? Hum... vamos ver. Nenhum presidente norte-americano foi filho único. Todos tiveram irmãos. Se não biológicos, ao menos por afinidade.

Ela conhecia Hayden desde o início da carreira. Passado tanto tempo, havia esquecido como era marcante sua fala arrastada, enfatiada, seu sotaque afetado da elite nova-iorquina. Ninguém falava como ele em Luxemburgo. Nem mesmo os britânicos.

– Essa merece um quatro.

– Ah, que injustiça. Estatisticamente, vinte por cento das crianças americanas são filhos únicos. E nem um único presidente norte-americano cresceu assim? Ora, vamos.

– Está certo, acho que merece cinco – disse Kate, sem lutar contra o impulso de sorrir, apesar de seu humor péssimo. As curiosidades divertidas de Hayden sempre a animavam. – Eu me sinto só.

– Sei que é difícil – disse ele. – Mas vai melhorar.

Hayden passara toda a sua vida adulta morando no exterior. Sabia do que estava falando: – Eu garanto.

– Talvez o papai queira nos contar o que fez hoje.

Jake e Ben não levantaram a cabeça de suas fatias marrons de “Böfflamott” (página 115 de um livro de receitas tradicionais da Baviera). Se tinham consciência de que um de seus pais acabara de iniciar o ataque contra o outro, também sabiam que essa batalha não era deles.

Dexter não disse nada.

– Ou talvez o papai ache que a mamãe não é inteligente o bastante para entender o trabalho dele.

Dexter parou de mastigar.

– Ou talvez o papai simplesmente não se importe com a curiosidade da mamãe.

Jake e Ben se entreolharam rapidamente, depois voltaram os olhos para o pai.

Kate sabia que não estava sendo justa. Não devia fazer isso. Mas fora vencida pelo ressentimento.

Lavara três banheiros nessa tarde. Lavar banheiro estava no topo da lista de tarefas que ela odiava.

Dexter baixou o garfo e a faca: – Exatamente o que você quer saber, Kat? Ela estremeceu ao ouvir esse uso proposital de seu antigo nome.

– Quero saber o que você faz.

Nunca havia bisbilhotado a vida profissional do marido, pelo menos não na cara dele. Os dois sempre tinham formado um casal em que um dava amplo espaço ao outro. Era uma das coisas que ela mais apreciava em Dexter: sua disposição de não saber. Agora, era Kate quem queria saber.

– O que você fez hoje? Será que é demais perguntar? Ele sorriu, por causa das crianças.

– É claro que não. Vejamos. Hoje eu planejei a primeira parte de um teste de penetração que vou fazer daqui a umas duas semanas.

Isso parecia uma relação sexual experimental.

– Um teste de penetração é quando um consultor como eu tenta invadir a segurança de um sistema.

Há três abordagens principais da invasão. Uma é o método puramente técnico: achar um furo, uma brecha no sistema, por onde você possa entrar, abrir tudo e circular à vontade.

– Como o quê? – Como um computador não monitorado que esteja ligado ao sistema e não seja protegido por uma senha. Ou, se for protegido por senha, que tenha um nome de usuário fácil de descobrir, ou que ainda esteja com a configuração-padrão. Como um nome de usuário que seja usuário e uma senha que seja senha. Alguns sistemas podem ser invadidos em poucas horas. Outros

podem exigir meses. E, quanto mais tempo demora, maior a probabilidade de que o invasor desista dele e vá procurar um alvo mais fácil.

Ele olhou para a carne no prato dos meninos antes de prosseguir.

– A segunda abordagem é puramente física: invadir um local. Passar de fininho pelos guardas, entrar pela janela, subir pelo porão. Ou partir para a força bruta: chegar com homens e armas de fogo. A abordagem física não é minha especialidade.

– Eu não imaginaria que fosse.

– O que quer dizer com isso? – Nada. Qual é a terceira abordagem? – A terceira costuma ser a mais eficaz. Engenharia social. É quando se manipula uma pessoa para obter acesso.

– Como é que se faz isso? – Todos os métodos giram basicamente em torno do mesmo princípio: fazer as pessoas acharem que você está do lado delas, quando não está.

Engenharia social. Fora essa a carreira de Kate.

– E o mais eficaz é uma combinação dos três: engenharia social para chegar fisicamente ao local, onde você usa suas habilidades técnicas. É assim que se paralisa o funcionamento de governos, assim que se roubam grandes segredos industriais e se aplicam golpes em cassinos. E, o que é mais importante para mim, é assim que se roubam bancos. Esse é o pior pesadelo dos bancos.

Dexter deu uma mordida na carne.

– É para isso que estamos aqui.

Tomou um gole de vinho.

– É isso que eu faço.

Pela janela, Kate contemplou a escarpa que descia centenas de metros até a garganta do rio Alzette, a moderna ponte de aço de quase meio quilômetro, o antigo aqueduto da ferrovia, as fortificações medievais, os gramados de um verde exuberante, as florestas densas, o casario com seus telhados enegrecidos, as agulhas altíssimas das torres, o rio de águas céleres, a ladeira que vinha dos prédios comerciais de vidro e aço do planalto de Kirchberg e, encimando tudo, a vastidão de um luminoso céu azul. Era uma vista espetacular, uma vista de possibilidades infinitas. Uma paisagem que resumia a Europa.

Em seguida, ela voltou os olhos para o computador. O site da Julia Maclean Design de Interiores não era outra coisa senão bem produzido. Trabalho profissional. Apoiava-se maciçamente na música de fundo e em imagens que esmaeciam devagar, em letras de tamanhos e estilos variados e em frases banais. Havia algumas dúzias de imagens de cômodos residenciais aprazíveis, porém sem maior destaque. Segundo uma das páginas, a intenção estética era o “tradicional eclético”, o que parecia significar a combinação de antiguidades norte-americanas de aparência cara com máscaras tribais africanas, banquetas chinesas e cerâmica mexicana.

Não havia depoimentos de clientes nem endossos de celebridades. Não havia página de menções na imprensa local nem links para outras matérias. A biografia dizia: Nascida em Illinois, Julia Maclean graduou-se em arquitetura e produtos têxteis e tem especialização em belas-artes, com foco em design de interiores. Foi estagiária em empresas de prestígio antes de abrir o próprio escritório e, na última década, conquistou seguidores fiéis de sua abordagem extravagante e tradicional de interiores requintados. Igualmente à vontade trabalhando em ambientes modernos ou tradicionais, Julia está entre os decoradores mais requisitados da região da grande Chicago.

Na página de contato havia um endereço de e-mail, mas nenhuma localização física, nenhum número de telefone ou fax, nenhum nome de funcionários ou colegas, sócios ou referências.

Em todas as atraentes páginas do site, não havia uma única informação concreta que se pudesse ligar a qualquer pessoa ou lugar reais.

Kate já já vira sites como esses. Eram história. Apenas a capa de um disfarce.

– Meninos! – gritou, ignorando momentaneamente o marido. Ignorando, não; apenas não sendo receptiva. – Café da manhã! Pôs as panquecas na mesa de jantar, uma delas coberta de Nutella, a outra, de uma pasta com gosto de biscoito de canela, ambas enroladas e bem apertadas. Não parecia haver waffles congelados nesse país. Por sorte, os meninos vinham se mostrando flexíveis quanto às diferentes formas de açúcar para comer no café da manhã.

Uma coisa em relação à qual não eram flexíveis era o fato de não verem o pai todos os dias. Kate estava se descobrindo incapaz de suportar as queixas deles sobre a ausência paterna, o que tinha muito jeito de insatisfação com seu desempenho como mãe. Se os meninos precisavam tanto do pai, devia ser por não gostarem dela o bastante. Os fatos provavam a teoria.

Racionalmente, ela sabia que isso não era verdade. Mas tinha a sensação irracional de que era.

– Não – disse, virando-se para Dexter, zangada e deixando a raiva transparecer, de propósito. – Não me lembro de você ter dito porcarias nenhuma sobre ir a Sarajevo esta semana.

Tentou acalmar-se, lembrar a si mesma que as viagens de negócios quase nunca eram opcionais; eram desgastantes, não relaxantes; solitárias, não divertidas. E Sarajevo era um dos últimos lugares do mundo a que Dexter desejaria ir. Tinha profunda mágoa de toda a região da antiga Iugoslávia, por causa do assassinato do irmão.

– Bem, desculpe. Mas eu vou – disse ele.

Kate não deveria ficar ressentida por ele se ausentar, por deixá-la a sós com os filhos numa terra estranha, sozinha e solitária. Mas ficava.

– E quando você volta? As crianças se acomodaram nas cadeiras, olhos

fixos na televisão. Em Washington, nunca tinham assistido a um único episódio de Bob Esponja; não sabiam da existência dele. Agora estavam vendo Bob l'Éponge, uma versão francesa.

– Na sexta-feira à noite.

– O que você vai fazer, exatamente, em Sarajevo? Seria a segunda viagem de Dexter para lá, que se somaria a uma a Liechtenstein, uma a Genebra, uma a Londres e uma a Andorra.

– Ajudar uns clientes do banco a melhorarem a segurança.

– O banco não tem gente na Bósnia para fazer isso? – É para isso que eles me pagam: para deixar os clientes à vontade. É o meu trabalho, Kat.

– Kate.

Dexter deu de ombros. Ela abriu a boca para gritar com o marido, mas não pôde, não queria gritar na frente dos filhos.

Bateu com força a porta do banheiro. Debruçou sobre a pia, que fora esfregada até ficar limpa por ninguém menos que ela mesma. Olhou para o espelho, as lágrimas brotando. Enxugou um olho, o outro, mas não adiantou, agora estava chorando. Massacrada por sua solidão, sua exclusão. Incapaz de imaginar como, em algum momento, chegaria a se sentir como uma daquelas outras mulheres: satisfeitas com essa vida, sentadas a uma mesa de café, rindo enquanto conversavam sobre as dificuldades de se livrarem de pelos indesejados. Divertindo-se. Ou, pelo menos, criando uma aparência convincente para Kate, para as outras e para si mesmas, de ter uma vida agradável.

Kate e Dexter não levavam uma vida agradável, ainda não. Haviam tirado cópias autenticadas de seus passaportes e certidões de nascimento e da certidão de casamento, a fim de solicitarem vistos de residência. Haviam aberto contas bancárias e feito contratos de seguros, comprado telefones celulares e eletrodomésticos portáteis e armários pré-fabricados e almôndegas congeladas. Tinham ido à segunda maior cidade do país, Esch-sur-Alzette, para comprar uma caminhonete Audi usada, com câmbio automático e menos de 50 mil quilômetros rodados. Achar esse carro consumira duas semanas de buscas na internet, intervalo que correspondia com precisão ao tempo que eles tinham levado para descobrir que a palavra “break” significava “caminhonete”.

Vinham ticando itens numa lista de providências presa à geladeira com um ímã. Havia dezenove itens na lista. Eles haviam riscado quinze.

O último item estava sublinhado: Aproveitar a vida.

Talvez essa história toda fosse um terrível erro.

– Não sei nada específico sobre Torres – dissera Kate.

– E inespecífico? – questionou Evan.

Ela fez força para não desviar os olhos. Vinha esperando por essa linha de interrogatório desde o começo do processo. Fazia meia década que esperava por ela.

– Não faltavam inimigos para Torres – disse.

– Sim. Mas, na época do falecimento, ele andava em baixa. Foi uma ocasião estranha para ele ser eliminado.

Kate mal conseguiu manter o contato visual.

– Os ressentimentos são atemporais – afirmou.

A caneta de Evan estava pousada sobre o bloco, mas não houvera nada que valesse a pena escrever.

Ele bateu com a esferográfica no papel, quatro batidinhas lentas, mantendo o ritmo.

– Sim – concordou –, são mesmo.

– Ora, ora, ora, se esta não é uma surpresa agradável! Kate ia caminhando pela Grand Rue, ladeada por confeitarias, chocolaterias, açougues, lojas de lingerie, sapatarias, joalherias e farmácias. A via de pedestres ficava parcialmente aberta ao tráfego na parte da manhã, para entregas. Caminhões compactos avançavam aos milímetros pela rua ou estacionavam em frente às lojas. Havia vendedoras abrindo portas, carregando embrulhos, verificando o cabelo e a maquiagem; entregadores operando elevadores hidráulicos, empurrando carrinhos, carregando caixas volumosas. E ali estava o suposto Bill Maclean, o inexistente corretor de câmbio de Chicago.

– É, com certeza – concordou Kate. – O que o tirou do escritório esta manhã? Kate andara querendo falar com Dexter sobre sua investigação. Divertira-se, em parte, com a descoberta de que os Maclean, em certo nível, eram pura ficção. Mas também imaginava cenários em que eles estariam fugindo da falência, ou fariam parte do programa de proteção a testemunhas, ou seriam mafiosos escondidos. Ladrões de banco, assassinos, bandidos perigosos em fuga. Ou, quem sabe, até agentes da CIA.

Mas havia alguns obstáculos à ideia de falar com Dexter sobre suas suspeitas. Primeiro, Bill vinha se tornando amigo dele rapidamente. Seu único amigo. Os dois voltaram a jogar tênis, novamente seguido por um jantar, e Dexter havia chegado em casa tarde e contente.

Kate e Dexter tinham comparecido juntos a uma degustação de vinhos, organizada pelo Clube das Mulheres Americanas de Luxemburgo, e a uma festa na escola. Tinham ido ao cinema e ao teatro.

Haviam sido convidados para jantar na casa de uma família e recebido outra na casa deles. Podiam dizer que conheciam algumas pessoas. Mas na verdade era Kate que conhecia algumas mulheres; Dexter meramente a acompanhava por ser seu marido, conversando sobre banalidades com banqueiros ingleses, advogados holandeses e vendedores suecos. Bill Maclean, porém, era amigo de Dexter e Kate não queria lhe tirar isso. Não queria dar a impressão de desejar afastá-los.

O segundo empecilho era não querer admitir que parte do impulso de

vasculhar a internet representava um antigo hábito de não confiar em ninguém. Um hábito cuja gênese estava no reconhecimento de que ela mesma não era confiável.

– Xi – fez Bill, com um sorriso malicioso. – Parece que você me pegou.

– Fazendo o quê? Em terceiro lugar, de modo algum ela podia admitir que parte da motivação – uma parte minúscula, porém existente – era atração sexual.

– Bem, minha mulher está fora da cidade. Foi a Bruxelas hoje cedo.

Kate se resignara a não dizer nada a Dexter sobre a natureza fantasmática dos Maclean. Não até que – ou a não ser que – descobrisse outras coisas. Ou até que tentasse descobrir mais e não conseguisse desencavar nada, o que em si já seria uma descoberta.

– Por isso, estou andando pela ville – ele se aproximou um passo, depois mais um, e cochichou no ouvido dela – à procura de uma mulher com quem possa passar o dia na cama.

O queixo de Kate caiu.

O sorriso de Bill se alargou até virar uma risada.

– Brincadeira – disse, exibindo uma sacola. – Eu precisava comprar uma coisa na loja de informática.

Kate lhe deu um tapinha no peito, não muito forte.

– Cretino.

Olhou para ele, intrigada. Bill retribuiu o olhar com ar brincalhão. Isso poderia ser divertido.

Talvez fosse bom para Kate e Bill, e até, de certo modo, beneficiasse todos os quatro. Um flertezinho inofensivo. Todo mundo tinha um.

– Foi uma manobra e tanto aquela sua em Paris – comentou ela. – Muito valente. Muito máscula.

– Ah, pfff – fez ele, com ar de chacota. – Não foi nada.

– Onde você aprendeu a fazer aquilo? – Não aprendi. Foram só os meus reflexos, rápidos como o raio.

Não parecia verdade, mas Kate sabia que não convinha forçar a barra.

– Julia foi mesmo a Bruxelas? – Foi. Queria visitar uma velha amiga que está de passagem, seja lá qual for a razão pela qual as pessoas vão à Bélgica.

– Uma velha amiga da faculdade? – Não.

– A propósito, em que faculdade a Julia estudou? Kate manteve os olhos grudados nos de Bill, em busca de algum sinal de esquivia. Não houve nenhum.

– Universidade de Illinois.

– E você? Qual é a sua faculdade? – Uau.

– Uau o quê? Bill olhou à esquerda, depois à direita: – Eu não tinha percebido que ia fazer uma entrevista de emprego aqui na rua. Como você sabe, só estava na esperança de arranjar um flerte.

Ele sorriu.

– Mas tenho que perguntar: quanto é o salário para esse cargo específico?
– Isso depende de vários fatores – respondeu ela.

– Como o quê? – Bem, onde você se formou? Uma expressão fugaz de confusão – talvez apreensão – cruzou os olhos de Bill e sua testa. Na boca, porém, o sorriso se manteve cristalizado.

– Chicago.

– Universidade de Chicago? – Exato.

– Nada mau. Em que curso? – Eu circulei um pouco.

Kate ergueu uma sobrancelha.

– Digamos que foi um curso interdisciplinar – sugeriu ele.

– Hum. E a pós-graduação? – Não fiz.

– Entendo. Emprego mais recente? – Sócio majoritário de uma firma especializada em operações de câmbio.

– Por que saiu? – Ela encerrou as atividades – respondeu Bill, num tom que soou decisivo; essa parte da brincadeira estava encerrada.

Mas ele continuou a exibir um sorrisinho presunçoso, aquele ar extremamente confiante dos sujeitos que são competentes em tudo, no esqui e no tênis e em consertos de automóveis e marcenaria, na comunicação em línguas que não falam, em dar gorjetas a porteiros e subornar guardas, nas carícias preliminares e no sexo oral.

– Escute – disse ele, tornando a dar um passo em direção a Kate –, para falar a verdade, meu emprego atual é bem bonzinho e eu acabei de começar; não estou mesmo procurando outro. Então – chegou de novo muito perto, a boca junto à nuca de Kate, os lábios em sua orelha, fazendo seus pelos se arrepiarem –, nós vamos ou não vamos para a cama? Bill estava fingindo que era brincadeira. Mas ninguém faz esse tipo de brincadeira, a menos que tenha um fundo de verdade. É um pretexto para abrir uma possibilidade, um anúncio alto e claro de que a porta está aberta.

– Pelo que sei, seu marido também está viajando.

Embora nunca tivesse sido infiel, Kate já recebera convites. Mais do que algumas vezes. E aquele tipo de falsa brincadeira fora uma das formas mais comuns de proposta.

Ela sentiu uma brecha em sua armadura, em sua luta da vida inteira contra homens como Bill: sonsos, manipuladores, perigosos. A espécie animal que era o inverso da do homem com quem ela se casara, do tipo mais civilizado que, de forma intelectual e pragmática, ela se forçara a escolher.

– Não – Kate balançou a cabeça, embora sorrindo –, nós não vamos para a cama – disse, com pleno conhecimento de que sua resposta soava dúbia.

Ainda que nunca viesse a acabar lá, sentia a vontade de se deixar conduzir por Bill.

– Se você prefere assim...

Kate havia baixado a guarda e deixado a bagunça dos meninos migrar para o quarto de hóspedes, para o escritório, o espaço em que agora esperava sentada que a internet subitamente lenta recarregasse uma página, enquanto olhava desolada para os gigantescos veículos de plástico – um avião do tamanho de um braço, um helicóptero, vários carros de polícia e caminhões do corpo de bombeiros – espalhados pelo chão. Sentia-se compelida a arrumar aquilo, mas também sentia repulsa: não suportava recolher brinquedos.

A tela piscou, voltando à vida, e a página acabou de ser carregada. Havia três campi da Universidade de Illinois: o de Urbana-Champaign formava 7 mil alunos por ano; eram 6 mil no de Chicago e 5 mil no de Springfield. Alguns cálculos rápidos resultaram num universo de 50 mil formandas da Universidade de Illinois na faixa temporal possível. Quantas poderiam se chamar Julia? Quanto a Bill, havia menos de 1.500 formandos por ano na Universidade de Chicago e, no caso dele, não existia o problema da troca do sobrenome ao se casar.

Kate fitou o número telefônico na tela, com o fone na mão. Ia mesmo fazer isso? Por quê? Sim. Porque era desconfiada de nascença e suspeitava por profissão. Porque estava entediada.

Porque não conseguia evitar.

– Sim – disse a mulher da secretaria, com o sotaque arrastado e monocórdio do Centro-oeste que nem Bill nem Julia pareciam haver herdado de sua terra natal. – Tivemos um William Maclean na turma de 1992. Seria a pessoa que a senhora está procurando? – Imagino que sim. Há algum modo de a senhora me mandar uma fotografia por e-mail? – Não, sinto muito. Não guardamos registros fotográficos de nossos alunos.

– E quanto ao anuário? – indagou Kate. – Ele deve estar no anuário.

– Senhora, nem todos os alunos optam por incluir sua foto no anuário.

– Teria como verificar? – pediu no tom mais meigo possível. – Por favor?

Nenhuma resposta. Kate achou que a ligação havia caído.

– Alô? – disse.

– Sim, senhora. Vou verificar. Aguarde, por favor.

Kate usou os instantes de silêncio para se perguntar se algum dia Dexter examinaria a conta de telefone do casal. E, caso a examinasse, ficou pensando se ele lhe perguntaria por que fizera ligações justamente para Chicago; naturalmente, ele sabia que Kate não tinha amigos lá. E, se ele de fato examinasse a conta e lhe fizesse perguntas, será que ela responderia a verdade, ou... talvez dissesse que aquilo era algum tipo de problema do serviço de atendimento aos clientes, uma coisa envolvendo... o quê?... qual poderia ser o pretexto...

– Sinto muito, senhora. Parece que William Maclean foi um dos estudantes da turma de 1992 que preferiram não incluir suas fotos no anuário.

– Que pena – disse Kate. Para não mencionar como era ilógico. O

homem que ela conhecia não era alguém que abrisse mão de ser fotografado.
Não era nem nunca devia ter sido.

Sozinha de novo. Não realmente sozinha: com os filhos, mas sem marido. Sentou-se diante do computador, outra vez.

Qual poderia ser a razão mais lógica, mais óbvia para eles criarem identidades falsas? Abriu o navegador, o pensamento vagando...

Sua primeira ideia, seu instinto mais forte, dizia que seria para se esconderem de algo terrível. Uma coisa inesquecível e imperdoável que um deles tivesse feito. Um crime. Um assassinato, e ele – ou ela? – teria sido absolvido, mas sua vida fora arruinada. E por isso os dois haviam saído do país.

Ou talvez fosse algo não violento, um crime de colarinho-branco: ele era um fraudador, um contador desonesto. Um diretor financeiro que havia adulterado documentos e entregado o presidente da empresa em troca de imunidade. Ficara com a reputação destruída, a posição social irrecuperável, e por isso os dois estavam recomeçando.

Ou então, era ela. Talvez tivesse acabado de cumprir dez anos de pena por... por quê? Corrupção de menores? Homicídio culposo por dirigir embriagada? Ele a teria esperado, não com paciência nem com fidelidade, mas teria esperado, assim mesmo. Ela fora solta. Os dois haviam trocado de nome e deixado o país.

Kate abriu uma planilha, pronta para digitar nomes e datas e crimes. Voltou à internet e encontrou os sites de notícias de Chicago. Começou a pesquisar, um crime de cada vez, procurando fotografias de réus, de condenados, de absolvidos e de libertados.

– Lamento informar – dissera Evan – que não vamos liberá-la do seu disfarce.

Era o que Kate havia esperado, depois de tudo o que tinha feito e visto. De certo modo, o disfarce permanente era um alívio, retirava o peso de ter ela mesma de decidir o que fazer. Se estava proibida de contar a qualquer pessoa, não tinha que tomar a decisão de não fazê-lo.

– Entendo. Está bem.

Evan a observou, atento, provavelmente tentando determinar até que ponto ela ficara decepcionada, ou frustrada, ou aborrecida com essa decisão. Não demonstrava nenhuma dessas coisas.

– Então, Kate, é isso.

– Isso o quê? – Terminamos.

Kate consultou o relógio. Eram onze e meia da manhã.

– Por hoje? – Para sempre.

– Ah.

Ela não empurrou a cadeira para trás, não se levantou, não fez qualquer movimento. Não queria que essa parte estivesse encerrada. Porque, quando

estivesse, seria o fim de tudo. De toda a sua carreira.

– Verdade? Evan ficou de pé.

– Verdade – confirmou, a mão estendida.

O fim implacável.

A rua de Kate descrevia uma curva suave e acabava de repente, como muitas ruas europeias. Nos Estados Unidos, eram todas compridas e retas, estendendo-se por quilômetros, espichando-se até onde a vista alcançava, por dezenas ou vintenas ou centenas de quarteirões. A síntese de Europa versus Estados Unidos. Os franceses nem sequer tinham uma palavra que correspondesse à ideia de quarteirão urbano.

Havia uma barreira na entrada da Rue du Rost, listras diagonais vermelhas e brancas numa placa de aço apoiada em cavaletes, com os dizeres rue barrée pintados em letras de forma, cuidadosamente preenchidas com tinta preta. Um policial desatento conversava com uma mulher de avental curto.

Uma garçonete fumava no intervalo do trabalho.

Kate passou em frente aos portões do palácio e viu os guardas a notarem e em seguida desconsiderarem sua presença. Olhou um deles nos olhos, um homem de rosto jovial e óculos sem aro, e deu um sorriso, mas ele não reagiu. A área de estacionamento dos fundos estava cheia de carros e gente e atividade.

Ela atravessou a rua, entrou num edifício e tocou uma campainha.

– Pode subir! – exclamou Julia pelo interfone.

O elevador era minúsculo, como o dela. Devia ter sido um desafio para arquitetos e engenheiros descobrir um modo de cavar poços de elevadores em todos aqueles prédios antigos.

– Seja bem-vinda.

Julia segurava a porta aberta com uma das mãos, usando a outra para fazer Kate entrar. Parecia haver algo de antiquado na gentileza desse gesto, algo exagerado, mas não sarcástico. Algo estranho.

– Que bom recebê-la aqui, finalmente.

Kate entrou com hesitação, ainda pouco acostumada a circular pela casa dos outros em pleno dia.

Em Washington, os únicos lugares a que ela ia durante o dia, afora o próprio escritório, eram o Departamento de Estado e o Congresso, sempre a trabalho. Sua vida social noturna geralmente ocorria em restaurantes, cinemas, teatros. Locais públicos. Parecia muito íntimo estar no apartamento de Julia, sozinha com ela, no meio do dia. Parecia ilícito.

– Obrigada por me receber.

Kate cruzou o hall e entrou num aposento comprido, que servia de sala de estar e de jantar, com uma fileira de janelas que dava para o oeste. Por cada janela tinha-se uma vista do palácio, com suas cortinas ricamente drapejadas e os portões de ferro batido, balcões com balaustradas e torreões de arenito, e uma

bandeira desconhecida esvoaçando no alto.

Julia notou que Kate observava atentamente o palácio. Seguiu seu olhar até o mastro da bandeira.

– A bandeira está hasteada – comentou. – Significa que o grão-duque está no palácio.

– É mesmo? – perguntou Kate. – É verdade? – Sim. E ela é arriada quando ele não está na residência.

– Mas, e essa bandeira? Não é a de Luxemburgo.

– Hein? – Julia se juntou a Kate à janela. – Tem razão. É a bandeira italiana, eu acho. Isso quer dizer que há algum italiano importante em visita. O primeiro-ministro, será? Ou o presidente? A Itália tem primeiro-ministro ou presidente? – Os dois – afirmou Kate, depois lembrou que não convinha ser entendida demais e acrescentou: – Eu acho.

– Bem – Julia deu de ombros –, pois um deles está ali agora.

– Aposto que você nunca tinha morado em frente à residência de um monarca.

Julia riu.

– Onde você morava? – continuou Kate.

– Em diferentes lugares de Chicago.

– A vida inteira? – Quase.

Julia deu meia-volta.

– Vou fazer um café. Cappuccino para você? Isso era típico dela: uma evasiva discreta. Ela nunca se recusava diretamente a responder uma pergunta, mas respondia sem dar detalhes e devolvia outra em seguida, desviando a conversa do assunto inicial sem chamar atenção para esse redirecionamento. Mas fora exatamente isso que havia captado a atenção de Kate, despertado suas suspeitas.

Às vezes, Julia simplesmente encontrava uma desculpa para sair do aposento.

– Um cappuccino seria ótimo.

Kate olhou para o pátio do palácio, uma área de cascalho castanho-claro e vegetação rasteira sob a copa de castanheiros e pinheiros. Uma dúzia de automóveis, quase todos sedãs Audi azul-escuros. Os veículos tinham placas com duas listras, azul e laranja, sem números, letras nem qualquer outra identificação. O único não Audi, o carro estacionado mais perto do pórtico por onde as carruagens passavam, era um Rolls-Royce clássico, majestoso e reluzente, de um azul que combinava com o de todos os outros – ou seria o inverso, provavelmente. A placa do Rolls-Royce consistia unicamente numa coroa.

Realeza. Muito diferente da mera riqueza.

Uma porção de militares luxemburgueses vagava pelo pátio dos fundos, perto de um grupo de homens de uniformes diferentes; esses deviam ser

italianos. Alguns homens de terno preto, com jeito de segurança, colocavam-se mais de lado, parecendo mais atentos que os homens de uniforme.

Kate pôde ouvir o estalar do cascalho sob as solas duras dos sapatos de verniz do homem alto que atravessou o pátio com passos largos, usando uma jaqueta militar com dragonas nos ombros. Os militares luxemburgueses ficaram em posição de sentido e bateram continência quando ele passou, sem parar nem reduzir o passo nem olhar para ninguém.

Os militares italianos não bateram continência, mas se empertigaram, pararam de falar e o observaram até que ele entrasse no pórtico das carruagens, seus saltos batendo nos tacos de madeira escolhidos por serem mais silenciosos sob os cascos dos cavalos do que o piso de pedra.

Kate começou a se afastar da janela, mas algo despertou sua atenção: no segundo andar, quase no nível dela, alguém abria uma imponente porta para uma sacada estreita. Um homem elegante, de terno escuro, deu um passo para o lado de fora e examinou o pátio lá embaixo. Enfiou a mão no paletó, puxou um maço de cigarros e tirou um com uma batidinha. Acendeu-o com um isqueiro de ouro e se debruçou sobre o parapeito baixo de pedra.

Então Kate pôde ver que sua gravata, que à primeira vista parecera ser toda azul-marinho, era de uma estampa delicada em tons escuros de azul e roxo; uma gravata belíssima.

Em linha reta, o homem não estava a mais de 30 metros de distância.

Kate não pôde deixar de pensar que seria um tiro incrivelmente fácil.

O homem no balcão do palácio deu uma tragada longa no cigarro, soltou uma grande baforada e criou três anéis perfeitos de fumaça. Kate viu seus olhos vasculharem a área de pedrinhas lá embaixo.

Aquele era exatamente o tipo de arranjo que ela havia usado na baía de Payne. Um inofensivo apartamento alugado por temporada, com uma linha de mira perfeita. Só que, em Barbados, tinha sido um tiro a quase 300 metros de distância. Ali em Luxemburgo, quase nem seria preciso usar a mira telescópica.

– Chega a ser viciante, não é? – perguntou Julia. – Ficar observando o movimento do lado de lá.

– Hum – respondeu Kate, distraída.

Sua suspeita original era que os Maclean tinham fugido dos Estados Unidos para escapar de alguma coisa. Agora, porém, ela começava a se convencer do inverso: os dois tinham ido a Luxemburgo para fazer alguma coisa. Seria completamente absurdo supor que fosse um assassinato? Kate apagou a luz e se virou para Dexter, o gosto do vinho misturando-se ao da pasta de dentes, e foi cobrindo etapas, agarrando isto e lambendo aquilo: sexo diagramado, não particularmente satisfatório nem tampouco problemático em nenhum sentido, apenas mais uma relação sem grande destaque numa série inumerável.

E depois, um copo d'água, o pijama no corpo, o fôlego nem tão difícil de

recobrar.

– Amanhã à noite vou jogar tênis com Bill – anunciou Dexter.

Ela não se virou para o marido, no escuro.

– Você se diverte com ele, não é? – É. Ele é um bom sujeito.

Kate olhou para o teto. Queria, precisava falar daquilo com alguém, com este alguém. Por mais que andasse magoada com Dexter e com sua nova vida, ele ainda era seu melhor amigo. Mas Kate também estava apreensiva – não, a coisa ia além da incerteza da apreensão; ela tinha consciência de que isso iria além de certo limite no casamento, um limite que ninguém reconhecia até estar à beira do precipício. A gente sabe que os limites existem, é capaz de senti-los: são as coisas que ninguém discute. As fantasias sexuais. Os flertes com outras pessoas. As desconfianças, dúvidas, ressentimentos arraigados. A gente vai levando a vida o mais longe possível desses limites, fingindo que eles não existem. E assim, quando enfim se vê num deles, com o dedo do pé começando a ultrapassá-lo, não só é chocante e assustador, como é também banal. Afinal, a gente sempre soube que os limites existiam, enquanto tentava com todas as forças não vê-los, sabendo que cedo ou tarde os veria.

– Por quê? – perguntou Dexter. – Você parece pensativa.

Se Kate dissesse “Dexter, estou com medo de que Bill e Julia não sejam quem dizem ser”, ele se aborreceria. Ficaria na defensiva. Teria toda sorte de explicações possíveis, plausíveis.

– Você tem alguma coisa contra Bill? Dexter acabaria confrontando o amigo, de um jeito não agressivo. E ouviria uma história que ia engolir. Eles estavam no programa de proteção a testemunhas, era o que Kate suspeitava que Bill diria. Não poderia dar detalhes, a veracidade da história não poderia ser confirmada, não poderia ser comprovada nem refutada. Era assim que seria a história dela, se estivesse no lugar de Bill.

Kate não sabia ao certo o que queria evitar mais: brigar com Dexter por causa dos possíveis segredos de Bill ou revelar ao marido – finalmente – os dela mesma.

E assim, ficou deitada ali, os pés afastados, os olhos cravados no teto escuro, tentando imaginar um modo de dizer alguma coisa ao marido.

Olhando para trás, esse poderia ter sido o momento – não único, mas um momento específico de que ela mais tarde se lembraria – que mudaria muita coisa. A maluquice toda não tivera início; ela ainda não havia começado a acumular novos segredos, cada acréscimo agravando os anteriores, num círculo vicioso que ia fugindo do controle.

Deitada na cama, querendo puxar o assunto, mas sem conseguir se dispor a começar, até finalmente não dizer nada além de: – Não, é claro que não, o Bill é ótimo.

A mais importante inação de sua vida.

Hoje, 11h40 Numa extremidade do corredor fica o armário com roupas de cama, mesa e banho: prateleiras e pequenos compartimentos cuidadosamente arrumados, cheios de lençóis de estampa floral e toalhas brancas felpudas. Na outra ponta fica o armário em que eles guardam as malas. Kate gira a surrada maçaneta de bronze, presa a uma base requintada que se superpõe à reluzente pintura em tom creme da porta de almofadas.

As peças volumosas estão empilhadas no chão: um baú e duas malas grandalhonas. Essas coisas enormes são o que eles costumam encher para passar o verão na Côte d'Azur ou algumas semanas na Úmbria. Mas o que Kate pega são duas malas de rodinhas de tamanho médio e uma sacola de viagem.

Puxa uma das malas até o quarto dos meninos e nela põe calças e camisas, meias e cuecas para três dias. No banheiro ao lado, tira da prateleira acima do espelho um nécessaire em que joga as escovas e a pasta de dentes deles. Pega o estojo de primeiros socorros na cesta embaixo da pia. Crianças se machucam muito, aonde quer que vão; os parquinhos europeus são muito menos protegidos que os americanos. Faz tempo que Kate se cansou de procurar curativos adesivos e pomadas com antibiótico na Bélgica e na Alemanha, na Itália e na Espanha. Por isso, agora carrega seu próprio estoque.

Ela vai até seu quarto, atravessa-o e entra no quarto de vestir. Desdobra um suporte de bagagem e põe a mala em cima dele; vai guardando seus pertences automaticamente, pensando em muitas coisas, menos na roupa. De acordo com seus cálculos mais recentes, ela fez as malas da família 43 vezes nesses dois anos deles na Europa. E nos velhos tempos, antes de os meninos nascerem? Centenas de vezes.

Termina de arrumar as malas no piloto automático. Antes da partida, vai se lembrar de alguma coisa: um carregador de celular, os livros que os filhos estão lendo, os passaportes. Sempre se lembra, quando está distraída ao fazer as malas. Por isso, não fecha o zíper e deixa a mala sobre o suporte, pronta para aquilo de que se lembrar depois.

Não tem ideia de quantos dias vão ficar fora. Talvez até esteja arrumando as malas à toa, para nada. Ou para de uma a três noites, ou algumas semanas, ou um mês. Ou para sempre.

Mas isso foi o que combinaram, ela e Dexter. Se aparecesse alguém, se eles achassem que estavam comprometidos, fariam as malas para três dias. Bagagem fácil de transportar, sem chamar a atenção de ninguém pelo volume, apenas o bastante para um pulinho a algum lugar. Se eles viessem a passar muito mais tempo fora, sempre poderiam comprar o que fosse preciso. Tinham muito dinheiro. E esse dinheiro poderia ser usado para lhes comprar flexibilidade em algum outro lugar, depois. Uma flexibilidade que talvez não tivessem ali em Paris, no momento.

Pega a segunda mala de rodinhas, leva-a para o outro lado do quarto de

vestir e a coloca sobre o outro suporte de bagagem. É a de Dexter.

Malas que combinam. Nunca teria imaginado que um dia se tornaria uma mulher que tivesse um jogo de dez malas. É mais uma persona que ela assumiu, sem que tivesse propriamente pretendido.

Mais uma vez, Kate para em seu corredor comprido, as paredes cobertas com um papel elegante e cheias de fotos de seus filhos, esquiando nos Alpes franceses e brincando nas ondas do Mediterrâneo, em canais de Amsterdã, na Holanda, e de Bruges, na Bélgica, no Vaticano e na Torre Eiffel, no zoológico de Barcelona, num parque temático da Dinamarca e num parquinho londrino em Kensington Gardens. Todas as portas do corredor estão escancaradas para os cômodos comuns e privados, a luz se infiltrando vinda de diversos lugares, em ângulos diferentes.

Kate dá um suspiro. Não quer deixar Paris. Quer ficar ali, morar ali. Quer que os filhos respondam “Paris” quando lhes perguntarem de onde são.

Ela só precisa de uma coisinha diferente, ali, para tornar sua vida completa. Precisa satisfazer um desejo. Mudar-se para Bali, na Indonésia, para a Tasmânia, na Austrália, ou Mikonos, na Grécia, não vai resolver. O problema está – sempre estará – dentro dela mesma, arraigado em seu passado distante, na época em que ela tomou decisões fatídicas para se tornar a pessoa em quem se transformou, na época...

...da faculdade...

Algo surge em sua mente e ela sai em disparada pelo corredor.

Kate ficou olhando para o computador em frente à janela, a paisagem agora obscurecida e envolta numa névoa salpicada por vagos pontos de luz. Impressionismo escuro, sombrio, com eletricidade.

Jake e Ben brincavam no chão, muito compenetrados, sentados com as pernas cruzadas. Kate tirou as mãos do teclado e deu um suspiro.

– O que foi, mamãe? Ela se virou para Jake, para aqueles grandes olhos preocupados, sob a testa inocente e sem vincos.

– Não achei o que estava procurando – respondeu.

– Ah – fez Ben. – Quer brincar com a gente? Kate havia passado o equivalente a uma semana inteira de trabalho procurando criminosos que pudessem ser Bill ou Julia. Não tinha encontrado nada.

– Sim – respondeu, já fechando o laptop. Desistindo de ser espiã e voltando a ser mamãe. – Quero, sim.

O som da secadora cessou no exato momento em que Kate cortava um tomate ao meio. Ela pôs o tomate, distraída, sobre um pedaço de toalha de papel. Após dez minutos dobrando a roupa limpa, viu que o sumo do tomate havia escorrido para o papel, irradiando-se pelas linhas de suas fibras, braços vermelho-escuros que a agarraram pela consciência e a arrastaram de volta a um quarto de hotel em Nova York, a um homem caído no chão, o sangue escorrendo de uma cratera na cabeça, infiltrando-se no carpete claro com os mesmos desenhos do sumo do tomate na toalha de papel.

E aí havia aparecido a mulher inesperada, boquiaberta, imóvel.

Anos antes, fora Hayden quem lhe havia explicado o que se passava com o sangue. O treinamento do dia havia terminado e o instrutor a estava levando para jantar numa trattoria atrás do castelo Sant’Angelo.

– Shakespeare não era bobo – dissera ao atravessarem a ponte Umberto I.

– O que torturou Lady Macbeth foi o sangue de Duncan. A mesma coisa vai torturá-la, se você deixar. “Sai, mancha maldita!” Kate o olhara. Atrás do ombro dele estava a cúpula majestosa da basílica de São Pedro, banhada na luz dourada do pôr do sol. Hayden também se virara para admirar a paisagem.

– Depois de ver certas coisas – tinha dito –, nunca se consegue esquecê-las. Se você não quiser vê-las pelo resto da vida, é melhor começar por não olhar.

Viraram as costas para o Vaticano e começaram a andar em direção ao antigo presídio.

– “Quem poderia imaginar que o velho tivesse tanto sangue no corpo?” – prosseguira ele.

Hayden havia chegado à CIA tendo morado em Back Bay, um bairro da elite de Boston, estudando na tradicional escola Groton e na Universidade de Harvard, da mesma forma que, antes dele, haviam feito o pai e o avô. Kate suspeitava que todos eles citavam textos literários que nunca tinham menos de

algumas centenas de anos.

– Lembre-se, Kate – dissera seu instrutor. – Todos têm uma quantidade surpreendente de sangue.

Quinze anos depois, com os olhos cravados na toalha de papel manchada, Kate compreendeu por que vinha planejando uma viagem da família à Alemanha.

Os meninos estavam em cima, brincando de se fantasiar, ruidosamente. Usavam elmos de gladiador, que chamavam de elmos de gador. Kate não tinha coragem de corrigi-los. Se permitisse essas pronúncias infantis erradas, talvez eles continuassem mais novos. E ela também.

Fechou a porta do quarto de hóspedes. Digitou os números.

– O que você tem para mim hoje? – perguntou.

– Hum, vamos ver... Uma vez, Charlie Chaplin entrou num concurso de sócias de Charlie Chaplin e perdeu. Não chegou a ficar nem entre os finalistas.

– Boa. Essa vale sete. Talvez oito.

– Ora, muitíssimo obrigado.

– Escute, estou planejando uma viagem da família à Baviera.

Kate sabia que essa conversa estava sendo gravada. Talvez monitorada em tempo real, com alguém de fones de ouvido escutando durante um minuto e ligando para seu chefe, e este ligando para um colega, todos sentados com fones de ouvido conectados a um painel de plugues, pensando no que significaria esse diálogo. Era novamente uma ligação incomum, vinda de uma linha aberta particular em Luxemburgo para o escritório de Munique.

– Algum conselho para mim? – prosseguiu.

– Baviera! Que maravilha. Tenho um mundo de sugestões – e foi soltando nomes de hotéis e restaurantes, instruções sobre o trajeto e pontos turísticos.

Quando terminou, Kate disse: – Também achei que poderíamos nos encontrar, você e eu.

Se Hayden ficou desconfiado com isso, não o deixou transparecer. Mas é claro que não deixaria.

– Bonjour? – respondeu a voz hesitante pelo interfone.

– Oi! – Kate meio que gritou no microfone. – É a Kate! Pausa.

– Kate? – Sim! – Ah... Oi. Suba.

A campanha soou, um zumbidinho fraco, como uma torradeira com defeito. Em cima, no corredor escuro e apertado, Julia estava encostada no batente da porta, de roupão de tecido felpudo, tentando sorrir, sem grande sucesso. Eram nove horas da manhã.

– Desculpe eu não ter telefonado. Estou tendo uma manhã daquelas.

– Sem grilo – retrucou Julia, o que soou estranho. Julia não dizia coisas como “sem grilo”.

– Sai correndo hoje cedo – explicou Kate – e esqueci não só o celular,

mas também a chave de casa. Só estou com a chave do carro. Posso usar seu telefone? Preciso ligar para o Dexter.

– É claro.

Julia entrou no quarto de hóspedes, tirou um telefone sem fio do suporte na escrivaninha e o passou para Kate.

– Obrigada. Desculpe-me de novo por incomodá-la. E o Bill, está em casa? – Não. Saiu há alguns minutos.

Kate sabia disso.

– Obrigada outra vez.

Discou o número do escritório de Dexter. Ao arquitetar esse plano, havia pensado em fazer uma ligação falsa – discar um número inexistente, ou o do seu próprio celular, e fingir que estava falando.

Mas, se estava certa sobre Julia e Bill, eles a pegariam; descobririam um modo. Talvez Bill fizesse perguntas a Dexter, talvez Julia verificasse o registro das ligações telefônicas.

Portanto, tinha que ser para valer. E, para ter uma dose extra de verdade – diante de Julia, de Dexter, dela mesma –, também tratara de sair correndo do apartamento e, de propósito, largara as chaves e o celular na bancada da cozinha.

– Bonjour. Dexter Moore.

– Oi. Sou eu – disse Kate. – Esqueci a chave de casa. Será que você pode me encontrar lá? – Poxa, Kat.

Ela sabia que o marido ficaria furo da vida; estava contando com isso. Ele saía para o trabalho às sete da manhã, para um dia atarefado, um Dia Daqueles. Era por isso que ela estava pondo o plano em prática nesse dia: para que Dexter se aborresse e ela pudesse dizer “Não me venha com broncas, Dexter”, revirar os olhos para Julia e levantar um dedo, pedindo desculpas, e entrar no quarto de hóspedes em busca de alguma privacidade, para ter uma briga telefônica com o marido a sós.

Correu os olhos depressa pelo quarto, mas com atenção, assimilando cada detalhe. A cama estava feita, mas não impecável; dos quatro travesseiros, um tinha as rugas, dobras e deformações inconfundíveis de um travesseiro sobre o qual alguém houvesse dormido e que depois não tivesse sido afogado.

– O que eu fiz foi esquecer uma chave sem querer – disse Kate. – Não cuspir no seu olho de propósito.

Havia um livro na mesa de cabeceira, ao lado do travesseiro usado: uma brochura de capa simples exibindo uma paisagem de fazenda, com um nome de mulher como autora e a palavra romance abaixo de um título longo e vago: literatura feminina. Um copo com água. Uma caixa de lenços de papel. Protetor labial.

Era Julia quem dormia ali, nessa cama que não ficava no quarto do casal.

– Eu estava de saída para uma reunião – disse Dexter.

A escrivadinha era pequena, bem arrumada. O laptop estava fechado e não havia papéis espalhados que pudesse ler, a não ser por um par de envelopes endereçados a uma rua em Limpertsberg, a uma entidade chamada WJM, S.A. Provavelmente, William J. Maclean S.A.

Havia uma gaveta de arquivo, mas sem chance de Kate abri-la. Seria impossível se explicar, se fosse flagrada.

Havia um imponente aparelho multifuncional que combinava escâner, copiadora e impressora. Uma pequena pilha de cartões de visita estava sobre a escrivadinha. Kate tirou um lenço do bolso da calça jeans e o usou para folhear os cartões, sem que os dedos encostassem na pilha. Um deles era de um clube de tênis; Julia não jogava tênis. Kate o puxou com o lenço e o guardou no bolso.

– Eu entendo, Dex, e sinto muito.

Andou até a mesa de cabeceira, fora do campo visual de Julia. Usou o lenço para apanhar o protetor labial e guardá-lo com o cartão de visitas surrupiado.

Perguntou a si mesma se esse era um casamento infeliz, se Julia era uma típica vítima de insônia, ou se estaria resfriada e não tinha querido perturbar o marido na noite anterior.

Ou se era algo muito mais complicado.

– E o Dexter vai chegar tarde – disse Kate. – Sempre chega tarde quando tem reuniões. Por algum motivo, tudo demora mais do que ele imagina. Assim, não precisamos voltar antes da uma.

– Certo – disse Julia do banheiro, onde dava um retoque na maquiagem.

Kate a conhecia o suficiente para saber que ela nunca sairia de casa sem a aparência mais perfeita possível. Perambulou até as janelas que davam para o palácio. O mastro estava sem bandeira; nenhum membro da realeza na residência oficial. No pátio deserto, nenhum veículo. Somente um guarda solitário no portão dos fundos, a arma descansando no ombro, entediado. Essa janela era certamente um ótimo posto de observação.

Mas o crucial, Kate sabia, era poder sair. Como num assalto a banco ou numa aventura extraconjugal: entrar é a parte fácil.

– Então, vamos? – chamou Julia.

Iam a um centro comercial matar as horas da manhã.

– Vamos.

Kate apertou um botãozinho no relógio de pulso e se afastou da janela da Rue de l'Eau, cruzou a porta do apartamento, entrou no elevador minúsculo, desceu seis andares até a garagem, onde entraram no Mercedes de Julia e saíram por uma rua diferente, a Rue du Saint-Esprit, uma ruela estreita de paralelepípedos a algumas curvas confusas do palácio. Uns 50 metros depois, a Saint-Esprit fez uma curva fechada de noventa graus para uma descida íngreme, até desembocar numa ruela igualmente estreita de paralelepípedos, chamada

Rue Large, que era uma subida íngreme e atravessava um arco medieval antes de desembocar na Rue Sigefroi, a qual, segundos depois, fundiase com a Montée du Clausen, ou seja, a principal via pública do lugar, que logo ofereceria a possibilidade de se disparar a 100 quilômetros por hora para todos os pontos da bússola, em direção à Alemanha ou à França, ao aeroporto ou ao interior, a qualquer lugar.

Kate consultou o relógio: menos de dois minutos da janela a uma área livre de qualquer obstáculo.

Eles eram estrangeiros, usavam nomes falsos, moravam em frente a uma área com alvos em abundância, com uma vista que não poderia ser mais livre e uma rota de fuga que não poderia ser mais rápida.

Tudo isso eram apenas indícios circunstanciais, Kate sabia. E talvez nem estivesse sinceramente desconfiada. Poderia ter enganado a si mesma a ponto de ficar desconfiada e ter um pretexto para investigá-los. Para ter alguma coisa que fazer. Qualquer coisa.

Vinha sentindo dificuldade para determinar quais plausíveis eram as várias hipóteses que flutuavam no pântano sombrio de sua imaginação. Por um lado, parecia sumamente improvável – quase um completo disparate – que uma equipe de assassinos de aluguel fosse a Luxemburgo matar alguém.

Isso ela não podia negar. Mas também não podia descartar que seria uma explicação racional para que duas pessoas com identidades secretas alugassem um apartamento que proporcionava uma oportunidade tão perfeita contra personagens “assassináveis”.

As outras hipóteses estavam ligadas à fuga. Mas, será que essas pessoas podiam mesmo ser fugitivas? Ou então, é claro, a pior de todas as hipóteses: seria possível que estivessem em Luxemburgo por causa dela, Kate? Apenas um único fio do seu passado poderia estender-se até o presente, abarcando cinco anos e uma travessia do Atlântico para puxá-la de volta, enroscar-se em seu pescoço e estrangulá-la.

Kate sempre soubera que a história de Eduardo Torres ainda não tinha chegado ao fim. Havia pendências, perguntas não respondidas; havia provas. Além disso, ninguém jamais desencavara a fortuna de Torres, que a crença geral dizia ser da casa das dezenas de milhões de dólares. Presumia-se que o dinheiro estivesse enfiado numa conta na Europa.

E ali estava Kate, recém-aposentada antes dos 40, vivendo na sede mundial das contas bancárias, com um marido que era um especialista ímpar em segurança eletrônica de bancos.

Kate parecia terrivelmente suspeita.

Mas Bill e Julia também. Ela precisava descobrir mais.

Caía uma garoa fina, ou uma névoa, ou seja qual for o nome que se usa quando porções minúsculas de água, finas demais para serem gotas, vão descendo do céu.

Os limpadores de para-brisa estavam ajustados na regulação mais lenta. Três segundos entre as varreduras, durante os quais o vidro se nublava, ficava quase fosco de tão molhado, e então, chuif, transparente de novo.

A chave na ignição fora girada, os faróis estavam acesos, o rádio sintonizava a France Culture.

Kate tinha dificuldade para acompanhar a conversa radiofônica. O tema geral parecia ser Baudelaire.

Ou, pelo menos, Baudelaire foi a palavra que ela reconheceu, repetidas vezes. Ou talvez estivessem falando de beau de l'aire. (Beleza do ar? Seria meio que o inverso de Baudelaire.) Um cartão de visitas de um podólogo descansava no banco do carona. Ela poderia dizer que havia chegado cedo para o horário marcado. Diria que tinha um esporão do calcâneo, talvez, e por isso sentia dores no calcanhar, mas não havia indícios externos que um não médico pudesse perceber a olho nu. Por isso estava sentada em seu carro quente e seco, tentando aprender francês por osmose radiofônica, ouvindo acadêmicos inflamados travarem uma guerra obscura, mas aparentemente ininterrupta, em torno de Baudelaire – quais eram os lados? quais eram as questões? –, enquanto esperava pela meia hora em ponto que viesse, fosse ela qual fosse. Seria essa a sua pretensa hora marcada.

Não, ela responderia, não fazia ideia de que o escritório de Bill era ali. Como poderia saber? Havia decorado esse endereço ao vê-lo nos envelopes do quarto de hóspedes dele.

Fileiras de casas altas se alinhavam na calçada, com quase jardins na frente – gramados diminutos, um ou outro arbusto desfolhado. As construções tinham tons de cinza, castanho-claro ou bege; a calçada era pavimentada de concreto cinza-claro e a rua, de asfalto cinza-escuro. Os carros tinham matizes de prata e cinza e, às vezes, preto; o céu era um ardósia encharcado. Uma paisagem incolor, lavada pela chuva e pela expectativa dela, projetada e construída para combinar com o clima desolador.

Fazia quase uma hora que Kate estava sentada ali e ainda contava com mais de três horas pela frente antes de precisar buscar os filhos. Três horas, e ninguém saberia o que ela estava fazendo, nem onde, nem por quê, pelo amor de Deus.

A não ser que alguém houvesse mexido no seu carro e, por exemplo, instalado um transmissor de GPS na parte oca embaixo do couro cinzento e macio do banco do carona.

Bill apareceu às 11h40. Olhou para os dois lados antes de descer a escadinha para a calçada. Tinha se trocado e pusera uma roupa de tênis: short branco e agasalho com riscas vermelhas e azuis que desciam pelas mangas. Na chuva fria, parecia de uma incongruência cômica, um esquete de Monty Python.

Apressou-se a entrar em seu pequeno BMW impecável, um carro que parecia de brinquedo. Ligou o motor e foi engatando as marchas com agressividade, rasgando as ruas tranquilas, a caminho da quadra reservada para o meio-dia em Bel-Air. Depois, almoço. Tudo com Dexter.

Tinha sido uma sugestão feita por Julia a Kate – “Você não acha que eles deviam jogar de dia, para poderem ficar conosco à noite?” – e transmitida por Kate a Dexter. “Será bom para você fazer um pouco de exercício”, ela lhe dissera. Em Washington, Dexter se exercitava à noite. Mas agora, em geral estava no trabalho depois de escurecer. E, quando não precisava trabalhar, Kate o estava em casa com os filhos. Com ela.

E assim ela havia passado a dispor de duas horas luxuosas nas quais sabia que Bill não estaria no escritório, naquele prédio. Por isso, esperou mais cinco minutos, para ter certeza de que ele não havia esquecido a garrafa d’água ou a lata de bolas, o celular ou o protetor de joelho, qualquer coisa.

Depois esperou outros cinco, só para ficar mais do que segura. E para procrastinar.

Olhou-se rapidamente no espelho do para-sol.

Era um momento bizarro, essa travessia de um plano hipotético para uma ilegalidade concretizada, cedendo ao que poderia se revelar uma ideia completamente estapafúrdia e, possivelmente, abrindo mão de um vínculo importante com a sanidade. Decidindo: sim, vou fazer isso. Mas sem decidir cem por cento, porque isso seria admitir demais sobre si mesma para si mesma, admitir coisas que não queria admitir. Mas decidindo 95 por cento, o bastante para praticar a ação possivelmente estapafúrdia, porém não o suficiente para acreditar, sem a menor dúvida, que isso não era só uma besteira, uma farra, e sim um plano absolutamente razoável.

Abaixou o máximo que pôde a aba do novo chapéu impermeável amarelo emborrachado. Seu chapéu normal, comprado um mês antes em Copenhague, era de um multicolorido vívido. Havia muitas peças de vestuário atraentes para se usar no mau tempo na Escandinávia, porque havia muito mau tempo. Mas o chapéu desse dia era uma coisinha barata que ela comprara na véspera, numa ponta de estoque em Gare. Pretendia jogá-lo fora mais tarde.

Apanhou o envelope no banco do carona e escreveu nele o endereço do prédio de Bill. Dentro havia uma oferta de uma loja especializada em ciclismo, um desconto de vinte por cento em qualquer bicicleta. Ela havia pegado o folheto na loja na véspera, quando ainda questionava esse plano possivelmente maluco.

Desceu do carro, calçou as luvas de couro e atravessou a rua.

Dos cinco botões do interfone, o quinto não tinha etiqueta. O primeiro exibia um nome luxemburguês ou alemão; o segundo, um sobrenome francês fácil de pronunciar: Dupuis; o terceiro era Underwood. O quarto dizia WJM S.A.

Kate escreveu “Underwood” no envelope.

Tocou o interfone de Bill. Se alguém inesperadamente atendesse, ela diria estar procurando Underwood. Mas a única outra atividade que vira nesse prédio tinha sido a de uma matrona que saíra às onze horas, carregando uma sacola de compras dobrada, e voltara uma hora depois com a mesma sacola, então parecendo muito mais pesada do que se poderia imaginar, a velhota pendendo para um lado e cambaleando com o peso. Kate a vira batalhar rua acima pela ladeira interminável, a boca se mexendo constantemente, os lábios franzindo, as bochechas se encovando: as contorções de uma falante nativa de francês, mantendo os músculos faciais tonificados, porque todas aquelas vogais nasaladas só podiam ser pronunciadas corretamente com lábios fortes. Devia ser a Sra. Dupuis.

Kate tornou a tocar. Não parecia haver nenhuma câmera de segurança na porta. Mas, hoje em dia, as câmeras podiam ficar em qualquer lugar. Ela manteve os olhos bem cobertos pela aba do chapéu.

Tocou o interfone dos Dupuis.

– Bon-jourrrrrrrrr! Sim, era a voz da senhora idosa.

– Bonjour, madame – respondeu Kate.

Depois, em francês, explicou que tinha uma carta importante para os Underwood, mas que ninguém atendia o interfone.

– Ouuuuuuuuuu, mademoisellelllllle.

A idosa fez soar a trava. Kate abriu a porta, entrou e a deixou bater. Ela se fechou com um considerável estardalhaço.

Kate subiu a escada, entrou num corredor e viu a Sra. Dupuis esperando no final dele.

– Merci, madame – agradeceu.

– De rien, mademoisellelllllle – respondeu a senhora e depois indicou o caminho para Kate: – Au deuxième étageggggge.

Kate subiu ao segundo andar, empurrou o envelope por baixo da porta de Underwood e desceu depressa. Abriu a porta da entrada e a deixou fechar com estardalhaço. Mas permaneceu do lado de dentro. Ficou parada por um minuto, depois tornou a subir furtivamente a escada.

Quando dobrava a curva para o segundo andar, ouviu vozes: um homem e uma mulher. Droga.

Olhou para todos os lados: nenhum lugar para se esconder. Poderia correr para o subsolo, mas e se eles estivessem indo para a garagem? Se havia uma coisa que Kate não queria era ser flagrada se escondendo.

Enganaria os dois e passaria. Fez a curva e começou a subir os degraus.

Quando o casal apareceu no alto da escada, Kate levantou os olhos, fingindo surpresa, e sorriu.

– Bonjour – disse.

– Bonjour – respondeu o homem.

O cumprimento foi ecoado em voz baixa pela mulher. O par parou no alto da escada estreita, dando passagem a Kate.

– Est-ce que je peux vous aider? – perguntou o homem.

Kate o fitou com ar de quem não entendia, embora soubesse exatamente o que ele havia perguntado.

– Posso ajudarr a senhorrria? – tentou o homem em outro idioma.

– Ah! – Kate sorriu. – Não, obrigada. Vou visitar Bill Maclean.

O homem deu um sorriso espremido, a mulher se manteve calada.

Kate passou por eles: – Merci! Estava com o coração disparado. E essa era a parte fácil.

O escritório de Bill ficava no último andar, uma das duas portas de um corredor curto e bem iluminado; a primeira não tinha nenhuma identificação. Kate a experimentou, mas é claro que ela não abriu. Foi até a janela no fim do corredor e moveu o trinco para abri-la – todas as janelas de Luxemburgo funcionavam do mesmo jeito, com dobradiças nas laterais ou no topo.

Abriu-a, debruçou-se e inspecionou as janelas e peitoris, possíveis meios de acesso. Havia ramos de sempre-vivas bloqueando a visão do prédio vizinho.

Kate recuou pelo corredor de piso de lajotas. Havia um tapetinho na porta de Bill, o nome de sua empresa numa placa de latão e uma campainha. Três fechaduras, uma das quais parecia uma maravilha. A luz vinha de duas arandelas viradas para cima e do janelão sem cortina. Nada no corredor dava a impressão imediata de ser uma câmara de segurança.

Ela se ajoelhou junto à porta. Enfiou a mão no bolso traseiro e pegou uma bolsinha de couro cujas abas gastas eram presas por um prático elástico e que continha um sortimento de chaves de fenda, pinos de cabo emborrachado e alicates de ponta fina, todos de tamanho pequeno. Pôs-se a trabalhar atentamente com as minúsculas ferramentas nas mãos, o rosto a centímetros de distância. Não perderia tempo com as duas fechaduras fáceis – artigos de segurança de baixo padrão, mais dissuasivos que impeditivos – se não conseguisse abrir a mais forte.

Embora, estando no último andar, tivesse garantia de privacidade e de não ser interrompida, não dispunha da eternidade. E abrir fechaduras nunca fora uma área em que demonstrara grande perícia.

Fechaduras não tinham sido uma parte importante de sua experiência latino-americana – qualquer coisa digna de ser trancada era digna de ser guardada por alguém armado.

O que tivera importância em seu ramo de trabalho foram os mapas.

Decifrá-los era sua especialidade. Assim como as armas, que era perita em limpar, consertar e disparar. Ela precisara dominar uma variedade de dialetos em espanhol, com ênfase nas gírias, principalmente nos muitos termos vulgares que designavam os órgãos genitais. Havia crescido numa cidade em declínio do litoral de Connecticut, que então passava por uma imigração maciça de latino-americanos. Tivera muitas oportunidades de aprender o espanhol das ruas e, em sua própria casa, o espanhol correto, com as babás mal remuneradas que seus pais podiam bancar depois do horário da aula, nos tempos em que ela e a irmã ainda eram garotinhas inocentes do segundo ou do terceiro anos, que saíam da escola às três da tarde e corriam para os braços de mulheres baixas e roliças, chamadas Rosário ou Guadalupe.

Em uma ocasião ou outra, Kate precisara pilotar helicópteros e pequenos aviões civis. Tinha aprendido a fazer as duas coisas, embora não a fundo, além do treinamento militar padrão que recebera nos meses passados no campo de treinos da CIA.

Havia provado, testado e cheirado pequenas quantidades de cocaína de diferentes áreas geográficas, bem como o fumado amostras de maconha vindas de origens diversas. Sabia qual seria a sensação se alguém tentasse dopá-la com um “boa noite, Cinderela” ou uma dose de LSD.

Era capaz de decorar qualquer número de até dez algarismos, depois de ouvi-lo uma única vez.

Era capaz de matar uma pessoa.

Mas não sabia abrir fechaduras, e não queria desperdiçar tempo numa causa perdida.

Aproximou-se da segunda porta, a que não tinha identificação. A mesma maçaneta de metal que na de Bill, a mesma campainha. Nenhuma placa nem capacho. Ela levantou a mão para o alizar da porta e correu lentamente o dedo pela superfície horizontal de pouco mais de um centímetro, na esperança de encontrar a chave daquele espaço desabitado. Quem dera! Ficou completamente imóvel, à escuta de algum ruído.

Nada.

Começou a trabalhar com agilidade, mas com calma, nessa fechadura fácil. Em trinta segundos, a peça padronizada, disponível em qualquer lugar, abriu-se com um discreto clique.

Kate entrou numa sala ampla, empoeirada e vazia, com uma janela. Abriu-a e se debruçou para fora.

Como havia esperado, lá estavam elas: as janelas do escritório de Bill. Um ressalto estreito corria pela fachada na base de todas as janelas. Aquilo era viável, ela já tinha feito algo parecido. Respirou fundo e saiu pela janela.

Ficou parada na chuva sobre o ressalto de 25 centímetros, agarrada à parede lateral do prédio, três andares acima do solo.

Muitas coisas poderiam dar errado ali. Alguém poderia vê-la através da vegetação que separava esse edifício do vizinho, de modo que precisava agir depressa.

Ou então ela podia cair e morrer, portanto tinha que se deslocar com cuidado.

Foi arrastando os pés de lado, alguns centímetros de cada vez, o rosto grudado no reboco úmido.

Ouviu um som atrás de si, embaixo. Virou a cabeça depressa demais, sem cuidado, e arranhou a face na parede. Tinha sido um galho de árvore que roçara o teto de um carro.

Agora a bochecha parecia estar sangrando, mas ela não tinha como verificar. Não podia levar nenhuma das mãos ao rosto sem perder o equilíbrio.

Continuou a avançar, mais alguns centímetros, mais outros, mantendo o equilíbrio, firme, devagar...

mais uns centímetros... e então lá estava, diante do parapeito da janela de Bill.

Fez uma pausa, permitindo-se uns segundos de folga antes de passar para a tarefa seguinte.

Estava com medo, mas se sentia à vontade com seu medo, como naquele estranho prazer de massagear um músculo dolorido, que não produz nenhum resultado, exceto nos deixar mais conscientes da dor.

Era esse o seu lugar, ali, nesse ressalto. Era isso que andara faltando em sua vida.

Ela tirou do bolso traseiro e justou a chavinha de fenda de ponta achatada. Deslizou-a com cuidado pela junção da janela, de leve, até encontrar o trinco.

Fez uma pausa e empurrou delicadamente a chave de fenda para cima. A lingueta não se soltou.

Kate tentou de novo, empurrando com mais delicadeza.

Mais uma vez, nada.

Era uma situação aflitiva, mas ela se forçou a não entrar em pânico. Com lentidão ainda maior, deslizou a ponta fina da chave entre o batente e a moldura.

Havia praticado isso na própria janela. No meio da madrugada, quando ninguém podia vê-la.

Tinham sido vinte minutos naquele parapeito, doze metros acima da rua de paralelepípedos, mas finalmente havia descoberto como encostar a chave de fenda na lingueta e girar muito de leve a ponta, não só para soltar o trinco, mas também para destrancar a janela de modo a fazê-la abrir-se na dobradiça vertical, em vez de se inclinar na horizontal.

Esse mecanismo de janela era igual ao da sua casa; eram todos iguais.

Ela havia treinado. Tinha que funcionar.

Tinha que funcionar.

Tentou de novo, devagar, bem devagar, de leve... clique.

Pressionou com o joelho o lado da janela em que ficava a dobradiça. O painel inteiro girou e se abriu lentamente. Kate agachou-se ao peitoril, as mãos espalmadas na parede externa para obter equilíbrio. Fez uma pausa e mergulhou na sala, aparando a queda com as mãos e rolando suavemente por mais um piso polido de pedra, grandes lajotas de mármore, como em todos os outros lugares de Luxemburgo.

Ficou imóvel, recobrando o fôlego, tentando desacelerar o coração disparado. Havia esperado uma aceleração do pulso, mas assim era demais; era mais do que ela se lembrava de ter sentido em muito, muito tempo.

Não devia prosseguir enquanto se achasse em tão completo estado de pânico: não queria cometer erros idiotas. Fechou os olhos e se manteve parada, obrigando o corpo a se acalmar.

Depois, levantou-se e correu os olhos em volta.

Do outro lado da sala havia uma bicicleta ergométrica, estacionada diante de um televisor pequeno; havia também um banco de musculação e uma coleção de halteres, barras e anilhas, tudo em cima de um tapete de borracha.

Havia uma escrivaninha com um laptop, uma impressora multifuncional, um telefone, um bloco de rascunho e um punhado de esferográficas. Algumas folhas tinham sido arrancadas do bloco. Kate tirou a do topo, dobrou-a e a pôs na mochila; mais tarde examinaria o papel.

O laptop estava aberto, mas em modo de espera. Kate pressionou uma tecla.

Este computador está bloqueado. Digite seu nome de usuário e sua senha. Nem fazia sentido tentar.

Dentro da escrivaninha, dicionários de vários idiomas, mais blocos e canetas. Pastas de arquivo suspensas numa gaveta própria para elas: extratos bancários. Algumas contas diferentes, com o dinheiro circulando de um lado para outro entre elas, num total de algumas centenas de milhares de dólares, as somas subindo e descendo, descendo e subindo repetidas vezes, no ciclo dos investimentos e dividendos, saques e transferências.

O nome era o de Bill, o endereço, o desse apartamento.

Havia revistas, jornais, boletins informativos. Negócios de interesse geral, negócios especializados, tecnologia e notícias. Montanhas deles. Kate tirou de uma pilha um exemplar do *The Economist*. Papel inteiramente liso, não amassado, não pingado de café, não manchado pela marca de um copo d'água. Não lido, talvez. Ou lido com cuidado, sem um respingar desleixado de bebidas.

Bill parecia ser um sujeito caprichoso.

Kate se inclinou para trás na cadeira giratória, correndo os olhos pelo lugar, sem nenhum foco especial, enquanto a mente vagava, tentando tropeçar em algo que devesse estar procurando.

Havia um quarto pequeno. Cama queen size, arrumada de qualquer jeito. Lençóis macios. Quatro travesseiros tamanho padrão e uma capa grande. Uma cama extra, amarrotada. Quem dormia ali? Na gaveta de uma mesa de cabeceira, uma caixa de camisinhas. Uma caixa esvaziada, que um dia guardara duas dúzias de preservativos e na qual restavam apenas alguns. Quem transava ali? Kate se deitou junto à gaveta das camisinhas, mas com os pés para fora da cama, de lado, sem sujar os lençóis. Encostou o rosto no travesseiro de cima. Cheiro de creme de barbear, ou loção pósbarba, ou água-de-colônia. Cheiro de Bill.

Estendeu a mão para a mesa de cabeceira, apalpando atrás dela, tateando... tateando... nada ali.

Deslizou a mão por baixo da mesa, apalpando o aglomerado de mais um móvel pré-moldado... nada.

Dobrou o braço e estendeu a mão por baixo da cama, embaixo do estrado que sustentava o colchão... Sentiu alguma coisa ali, couro... Deslocou a mão alguns centímetros...

Deu um puxão, sabendo exatamente o que era aquilo que trazia para a lateral da cama e levantava até diante do rosto. Pela porta do quarto, tinha uma visão direta da porta da entrada, para onde, sem sequer ter tido essa intenção, agora apontava instintivamente a Glock 22 que Bill mantinha num coldre preso embaixo da cama.

PARTE II

Hoje, 12h02 Kate para à porta francesa da sala de estar – tapetes sobre tapetes, pé-direito alto, sancas ornamentadas, estantes repletas de livros e vasos, jarros de flores, pequenos quadros a óleo em molduras elegantes, espelhos de bordas douradas desbotadas.

Há uma coisa que a vem incomodando, remexendo seu inconsciente, tropeçando em fatos e suposições que sustentam as convicções atuais sobre sua vida, seu marido, como a história deles aconteceu. Choca-se com lembranças, forçando-a a reexaminá-las pelo novo ponto de vista de mais uma explicação possível para tudo. Alguma coisa relacionada com a faculdade...

Kate cruza a sala de visitas até onde estão os livros enormes, reunidos numa prateleira altíssima. Tira o anuário de Dexter.

Acomoda-se num sofá, o livro pesado no colo.

Corre o polegar pelas bordas, seguindo a ordem alfabética, depois abre prematuramente o livro e vira uma página após outra, até encontrar uma versão muito mais jovem de Dexter Moore. Cabelo armado, gravata fininha, testa sem rugas.

Agora ela está convencida de que vai mesmo achar o que está procurando.

Como uma pessoa podia ser tão cretina e fingida? Kate só ouviu o nome uma vez, faz quase dois anos, em Berlim. Tem quase certeza de que termina em “owski”, o que a ajudará na confirmação, quando vier a encontrar o rosto certo.

Volta para o início das fotos, para os rostos de sobrenomes iniciados por A. Examina atentamente cada imagem, todas aquelas fotografias de duas décadas atrás, rapazes e moças que agora são homens e mulheres da idade dela. Página após página, pacientemente. Súbito, isto lhe parece totalmente óbvio, inevitável.

Não demora muito para encontrar. Não muito mesmo. Exceto, é claro, pelos dois anos que passou sem saber o que procurar.

Agora, uma mudança completa de paradigma. Todas as peças do quebra-cabeça estão em movimento, girando, desnorteantes.

Kate tivera a impressão de haver resolvido esse mistério muito tempo atrás.

Contempla o rosto familiar que a encara, a expressão otimista de quem concluiu o curso universitário, posando para a posteridade.

Capta um movimento do outro lado da sala e logo percebe que é ela mesma, uma pequena mecha do seu cabelo no espelho da parede oposta, um cantinho dela em movimento, desligado de toda a parte invisível. Levanta-se, carrega o livro pesado de volta para seu espaço sem maior destaque, numa prateleira no meio da sala de sua família, no meio da vida de sua família. Os melhores esconderijos não são os mais ocultos, são apenas os menos procurados.

Agora que possui essa nova informação, agora que o anuário revelou seu segredo, agora que Kate reconhece essa nova realidade, sente uma traição ímpar. Mas também intui o surgimento de novas opções. Novas portas se abrindo. Não sabe dizer o que há atrás dessas portas, mas enxerga a luz que se infiltra por elas.

Isso muda tudo.

Kate estava irritada com Dexter. Ele havia demorado demais a ajustar o piloto automático em 160 quilômetros por hora, superando a regulamentação-padrão de 130 quilômetros da linha vermelha do velocímetro. Mesmo assim, a 160 por hora na A8, metade dos carros na estrada andava mais depressa.

Estava irritada com os meninos no banco de trás, que reclamavam do filme medíocre do DVD portátil, o qual tombava toda vez que Dexter fazia uma curva muito fechada, levando-os a gritar.

Mais que tudo, porém, estava irritada consigo mesma. Pensava obsessivamente em todos os erros que havia cometido. A marca do sapato deixada na lama, suas pegadas enlameadas na poeira do apartamento vizinho desocupado, suas pegadas úmidas nos pisos limpos do apartamento de Bill. As fibras de sua pele e cabelo na cama dele – talvez até fios do seu cabelo no travesseiro, pedindo para ser apanhados, examinados, submetidos ao mapeamento do DNA. Que outros erros idiotas poderia ter cometido? Ela havia até arranhado a face, deixando um vermelhão irregular na maçã do rosto. O machucado fora fácil de explicar a Dexter – um incidente na garagem, ao tirar as compras do carro –, mas, assim mesmo, era suspeito. Para não dizer imprudente e estúpido.

Ela se portara como uma amadora.

Ainda por cima, houvera os dois vizinhos na escada, além da Sra. Dupuis. Testemunhas fáceis de encontrar, praticamente inevitáveis.

Kate viu passar a paisagem desinteressante do interior da Alemanha. O vale do Saar: gigantescos parques industriais e prédios comerciais de aço e vidro, espalhados entre densas florestas ondulantes, com hipermercados e revendedoras de automóveis à beira da estrada, chaminés e armazéns e estradas de acesso convergindo em cruzamentos engarrafados.

Tinha sido a missão mais atrapalhada de sua carreira. Mas já não tinha uma carreira, certo? Pedira demissão três meses antes.

Rothenburg ob der Tauber no frio cortante: construções com madeira aparente por toda parte, fachadas pintadas, cortinas de renda, cervejarias, salsicharias, uma imensa feira de Natal, fortalezas medievais, muros de pedra com arcos e torres. Mais uma versão de conto de fadas, mais um lugar estilo cartão-postal. Mais uma torre da prefeitura na qual subir, diversão para garotinhos: subir bem alto ou subir depressa. Os degraus – quantos: duzentos, trezentos? – iam seguindo o contorno das paredes cada vez mais estreitas da torre, gastos, desiguais e bambos. No alto, a família teve de, semioficialmente, pagar uma taxa a um sujeito que tinha um olho só. Os meninos não conseguiam parar de encará-lo.

E então se viram do lado de fora, numa passarela estreita, em meio a rajadas de vento cortante, muito acima da praça central e das ruas que

irradiavam dela para os muros da cidade, para o campo, o rio, os morros e as árvores da Baviera. Dexter baixou os protetores de orelhas do chapéu, um modelo de caça vermelho, quadriculado, forrado de pele de coelho, que Kate lhe comprara de presente de Natal, meia década antes.

Ela contemplou as barracas da feira lá embaixo, o topo da cabeça dos turistas, bonés de esqui e chapéus de feltro, risivelmente fáceis de matar.

E daí se os Maclean fossem assassinos? Qual era a responsabilidade dela? Não era trabalho seu, problema seu. Não era ela que os dois iam matar, nem Dexter. Portanto, o que tinha a ver com isso? Nada.

E, se eles tinham ido a Luxemburgo para matar alguém, quem seria? E quem eram eles? Com certeza não eram da Máfia; não havia como Julia, pelo menos, estar no crime organizado. Não eram militantes islâmicos. Tinham que ser agentes americanos de algum tipo.

Quem sabe seriam da CIA, das Forças Especiais do exército, ou das operações clandestinas do corpo de fuzileiros. Seriam contratados de alguma empresa militar privada? Estariam na Europa para fazer o trabalho sujo da política externa secreta dos Estados Unidos? Para assassinar alguém que fosse a Luxemburgo esconder dinheiro de origem duvidosa – um oligarca ucraniano, um déspota somali, um contrabandista sérvio? E que importância ela dava às irrelevâncias do dinheiro sujo? Ou será que era alguém cuja morte teria uma relevância mais imediata para os interesses norte-americanos? Um diplomata norte-coreano? Um enviado iraniano? Um presidente latino-americano com projetos marxistas? Ou seriam eles meros assassinos de aluguel numa missão civil, uma vingança, uma intriga empresarial? Um alto dirigente de empresa? Um presidente de banco? Um banqueiro privado que houvesse desfalcado uma fortuna de um bilionário, agora muito aborrecido? Talvez fosse alguma coisa complicadíssima. Talvez eles fossem assassinar um americano – o secretário do Tesouro? o de Estado? – e jogar a culpa num cubano, venezuelano ou palestino, criando o pretexto para botar banca, retaliar, invadir.

Havia inúmeras pessoas a assassinar, por inúmeras razões.

Ali, algumas dezenas de metros acima do solo alemão, Kate sentiu-se como Charles Whitman no alto da torre da Universidade do Texas, em Austin, segurando o rifle e decidindo em quem atirar.

Mesmo havendo cometido um número inadmissível de erros, ela se sentira bem lá, na janela de Bill; tivera a sensação de que aquele era o seu lugar. Não num subsolo de centro esportivo, conversando sobre programas de fidelidade de supermercados, mas num ressalto de parede, sem rede de proteção.

Estava cada vez mais convencida de que nunca seria uma feliz mãe que cuida da casa. Se é que isso existia.

– Vamos – disse aos familiares, ansiosa por ir em frente, por controlar o

que pudesse.

Dexter estava tirando fotos dos meninos, que batiam queixo apesar de embrulhados em agasalhos, seus rostinhos vermelhos e o nariz escorrendo.

– Está gelado demais aqui em cima.

– Vejo vocês no hotel às seis.

– Está bem – disse Dexter, retribuindo o beijo de Kate, porém mal a olhando de relance.

Foi só um franzir dos lábios, nem mesmo um selinho rotineiro. Ele estava sentado no peitoril de uma janela do térreo do museu de ciências.

Agora Kate teria suas quatro horas de liberdade. Algumas mães de Luxemburgo davam a isso o nome de “ser soltas”, como um cachorrinho nervoso que sai em disparada pela porta da cozinha em direção ao quintal cercado. Juntas, em grupinhos de três ou quatro, sem marido nem filhos, elas iam a Londres, Paris ou Florença: 48 horas para fazer compras, beber e comer, quem sabe conhecer um estranho num bar e, sob a proteção de um nome falso e da embriaguez, levá-lo para o quarto do hotel e transar das mais variadas e numerosas formas que fossem possíveis, antes de chegar a hora de expulsá-lo e pedir o café da manhã. Vestida, calçada e arrumada.

Kate abriu caminho pelas aglomerações frias e apressadas da hora do almoço no centro de Munique, passando pelos vendedores de alimentos do Viktualmarkt, pela amplitude da Marienplatz, com seu carrilhão no coração da cidade, pelas ruas exclusivas para pedestres – será que ainda restava no continente uma única cidade em que não houvesse lojas H&M e Zara? – e pela chiquérrima Maximilianstrasse, que partia do teatro de ópera, como toda rua elegante em que brotam casacos e chapéus de pele, gigantescos sedãs junto ao meio-fio, com motoristas uniformizados ao volante, e butikques com vendedoras políglotas, fluentes no vocabulário da seda e do couro em inglês, francês e russo, arrumando as compras com cuidado em sacolinhas resistentes e reconhecíveis.

Entrou com passos lentos no saguão opulento de um hotel, encontrou um telefone público, introduziu as moedas e discou o número que havia surrupiado do escritório de Bill, começando pelo código do país, 352. Imaginou que se tratava de um número local de Luxemburgo. O papel furtado por ela estivera em branco, mas trazia a marca do que fora escrito na folha anterior, fácil de recuperar com a ajuda da lateral de uma ponta de lápis, rabiscando de leve.

Tinha razão.

– Alô – atendeu a mulher, em inglês americano –, aqui é a Jane.

Sotaque da área norte do Meio-Oeste, levemente familiar, embora Kate não conseguisse visualizar mentalmente sua dona.

– Alô? – tentou de novo a mulher.

Kate não quis correr o risco de que ela reconhecesse sua voz.

– Alô? – fez a mulher novamente.

Kate desligou. Pois então, Bill andava telefonando para uma americana chamada Jane, em Luxemburgo. Teve a nítida sensação de que aquilo tinha a ver com sexo. Sensação acentuada por estar sozinha naquele hotel sensual e sofisticado, pela possibilidade de subir no elevador e abrir uma porta para...

É claro que seria Bill. Agora mais do que nunca, especialmente agora que sabia que o homem era perigoso. Um criminoso, um policial, ou, quem sabe, como muita gente com quem ela havia topado, as duas coisas. Era bonito e sexy e sedutor e valente, e guardava um revólver embaixo da cama em que transava com mulheres que não eram a esposa. Mulheres como Kate, talvez.

Saiu do hotel, atravessou depressa a rua para um ponto de táxi e entrou num deles: – Alte Pinakothek, danke.

Examinou todas as janelas em todas as direções, para ter certeza de que ninguém a seguia. Mesmo assim, pediu ao motorista que parasse na Ludwigstrasse.

– Faltam 500 metros para o museu – avisou ele.

– Está bom – retrucou Kate, entregando-lhe 10 euros. – Quero caminhar.

Mais adiante, a estação do metrô da universidade acenava, com as luzes e o movimento dos bares, lojas e restaurantes que se aglomeram por toda parte junto às estações de metrô. Mas as calçadas perto de Kate estavam desertas. Ela passou pelos maciços e atemorizantes edifícios de pedra, o vento açoitando pelas esquinas, as orelhas e o nariz queimando de frio.

Estava agitada, mas sob controle. Sentia-se bem outra vez, como no resalto da janela: o pulso acelerado, andando com passos decididos por ruas estrangeiras e desconhecidas, com todos os sentidos aguçados, a mente lúcida. Ela fora menosprezada por várias pessoas ao deixar a Diretoria de Operações para se tornar analista da Diretoria de Inteligência. Ao se retirar do trabalho de campo, do perigo. Ao se depreciar, sentando-se numa cadeira confortável atrás de uma escrivaninha polida.

Tornou a sentir um formigamento, a libido ganhando vida com os outros estímulos sensoriais.

De repente e de forma perversa, ela culpou Dexter por se sentir atraída por Bill. Se Dexter passasse mais tempo com ela, se fosse mais atencioso em todos os sentidos – em qualquer sentido: se agradecesse mais, ou se telefonasse de vez em quando para fazer outra coisa além de dizer que não ia para casa, ou se trepasse com ela com mais frequência, ou mais paixão, ou mais criatividade, ou se ao menos dobrasse uma única porcaria de carga de roupa lavada –, talvez ela não estivesse andando nessa rua, fantasiando sobre deitar naquela cama com um revólver preso embaixo do estrado.

Tudo isso era absurdo, Kate sabia. Estava transferindo sua culpa para uma pessoa inocente; um pretexto para sentir raiva de alguém que não ela própria. Disse a si mesma para se concentrar.

Atravessou a praça varrida pelo vento, em frente à Antiga Pinacoteca, sem uma só pessoa à vista.

As trilhas entrecruzadas criavam enormes formas angulosas de grama, uma geometria gigantesca, pontuada por esculturas de metal muito espaçadas e contornada por árvores sem folhas. Pareceu ficar mais frio quando ela se aproximou do edifício imponente, cujas janelas em arco pareciam não ter luz por dentro. Sua impressão foi a de estar entrando num misterioso tribunal, presidido por um juiz onisciente.

Comprou o ingresso, mas não quis os fones de ouvido para orientá-la sobre as peças. Manteve consigo a bolsa e o casaco. Subiu a escadaria, uma vastidão larga e arejada de mármore reluzente, degrau por degrau. Começou pelo começo, com os pintores flamengos primitivos e a antiga pintura alemã, sem especial interesse. Passou para as grandes galerias, repletas de imensas obras de gênios da pintura – Rafael, Botticelli, Da Vinci. Havia ali alguns turistas japoneses, como em toda parte, absortos em seus fones, as câmeras fotográficas balançando no peito.

Um homem sozinho, com o sobretudo de lã dobrado no braço, postava-se em frente à Virgem do cravo, de Leonardo da Vinci.

O sol roçava a silhueta sul dos prédios do centro de Munique, lançando raios nítidos pelas janelas imensas. Kate consultou o relógio: 15h58.

Passou para a galeria bem no centro do prédio, abarrotada de enormes telas de Rubens. A morte de Sêneca, com o filósofo surpreendentemente musculoso. Caça ao leão, brutal, bárbara. E o maior de todos, O último grande juízo, uma enorme pilha de carne humana nua, sendo julgada do alto por Cristo, por sua vez julgado de cima pelo Pai.

– É incrível, não? Kate olhou para o homem que avistara no outro salão: gravata, sobretudo no braço, paletó esporte, lenço no bolso, calças de flanela, sapatos de camurça. Óculos de armação grossa, cabelo grisalho cuidadosamente aparado. Era alto e esguio, e parecia poder ter qualquer idade entre os 45 e os 60 anos.

– Sim – respondeu ela, tornando a voltar os olhos para a imensa tela.

– Foi encomendado para um altar em Neuburg: o Danúbio, para ianques como nós, na Alta Baviera.

Mas as pessoas, quer dizer, os padres, não se apaixonaram por toda essa nudez – disse, com um leve aceno da mão para os corpos da pintura. – Assim, o quadro só passou algumas décadas pendurado na igreja, frequentemente coberto, escondido da visão, antes que essa gente se livrasse dele.

– Obrigada – disse Kate. – Isso é interessante.

Correu os olhos pelo salão. Não havia mais ninguém. Ela avistou um guarda de segurança numa das galerias adjacentes, na vigilância rigorosa de uma família com um par de crianças pequenas, dois garotos de escola de quem

emanava um cheiro de rebeldia – verdadeiras ameaças aos museus, no ponto de vista de um guarda alemão.

– Na verdade, é só semi-interessante. Eu daria um quatro. E sendo muito caridosa.

O homem riu.

– É um prazer vê-la, minha querida.

– E a você também. Faz muito tempo.

– E então, você ainda gosta de Munique? – perguntou Kate. – Faz uma eternidade, não é? Hayden soltou outra risada. Fazia mesmo uma eternidade que estava na Europa, toda a sua carreira.

Estivera na Hungria e na Polônia na fase complicada do fim da Guerra Fria. Estivera na Alemanha – Bonn, Berlim, Hamburgo – durante a corrida armamentista do governo Reagan, a ascensão de Gorbachov, o colapso da União Soviética, os reajustes pós-URSS, a reunificação alemã. Estivera em Bruxelas no nascimento da União Europeia, na dissolução das fronteiras, no surgimento do euro.

Voltara à Alemanha quando o continente inteiro começara a reagir ao fluxo de imigrantes muçulmanos, com a reafirmação das forças reacionárias, o ressurgimento do nacionalismo... Hayden havia chegado à Europa no meio da vida do muro de Berlim, que já se fora fazia duas décadas.

Kate chegara à Agência quando o muro já havia caído. A América Latina era o futuro – nosso hemisfério, nossas fronteiras –, embora os sandinistas tivessem sido derrotados e Clinton andasse falando em normalizar as relações com Fidel Castro. Na época, ela não achava que estaria entrando naquele livro no meio do capítulo final. A coisa parecia estar apenas na metade, com o escândalo Irã-Contras já no passado e com a abstração da ameaça comunista desfeita. O futuro seria concreto, orientado para a ação, com resultados importantes para a área de influência norte-americana.

E foi. Pouco a pouco, no entanto, ano após ano, Kate se sentiu cada vez mais inútil – notou sua relevância no trabalho diminuir. E sua sensação deprimente de inutilidade foi ultra-acelerada no 11 de Setembro, quando saber quem estava em ascensão como candidato à prefeitura de Puebla passou a não ter a menor importância. Embora a CIA, como instituição, houvesse reconstruído sua missão no dia 12 de setembro, Kate, como agente da CIA, nunca havia recuperado seu senso de relevância. Ou irrelevância.

Durante todo esse processo, Hayden estivera bem ali.

– Adoro Munique – respondeu ele. – Venha, deixe-me mostrar-lhe uns quadros menores.

Kate o acompanhou até uma sala aconchegante, uma das galerias do norte que ficam de frente para a praça da entrada, já então em plena sombra crepuscular. Hayden passou pelas pinturas e foi até a janela. Kate seguiu seu olhar, pousado em um homem que se encostara num poste de luz da praça imensa e fria, fumando um cigarro e olhando para as janelas do museu. Olhando para eles.

– E como foi na Romantische Strasse? As crianças devem ter adorado aquele castelo bobo de Neuschwanstein. Quantos anos eles têm? – Têm 5 e 4.

– O tempo voa.

Apesar de não ter filhos, Hayden reconhecia que muitas pessoas, a certa altura da vida, começavam a medir o tempo não por seu próprio avanço, mas pela idade dos filhos.

Ele continuou a olhar pela janela, observando o homem na praça. Uma mulher desceu a escada depressa. O homem desencostou do poste. Quando a mulher se aproximou, ele jogou fora o cigarro, deu-lhe o braço, e os dois se afastaram de braços dados. Kate se perguntou se algum dia ela e Dexter voltariam a andar assim, como tinham feito no começo do namoro.

Hayden desviou os olhos da janela e se aproximou de uma natureza-morta pequenina, impecável, sombria. Uma pequena obra-prima flamenga de luz e sombra.

– As pessoas mais altas do mundo são os holandeses – disse. – Em média, 1,85 metro.

– Os homens? – Todos. Homens e mulheres.

– Hum. Essa é nota cinco.

– Cinco? Só isso? Você é osso duro de roer.

Hayden deu de ombros.

– E então, em que posso ajudá-la? Kate enfiou a mão no bolso do casaco de tweed e lhe entregou a cópia da fotografia tirada naquela boate parisiense um mês e meio antes, apesar de parecerem anos.

Hayden mal olhou para a foto antes de guardá-la no bolso. Não queria ser visto parado num museu olhando para uma foto em sua mão.

– Há um número de telefone no verso.

– Um celular pré-pago? – Isso mesmo – respondeu Kate, enrubescendo na expectativa da crítica que ele não tardaria a fazer.

Mas Hayden percebeu pelo rubor que ela já estava se castigando por ter usado o telefone de casa para marcar esse encontro: não precisou mencionar o fato.

– Sabe quem eles são? – perguntou Kate.

– Eu deveria saber? – Pensei que talvez fossem dos nossos.

– Não são.

A família com os filhos pequenos, francesa, estava agora na galeria adjacente. Na galeria para além deles, talvez a uns 50 ou 60 metros de distância, havia um homem sozinho, de sobretudo, de costas para Kate. Estava até de chapéu: de feltro, marrom. Num recinto fechado.

– Tem certeza? – perguntou ela.

– Tanta quanto é possível.

Kate não ficou inteiramente convencida, mas, no momento, não havia mais nada que pudesse fazer.

– O homem da direita é meu marido – falou baixo, quase num sussurro,

mas tomou o cuidado de não chegar propriamente a cochichar. Cochichos chamam atenção. – O da esquerda diz chamar-se Bill Maclean, corretor de câmbio de Chicago que hoje mora em Luxemburgo.

Recomeçaram a andar por outra galeria bem iluminada do lado sul, os passos ecoando no salão imenso, sob o olhar de santos, mártires e anjos.

– E não é? – Não.

Hayden passou por outro Rubens, A queda dos condenados.

Kate olhou de relance para a tela, horrores sobre horrores.

– A mulher seria casada com ele, Julia. Um pouco mais moça que Bill. Decoradora de interiores de Chicago.

Hayden fez uma pausa, erguendo os olhos para O sacrifício de Isaque. Abraão prestes a matar o único filho, a mão cobrindo completamente os olhos do jovem, protegendo Isaque de seu destino iminente. Mas um anjo havia chegado na hora exata e segurado o pulso do ancião. A lâmina ia caindo pelo ar, ainda parecendo perigosa, aquela arma flutuante. Uma faca destrutiva.

– Quer me dizer no que está pensando? – perguntou Hayden.

Kate continuou a contemplar o imenso Rembrandt, a gama de emoções no rosto do velho Abraão, o pavor e a tristeza, mas também o alívio.

– Essas pessoas não são quem dizem ser. Os nomes delas não são esses. Nem as carreiras.

Voltou os olhos da tela para Hayden e captou um vislumbre do outro homem cruzando uma porta, um relance de seu perfil, não o bastante...

– E então? – indagou Hayden. – Quem são eles? Qual é a sua teoria? O que estamos procurando? – Acho – disse ela, com a voz mais baixa possível – que eles vão assassinar alguém.

Hayden arqueou as sobrancelhas.

– Sei que parece estranho.

– Mas...? – Mas eles moram em frente ao palácio do monarca, com uma visão perfeita de múltiplas áreas desprotegidas. E a segurança é lastimável. O palácio tem toda a aparência de um ambiente seguro, mas nenhuma segurança de fato. Se você estivesse procurando um lugar realmente genial para matar alguém, seria aquele. Se estivesse procurando um local para eliminar um alvo de altíssimo valor, um presidente, um primeiro-ministro, dificilmente poderia achar coisa melhor.

– Não pode ser apenas coincidência? – É claro. O apartamento deles é um belo lugar para se morar. Mas eles têm armas. Pelo menos uma.

– Como você sabe? – Vi o revólver.

– Eu tenho um revólver. Você também, talvez. E nós não vamos assassinar ninguém.

Kate lhe lançou um olhar do tipo “você deve estar brincando”.

– Vamos? – continuou ele.

– Ora, você sabe o que estou dizendo.

– Está bem – admitiu Hayden. – Reconheço que a arma justifica certa desconfiança. Mas há centenas de razões pelas quais a pessoa teria uma arma...

– Um americano? Na Europa? –... e só uma delas é assassinato.

Hayden deu de ombros e franziu o rosto, sugerindo que tinha outra opinião, mas que relutava em compartilhar.

– E quanto aos nomes falsos? – perguntou Kate.

– Ora, por favor. Quem não tem um nome falso? – Os banqueiros normais que se mudam para Luxemburgo.

Kate estava perdendo a paciência. Hayden não parecia disposto a admitir nem mesmo a possibilidade de que essas pessoas fossem assassinas.

– Conheci um bocado de assassinos na minha época.

– Eu também – admitiu ele.

– E você sabe que é assim que eles trabalham, é isso que fazem.

Na verdade, era exatamente o que tinham feito quando Kate contratara uma equipe para eliminar um general salvadorenho. O casal havia alugado uma casa na praia, perto de onde se sabia que o general apareceria, mais cedo ou mais tarde: numa residência de veraneio em Barbados, pertencente ao principal traficante de armas do general. A dupla acabou precisando esperar quase dois meses, durante os quais adquiriu um bronzado belo e intenso e aprimorou consideravelmente sua habilidade no golfe. Os dois aprenderam até a surfar.

Por fim, um dia, no finalzinho da tarde, a mulher pôs o cano do rifle para fora da janela do banheiro do segundo andar e disparou um tiro bastante fácil a pouco menos de 300 metros – teria acertado o alvo a uma distância duas vezes maior, talvez três –, por cima de um telhado, no jardim imaculadamente bem cuidado, à beira-mar, onde o general se reclinava numa espreguiçadeira com uma garrafa de cerveja Banks na mão e, de repente, um grande buraco no meio da cabeça. O outro componente do time estava com o motor ligado, a bagagem na mala do carro, o jato particular aguardando na pista do lado leste da ilha, a trinta minutos da novíssima cena de crime da baía de Payne.

Kate captou mais um vislumbre do homem na outra galeria. Manteve-o sob vigilância pelo canto do olho.

– E aconteceu uma coisa em Paris – acrescentou. – Fomos assaltados, tarde da noite, e ele colocou os bandidos para correr. Teve um comportamento muito, sei lá, muito...

– Muito profissional? – Sim.

– Pois bem, vou imaginar que você esteja certa. Mas, se eles são assassinos, quem é o alvo? – Não faço ideia. Mas há gente importante circulando pelo palácio o tempo todo.

– Isso não chega exatamente a limitar as opções, não é? Kate balançou a cabeça.

– Escute – ponderou Hayden –, eu não... como posso dizer?... não acho crível que alguém contrate assassinos, uma equipe que se faz passar por marido e mulher, por... há quanto tempo isso está acontecendo? – Uns três meses.

– Por um trimestre, contando com a possibilidade de que esse arranjo venha enfim a proporcionar um tiro viável em, francamente, qualquer pessoa. Por mais que você considere insuficiente a segurança desse palácio, um nível muito mais eficaz pode ser estabelecido em qualquer lugar, a qualquer momento, em 48 horas.

Ela viu o homem da outra galeria chegar mais perto.

– Desculpe-me – continuou Hayden. – Reconheço que esses tipos parecem suspeitos. Mas acho que você interpretou mal a situação. Eles não são assassinos.

De repente, Kate compreendeu que era claro que ele tinha razão. Mal pôde acreditar que investira tanto numa teoria tão despropositada, que havia construído de forma tão obstinada um cenário obviamente contrário à realidade. Tinha sido uma idiota.

Então, por que os Maclean estavam em Luxemburgo? A consciência dela imprensou alguma coisa num canto de sua mente, um canto escuro que ela tentava – mas raramente conseguia – esquecer.

– E, se não se importa que eu pergunte...

– Sim? – Que importância tem isso para você? Ela não conseguiu pensar noutra resposta senão a verdade, algo que não podia admitir: que tinha medo de que os dois estivessem atrás dela, por causa daquele desastre com Torres.

– Talvez seja mais conveniente só deixar isso para lá – sugeriu Hayden.

Kate virou para ele, viu a expressão de advertência.

– Por quê? – Você pode não gostar do que vai descobrir.

Ela perscrutou o rosto de Hayden em busca de algo mais, que ele não quis dar. E que não lhe era possível pedir, sem explicar por quê.

– Tenho que descobrir.

Hayden a encarou, à espera de que ela se estendesse mais sobre o assunto, porém Kate se absteve.

– Muito bem.

Hayden enfiou a mão no bolso, pegou a foto e a devolveu.

– Sinto muito. Não posso ajudá-la. Estou certo de que você entende.

Kate esperava por isso. Hayden se tornara uma pessoa importante na Europa, não podia se dar ao luxo de entrar em becos sem saída.

Agora o homem de chapéu estava em outra galeria adjacente, ainda de costas para eles. Kate deu alguns passos pelo perímetro do salão, tentando dar uma espiada em seu rosto.

– Quanto tempo você vai ficar em Munique? – perguntou Hayden.

Entraram na galeria seguinte, passando pela jovem família e pelo guarda

de segurança que a escoltava. Hayden parou diante de um Rembrandt. Kate olhou em volta, mas não viu o estranho de chapéu de feltro. E em seguida o viu, no salão ao lado.

– Vamos embora depois de amanhã – respondeu. – Passaremos um dia em Bamberg, depois voltaremos para casa, para Luxemburgo.

– Cidadezinha linda. Você adoraria Bamberg. Mas...

Kate virou-se para ele: – Sim? – Em vez disso, você poderia ir a Berlim. Para ver um sujeito.

O homem do salão ao lado vinha se aproximando aos poucos e agora se colocara numa posição que passava a impressão de que ele estava tentando ouvir a conversa.

Kate arregalou os olhos para Hayden e inclinou a cabeça para a galeria vizinha. Hayden entendeu, assentiu. Deslizou rapidamente para a parede, as solas tocando o chão em silêncio, o corpo entrando em ação imediatamente, com gestos elegantes e controlados. Parado, com suas roupas chiques e o cabelo impecável, Hayden parecia qualquer homem de meia-idade. Porém, ao andar, ao estender a mão e apontar para um quadro, outra coisa ficava aparente. Como Travolta quase dançando em Pulp Fiction, toda a sua energia era notada. Agora que tinha entrado em ação, Hayden era de uma agilidade singular. Deslizou para a grande galeria seguinte, enquanto Kate se deslocava depressa para a menor.

Ela não viu nada. Olhou para as duas laterais do longo corredor, janelas de um lado, galerias não visitadas do outro.

Ninguém.

Começou a andar. Na galeria seguinte, vislumbrou Hayden na grande sala adjacente, os dois avançando em paralelo, perseguindo, vasculhando.

Mas ainda não havia ninguém.

Kate apertou o passo, agora ouvindo o som dos garotos franceses, e vislumbrou um sobretudo atravessando uma porta e os japoneses se assustarem à passagem célere de Hayden, mas nem sinal do sobretudo. Andou mais depressa, chegando ao final do prédio, ao alto da escada, fez uma curva e olhou para baixo...

E lá estava ele, descendo os últimos degraus da escadaria, dobrando a esquina, o sobretudo esvoaçando às costas.

Kate e Hayden desceram correndo, enquanto um guarda de segurança os ordenava que parassem: “Halt!” Fizeram a curva e desceram mais um lance de escada. Outra curva e lá estava o saquão de entrada. Pararam, arfantes.

Contemplaram um salão imenso, que antes tinham visto vazio. Agora estava abarrotado, comportando os passageiros de inúmeros ônibus de turismo, centenas de pessoas de casaco e chapéu, comprando ingressos e entrando em uma fila para deixar os agasalhos no guarda-volumes, sentadas em bancos ou de pé.

Kate examinou a aglomeração, andando devagar para mudar de perspectiva, enquanto Hayden se deslocava na direção contrária. Desceram a escada por lados opostos do saguão e avançaram por entre os visitantes – alemães aposentados das províncias, casacos de lã xadrez, calças de lã impermeáveis, cachecóis que pareciam ovelhas, hálito de cerveja, risadas calorosas e bochechas vermelhas, o cabelo fino e esvoaçante.

Ela vislumbrou alguma coisa do outro lado da aglomeração e avançou ansiosa por entre a densa massa humana – “Com licença, bitte, com licença” – até chegar às portas de vidro da entrada e ver o homem de sobretudo ondulante e chapéu de feltro marrom quase na extremidade da praça, onde um carro parou diante dele. O sujeito entrou no banco traseiro, atrás do motorista, com o rosto ainda oculto.

Quando o carro se afastou do meio-fio, a motorista virou por uma fração de segundo na direção do museu, antes de voltar os olhos para seu trajeto pela Theresienstrasse. Era uma mulher de óculos escuros enormes.

O carro estava a quase 100 metros de distância e a luz era pálida. Ainda assim, Kate teve certeza de que a motorista era Julia.

– Acho que devemos ir – ponderou Kate. – Quando é que viremos de novo a um lugar tão a leste quanto este aqui? Estavam passeando pelo Jardim Inglês à luz poente, numa paisagem de tons castanhos e cinzentos, uma treliça infinitamente intrincada de galhos desfolhados cuja silhueta se recortava contra o céu prateado.

– Se não formos agora, teremos que ir de avião depois. E, sejamos francos, nós não vamos comprar quatro passagens aéreas para Berlim.

– Mas, então, por que Berlim não fez parte do nosso roteiro original? – perguntou Dexter, como era razoável.

A grama congelada estalava sob os pés. Os meninos vasculhavam o chão à procura de bolotas de carvalho, que iam enfiando nos bolsos. Era uma espécie de competição.

– Eu não estava olhando para a Alemanha inteira.

– Tenho que trabalhar na segunda.

– Mas você pode fazer isso em Berlim, não pode? Dexter ignorou a réplica: – E a viagem vai significar mais dois dias faltando às aulas. Você sabe que eu não gosto disso.

Os dois desceram um trecho de depressão e tornaram a subir, os pés de Kate deslizando nos montes escorregadios de folhas.

– Eu sei – disse ela. – E concordo. Mas estamos falando do maternal.

– Para o Ben. Mas para o Jake é o jardim de infância.

Kate o fuzilou com os olhos. Será que Dexter imaginava que ela não sabia em que série Jake estava? Esforçou-se para ignorar a observação paternalista; de nada adiantaria brigar. Respondeu no tom mais impassível que pôde, sua fala

emergindo em grandes baforadas brancas no ar frio e seco: – Eu sei. Mas foi por isso que quisemos morar na Europa. Por nós e pelos meninos: para ir a todos os lugares, para ver tudo. Então, vamos conhecer Berlim. Jake pode voltar para o abecedário na quarta-feira.

Kate sabia não ter nenhuma sustentação moral para seu argumento. Sua posição era indefensável e ela detestou defendê-la, fingindo que uma coisa era para o bem das crianças, quando, na verdade, era apenas algo de que ela precisava. Ou que apenas queria. Esse era o tipo de sentimento horroroso que ela tivera esperança de evitar ao deixar a CIA. O tipo exato de mentira que a havia feito jogar a carreira no lixo, de modo que não viesse a pregá-la.

Pararam à beira de um laguinho congelado, a margem escorada por pedregulhos, com longos galhos baixos curvando-se para descansar sobre a superfície vítrea.

Dexter pôs o braço em volta de Kate enquanto os dois contemplavam aquele quadro sereno e frígido. Eles esfregaram os ombros para se aquecer.

– Está bem – disse. – Vamos a Berlim.

Kate obrigou os meninos a posarem no Checkpoint Charlie, em frente à placa que diz você está deixando o setor norte-americano, na Friedrichstrasse. Kennedy estivera ali em 1963, na mesma visita que se declarou berlinense – “Ich bin ein Berliner” – num discurso proferido na escadaria da prefeitura de Schöneberg. E depois, em 1987, no portão de Brandemburgo, Reagan havia desafiado Gorbatchov a derrubar aquele muro.

Os americanos gostavam de fazer discursos bombásticos ali em Berlim. Kate seguiu essa tradição, com uma versão apaixonada do seu “Se Vocês Não Começarem a Se Comportar Já, Neste Instante”.

Era provável que a culpa fosse do chocolate, anunciou. Portanto, uma solução seria eles não voltarem a comer chocolate, nunca mais, pelo resto da vida.

Os olhinhos se arregalaram de pavor; Ben começou a chorar. Kate amoleceu, como de praxe, usando um subterfúgio: “Não é o que eu quero, portanto, não me obriguem a isso.” Os meninos se recuperaram depressa, como sempre. Ela os deixou seguir pelas fileiras ondulantes de monólitos do Memorial do Holocausto, milhares de lajes de concreto, subindo e descendo.

– Se chegarem a uma calçada – gritou –, parem! Os garotos não faziam ideia do que era aquele lugar e de forma alguma Kate explicaria.

Dexter estava no hotel, devidamente cafeinado e conectado à internet por uma rede sem fio. De repente, outro homem pôs-se ao lado de Kate.

– Você tem uma coisa para mim – disse.

Ela se assustou ao reconhecê-lo como o motorista estranho que havia transportado a família na saída do aeroporto de Frankfurt, no primeiro dia deles na Europa. Hay den ainda estivera de olho nela. Talvez sempre. Pensando bem,

não era tão chocante.

Kate meneou a cabeça em sinal de reconhecimento, e o homem retribuiu o aceno. Ela tirou do bolso e lhe entregou o saco plástico que continha um tubo de protetor labial e um cartão de visitas de um clube de tênis, surrupiados do apartamento dos Maclean.

– Amanhã, à mesma hora, na extremidade norte da Kollwitzplatz, em Prenzlauer Berg.

Cinquenta metros à frente, Ben gritou: – Oi, mamãe! Kate olhou para a longa fileira de lajes ardósia-acinzentadas, para seu filhinho junto à pedra imensa que o apequenava. Acenou, elevando bem alto a mão.

– Está bem – respondeu, tornando a se virar para o homem, que já havia sumido.

Estar nessa missão em Berlim continuava a ser prazeroso. Mesmo havendo a probabilidade de a missão existir apenas na imaginação dela. Talvez fosse isso que andara faltando em sua vida, a razão de ela se sentir tão entediada, tão sem valor, tão infeliz.

Mas que missão ela queria? Talvez não precisasse das que incluíam armas e identidades secretas e chamadas em código e perigos mortais. Talvez a família pudesse ser sua missão. Kate poderia encarar os filhos – a educação, as diversões deles – como uma tarefa, um problema a ser resolvido.

Não havia nenhum empecilho a que ela melhorasse sua vida, fizesse dela uma agradável vida normal, ajudando as crianças nos trabalhos de escola, voltando sua atenção para a culinária francesa e, quem sabe, ao estilo Julia Child, realmente dominá-la.

Primeiro, porém, ainda precisava descobrir quem eram Julia e Bill.

Parou na entrada do parquinho da Kollwitzplatz.

– Vou tomar um café – disse a Dexter. – Quer alguma coisa? – Não, obrigado.

Atravessou a rua, entrou num café e ocupou um assento longe da janela. Uma garçonete de ar estressado saiu às pressas da cozinha, levando sua bandeja carregada de pratos para um grupo grande e barulhento num canto. A porta tornou a se abrir e o homem entrou. Sentou-se de frente de Kate.

Ela lhe deu uma olhadela rápida: 30 e poucos anos, barba malcuidada, camisa de caubói, jeans e tênis, e uma japonsa por cima. Indistinguível dos hipsters que moravam em Austin, no Brooklyn, em Portland, no Oregon ou no Maine. Assim era a globalização: todo mundo intercambiável em toda parte. Era possível ser qualquer um em qualquer lugar e fazer qualquer coisa. Esse motorista de van, amante da new wave e provavelmente viciado em metanfetamina, com jeito de morador de Williamsburg, era espião.

– Não tenho muito tempo – disse Kate.

– Sim. Estou vendo que você trouxe uma comitiva.

A garçonete passou correndo por eles, sem olhá-los.

– E então? – perguntou Kate.

– Essas pessoas são Craig Malloy e Susan Pognowski.

– Pognowski? – Sim, é um sobrenome polonês. Ela cresceu em Buffalo, no estado de Nova York. E o tal Malloy é de um lugar próximo da Filadélfia, na Pensilvânia.

A garçonete parou, segurando cardápios. Kate pediu um café para viagem. O homem não quis nada.

– Eles são casados? – Hum? Não. Não são casados.

– E quem são eles? – É interessante – disse o homem, debruçando-se na mesa, com um risinho de zombaria.

Nesse momento, alguém terminou de contar uma piada na mesa grande e todos caíram na gargalhada. Um caneco de cerveja bateu na mesa. Um pequeno furgão de entregas que estivera em ponto morto do lado de fora engatou a primeira e se foi, deixando em sua esteira uma clareza adicional dos sons que restaram. Um chiado da cozinha, quando a garçonete emergiu com uma grande travessa de batatas fritas. Uma gargalhada vinda do pátio da escola na esquina. Um grito do filho mais velho de Kate, do outro lado da rua, brincando no trepa-trepa.

Quando os barulhos amainaram, o homem respondeu: – São do FBI americano.

Kate ficou perplexa, olhos e boca escancarados, totalmente imóvel.

FBI? Tentou elaborar essa informação, a mente girando, perseguindo ideias diferentes. Pela janela, olhou para os filhos brincando, Dexter sentado num banco, de costas para ela, de frente para o sol fraco estampado no céu.

– E sabe o que também é interessante? – continuou o homem. – Estão aqui por empréstimo.

Kate virou-se para ele, confusa.

– Empréstados a uma força-tarefa especial – explicou ele.

Ela levantou as sobrancelhas e ele revelou: – Na Interpol.

15

Kate foi andando para a feira das quartas na Place Guillaume II: flores e produtos agrícolas, açougueiros e padeiros, peixeiros e um caminhão que vendia frango assado. Havia um francesinho magro porém musculoso que era um defensor apaixonado de seus queijos alpinos. Um belga que não vendia nada além de cebola e alho. Uma barraca de massas frescas, uma de cogumelos silvestres e outra de azeitonas. Havia uma mulher de tagarelice surrealista que vendia especialidades da Bretanha, e um casal roliço, de bochechas vermelhas, que oferecia carnes curadas do Tirol e não falava uma palavra de francês, muito menos de inglês.

Ela esperou numa fila congelante para comprar frango assado, de novo perdida em pensamentos. A boa notícia – se é que Kate se inclinava a enxergar uma – nessa história era que ela não estava enlouquecendo. Os pretensos Maclean realmente eram policiais federais disfarçados. Mas o que estariam aprontando? O espião de Hayden em Berlim não tinha outras informações nem poderia obtê-las, não sem despertar suspeitas, o que deixara claro não estar disposto a fazer. Kate não podia argumentar com ele. Bem, até podia, e havia tentado, mas não adiantara.

Ela compartilhava com muitos irmãos da CIA um desdém vitalício pelos agentes federais que trabalhavam no edifício J. Edgar Hoover. A animosidade entre espiões e policiais era quase inteiramente irracional, nascida das considerações políticas dos homens que dirigiam os dois órgãos, que desconfiavam uns dos outros, crianças que não sabiam brincar direitinho na caixa de areia e disputavam a atenção dos sucessivos papais que moravam na Casa Branca.

Mas, quer ela respeitasse ou não o FBI, esses agentes estavam em Luxemburgo. Por quê? Não podia ter nada a ver com ela. Talvez estivessem perseguindo um fugitivo: um assassino, um terrorista. Esse criminoso possuiria uma conta em Luxemburgo com milhões – bilhões? – de euros, da qual só ele poderia fazer saques. Portanto, cedo ou tarde ele ia aparecer. Era isso que Bill e Julia estavam fazendo na Europa: esperando a hora de prender um bandido.

Talvez estivessem investigando uma operação de lavagem de dinheiro, drogas ou armas, dinheiro sujo sendo lavado nas máquinas anônimas dos bancos de Luxemburgo. Estariam monitorando as pessoas que, ao chegar, passavam pelo negligente controle alfandegário do pequeno e impecável aeroporto de Luxemburgo, com as malas repletas de dólares levados de guetos americanos para as sedes dos cartéis na América do Sul, depois acondicionados em malas despachadas em voos da Air France ou da Lufthansa, partindo do Rio ou de Buenos Aires para Paris ou Frankfurt, com conexões em Luxemburgo. Essas pessoas deixariam a Europa com cheques administrativos limpos. Portanto, os agentes do FBI estavam levantando dados, preparando um dossiê de acusação.

Kate pediu seu frango assado e um pouco das batatas feitas na gordura que pingava dos frangos no espeto.

Então, por que eles estavam ali, em Luxemburgo? Por que o FBI emprestaria agentes à Interpol e os mandaria para o grão-ducado? Devia considerar Dexter, é claro. O que ele poderia ter feito? Por que estava em Luxemburgo? Talvez tivesse desfalcado um de seus clientes. Nesse exato momento, poderia estar invadindo um banco de dados empresarial e comprando ações com base no roubo de informações privilegiadas.

Ou...

Enfiou a bolsa térmica de frango com batatas na sacola de lona. Fazia

muito tempo que não usava sacolas plásticas.

Ou então, era óbvio: a Interpol poderia estar atrás dela, finalmente. No minuto em que pisara no andar de Torres no Waldorf – não, no minuto em que havia entrado na Union Station, em Washington, e pagado em dinheiro sua passagem de trem para Nova York –, ela tivera o pressentimento de que um dia haveria consequências. E que elas surgiriam quando Kate menos esperasse.

A sacola estava transbordando, com sua tentativa de comprar coisas normais – copos-de-leite, uma bisnaga, legumes e frutas e seu frango com batatas. Era um fardo pesado.

Evitaria Julia, protegeria a si mesma usando a privacidade. Não era uma solução a longo prazo; na verdade, poderia vir a se revelar contraproducente. Mas era do que ela precisava nesse momento, junto com as flores para a mesa de jantar e com algumas horas cozinhando, para clarear a mente.

Saiu da praça e entrou numa rua aberta para o trânsito de veículos e, de repente, a calçada ficou cheia de freiras. Umhas duas dúzias delas, todas velhas. Kate se perguntou onde guardariam as jovens, escondendo-as do mundo, como mudas de plantas numa estufa climatizada.

Desceu do meio-fio, deixando a calçada para as freiras idosas. Foi andando sobre os paralelepípedos, pequenos regatos correndo entre eles, como um sistema liliputiano de canais, uma Holanda em miniatura.

A freira que ia à frente olhou para Kate pelos óculos miúdos de aro de aço.

– Merci, madame – disse, baixinho.

Quando Kate passou pelas outras, cada uma delas disse a mesma coisa, num coro interminável de gentis “Merci, madame”, todos acompanhados por olhadelas rápidas nos olhos de Kate.

E então se foram, sumiram de vista. Kate virou para trás, olhou para a rua deserta, perguntou-se por um momento fugaz se as freiras tinham mesmo estado ali ou se ela simplesmente as imaginara. Elas haviam deixado restos de devoção pairando no ar, o que fez Kate sufocar de culpa.

Kate estava outra vez sentada no subsolo do centro esportivo, incapaz de prestar atenção à conversa fiada que zumbia a seu redor. Um telefone tocou num ponto abaixo dela, na profundezas da bolsa de alguém. Ninguém fez qualquer movimento para atender. Na metade do segundo toque, Kate se deu conta de que devia ser seu próprio celular pré-pago. Nunca o ouvira tocar.

Puxou a bolsa para o colo.

– Com licença – disse, olhando em volta, levantando, saindo do café para a escada. – Alô? – Alô.

– Espere um minuto... só preciso chegar...

Estava no alto da escada, passando pelo vestiário masculino.

–... a um lugar com mais privacidade.

Saiu para a friagem, o vento e a penumbra, a desolação do norte europeu às 16h15 no fim do outono.

– Quer dizer que eles são do FBI – disse ela.

Para satisfazer a própria curiosidade, tinha voltado a telefonar para o gabinete de ex-alunos da Universidade de Chicago e para o reitor, que lhe revelara com relutância o antigo endereço dos pais de William Maclean, os quais, após mais alguns telefonemas, Kate havia localizado em Vermont. Ao telefone, Louisa Maclean lhe revelara que, vinte anos antes – no verão seguinte à formatura –, seu filho Bill dirigia uma Vespa alugada na traiçoeira estrada litorânea da região de Cinque Terre, na Itália, quando perdera o controle e batera num muro de contenção todo de pedra. O muro havia impedido o avanço da motoneta, que fora reduzida a um monte de ferro-velho na lateral da estrada.

Mas Bill tinha sido projetado por cima do muro baixo, mergulhando de uma altura de 60 metros na praia rochosa.

Bill Maclean havia morrido em julho de 1991.

– É, eu soube – respondeu Hayden.

– Preciso descobrir o que eles estão fazendo.

– Por quê? Agora que você sabe que não são criminosos, não precisa se preocupar com os seus, digamos, valores. E eles não vão assassinar ninguém no palácio e criar um enorme engarrafamento.

Então, que interesse tem isso para você? Foi então que ocorreu a Kate que ela estava investigando os Maclean para não ter que investigar o marido. Fabricar um inimigo externo e demonizá-lo, como qualquer político sabe, é muito mais conveniente que enfrentar o inimigo interno.

– Porque eles estão na minha vida – respondeu.

Houve um silêncio longo e pesado do outro lado da linha. Kate também ficou muda. Assim concordaram tacitamente em pular a conversa que não queriam ter. A conversa que começaria por uma pergunta de Hayden: “Você tem alguma coisa a esconder deles?” – Está bem – disse ele. – Há uma pessoa com quem você pode falar, em Genebra. Kyle.

Genebra. Hayden começou a explicar o modo de estabelecer contato, mas a cabeça de Kate ficou empacada na primeira etapa, examinando as hipóteses que lhe permitiriam dar um pulo à Suíça para uma reunião rápida.

Era o tipo de coisa que, no passado, ela vivia fazendo: dar um pulo à cidade do México ou a Santiago, dizendo estar numa conferência em Atlanta. Mas isso fora no tempo em que ela possuía uma arsenal inteiro de desculpas, no tempo em que não era o trabalho de Dexter que se mostrava imprevisível e exigente. No tempo em que Kate tinha liberdade para ir aonde precisasse, sempre que precisasse.

– Eu...

Fez uma pausa, sem querer dizer em voz alta o que havia concluído: que

provavelmente levaria semanas para ir a Genebra. Sentiu uma saudade repentina da flexibilidade que tivera em sua antiga vida – que, com certeza, na época, ela nem sequer notava.

– Sim? – disse Hayden.

– Que tal Paris? Ou Bruxelas? Ou Bonn? Eram lugares a que ela conseguiria ir e voltar no mesmo dia com os filhos. Poderia dizer a Dexter que era um dia para cuidar da saúde mental.

– O homem que lhe interessa está em Genebra.

– Mas não posso ir a Genebra.

Era o mesmo tipo de humilhação que ela sentira na adolescência, relutando em admitir para as amigas que não podia sair numa determinada noite por ter que ficar em casa para cuidar da bolsa de colostomia do pai ou das escaras da mãe. A vergonha de não ser independente, de não poder tomar as próprias decisões.

– Não de imediato – falou ela.

– Sua agenda é problema seu.

– Eu não poderia fazer isso pela internet? – É claro. Se você conhecesse o sujeito, e se ele confiasse em você, e se você pudesse garantir uma conexão segura. Mas você não tem nada disso. Portanto, não.

– Está bem. Tenho uma pergunta estranha: é possível que eles estejam atrás de mim? – Não.

Kate esperou, mas Hayden não se estendeu.

– Como você sabe? – Porque, se houvesse alguém atrás de você, seríamos nós. Seria eu.

De manhã, ela levou Dexter ao aeroporto, onde o marido alugou um carro para uma viagem de um dia a Bruxelas. Ele voltou para casa em cima da hora do jantar, tenso, distraído, mais distante que nunca.

Mal conseguiu prestar atenção na conversa à mesa. Talvez estivesse tão desacostumado a jantar com a família que tinha esquecido como era.

Quando um dos meninos chamou “Papai” pela quarta vez e ele não respondeu, Kate largou o garfo e se retirou da mesa. Compreendia que ele precisasse trabalhar e que tivesse que viajar. Mas o que não podia fazer era estar ausente quando estava presente.

Recompôs-se na cozinha, procurando se acalmar. Olhou fixamente para o capacho da entrada e para o aparador onde ficavam as chaves, a correspondência, os celulares e os potes cheios de moedas, e para o tapetinho onde todos deixavam os sapatos, os pequenos e os grandes.

Os de Dexter estavam enlameados. Muito enlameados – lama ressecada na sola, respingada em cima. Chovera o dia inteiro, sem parar, mas Kate não imaginava que o centro de Bruxelas tivesse grandes trechos de terra molhada que Dexter fosse obrigado a atravessar a caminho dos escritórios dos bancos.

Ela fitou os sapatos enlameados, tentando não desconfiar do marido. Prometera a si mesma que poria a desconfiança de lado depois de se casarem.

Mas todo mundo tem segredos. Parte de ser humano é ter segredos e sentir curiosidade a respeito dos segredos dos outros. Fetiche sórdido e fascínios debilitantes e derrotas vergonhosas e vitórias obtidas de forma desonesta, egoísmo humilhante e desumanidade repulsiva. As coisas horríveis que as pessoas pensam e fazem, os pontos mais baixos de sua vida.

Como marchar porta adentro num hotel de Nova Yorke cometer assassinato a sangue-frio.

Kate não conseguia tirar os olhos dos sapatos de Dexter. O simples fato de ela haver descoberto que os Maclean estavam mentindo não significava que seu marido fosse absolutamente verdadeiro.

Sua mente voltou três anos antes, para o auge do inverno em Washington, um dia frio de ventos tempestuosos. Ela andava apressada pela Rua I, a caminho de uma reunião no FMI, encolhida para se proteger do vento e se recriminando por não ter pedido um carro. Um táxi estava deixando um passageiro na entrada da biblioteca do clube militar e Kate correu para pegá-lo, mas alguém saiu do clube e entrou no veículo primeiro. Kate estacou e girou a cabeça, para procurar outro carro. Aquela onda de frio tinha sido inesperada.

Seus olhos pousaram num banco do outro lado da rua, numa alameda diagonal da Farragut Square.

Não era o primeiro banco junto à calçada, nem tampouco o segundo: esse banco ficava a uns 50 metros, jardim adentro. E sentado nele, com o inconfundível chapéu de caça em xadrez vermelho que ela comprara no Arkansas por encomenda postal, estava Dexter. Com um homem desconhecido.

Depois que o marido dormiu, Kate sentou diante da lareira e escreveu uma lista. Uma lista das possíveis razões para que dois agentes do FBI emprestados à Interpol estivessem ali, em Luxemburgo, infiltrando-se na vida de uma ex-agente da CIA. Atribuiu valores numéricos ao peso de cada possibilidade. Não pôde deixar de atribuir os mais baixos – de um a cinco – a todas as explicações que não tinham absolutamente nada a ver com ela ou Dexter. Depois vieram umas possibilidades referentes a Dexter, que receberam notas de um a sete – quase todas menores que cinco.

Mas foram as hipóteses que giravam em torno dela mesma que receberam os oitos e nove, ainda que Hayden houvesse lhe garantido que os agentes não estavam no seu encalço. Era mais do que possível que estivesse acontecendo alguma confusão; sempre houvera falsidade e conflitos de objetivos entre o FBI e a CIA. Ou podia ser que eles a estivessem protegendo, vigiando outra pessoa que estaria atrás dela. Ou então, convinha admitir que sua saída do emprego tinha sido abrupta e, possivelmente, suspeita. Talvez houvesse até algum outro indício chamando a atenção e, por isso, ela seria suspeita de um crime do

qual não era culpada.

Colocou cuidadosamente sua lista entre as brasas reluzentes do fogo quase apagado.

Naquela fria noite de fortes rajadas de vento em Washington, Kate havia lutado com a ideia de se e como deveria questionar o marido sobre sua ida à Farragut Square. No fim, tudo o que conseguira perguntar tinha sido: “Fez alguma coisa especial hoje?” E tudo o que recebera como resposta tinha sido: “Não.” Ela pusera o assunto de lado, num envelope lacrado nas profundezas do seu ser, para abrir apenas se viesse a se tornar necessário. A menos que fosse absolutamente imprescindível, não queria conhecer os segredos do marido.

– Oi – cumprimentou Dexter. – Como vão as coisas? Havia estática na linha, como era frequente acontecer quando ele telefonava desses paraísos fiscais, desses refúgios de criminosos, desses lugares a que ia, provavelmente para ajudar vigaristas a esconderem seu dinheiro, ou fazer o que quer que andasse fazendo e que exigia que mentisse para a esposa.

Kate deu um suspiro, exasperada com os filhos, com raiva do marido.

– Ótimas – respondeu, afastando-se dos meninos. – Tudo maravilhoso.

– É mesmo? Você está parecendo...

– O quê? – Não sei.

Kate olhou pela janela para o céu do leste, que resvalava da fraca luz diurna para a noite lúgubre, sem nenhum pôr do sol discernível.

– Está tudo bem? Não estava tudo bem, de modo algum. Mas o que ela podia dizer, nessa linha aberta com Zurique? – Sim – respondeu em staccato, e a sílaba cuspida indicou que o assunto estava encerrado. – E quando você volta? Pausa.

– É. A respeito disso...

– Que inferno! – Eu sei, eu sei. Eu sinto muito mesmo.

– Amanhã é feriado de Ação de Graças, Dexter. Ação de Graças.

– É. Mas as pessoas para quem eu trabalho não dão a mínima para a Ação de Graças. Para eles, amanhã é quinta-feira.

– Seja o que for, será que não pode esperar? Não há outra pessoa que possa fazer isso? – Escute, eu também não gosto nada disso.

– Isso é o que você diz.

– O que você está querendo dizer? Por que ela o estava provocando? –

Nada.

Silêncio.

Kate sabia por que estava puxando briga: porque estava furiosa, porque o FBI e a Interpol estavam metidos na vida dela, por algum motivo, porque um dia ela havia tomado uma decisão horrível que a perseguiria para sempre e porque a única pessoa do mundo em que havia confiado sem reservas estava mentindo para ela.

Talvez a mentira dele fosse sobre alguma coisa inofensiva. E talvez o fato de Dexter mentir não tivesse nada a ver com a raiva dela. Afinal, ele não a obrigara a ter uma carreira moralmente dilacerante. Não a forçara a mantê-la em segredo. Não a forçara a ter filhos, a sacrificar sua ambição, a abandonar completamente o emprego. Não a forçara a se mudar para o exterior. Não a forçara a cuidar dos filhos e da limpeza da casa, e das compras e da cozinha e da lavagem da roupa, tudo por conta própria. Ele não a havia forçado a ficar sozinha.

– Posso falar com eles? – pediu Dexter.

Diversas respostas tortas pipocaram em sua cabeça, mas Kate não proferiu nenhuma. É que não era com Dexter que estava furiosa. Era com ela mesma. E talvez o marido não estivesse mentindo, nunca houvesse mentido.

Pôs o fone na bancada e se afastou dele, como se fosse um pêssego mofado.

– Ben! – chamou. – Jake! Seu pai está no telefone.

Ben correu para ela: – Mas eu preciso fazer cocô! – explicou, em pânico. – Posso fazer cocô? Kate estava provocando Dexter porque era véspera de Ação de Graças e não se sentia grata por coisa alguma.

Esparramou-se no sofá, trocando os canais – programas de auditório italianos e jogos de futebol espanhóis e dramas sinistros da BBC e um sortimento ilimitado de programas em francês e alemão.

As crianças tinham finalmente adormecido, depois de uma conversa frustrante sobre a ausência de Dexter: os meninos lamentando, Kate tentando – heroicamente, a seu ver – reprimir seu desejo irracional de condená-lo e, em vez disso, explicando de forma solidária a ausência dele. Tentando apoiar o marido e os filhos, tentando lembrar que isso era também apoiar a si mesma.

Ouviu risadas de adolescentes saindo de um bar a um quarteirão de distância, os guinchos agudos reverberando nas pedras do calçamento. Reconheceu algumas palavras em inglês. Tratava-se de pequenos desterrados, jovens de 16 ou 17 anos que fumavam Marlboro Light e bebiam misturas de Red Bull com vodka até vomitarem nos vestibulos dos pequenos prédios que cercavam os pubs, cujas faxineiras portuguesas chegavam para trabalhar antes do nascer do sol e tinham como primeira tarefa examinar os vestibulos da vizinhança, puxando carrinhos com baldes industriais e esfregões, para limpar o vômito dos adolescentes.

A raiva que sentia não era culpa de Dexter. Era dela. Todas as decisões que levaram a esse ponto tinham sido suas. Inclusive a de não suspeitar de nada nele.

Olhou para a tela: um canal holandês, um filme americano feito para a televisão em meados dos anos 1980, sem dublagem. Os penteados e as roupas, os carros e móveis, até a iluminação, tudo parecia exatamente igual ao que tinha sido. Era incrível a quantidade de pistas que havia numa única cena.

Kate já não podia ignorar sua desconfiança de Dexter. Agora tinha consciência de que ignorá-la era exatamente o que estivera fazendo.

Também não queria confrontá-lo, exigir uma explicação. Dexter não era estúpido a ponto de construir uma mentira implausível, sem pé nem cabeça. Interrogá-lo não faria nada além de alertá-lo para o fato de a esposa estar desconfiada. Não seria fazendo perguntas que ela descobriria o que estava acontecendo. Se Dexter quisesse responder com sinceridade, teria lhe dito a

verdade desde o começo. E não dissera.

Kate sabia o que teria de fazer a seguir. Primeiro, porém, precisava que ele voltasse para casa.

Depois, que saísse de novo.

– Olá, família! – gritou Dexter da porta, chegando com uma garrafa de champanhe.

– Papai! Os dois meninos correram para o hall, braços e pernas se agitando feito desenho animado, e pularam no colo do pai em abraços violentos, acrobáticos. Kate havia forrado com jornais a mesa de jantar e arrumado para eles dois conjuntos de aquarelas, pincéis e uma porção de copinhos d'água. O tema era “Coisas que quero fazer nas nossas próximas férias”. Kate tinha começado, pintando sua paisagem alpina e iniciando uma campanha publicitária em defesa de uma revisão dos planos para o Natal, ao mesmo tempo que se dedicava a uma atividade com os filhos. Dois coelhos com uma cajadada só. Os meninos, por sua vez, tinham criado suas paisagens de neve, que a mãe afixara na porta da geladeira. “Vaca manipuladora”, teve que admitir, seria uma descrição precisa para ela.

– Para que é isso? – perguntou Kate, apontando a faca de mestre-cuca na direção da garrafa de champanhe do marido, decorada com um brasão e papel aluminizado dourado e coberta de gotas de condensação.

– Papai, vem ver o que eu pintei! – Um minuto, Jackie – respondeu ele, virando-se de novo para Kate. – Estamos comemorando. Hoje eu ganhei, nós ganhamos, 20 mil euros.

– O quê?! Que maravilha! Como? Ela conseguira convencer-se de que ser a esposa desconfiada sarcástica não lhe traria vantagem alguma. Sua desconfiança precisava ter um jeito alto-astral.

– Lembra-se daqueles derivativos que eu mencionei? – Não. O que são derivativos mesmo? Dexter abriu a boca, fechou-a e tornou a abri-la, depois respondeu: – Não tem importância. Mas, enfim, hoje eu liquidei uma porção de operações com derivativos e o lucro foi de 20 mil paus.

Dexter abria as portas dos armários, procurando. Não sabia onde ficavam as taças de vinho.

– Ali dentro – apontou Kate com a lâmina novamente.

Agora que o marido estava muito mais perto, a faca lhe parecia imprópria. Baixou-a.

Dexter estourou e serviu o champanhe, a espuma se formando na taça, depois acomodando-se devagar.

– Saúde.

– Saúde – respondeu ela. – Parabéns.

– Papai! Por favor! Kate levou a garrafa para a sala de jantar. Dexter se instalou à mesa, tentando adivinhar os temas das aquarelas dos filhos. Eram

trabalhos artísticos bastante abstratos.

Ele parecia feliz. O momento era tão bom quanto qualquer outro, pensou Kate, e disse: – Andei pensando que, em vez de irmos ao sul da França, devíamos ir esquiar. No Natal.

– Puxa vida! Era o clássico prelúdio das piadas de Dexter.

– Você não quer mesmo que esse dinheiro tenha tempo de esfriar, não é?

– Não, não é isso, eu já estava pensando antes... você sabe. Todas as nossas reservas de hotel podem ser canceladas. E ainda há vagas em algumas estações de esqui.

– Mas você sabe que o sul da França está na lista dos cinco.

Os cinco. No momento, essa lista abrangia Paris, Londres, a Toscana, a Costa Brava e as adjacências da região sul da França – a Riviera ou a Provença, talvez Mônaco, que, embora não fizesse parte da França, devia ser a mesma coisa, exceto por alguns detalhes logísticos.

Dexter havia falado dessa lista com Kate em Londres, umas semanas antes. A escola dos meninos, dirigida por ingleses, ficara inexplicavelmente fechada por causa de uma coisa britânica qualquer, por isso eles tinham pegado um voo matutino, largado as malas no hotel às dez da manhã e saído para o tempo desolador de fim de outono, as praças particulares e os portões de ferro batido, as fachadas austeras e as antigas cocheiras transformadas em residências aconchegantes em ruelas de paralelepípedos. E por todo lado, os lindos sons da língua inglesa.

Pararam diante da majestosa fileira de mansões de calcário de Wilton Crescent, a meia-lua que arremata a Belgrave Square, com câmeras de segurança por toda parte. Dexter havia insistido em que eles fossem a esse bairro, essa rua. Na ocasião, Kate não entendeu por quê.

Ela viu os filhos correrem pela calçada, empolgados com a simples forma de uma rua em arco. Não era preciso oferecer-lhes muita coisa.

Um Rolls-Royce clássico e um Bentley novo em folha, ambos em ébano reluzente e cromo espelhado, estavam parados frente a frente junto ao meio-fio. Dexter olhou de relance o número de uma casa, deu alguns passos e parou diante da seguinte. Eram exatamente iguais.

– Talvez um dia nós moremos aqui.

Kate soltou uma gargalhada: – Nunca teremos todo esse dinheiro.

– Mas, e se o dinheiro não fosse problema? Onde você moraria? Aqui? Ela respondeu com um dar de ombros indiferente. Devaneios tolos.

Dexter lhe falou de seus cinco locais prediletos e ela entrou no clima. Sugeriu trocar a Costa Brava por Nova York.

– Um dia, talvez – retrucou ele. – Mas não quero fantasiar sobre morar nos Estados Unidos. Não agora. Só sobre o lugar em que vamos morar na Europa – sorriu –, depois que eu ficar rico.

– É mesmo? E quando é, exatamente, que você vai ficar rico? – Ah, não sei – disse ele, tentando ser evasivo. – Tenho um plano.

Não se estendeu mais e não ocorreu a Kate que ele realmente tivesse um plano para enriquecer.

Será que poderia? – Esquiar? – perguntou Dexter no presente, cercado pelos filhos e pelo produto da imaginação deles. – E como chegaríamos lá? Não vamos passar doze horas sentados no carro.

– É, essa é uma alternativa – sugeriu Kate.

Dexter levantou os olhos, como se a fitasse por cima de óculos de leitura que nunca havia usado, que nunca tivera. Um gesto aprendido nos filmes.

– Concordo que não é a melhor alternativa – continuou Kate. – Poderíamos ir de avião.

– Para onde? – Genebra – respondeu ela em tom displicente, como se a cidade não fosse a única razão da viagem.

O champanhe antes do jantar foi seguido por uma garrafa de borgonha branco, acompanhando o guisado de vitela, e depois Kate pegou o Armagnac para Dexter bebericar – um cálice, dois –, enquanto punha os meninos para dormir. Depois, os dois conversaram sobre esqui e férias, enquanto bebiam mais conhaque – música tocando, lareira acesa, carícias preliminares no sofá, sexo vigoroso no chão. Ficaram acordados até tarde e beberam muito.

Assim, de manhã Dexter ficou dormindo, como sempre fazia depois do Armagnac. Quando Kate voltou, tendo deixado os meninos na escola, ele ainda estava em casa, uma raridade. Juntava suas coisas, prestes a sair. Trocaram um beijo carinhoso à porta, que Kate fechou atrás dele, o trinco grande e pesado encaixando-se com um clique suave na abertura.

Ela permaneceu no hall, ao lado do aparador, com umas lasquinhas chatas de lama seca encostadas num canto, empurradas para o rodapé – o remanescente físico do lugar a que seu marido fora na semana anterior, quando dissera ter ido a Bruxelas.

Kate continuou com as chaves na mão, ainda de casaco. Esperou até ouvir cessar o zumbido do elevador e saiu atrás.

Sentia-se humilhada – degradada – por precisar fazer isso para descobrir onde era o escritório do marido. Seguiu-o pela cidade sem nenhum cuidado especial. Na caminhada de dez minutos até o Boulevard Royal, em momento algum Dexter se virou para ver se alguém o seguia. Não tentou evitar ninguém, alcançar ninguém nem esconder coisa alguma.

Atravessou as áreas comuns do andar térreo de um edifício sem maior distinção: oito andares, construção de concreto do fim dos anos 1960, ultrapassado, feio, funcional. Os corredores quase ao ar livre eram ladeados por lojas comuns – lavanderia a seco, lanchonete, tabacaria, jornais e revistas, farmácia e restaurante italiano. Havia fornos a lenha para pizza em toda parte

em Luxemburgo, na Europa inteira; o mesmo valia para a mozzarella. Em geral, a pizza era muito boa.

Dexter entrou no recinto envidraçado do saguão, apertou o botão do elevador e aguardou, depois entrou nele com outro homem da mesma laia. Subiu até o terceiro ou o quinto andar.

Kate circundou o perímetro daquele prédio com jeito de bunker, cujas entradas ficavam todas à vista do guarda na mesa do saguão. Examinou as janelas: nada de ressaltos, todas as quatro fachadas dando para diferentes ruas de muito movimento, calçadas apinhadas e cheias de lojas, a um quarteirão do centro da cidade e do terminal rodoviário central; servidores públicos por toda parte, policiais e armas e segurança, a avenida larga ladeada por bancos internacionais, as ruas repletas de carros de banqueiros estacionando em suas garagens particulares, os discretos modelos Audi e BMW cinzentos que os chefes de família dirigiam, os extravagantes Lamborghinis amarelos e Ferraris vermelhas dos solteiros.

Um movimentado centro de atividades empresariais e de governo. Um ambiente seguro. Muito mais seguro que o de Bill. Não havia possibilidade de ela entrar por uma janela.

Ali, Kate teria de entrar pela porta da frente, em plena luz do dia.

– Mamãe! Vem rápido! Era Jake, subitamente parado diante da mesa das mães no parquinho, em pânico, arfante.

Os dias haviam passado numa névoa espessa e fria, lavando a cozinha, comprando mantimentos e areando panelas. Comprando presentes para os professores dos meninos, orientando os filhos em seus desenhos de cartões de Natal para os amigos e comparecendo a concertos natalinos.

Comemorando o fim de ano em almoços e cafés com outras mães. Visitando feiras de Natal.

Kate tinha uma profusão de desculpas para dar a Julia. Aumentava dia a dia a distância entre elas, pondo um amortecedor, um escudo, uma proteção contra a explosão que pudesse assomar no horizonte. Passava mais tempo com a inglesa Claire ou a dinamarquesa Cristina, ou com qualquer outra.

– O que foi, meu amor? – perguntou a Jake. – O Ben está legal? – Está.

Kate soltou um suspiro de alívio.

– Mas o Colin não está.

Claire se levantou de um salto. Todas desceram correndo a ladeira gramada até o navio pirata, onde um aglomerado de crianças pequenas cercava um menino deitado no chão de cascalho, com sangue escorrendo de um corte no alto da cabeça.

– Querido – disse Claire, examinando a cabeça de Colin.

O menino estava zozno. A mãe virou-se para Kate: – Eu preferiria não levar a Julie conosco ao hospital e Sebastian está em Roma.

Tirou o cachecol de caxemira, usou-o para secar de leve a cabeça do filho algumas vezes, depois para comprimir com firmeza o machucado, procurando estancar o sangramento. O rosto do menino estava banhado em sangue.

– Você se incomodaria muito – continuou, numa calma admirável – em cuidar um pouquinho da Julie? Acho que vamos passar umas horas na clinique pédiatrique.

– É claro que não.

Claire deu uma espiada no relógio.

– Daqui a pouco já vai ser a hora do jantar. Mas a Julie come qualquer coisa, não é, querida? – Sim, mamãe.

– Minha menina linda.

Claire abriu para Kate um sorriso tímido mas sincero. Pegou o filho caçula no colo e partiu em direção ao carro, ao hospital e ao tipo de provação que mais apavorava Kate: a saúde de um filho em risco, uma situação de emergência, ali, numa terra estranha e numa língua estrangeira, sozinha.

Kate sempre soubera ser uma mulher forte. Mas nunca lhe havia ocorrido

que havia mulheres fortes em toda parte, levando vidas prosaicas, que não envolviam portar armas em meio a homens desesperados, na periferia de guerras do Terceiro Mundo, e sim transportar calmamente um filho machucado para o hospital, longe de casa. Longe de suas mães e pais e irmãos, de amigos de escola e velhos companheiros. Num lugar em que não tinham ninguém com quem contar, exceto elas mesmas, para tudo.

No dia seguinte, Kate entrou na rua estreita de paralelepípedos, com mais uma festiva sacola de compras adornada por mais uma fita, para mais uma festa de aniversário infantil, na área de recreação de um shopping nos subúrbios da Bélgica.

– Ah, meu Deus! Era Julia, parada à sua frente com um homem mais velho.

– Como é que você vai? – perguntou, inclinando-se para beijar as duas faces de Kate.

– Oi, Julia. Desculpe eu não ter respondido aos seus telefonemas, é que eu...

Julia descartou o assunto com um aceno de mão: – Escute, Kate, este é meu pai, Lester.

– Por favor, me chame de Les.

– Papai, esta é a Kate, uma das minhas melhores amigas.

– É um prazer – disse ele.

Kate examinou aquele homem inverossímil, pensou nesse encontro improvável.

– É um grande prazer conhecê-lo.

O tal Les usava o uniforme-padrão do americano aposentado: as calças cáqui, a camisa polo, os sapatos esporte confortáveis. O pulôver de microfibra, adornado no peito com a inscrição the highlands e com o bordado representando um golfista no meio da tacada, lembrança de um seminário empresarial ali pelo fim dos anos 1990. O tipo de coisa que o chefe de um órgão policial usaria se estivesse tentando parecer alguém um pouquinho diferente.

– Você veio fazer uma visita? – indagou Kate. – De onde? – De casa! Pois é, finalmente resolvi que estava na hora de dar uma espiada neste pequeno burgo da Julinha. É uma linda cidade, não é? Kate se estarrecou ante o descaramento com que o homem se esquivou de responder sua pergunta.

– A semana seguinte ao dia de Ação de Graças – observou ela – não costuma ser uma época em que as pessoas viajem para visitar a família.

Lester sorriu: – O que eu posso dizer? Não sou convencional.

– Escute, Kate – interpôs Julia, com a mão no braço de Kate. – O que vocês vão fazer logo mais? Acha que você e o Dexter poderiam jantar conosco? Kate arregalou os olhos e sua cabeça correu involuntariamente atrás de uma desculpa para recusar o convite, até ela se dar conta de que isso seria uma

extrema estupidez.

– É claro.

– Papai! – E aí, Jake, como é que vai? – Papai, olha o que eu fiz! Jake levantou alguns pedaços de cartolina – caixas de cereal desmontadas – que tinham sido colados, presos com fita adesiva e grampeados em garrafas de água cortadas ao meio. Kate andara guardando produtos recicláveis para isso. Também havia colecionado retalhos de pano – meias sem par, calças de moletom velhas – para um projeto diferente. E havia aumentado o número de receitas em que as crianças poderiam participar: descascando e picando maçãs para fazer purê, batendo a carne para o escalope. Começara a tratar as atividades dos meninos como uma atividade dela mesma, em vez de tê-las como uma interrupção de outras coisas que desse estar fazendo.

– Está genial – disse Dexter, inseguro, examinando a estrutura de forma estranha. – O que é? – Um robô! Como se não pudesse haver nada mais óbvio.

– Claro, está lindo. É um robô maravilhoso – elogiou Dexter. Virou-se para Kate. – Quer dizer que o pai da Julia está de visita? E você achou alguém para cuidar das crianças? – A babá deve chegar daqui a uns minutos. Vamos encontrá-los no restaurante às sete. Mas serão só a Julia e o pai. Bill não pode ir. Ou não quer.

– Então, está bem.

Dexter deu uma espiada no relógio, sacudindo o pulso para olhar o mostrador, e se voltou para os filhos: – O que vocês dois estão fazendo? Papai vai ficar um pouquinho em casa antes do jantar, então podemos fazer o que vocês quiserem. E aí, com o que vocês estão com vontade de brincar? – Lego! Dexter parecia nervoso, tenso, com energia demais. Baratinado com alguma coisa. Seria possível que andasse usando drogas? Essa, com certeza, seria uma novidade espantosa.

– Tudo bem, que seja Lego! Vamos lá.

Abriu a porta do armário e pegou a caixa de ferramentas.

– Uma gaveta da cômoda deles está frouxa – explicou, sem ser perguntado.

Kate não havia notado nenhuma gaveta solta. E ficou surpresa com esse interesse atípico pelos consertos domésticos.

– Vocês dois vão começando no Lego, enquanto eu dou um jeito na gaveta.

Dexter não era esse tipo de cara.

– E por que vocês estão aqui, em Luxemburgo? Achavam-se num reservado de canto numa brasserie da Place d’Armes. A praça ia se enchendo com barracas de madeira da feira de Natal, com suas lâmpadas penduradas e os enfeites de guirlandas. O barulho das marteladas e o zumbir dos geradores elétricos portáteis entravam pelas portas toda vez que elas se abriam,

acompanhados pela friagem. No inverno de Luxemburgo, nunca se precisava realmente tirar o suéter e o casaco. A friagem nunca estava longe.

– Meu trabalho – respondeu Dexter. – Estou no ramo bancário.

– Bancário? Não! Não é possível que haja atividade bancária em Luxemburgo! O rosto corado e jovial e o sarcasmo inofensivo de Lester pareciam ter saído direto do manual do pai da amiga. Ele havia trocado o traje de golfe por um blazer azul-marinho, calças cáqui bem passadas e camisa social. Como quem tivesse vindo direto do escritório, tendo deixado a gravata no Buick. Uma caricatura de si mesmo.

– De onde você é, Les? – perguntou Kate.

– Ah, nós rodamos um bocado, não foi, Julinha? Mas agora eu moro perto de Santa Fé. Já esteve por aqueles lados? – Não, nunca.

– E você, Dexter? Ele balançou a cabeça. A energia maníaca tinha se esgotado. Agora ele estava calado, tímido.

– Bela região. Bonita mesmo – disse Les.

– E você é de Chicago? – indagou Kate.

– Moramos lá por uns tempos, é verdade.

– Também nunca estive lá.

– Hum. Mas aposto que vocês rodam a Europa toda, não é? Julia me disse que todos fazem isso por aqui. É verdade? – Acho que sim.

– Então, eu vou... aonde é mesmo que estou indo? Vamos ver: Amsterdã, Copenhague, Estocolmo.

Vocês têm alguma sugestão para mim? Les olhou de Kate para Dexter e novamente para Kate, reconhecendo que, nesse momento, seria ela a falar pela família.

– O que você está procurando? – indagou ela.

– Hotéis. Restaurantes. Pontos turísticos. Tudo. Nunca estive por aqui e é provável que nunca mais volte. Achei que devia conhecer esta parte do mundo antes de morrer.

Kate sorriu: – Dessas três, só estivemos em Copenhague.

A comida chegou: pratos grandes, cheios de tons de castanho e bege – paleta de porco, perna de carneiro. O de Kate veio com Spaetzle na manteiga e batatas na manteiga. A decoração com salsinha picada era a única coisa verde na mesa.

– Onde vocês se hospedaram? O hotel era bom? – perguntou Les.

– Não era mau.

– Quantas estrelas? – Quatro, provavelmente. Talvez três.

– Não, acho que não. Sou um homem senil. Virei rigorosamente um sujeito cinco estrelas.

– Nesse caso, não posso ajudá-lo, Les.

Kate olhou de relance para Julia, que também estava quieta, com ar

encabulado.

– E que tal os restaurantes? Lá é uma cidade onde se come bem? Kate sorriu: – Mais uma vez, Les, vamos ter que desapontá-lo. Com crianças e um orçamento controlado, nós realmente não procuramos os restaurantes mais chiques.

– Orçamento controlado? Eu achava que todos vocês, banqueiros de Luxemburgo, eram mais ricos do que o rei Creso.

Dessa vez, ele olhou para Dexter.

– É possível – disse Dexter –, mas não sou banqueiro. Trabalho no ramo bancário, mas minha atividade, a rigor, está mais para T.I.

– T.I.? – falou Les, parecendo chocado. – Ora, quem diria! – Isso é tão incomum? – Não, não, de modo algum. Só que eu não esperaria que um banco de Luxemburgo contratasse um americano para trabalhar com T.I.

– Por quê? – perguntou Dexter.

– Isso meio que se tornou a especialidade do resto do mundo, não é? Dexter baixou os olhos para a comida: – Bem, o que eu faço tem mais a ver com segurança. Sou consultor de segurança. Ajudo os bancos a se certificarem de ter sistemas seguros.

– E como você faz isso? – O principal é que eu procuro me colocar na cabeça do agressor. O que ele faria? Como faria? Tento orquestrar o ataque eu mesmo e descobrir os pontos fracos que um invasor exploraria. Eu me pergunto: o que ele está procurando? O que vai fazer para encontrar? – Você se refere a pontos fracos do computador? – Sim. Mas também a fraquezas humanas.

– Como assim? – Estou falando dos tipos de fraquezas que fazem os seres humanos baixarem a guarda. Confiarem em pessoas em quem não deveriam confiar.

– Você se refere a manipular pessoas.

– Sim.

Dexter e Lester se encararam.

– Acho que sim – concluiu Dexter.

Foi depois de transarem que Kate mais teve vontade de falar com Dexter. De lhe contar que Bill e Julia eram agentes do FBI. De dizer que sabia que ele estava mentindo sobre alguma coisa e exigir uma explicação.

Durante toda a sua carreira na CIA, as conversas na cama nunca tinham desempenhado nenhum papel. Agora Kate compreendia o trunfo que poderia ter sido manter relações sexuais com pessoas para obter informações. Ficou pensando se estar ciente disso teria alterado seu comportamento no passado.

Tornou a olhar para o teto do quarto, sem conseguir iniciar a conversa. Mesmo com a nova abertura possível, “Lester não é pai da Julia”, não conseguiu se dispor a fazê-lo.

Dexter iria a Londres dali a dois dias. Ela podia esperar.

– Você não precisa me levar – disse Dexter, juntando suas coisas. – Posso pegar um táxi.

Com um puxão rápido e agressivo no zíper, fechou a sacola que era sua bagagem de mão.

– Será que você gosta de visitar nosso pequeno e jeitoso aeroporto ou está tão desesperada assim para se ver livre de mim? – Contando os segundos – retrucou ela, evitando de propósito olhá-lo.

Dexter pegou o chaveiro do aparador do hall e o jogou dentro da pasta onde carregava o laptop. Era a mesma argola de prata que o corretor de imóveis lhe dera de presente, ao fecharem o negócio da casa de Washington, com as iniciais dele gravadas numa placa oval. Kate também ganhara a dela, mas fazia muito tempo que a havia relegado à caixa de joias. Chaveiros iguais eram um convite ao desastre.

Agora, o chaveiro de Dexter tinha as chaves do apartamento de Luxemburgo e mais duas, desconhecidas, que Kate presumia serem do escritório, além de uma chavinha que ela sabia ser do cadeado da bicicleta, raramente ou nunca usada. Tinha também um pen-drive num estojo rígido, inviolável e com sistema de detecção de tentativa de arrombamento, além de chave de segurança criptografada e até um dispositivo elétrico de autodestruição. Esse equipamento não fora comprado ao acaso numa lojinha do Boulevard Royal: era um aparelhinho de primeira.

– Você está indo para Londres? – perguntou ela, fechando a porta ao sair.

– Isso mesmo.

Embaixo, na garagem, Dexter depositou a pasta do computador e a mala de plástico resistente no porta-malas, sobre o tapete preto recém-lavado, que passara por uma limpeza profissional algumas semanas antes, com hora marcada, no estacionamento do centre commercial de Kirchberg, enquanto Kate fazia compras lá em cima – DVDs e mantimentos e brinquedos para o Natal, e uma embalagem com uma dúzia de cuecas novas para os meninos, que cresciam depressa demais para caber no que quer que fosse por mais de uns meses de cada vez, e cujas cuecas estavam obscenamente pequenas e apertadas, até meio constrangedoras.

Kate abriu a porta do motorista, mas parou, fingindo ter decidido tirar o casaco. Foi até a traseira do carro. Olhou de relance para o marido, nervosa, preocupada com os espelhos, mesmo tendo certeza de que eles não tinham ângulo para isso, nem os laterais nem o retrovisor. Sabia, sem a menor sombra de dúvida, que Dexter simplesmente não poderia vê-la pelos espelhos.

A luz do teto da garagem se apagou, esgotado o tempo do timer. A única iluminação passou a ser a das lâmpadas minúsculas do carro, com sua voltagem de um só algarismo, espalhadas por pontos em que alguém pudesse bater com a

cabeça ou tropeçar.

Kate estendeu as mãos para a bagagem de Dexter e depositou cuidadosamente o casaco, aquela pilha pesada de lã azul-marinho e forro de seda e botões de metal. Tossiu para abafar o som da abertura do zíper da pasta de nylon. Pegou o chaveiro com firmeza, para não deixar que tilintasse.

Tornou a tossir ao fechar o zíper e enfiou o chaveiro no bolso, ao mesmo tempo que batia a tampa da mala. Começou a...

Dexter estava ao seu lado. Kate prendeu a respiração, estática. Flagrada.

O marido a olhou – e ela para ele – por alguns segundos. Uma eternidade na penumbra.

– O que você está fazendo? Ela não respondeu. Não podia.

– Kate? No escuro, ela não conseguiu ver a expressão do marido.

– Kat? – O quê? – Quer sair da frente, por favor? Ela recuou um passo e Dexter abriu a porta traseira. Pegou a pasta do computador. Olhou de relance para Kate. A luz da mala havia acendido e ela pôde ver o rosto do marido: confusão, apreensão.

Ficou paralisada. O que aconteceria ali? Com a sua vida inteira? Dexter abriu o zíper. Enfiou a mão e apalpou. Tornou a dar uma olhadela em Kate, intrigado, e continuou a vasculhar, com o cenho franzido.

Kate não conseguia mover um músculo.

Por fim, ele tirou a mão da pasta, olhando-a e olhando para o objeto que segurava: uma peça de plástico com cabos enrolados.

Kate continuou sem se mexer. Ainda não conseguia.

– Pensei que tivesse esquecido o carregador.

Dexter levantou o objeto para que ela o visse: uma prova de que não o havia esquecido – para grande alívio de ambos, com seus tipos completamente diferentes de alívio.

Kate foi aos tropeços para a frente do carro e desabou no banco do motorista. Virou a chave na ignição, trêmula, acendeu os faróis e apertou o controle remoto para abrir a porta da garagem. Pôs a alavanca do câmbio em drive enquanto Dexter afivelava o cinto de segurança.

Ela havia mentido para muita gente na vida, profusamente; não tinha sido incomum escapar por um triz de ser flagrada. Mas era muito diferente quando se tratava de seu marido e quando a coisa sobre a qual ela mentia já não era ela mesma, e sim ele. Era inconcebível tratar o assunto como um jogo, impossível fingir que não era a vida real.

– Você está bem? – perguntou Dexter.

Ela sabia que sua voz ainda não lhe obedeceria. Fez que sim com a cabeça.

O trajeto até o aeroporto levava dez minutos. Dexter fez uma débil tentativa de puxar conversa, mas Kate respondeu com resmungos. Assim, ele

desistiu, concedendo-lhe espaço para seu silêncio.

Kate fez a curva suave da rotatória e entrou com o carro no aeroporto pequeno e eficiente. Da área em que era permitido parar momentaneamente o carro para embarque e desembarque até o balcão do check-in, levava-se um minuto. Quase nunca havia fila – nenhuma – para o check-in e raras vezes se via alguém aguardando no portão de segurança. Ali as distâncias se mediam em passos, em vez dos quilômetros marchados no aeroporto de Frankfurt ou no Dulles, em Washington. Da porta do apartamento a qualquer portão de embarque, o trajeto levava vinte minutos.

– Obrigado – disse Dexter, com um beijinho e um sorriso ao saltar do automóvel.

Em outros pontos da área de parada permitida, outros homens desciam do banco do carona de outros carros alemães, pegavam a bagagem e apalpavam os bolsos à procura do passaporte, todos pensando em outra coisa enquanto resmungavam variações do que Dexter dizia nesse momento à mulher: – Veja você daqui a uns dias.

Kate saiu do prédio no exato momento em que o celular começou a tocar: mais uma chamada de Julia Maclean. Novamente apertou o botão ignorar.

Partiu entre os respingos leves de uma fria chuva de dezembro, apenas um grau acima da temperatura em que virava neve. Refez os passos da ocasião em que seguira o marido pela cidade.

Era o mesmo trajeto da caminhada para a aula de francês, ou para o melhor açougue ou a agência do correio. O mesmo trajeto que abria suas peregrinações diárias, nas miríades de missões da dona de casa. Mas hoje Kate era outra coisa.

Marchou pelo saguão sem a menor olhadela para o vigia, apertou o botão do elevador e subiu ao terceiro andar com um par de banqueiros italianos que iam para o quinto. Não sabia onde ficava a porta de Dexter – não entrara atrás dele no elevador, no dia em que o seguira –, mas desconfiava que ela não teria placa nem nome, nenhuma identificação. Não tardou a encontrá-la, quase no fim do corredor de iluminação fluorescente. A primeira chave que experimentou abriu a fechadura – fácil! – e ela empurrou a porta.

Entrou num hall minúsculo, mal iluminado, com outra porta alguns palmos adiante, espaço suficiente para duas pessoas, no máximo. Projetado para uma só.

Um teclado alfanumérico, as teclas brilhando em vermelho, confrontou-a na parede oposta.

Quantas combinações ela teria chance de tentar? Duas, três tentativas erradas e o sistema travaria? Ela poderia errar sequer uma única vez, antes que o sistema desligasse ou enviasse um torpedo para o celular dele ou um e-mail para alguma conta? Por sua cabeça corriam números, ou ideias de números: o aniversário de casamento, as datas de nascimento dos filhos, o aniversário dele, o

dela, ou, possivelmente, os da mãe ou do pai dele, seu número de telefone da infância, a inversão de qualquer desses números, um código enviado remotamente...? Qual a única maneira de conseguir adivinhar o código dele? Só se ele fosse um idiota.

Estava de novo em casa quando o celular tocou: um número desconhecido, uma sequência comprida de algarismos, talvez de um país diferente.

– Bonjour.

Kate não soube dizer por que tinha atendido em francês.

– Sou eu.

– Ah, oi.

– Esqueci meu chaveiro – disse Dexter. – Ou então, pior ainda, o perdi.

– É? – Preciso dele. Preciso de uma coisa do pen-drive que está nele.

Kate olhou para o chaveiro que descansava na vasilha de cerâmica do aparador do hall, exatamente onde ele o teria deixado, se o tivesse deixado, sem querer ou de propósito.

– O que você sugere? – indagou, tentando manter a voz monocórdia, sem emoção, não envolvida no que imaginava ser o drama particular dele.

– Você está em casa? – perguntou Dexter.

– Estou.

– Pode procurá-lo? – Onde? – Onde eu costumo guardá-lo.

– Está bem.

Andou pelo corredor e parou diante do aparador, olhando para o chaveiro.

– Não, não está na vasilha.

– Você pode dar uma olhada no carro? Pode ser que ele tenha caído quando eu estava procurando o carregador.

– É claro.

Ela desceu ao subsolo e examinou a mala vazia.

– Está aqui.

– Graças a Deus.

A voz de Dexter estava falhando, a recepção do telefone era ruim na garagem.

Kate não reagiu. Voltou para o elevador.

– Escute – começou ele, mas não prosseguiu.

– Sim? Dexter estava pensando, ela calculou. Deixou-o pensar.

– Faça um favor para mim.

– É claro.

– Leve o chaveiro até o computador.

– Um minuto.

Kate entrou no quarto de hóspedes, sentou-se diante do laptop.

– Tudo bem.

– O computador está ligado? Encaixe o pen-drive.

Ela introduziu o dispositivo na abertura.

– Pronto.

– Certo. Dê dois cliques.

Abriu-se uma caixa de diálogo.

– O nome de usuário – disse ele – é AEMSPM217. A senha é MEMCWP718.

Mas o que...? Kate anotou depressa as sequências, antes de digitá-las, guardando um registro para si; elas eram complexas demais para serem memorizadas no ato. Estava com o pensamento em disparada, tentando calcular o que significariam esses números e letras, mas não lhe ocorria nada.

Não havia nada de familiar naquilo.

– O que são esses dígitos? – Foram criados por um gerador de sequências aleatórias. Eu os decorei.

– Por quê? – Porque é a única maneira de obter um código totalmente indecifrável. Agora, por favor, dê dois cliques no ícone do alto. O I azul.

Isso abriu um aplicativo, a tela piscou com uma logomarca desconhecida e em seguida apareceram uma janela pequena e outra série de letras e algarismos, uma confusão sem pé nem cabeça.

– Leia para mim.

– Isso é gerado ao acaso? Ele não respondeu.

– Para que você precisa disso? – Kat. Por favor.

– Que diabo, Dexter. Você não me diz nada.

Ele deu um suspiro: – Isso é um programa que cria senhas dinâmicas. É assim que eu abro meu computador. Um código novo todo dia.

– Isso não é meio ridículo? – É o meu trabalho, Kat. Ele é ridículo? – Não, não, eu não quis dizer... Desculpe.

– Tudo bem. Pode ler o código para mim, por favor? – CMB011999.

Ela o anotou enquanto o lia e Dexter o repetiu.

– Por que você não tem esse programa no seu computador? Ele deu outro suspiro antes de responder: – É crucial proteger os componentes de um sistema de segurança de múltiplos estágios. Por melhor que seja a segurança, qualquer computador, inclusive o meu, pode ser invadido. Qualquer computador pode ser roubado. Confiscado pela polícia. Pode-se explodir ou implodir um computador. Incendiá-lo com um litro de querosene, arrebentá-lo a cacetadas com um taco de golfe, apagá-lo com um pulso eletromagnético portátil de baixa voltagem.

– Hu-hum.

– É por isso que decoro os códigos aleatórios e é por isso que uso senhas dinâmicas criadas por um dispositivo externo. Isso satisfaz a sua curiosidade? – Sim.

– Maravilha. Então, agora eu posso voltar ao trabalho? Desligaram. Kate

ficou olhando para as caixas de diálogo, depois pulou da cadeira.

Na rua de novo: paralelepípedos escorregadios e neblina densa e fria. Ela cruzou os quarteirões sossegados perto de casa e a sombria Place du Théâtre, um limite de concreto para o estacionamento público ao lado do pequeno teatro. Entrou nas calçadas estreitas e arborizadas da Rue Beaumont – roupas infantis caras, chocolates caros, antiguidades caras, mulheres caras entrando e saindo das portas de restaurantes caros, no horário de almoço, japoneses e italianos –, depois o cruzamento movimentado da Avenue de la Porte Neuve, e de volta ao inosso Boulevard Royal, nervosa.

Kate calçou as luvas.

De novo no prédio de escritórios que era um bunker de concreto. De novo no elevador vazio, no longo corredor cinzento, no pequenino hall escuro. Os dedos da mão direita pairaram sobre o teclado luminoso. Ela podia sentir a eletricidade das teclas saltar pelo centímetro que as separava de seus dedos, perpassando-a. O formigamento da expectativa.

O código não poderia ser o código diário de hoje, porque não faria sentido Dexter depender do pen-drive para entrar em seu escritório. Seria – devia ser – alguma coisa que ele tivesse decorado; seria o mesmo todos os dias. Seria a senha que ele lhe revelara, com relutância. Era o que Kate dissera a si mesma, dez, vinte vezes, no curto trajeto até ali: seria a mesma senha. Tinha que ser.

Mas seria loucura imaginar que, se teclasse o código errado, ficaria trancafiada naquele espaço minúsculo até a polícia chegar? Ou seria eletrocutada? Não precisou olhar para o pedaço de papel que segurava na mão esquerda. Digitou o M, o E e, em seguida, apressada, MCWP e 718.

Pressionou o botão com a seta verde e esperou...

Código aceito.

A fechadura fez um clique. Kate soltou a respiração e abriu a porta.

Outro escritório masculino, um espaço particular, inacessível a esposas, verdadeiras ou falsas.

Havia papéis. Fotos emolduradas. Kate e os meninos, separados e em grupo. Até uma foto do casamento, uma pouco conhecida em preto e branco, algo que ela nem sabia que o marido possuía, muito menos que mandara emoldurar, despachara num navio do outro lado do oceano e pendurara nessa parede secreta. Aquilo a aliviou, a foto, uma prova de algo bom.

Escrivanhina, computador, telefone, uma calculadora de aparência complicada, impressora. Todas as coisas comuns, canetas e grampeador, pastas de arquivo e lembretes adesivos, clipes de metal e prendedores de papel.

Estantes cheias de caixas de arquivos, com grandes etiquetas manuscritas na frente: téc, biomed, manufat e deriv imob. Pilhas de jornais, o Financial Times e o Institutional Investor.

Kate não entendeu o que vinha a ser aquilo. Não: ela entendeu o que era,

mas não por que estava ali.

Sentou-se na cadeira giratória, alta e ergonômica, com revestimento próprio para facilitar a ventilação e com regulagem de altura. Olhou para a tela, o teclado, o mouse, as caixas de som, os fones de ouvido, o HD externo e um touchpad esquisito.

Pressionou o botão para ligar o aparelho, ouviu o zumbido e viu a tela piscar. Quando solicitada, digitou o nome de usuário e a senha, prendendo a respiração, de novo com medo de que o laptop e o computador de mesa não tivessem os mesmos códigos de segurança, mas, por outro lado, insistindo consigo mesma em que deveriam ter.

E tinham.

A tela piscou e passou de preta a branca, o disco rígido zumbiu e apareceu uma caixa de diálogo, com um ponto de exclamação vermelho e uma instrução: aguardando leitura da impressão digital.

Kate olhou para o touchpad na escrivaninha e, vencida outra vez, compreendeu a função do estranho acessório.

Desligou o computador.

Parou em frente à estante, tirando o conteúdo das caixas de arquivo, folheando os maços grossos de relatórios de rendimentos impressos com qualidade profissional, prospectos, brochuras de relações com investidores, atas de assembleias de acionistas, gráficos setoriais e históricos de ações multicoloridos, em papel brilhante, eixos x e y, números grandes e orgulhosos no canto inferior direito, medidos em centenas de milhões, em bilhões.

Havia planilhas e gráficos em tamanho carta, anotados e dobrados, cheios de orelhas e corrigidos.

Números circundados, setas desenhadas. Anotações rabiscadas na margem.

Esse escritório não era o local de trabalho de um especialista em segurança. Era o escritório de um banqueiro de investimentos. Ou de um administrador de fundos de capital ou de um assessor financeiro. Essas coisas pertenciam a alguém que fazia algo diferente do que seu marido fazia; essa sala era habitada por alguém que não era seu marido.

Kate tornou a correr os olhos pelo cômodo, pelos topos bem alinhados das fotos emolduradas, até chegar às janelas que davam para o trânsito arrastado, o prédio de escritórios do outro lado da rua, similarmente feio, mas fruto de um modismo arquitetônico diferente. Então captou seu reflexo, que a distraiu da visão real, e ela deixou os olhos vagarem pelo cômodo refletido, pelo escritório no fundo, o mundo às avessas, os cantos nos lugares opostos, e num deles, num desses cantos, havia uma coisa lá no alto, onde duas paredes se encontravam com o teto, e ela girou o corpo, em pânico, em pânico, virando-se primeiro para o canto errado, depois encontrando o certo. Aquilo. Deu um único passo em

direção a ela, depois outro, e percebeu – confirmou – que a coisa para a qual estava olhando, lá em cima, no canto, aquela coisa, aquele dispositivo, também estava olhando para ela, um pedaço de vidro do tamanho de uma moeda, embutido num plástico.

Uma câmera de vídeo.

Quarenta minutos depois, estava sentada em seu carro, de novo esperando dar três horas. O chuvisco irrelevante se transformara numa chuvarada ininterrupta, congelante, impossível de ignorar.

Observou as outras mães que se precipitavam para a escola, guarda-chuvas pingando, capas agarradas junto ao corpo, a água escorrendo pelo nylon e couro e lona impermeabilizada. Algumas levavam bebês e crianças pequenas em cadeirinhas e carrinhos, atravessando aquele dilúvio de enregelar. Que horror.

Por causa da chuva, o enxame ficara mais concentrado na virada exata da hora. Nos dias mais aprazíveis, as mulheres chegavam em horários irregulares, que podiam até começar às duas e meia.

Nos dias mais aprazíveis, notava-se menos que elas eram um bando.

Aquela câmera de vídeo.

Kate não conseguia passar um minuto sem que a cabeça voltasse para aquela câmera. Quando é que Dexter verificaria a gravação? Será que o vídeo seguia para um servidor, era regularmente monitorado por alguém – quem? Ou será que a fita de vigilância era gravada? Dexter teria como verificá-la a distância, de Londres? Ou precisaria esperar até que estivesse de volta a Luxemburgo, ao escritório, o que só aconteceria dali a duas semanas, depois do ano-novo? Será que todos aqueles arquivos de papéis nem sequer pertenciam a ele? Ou seriam de seu cliente, fosse este quem fosse? Talvez todo aquele conteúdo absurdo do escritório nem mesmo pertencesse a Dexter, não? Kate saltou do carro cheia de perguntas impossíveis de responder e encarou a chuva. Acertou o passo e se juntou à manada, virando para a escola no exato momento em que as primeiras crianças saíam pelas portas de aço e vidro que pareciam de garagem, pisando nas poças, livres, ignorantes do tempo horroroso. Ignorantes como um todo.

Quando, exatamente, ela seria apanhada? E por quem? Kate ficava pensando na expressão benefício da dúvida. Devia oferecê-lo a Dexter, que devia oferecê-lo a ela. Isso devia estar nos votos matrimoniais. Mais importante do que na riqueza ou na pobreza, na saúde ou na doença, para amar e respeitar, até que a morte os separe. Benefício da dúvida.

Como seria possível explicar? Que justificativa lógica ela poderia dar ao marido para tê-lo seguido até o escritório, roubado suas chaves, invadido seu local de trabalho e bisbilhotado tudo? Talvez pudesse manter a farsa de que o chaveiro dele havia caído na mala do carro. Talvez pudesse alegar que, depois de receber dele os códigos por telefone, não conseguira resistir.

Ou talvez pudesse partir para uma postura agressiva: dizer que a culpa por sua curiosidade invasiva era o excesso de sigilo dele. Se você tivesse me contado alguma coisa, diria, qualquer coisa, talvez eu não houvesse sentido essa necessidade. A culpa é sua, poderia acusá-lo. Você me obrigou a isso.

Mas de que modo – como? – poderia explicar por que sabia onde era o escritório dele? E, invertendo toda essa porcaria de história, qual poderia ser a explicação dele? Talvez Dexter estivesse fazendo exatamente o que dizia: era consultor de segurança de um banco e trabalhava exclusivamente por meios eletrônicos. Todo o seu trabalho, todas as suas informações se encontravam no computador a que ela não podia ter acesso. Não havia nada em papel relativo ao trabalho dele. Aquela papitada toda no escritório seriam coisas feitas nas horas de folga, passatempo de um amador.

Ou então... Ou então o quê? Decididamente, Dexter vinha acrescentando uma soma consistente de dinheiro à conta bancária do casal todos os meses, e não fazia nenhum saque anormal. Alguém lhe pagava para fazer alguma coisa.

Quem? E havia também, é claro, a não coincidência de Julia e Bill serem agentes do FBI numa força-tarefa da Interpol, muito provavelmente investigando ela mesma ou Dexter. Por quê? Kate tinha a sensação de haver levado por muito tempo uma vida na qual ninguém sabia a verdade sobre ela, sobre quem ela era. Agora, a mesa tinha sido virada e todas aquelas pessoas se alinhavam do outro lado, desconhecidas, impossíveis de conhecer. O que ela sabia, sim, infelizmente, era que tinha de reconsiderar tudo em que se obrigara a acreditar a respeito do marido.

Inclinou-se sobre os filhos, passando a mão por cima do colo de ambos para prender os cintos de segurança, com o metal frio e duro das presilhas a lhe gelar a pele, as bordas finas a lhe comprimir a carne.

É claro, Dexter poderia ser completamente inocente. Alguma das explicações em que ela já havia pensado para justificar o escritório dele poderia ser válida. Talvez houvesse outras que ela nem sequer imaginara. E a culpada da história seria ela mesma. Seria ela o alvo da Interpol. O crime seria Torres.

Sentou-se no banco do motorista.

O que não conseguia entender era como esse antigo acontecimento se encaixaria em qualquer investigação atual. Ou havia provas de cinco anos antes contra ela ou não havia. Porém, nem de longe, nada em sua vida em Luxemburgo tinha nenhuma ligação com o que acontecera em Nova York, com aquilo que ela mais se esforçara por enterrar. Aquilo que a fizera compreender que não poderia mais trabalhar em campo. Que a fizera perceber que não era forte e racional o bastante para preservar a objetividade. Para separar seus pânicos maternos das responsabilidades profissionais. Já não podia confiar em sua capacidade de agir corretamente, já não podia ser digna de confiança.

Tinha que pedir demissão. E havia pedido.

Mas demitir-se não modificava o que ela já tinha feito. A parte de seu passado que ela nunca havia conseguido deixar para trás.

O embaixador estava ao fundo do salão de entrada, ao lado de uma mesa redonda com um vaso enorme, abarrotado de um imponente sortimento de flores, ramos e galhos e folhagens e botões que rebentavam aleatoriamente em todas as cores, formas e tamanhos. Era um arranjo profundamente anárquico. Um não arranjo.

– Sejam bem-vindos. Sou Joseph Williams – disse, estendendo a mão para Dexter. – E esta é minha esposa, Lorraine. Fico muito feliz por vocês poderem estar conosco na nossa festa de Natal.

Todos se cumprimentaram, dois pares de mãos cruzando-se num X canhestro, acompanhados por risinhos sem jeito.

– Já nos conhecemos, é claro – disse a mulher a Kate, com uma piscadela, como se as duas compartilhassem um segredo, uma história.

Mas não havia nada disso, a mulher simplesmente era dessas que são dadas a piscar.

– É claro – retrucou Kate, com uma vaga lembrança de um café matinal, talvez na escola.

Houvera inúmeros deles. Cafés por toda parte, o tempo todo.

– E então, Dexter? Você é novo aqui? – perguntou o embaixador.

– Quase quatro meses.

– Ora, em Luxemburgo isso é uma eternidade, não é? Sacudiu-se de tanto rir com a própria piada, que na verdade não era uma piada, nem tinha graça.

– Estamos aqui há dois anos, a impressão é de vinte. Não é mesmo, querida? O embaixador não esperou resposta, não tinha a expectativa de que viesse. Pôs a mão de forma solícita no ombro de Dexter: – Estão se adaptando bem? Dexter confirmou com a cabeça, visivelmente cansado. Acabara de chegar de Londres uma hora antes. Ainda não tinha voltado ao escritório depois que Kate o invadira, dera uma olhada nele e fora flagrada pela câmera indiscreta. E não teria a oportunidade de fazê-lo por mais uma semana e meia.

Partiriam para Genebra de manhã.

– Ótimo, ótimo – disse o embaixador. – Bem, estamos muito contentes por vocês terem podido vir.

Temos pouquíssimas oportunidades de reunir toda a comunidade americana. Por favor, sirvam-se de uma bebida. O espumante está rolando solto.

Tornou a rir de mais um comentário sem graça, o rosto vermelho e brilhando de suor. Ou estava bêbado ou era um idiota. Possivelmente, as duas coisas.

Kate e Dexter pediram licença educadamente, à chegada de outro casal, com a rajada de frio que entrou pela porta e o som tonitruante da jocidade forçada do embaixador a segui-los até uma sala de estar – móveis muito

rebuscados e um bricabraque preciosista, pequenas estatuetas e placas de bronze, vidros jateados e mogno marchetado, além de um excesso de almofadas em estofados de seda listrada.

– Olá, vocês dois! Era Amber, aproximando-se junto com outra mulher, que vinha, ao que Kate se recordava, de um lugar totalmente inesperado nos Estados Unidos. Oklahoma? Falava muito sobre religião e descrevia tudo como super alguma coisa. Estava superempolgada por ter comprado uma blusa supergracinha numa loja superchique.

– Oi – disse a mulher, alto demais, em seguida tropeçando e derramando vinho. – Xiii! – Caramba! – cochichou Dexter no ouvido de Kate. – Quando foi que esta festa começou: ontem? – Eu sou a Mrrnda – disse a mulher a Dexter. – Muncho brazer.

– Miranda? – repetiu Dexter.

– Icho aí.

– Prazer em conhecê-la. Como está o espumante? – Chuperdelichioso.

Kate olhou em volta para aquele mar de rostos, quase todos desconhecidos. A recepção era dominada pelo numeroso contingente de norte-americanos usando broches com a bandeira dos Estados Unidos na lapela. Portando-se como se não houvessem optado por viver na Europa, mas mudado para lá a contragosto, e como se opusessem a isso uma brava resistência. Guerreiros da liberdade.

Por sua vez, Kate havia tomado a decisão de procurar fazer amizade com os não americanos, com todas as outras pessoas do mundo que viesse a conhecer na Europa. De algum modo, porém, Julia entrara na história. Infiltrando-se furtivamente pelas beiradas. Como que numa missão.

Surgiu um garçom com uma bandeja de prata trazendo rolinhos de presunto. Todos balançaram a cabeça, rejeitando o homem e sua carne defumada.

Kate viu Julia na sala contígua, examinando as fotos comemorativas que cobriam a parede. Correu os olhos pelas dezenas de cabeças que circundavam uma mesa de bufê e um bar, procurando Bill. Ele estava no canto oposto, ao lado de uma mulher bonita, furiosa, que lhe passava um sermão em voz baixa. Ele parecia ligeiramente contrito, ou melhor, parecia fingir-se de contrito.

Jane, era esse o nome da mulher bonita. A singela Jane, que não era tão singela assim, com um belo vestido verde, justo e bem decotado, de ombros à mostra. Ela era uma espécie de autoridade no Clube das Mulheres Americanas de Luxemburgo e o marido era o segundo homem na hierarquia da embaixada, ou coisa assim. Um casal alfa norte-americano.

Nesse momento, Kate compreendeu: Jane era a mulher para quem ela havia ligado de Munique, ao testar o número de telefone surrupiado do escritório de Bill. Kate estivera uma vez na casa dela, para um café matinal. Era lá que

havia conhecido a mulher do embaixador.

Partiu na direção da sala de estar e de Julia. Seria impossível evitar esse encontro, por isso Kate quis antecipar-se, assumir o controle.

Julia intuiu sua aproximação, ou a notou pelo reflexo no vidro de uma fotografia. Virou-se lentamente quando Kate estava a poucos passos. Trocaram beijos no rosto, nas duas bochechas.

Kate sentiu cheiro de gim, impossível não percebê-lo.

– Feliz Natal – desejou Julia.

– Para você também.

– E então, por onde você anda? Não a tenho visto muito.

Julia havia deixado alguns recados aos quais Kate não respondera. Ainda não havia descoberto um modo de interagir com ela, sabendo o que sabia.

– Ah, você sabe como são os finais de ano...

Kate não se estendeu e Julia não pediu explicações. Apesar de cada uma ter um nível de conhecimento diferente em relação à outra, ambas sabiam que seu relacionamento se situava um pouco aquém das respostas verdadeiras. Num situação que incluía a possibilidade de uma evitar a outra sem explicar por quê. Num situação que tanto poderia ser definida pela falsidade quanto por seu inverso.

– Foi um prazer conhecer seu pai.

Julia sorriu.

– Obrigada. Ele meio que me fez uma surpresa.

– Ah.

– E então, está empolgada para ir ao sul da França? Será uma viagem formidável.

– Ah – exclamou Kate –, na verdade, nós mudamos de ideia.

– É mesmo? Algo no tom de Julia, na curiosidade forçada em sua testa, fez Kate achar que a informação não era novidade para ela.

– Nós vamos esquiar.

– Esquiar? Sério? Nós também! A última notícia de Kate fora que Julia e Bill iriam passar as festas em casa, em Chicago.

– Para onde vocês vão? – perguntou, subitamente certa de qual seria a resposta.

– Para os Alpes franceses. A Haute-Savoie.

Como se pudesse ser outro lugar.

– Vocês também? Kate tentou parecer entusiasmada. Mas não conseguiu sair de baixo de um manto sufocante de paranoia.

– Incrível! Temos de nos reunir. Vamos esquiar juntos. Bill vai ficar contentíssimo.

Kate forçou um sorriso: – Dexter também.

– Dexter também o quê? – indagou ele, aproximando-se. – Dexter

também é muito bonito? – inclinou-se para beijar Julia no rosto. – Dexter é muito sensual? Julia lhe deu um tapinha no peito: – Dexter também vai ficar empolgado quando souber que vamos todos juntos para os Alpes.

A cabeça dele girou para a esposa, com uma acusação no olhar.

– Sei o que você está pensando – protestou Kate –, mas isto não é uma conspiração. Eu não sabia nada sobre isso. Diga a ele, Julia.

– Ela não sabia nada sobre isso – confirmou Julia. – Eu juro. Bill e eu acabamos de decidir, de última hora. Faz uns dois dias.

– Você está mentindo – disse Dexter, meio de brincadeira, meio a sério. – Estou cercado por mulheres que mentem para mim.

Ninguém comeu, na verdade. As pessoas provaram e beliscaram, mas em momento algum chegaram a se sentar à mesa; não houve propriamente um jantar. Assim, a maioria dos garfos permaneceu intacta.

Toda a nutrição sólida foi consumida com os dedos. Porém o que mais se consumiu foram bebidas.

Kate não sabia ao certo se tinha tomado cinco ou seis taças de vinho. O jazz suave ao piano fora substituído por um sortimento de rock clássico de estação FM light, em volume baixo. E então, alguém aumentou o volume. Eagles: “Hotel California”, de onde nunca se pode ir embora.

Ela parou no centro da salinha de estar, um pouco zozna. Uma dose módica de clareza vinha cortando as brumas alcoólicas, pondo em foco o que poderia muito bem ser uma realidade alternativa, na qual nenhuma dessas pessoas seria quem afirmava ser. Tal como Kate sabia que ela mesma, durante muito tempo, não tinha sido quem dissera ser.

Parecia cada vez mais provável que Dexter não fosse quem dizia ser. Que diabo era todo aquele material no escritório dele? O que ele andava aprontando? Kate olhou em volta e deparou com Julia imprensada por um dos pais da escola, alguém que todos consideravam um homossexual enrustido. Não viu Bill em parte alguma. Nem a Singela Jane, aliás.

Pegou outra taça desnecessária do amontoado compacto no bar, como pinos de boliche invertidos.

De propósito, saiu vagando sem rumo e atravessou de novo a pequena sala de estar, deixando o indicador brincar sobre as bugigangas táteis, variedades de coisas frias e lisas, vidro e latão e prata de lei. Ao chegar à curva que levava ao saguão, tirou o celular da bolsa e apertou uma tecla, para acender a tela.

– Sim – disse ao pretenso interlocutor, um Sr. Funga-funga. – Está tudo bem? O funcionário de terno escuro que vigiava a porta olhou de relance para ela, que lhe dirigiu um sorriso de quem se desculpa.

– Não, querido – Kate fingiu protestar ao telefone. – Não é incômodo algum, me diga qual é o problema.

Era uma tentativa de que o vigia sentisse estar se intrometendo, parado ali

onde era para estar, ouvindo-a escutar um problema, um problema íntimo que estava sendo explicado pelo Querido.

O guarda franziu os lábios, virou-se e caminhou alguns passos para fora do corredor central, em direção à cozinha, ou a um escritório, ou a algum tipo de cômodo de serviço, para dar à mulher o mínimo de privacidade. Engenharia social, sem a menor dúvida.

– É claro – continuou Kate, baixando a voz com apreensão e simpatia; Querido estava doente.

Começou a subir a escada, longe dos olhos das outras pessoas e sem fazer nenhum som no tapete vermelho felpudo. O corredor de cima se estendia nas duas direções, tenuemente iluminado numa, escuro na outra. Ela pegou o caminho escuro. Todas as portas estavam abertas, mas não havia luzes acesas, nenhuma fresta de iluminação entrando no corredor. Kate entrou devagar no primeiro cômodo, cautelosa. Um quarto pequeno, quase vazio. Cortinas fechadas, escuridão quase total. Ela saiu.

Abriu-se uma porta no fim do corredor envolto em penumbra e a luz forte se esparramou do lado de fora. Ela viu uma perna emergir, meias e salto alto; pulou de volta para o quarto.

– Ora, não me venha com essa – sibilo a mulher. – É a porcaria da festa de Natal, Lou. Você deveria estar aqui.

A conversa telefônica foi sumindo escada abaixo.

De novo no corredor, até o cômodo seguinte, maior: um escritório com escrivaninha, sofá e mesa de centro. Cortinas abertas, luz entrando da rua pelos galhos desfolhados das árvores, iluminando uma parede: a luz picotada por uma árvore, uma estampa de xilogravura. Havia uma porta entreaberta nessa parede semi-iluminada.

Kate ouviu uma respiração.

Espiou pela porta parcialmente aberta do closet, olhou para o chão, onde a luz batia com mais intensidade, e viu calças amarfanhadas sobre sapatos, e acima delas, pernas com meia de nylon suspensas no ar, e entre elas um rápido vislumbre do membro grosso recurvado, reluzente e cheio de veias, deslizando lentamente para fora, até sair quase todo, antes de escorregar de novo para dentro, e acima disso a blusa arrancada para o lado e um mamilo, e o pescoço arqueado e a boca aberta e as narinas infladas e os olhos firmemente cerrados, as pálpebras grudadas.

– Hummm – gemeu a mulher.

O homem levou depressa a mão à boca da mulher e a cobriu. Deixou o polegar deslizar por entre os lábios dela, que o prendeu entre os dentes cintilantes.

Kate ficou estática. Não conseguia parar de olhar, de ouvir. Chegava até a sentir o cheiro.

A mulher gemeu.

Tinha os olhos cerrados com mais força ainda, a cabeça mais para trás. Kate não conseguiu se afastar.

– Ai. Meu Deus.

A mulher estava em êxtase, a cabeça balançando, entrando e saindo da luz fraca, uma iluminação que mal bastou para confirmar que se tratava da Singela Jane. E o homem, é claro, era Bill.

Kate voltou furtivamente para a porta, bem devagar, em silêncio, com cuidado... quase chegando...

mais um passo...

– Merda! – xingou Bill.

Kate saiu pela porta e dobrou no corredor, bem a tempo de ouvir a Singela Jane perguntar “O que foi?”, num cochicho rouco. E de novo: “O quê?” Disparou pelo corredor escuro. Desceu a escada bem iluminada, os pés deslizando no tapete felpudo, planando. O vigia levantou o rosto para ela, a boca aberta para protestar, mas não conseguiu decidir o que dizer. Kate passou rápido por ele e entrou num corredor. Ficaria um minuto escondida no banheiro. Baixou a maçaneta da porta, mas ela não se mexeu. Trancada.

No fim do corredor, havia um painel de metal incrustado no que devia ser uma porta de vaivém. A cozinha. Kate deu um passo adiante, mas a porta começou a se abrir e ela estacou, imóvel.

A porta se abriu mais e ela ouviu a risada de um homem, um risinho de mulher, dois sons – duas vozes – conhecidos, muito conhecidos, e então a porta se escancarou e o homem saiu primeiro, seguido pela mulher.

Dexter. Com Julia.

– Kate! – exclamou Julia, toda animada.

Sou falso, como uma mulher fingindo não estar fazendo nada errado.

Dexter parecia alvoroçado.

Kate sentiu necessidade de explicar sua presença, mas eram aqueles dois que precisavam se explicar. Enrijeceu-se.

– Oi – disse Dexter, sucinto e pouco convincente, sem se incriminar.

Kate olhou de um para o outro, do marido para a amiga fictícia e de novo para ele. Não que fosse uma surpresa completa, mas também não era algo esperado. Pelo menos, não era o que ela esperava de Dexter.

Ficaram todos parados no corredor, os três, cada segundo uma eternidade. Julia não disse mais nada, Dexter tampouco. Cada milissegundo de silêncio os fazia parecer mais culpados.

– O que vocês estão fazendo? – perguntou Kate, por fim.

Os dois se entreolharam, Julia e Dexter. Ela tornou a dar um risinho. De repente, eles pareceram irmãos, ou dois velhos amigos, não um par de adúlteros.

– Venha – disse Dexter, pegando a mão de Kate.

A cozinha era ampla e profissional, com uma grande ilha central, vários

fogões e coifas, armários abertos e painéis penduradas, equipamentos de bar, garrafas com medidores, painéis meio amassados.

Julia se dirigiu a uma gaveta, abriu-a e pegou alguma coisa.

– Tome – disse.

Kate ficou confusa. Olhou para o objeto oferecido e de novo para Julia.

Dexter foi até o fim do aposento, a um grande aparelho de portas de aço, geladeira ou freezer.

Também pegou alguma coisa, fechou a porta e se virou para Kate.

Ela olhou para a oferenda do marido e a da amiga. Sorvete e colher.

Não conseguiu descartar a sensação de os haver apanhado em alguma coisa ilícita, oculta. Não o sorvete, não o óbvio. Algo mais.

Hoje, 12h41 Kate perambula pelas ruas de Saint-Germain-des-Prés absorta em seus pensamentos, tentando entender o sentido de sua descoberta, encontrar uma explicação para a prova incontestável oferecida pelo anuário. A prova de que Dexter e a mulher que agora se denomina Julia não se conheceram há dois anos, em Luxemburgo, mas há duas décadas, na faculdade.

A chuva matinal deu lugar a retalhos altos de nuvens que correm pelo céu, deixando em sua esteira explosões de luz solar de um brilho ofuscante, enquanto o vento tempestuoso faz rolar os montes de folhas caídas.

Ela atravessa a varanda do Café de Flore, onde um ano atrás a família inteira fez uma parada depois da entrevista na escola dos meninos e antes de escolher às pressas seu apartamento. Um café famoso, de louça branca e verde facilmente reconhecível. Esta é a Paris dos guias turísticos, a Paris de Picasso, a casa de Kate.

Não é uma vida que algum dia ela houvesse esperado.

O ano passado em Paris representou uma melhora considerável em relação ao ano anterior em Luxemburgo. E o próximo ano, ela sabe, será ainda melhor, aos poucos. Ela gosta das novas amizades que Dexter e ela fizeram no último ano; espera gostar ainda mais delas este ano. Além disso, haverá pessoas novas. Kate se deu conta de que gosta de gente nova.

Entra na Rue Apollinaire, em frente às listras coloridas do Le Bonaparte.

Kate também gosta de tênis. Começou a jogar há um ano, primeiro num alvoroço exaustivo, fazendo três aulas por semana, para progredir depressa e poder participar do torneio de pontos corridos das mães da escola que jogam no Jardins du Luxembourg. No fim do ano, tinha se tornado uma das melhores jogadoras do grupo. Mas não é jovem nem alta nem veloz, jamais será qualquer dessas coisas, por isso também nunca será uma grande jogadora. Apenas boa. E capaz de jogar com Dexter.

Agora que ele não trabalha tanto e não precisa fazer viagem alguma, os dois têm tempo – e dinheiro – de sobra para fazer coisas agradáveis juntos. São eternos turistas em Paris. Sua vida é uma espécie de sonho realizado.

Mas Kate não pode negar que ainda quer algo mais. Ou algo diferente. Jamais será uma dessas mulheres que abrem uma loja de calçados infantis ou de design de interiores, importando produtos chiques de Estocolmo e Copenhague. Não vai se aprofundar em estudos sobre os mestres clássicos ou os existencialistas. Não vai andar por aí com um bloco de papel Bristol e uma caixa de lápis pastel, nem com um laptop, catando milho na digitação de um romance inútil. Não consegue imaginar-se como guia turística de pequenos grupos de aposentados, passando das melhores confeitarias para as melhores casas de queijos, revelando os mercados escondidos, trocando apertos de mão com proprietários falsamente amistosos.

Há muitas coisas que Kate sabe que não quer fazer.

Ainda que, comparada a qualquer padrão, ela tenha uma vida boa, não pode negar que anda entediada, de novo. Já passou por isso e desta vez tem mais autoconhecimento. O que a tem levado à convicção de que só existe uma solução para aquele problema. E, nesta tarde, ela está ciente de que agora a solução talvez esteja ao seu alcance, por cortesia da revelação encontrada no anuário e de como lhe será possível usar essa nova informação.

Não a surpreende que a agente disfarçada tenha mentido para ela. Nunca se ofendeu muito com essa redundância. Mas a traição do marido é outra história. Na cabeça de Kate, nunca houve dúvida de que Dexter a ame e ame os filhos. Ela não está preocupada com a natureza dele, sabe que é um bom homem. O seu bom homem. Seja qual for a explicação para a baixaza do fingimento de Dexter e Julia, ela tem que se encaixar à realidade indiscutível de que ele é bom, não mau.

Kate já pensou em meia dúzia de hipóteses e descartou todas. Recomeça com o recado de Julia de algumas horas atrás: o coronel morreu.

Chega à esquina da elegante porta do Le Petit Zinc, que derrama art nouveau na calçada, sob a cálida luz vespertina que faz brilharem as pedras cor de areia dos prédios da Rue Saint-Benoit.

É um local elegante, uma esquina elegante. Uma virada elegante...

Kate estaca na rua, imóvel, olhos fixos à frente, o pensamento disparando num círculo para completar a volta até o começo, até a certeza, a confirmação, o brilhantismo daquilo.

Ela sabe o que aconteceu.

Kate puxou o chapéu para baixo, protegendo-se da fria rajada de vento vinda do Mont Blanc, que avultava ao longe, entre os Alpes de cumes brancos que se dobravam sobre eles mesmos, montanha sobre montanha, dali até Genebra, contornando as margens do lago Lemán.

O sorvete era uma explicação plausível. Haviam bebido demais, quase toda a comida da sala de jantar tinha acabado e eles não queriam mais presunto. Ninguém queria mais presunto. Em todo lugar a que todos iam havia sanduíches de presunto. Nas padarias e açougues, supermercados e cafés. Nos quiosques dos centros comerciais, nas máquinas automáticas dos escritórios, sob redomas de vidro nos balcões das academias de ginástica, nos aviões. Os malditos sanduíches de presunto, em toda parte.

E por isso tinham ido à cozinha, à procura de algo para comer que não fosse presunto. Decisão questionável, perambular pelos espaços privados da embaixada. Uma semitravessura de bêbados.

Perfeitamente crível.

Kate caminhou pelo bairro do Paquis, em Genebra, perto da estação ferroviária: norte-africanos e árabes, restaurantes especializados em cuscuz e lojas de suvenires, prostitutas turcas atarracadas fumando cigarros à porta de edifícios de concreto, homens esqueléticos de jeans folgados espreitando nas sombras. Ali seria um bom lugar para comprar uma arma, era o tipo de bairro em que ela já o fizera antes. Estava começando a achar que deveria ter uma.

Atravessou o Ródano na ponte do Mont Blanc e desviou rapidamente pelo Jardim Inglês tomado pelo inverno, despovoado, com um vento gélido e cortante, as lágrimas brotando dos olhos.

Tinha que ficar lembrando a si mesma que não havia descoberto nada de definitivamente errado no escritório de Dexter. Todo o material de lá poderia ser uma parte legítima do trabalho dele. Kate não compreendia esse trabalho, nunca havia compreendido. Não fazia ideia do que ele implicava.

Mas, caramba, aquela câmera de vídeo. Como haveria de explicar por que – e como – tinha invadido o escritório dele? Por sorte – ou não, quem saberia dizer? –, Dexter ainda não parecia ter sido alertado da invasão dela. Ou, se tinha, com certeza não era o homem com quem ela pensava ter se casado.

Kate passou por uma mulher que lhe pareceu conhecida: alta, cabelos escuros, maquiagem pesada nos cílios. Primeiro não conseguiu se lembrar de onde a conhecia, mas em seguida a resposta lhe veio à mente: uma comissária de bordo do voo daquela manhã. As aeromoças da LuxAir, com suas alegres echarpes azuis, praticamente atiravam os sanduíches de presunto nos passageiros assim que o avião decolava, ansiosas por começar a servir o lanche no curto voo. Todos os voos eram curtos na LuxAir.

Rumou pela ladeira da Rue Verdaine, onde a arquitetura se transformava

em blocos agigantados de pedras medievais, ruas apertadas de paralelepípedos, um passeio ao longo de um parque, fortificações, arcos, calçadas em patamares. Essa parte de Genebra a lembrava de Luxemburgo, de Arlon, de uma porção de lugares.

Começaram a voejar flocos de neve, vagando macios pela rua ladeada de hotéis particuliers do século XVIII, imensas portas em arco que conduziam a pátios, um conjunto combinado de três prédios imponentes, encostados uns nos outros, como modelos posando para uma foto homoerótica, pele com pele com pele.

Com certeza era possível que Dexter e Julia estivessem tendo um caso. Podiam se encontrar no apartamento de Julia, nas manhãs dos dias úteis, enquanto Bill estava em seu escritório levantando pesos ou trepando loucamente com Jane – ou as duas coisas, ao mesmo tempo – e Kate estava em algum café matinal, sentada com um bando de mulheres que reclamavam da ausência dos maridos, enquanto o dela estava logo ali, na esquina, na cama com sua melhor amiga.

Ou será que eles tinham apenas dado uma fugida rápida para a cozinha, conversando aos sussurros e trocando beijos por cinco minutos? Ou seria um flerte inofensivo, uma distração, um jeito de permanecerem vivos, não velhos, não mortos? Na Rue de l'Hôtel de Ville, quase todos os antiquários estavam fechados. Cartazes escritos à mão com capricho anunciavam as férias, tudo fermé até o começo de janeiro. Impossível comprar presentes. Inimaginável, nos Estados Unidos, que alguma loja fechasse dois dias antes do Natal.

E se fosse mesmo um romance, o que faria? Poderia compreender, ignorar, perdoar? Dexter ainda a amava? Estaria entediado, ou curioso, ou com tesão, ou sendo egoísta, ou apavorado com a mortalidade? Estaria tendo uma crise da meia-idade? Já teria feito isso antes? Seria um mulherengo inveterado? Será que ela fora traída durante todos esses anos? Ele estaria se revelando um canalha e Kate não tivera consciência disso antes? Por quase uma década? Ou seria a infidelidade dele um crime de oportunidade? Teria sido seduzido de forma desleal? Encharcado de álcool, provocado e, por fim, confrontado com uma proposta, uma oferta que não pudera recusar? No alto da ladeira, a rua se abria na Place du Bourg-de-Four: cafês e uma fonte no meio de uma ampla área de formato irregular, com calçamento de pedra. Kate consultou o relógio – 14h58 – e se sentou numa cadeira de junco ao lado de um aquecedor a gás que jogava calor no ar como se cuspsisse no oceano. Pediu um café au lait a um garçom bonito e cheio de si.

Ou seria alguma coisa mais sinistra do que sexo? Do outro lado da varanda, mãe e filha de chapéus de pele que combinavam fumavam cigarros que combinavam, longos palitos magrelas de tabaco. A mãe afagava no colo um cãozinho em miniatura, um tipo de maciez branca felpuda. A filha disse alguma

coisa, mas Kate não conseguiu ouvi-la; as duas estavam muito longe. Ótimo.

Seu café chegou, trazendo junto um biscoitinho no pires, como sempre, em toda parte.

O garçom seguiu até a mãe e a filha. As duas riram de algo que ele disse ao se debruçar sobre o encosto de uma cadeira, flexionando os músculos, flertando. Kate ouviu passos às suas costas, solas duras de homem batendo nas pedras. Não se virou. O homem sentou à mesa vizinha, separado de Kate pelo aquecedor e sua tampa reluzente feito um disco voador.

O garçom voltou. O homem pediu um chocolate quente. Abriu o Le Monde, dobrando cuidadosamente o jornal num maço meticuloso. Vestia sobretudo cinza, cachecol vermelho, calça jeans justa e sapatos pretos de bico fino, com cardarço verde. Pele esfoliada e lustrosa, rosto com a barba extremamente escanhoadá, mais imberbe do que Dexter jamais conseguiria ficar. A mesma aparência dos rapazes de Dupont Circle, com alguma coisa em seu rosto que anunciava sua orientação sexual.

Kate pôs a sacola na mesa. Tirou um guia turístico da Suíça e um mapa mal dobrado de Genebra, uma caneta e um bloquinho.

O garçom serviu o chocolate quente ao homem.

Kate tirou a máquina fotográfica do bolso, levantou-a e se inclinou para o homem.

– Com licença – chamou sua atenção.

– Sim...? – Será que se importaria em bater uma foto minha? – De modo algum.

Ele se ajeitou rapidamente na cadeira e pegou a câmera.

Kate olhou em volta, à procura do cenário certo – a fonte, prédios interessantes, neve na grama.

Deslocou sua cadeira alguns centímetros. Afastou o guia turístico para o lado, tirando-o do enquadramento da imagem a ser fotografada. Havia uma foto enfiada entre as páginas do guia.

– Está visitando Genebra a caminho de uma estação de esqui? – Sim. Viajamos amanhã. Para Avoriaz, por uma semana.

O homem a orientou a se deslocar para a direita e bateu outra foto. O garçom surgiu de novo, perguntou a Kate e ao outro cliente se estava tudo bem e voltou para a mãe e a filha. Era provável que ele fosse a razão de aquelas duas estarem lá.

O homem soergueu o corpo, com os joelhos meio flexionados. Inclinou-se para a frente para devolver a câmera e a colocou sobre o guia turístico de Kate. Ao retirar a mão, puxou a foto que estava entre as páginas e a guardou no bolso do casaco. Depois pegou a xícara e tomou um gole grande de chocolate.

– Três dias. Talvez quatro – disse.

Pôs uma moeda gigantesca na mesa; alguns desses francos suíços eram

praticamente artigos esportivos. Por que eles precisavam de uma moeda diferente? Malditos suíços.

– Então encontrarei você.

Começou a nevar quando eles estavam na metade da subida da montanha, a neve visivelmente mais pesada conforme o carro avançava: trânsito lento, o acostamento repleto de caminhonetes paradas, com os motoristas ajoelhados no cascalho enlameado, instalando correntes. Um trecho em ziguezague atrás do outro, retas que mal chegavam a 200 de metros, o lado em declive da estrada descendo por um despenhadeiro íngreme, com afloramentos irregulares de rocha, pinheiros tenazes e chalés de madeira precariamente empoleirados.

Na manhã de segunda-feira, haviam caído mais 90 centímetros de neve. As nuvens tinham fugido de madrugada e a aurora raiou em rosa e cinza na janela do quarto que dava para o centro da estação, para a Village des Enfants, os cafés e lojas. Ao entrar na sala, pisando de leve, Kate perdeu o fôlego diante da paisagem, que permanecera completamente envolta em nuvens, bruma e remoinhos de neve nas primeiras 36 horas da família nessa montanha, mas tinha agora uma transparência cristalina, uma imagem perfeita dos Alpes, alpe atrás de alpe atrás de alpe, todos revestidos de branco, pintados com um spray de neve.

Julia veio esquiando da borda da trilha, deslizando sem esforço: – Meu Deus, isto não é fantástico? – exclamou.

Beijou Kate no rosto. Bill também chegou esquiando, apertou a mão de Dexter, deu-lhe um tapinha no alto do braço.

A neve era de uma brancura ofuscante, com uma visibilidade que parecia infinita em todas as direções, como se o mundo inteiro tivesse sido colocado sob o microscópio com a lente recém-polida.

A paisagem ao norte abarcava quatro dobras da cordilheira, uma lasca do lago e as montanhas do extremo oposto, pequenos desfiladeiros sob uma imensidão de céu claro.

– Então, vamos? – propôs Bill, e partiu, cravando os bastões para dar impulso.

– Vamos lá! – exclamou Dexter, mais entusiasmado que antes.

Todo animadinho, agora. Estivera inseguro, apavorado, diante da dificuldade de esqui na forte tempestade, quando o teleférico levava os esquiadores ao cume numa branquidão total a 2.750 metros de altitude, acima da linha das árvores. Lá não havia nenhuma floresta para aplacar a neve ou o vento, nenhum lugar onde a pessoa pudesse se esconder, nenhuma possibilidade de ver os limites das pistas. A visibilidade era inferior a 30 metros, a um segundo do ponto mais distante que se conseguia enxergar. Depois de uma única ida ao topo, Dexter tinha se recusado a esqui nos cimos e se recolhido à parte mais baixa da montanha, às trilhas tranquilas que serpenteavam entre as árvores.

“Quero saber aonde diabo estou indo”, ele dissera. Enquanto deslizava por uma trilha fácil, Kate tinha se perdido na tirada filosófica involuntária do marido. Também queria saber aonde diabo estava indo. E se perguntava se algum dia isso tornaria a ser possível.

Agora, estavam de volta ao topo, numa experiência completamente diferente, sob o sol fulgurante.

Kate puxou os óculos de proteção do alto do capacete e os ajustou nos olhos, sentindo a pressão suave da espuma macia sobre os ossos malares e a testa, espuma que vedou seus olhos no interior desse casulo tingido de rosa. La vie en rose. Num lampejo, veio-lhe a lembrança do sangue no tapete irradiando-se da cabeça de Torres, a lembrança de seus olhos sem foco nem vida, do som do bebê chorando.

Kate afastou a ideia, estremeecendo. Esquiou até a beirada da pista, uma queda rápida numa face açoitada pelo vento, remoinhos de neve escorregando pela superfície.

– Eu vou primeiro – disse Bill, e se lançou pela borda.

Dexter não parecia nada otimista com essa trilha, mas o seguiu, obediente. Depois foi Julia.

Kate permaneceu no alto, olhando para aquelas três pessoas, todas à espera de que ela se lançasse de um penhasco.

Parou na curva aberta de uma trilha larga. Fazia três dias de seu encontro com Kyle em Genebra, e estava na hora de ele surgir esquiando do nada, parar e lhe dizer... dizer o quê? Dizer-lhe que aqueles agentes do FBI estavam investigando algo que não tinha nada a ver com ela nem Dexter. Tal notícia improvável era o que mais queria no mundo, a esta altura.

Esperou mais alguns segundos, meio minuto, contemplando a paisagem branca e fofa, os campos de marshmallow. Não chegou ninguém.

Desistiu e partiu declive abaixo, descrevendo curvas silenciosas pelo pó macio, os piquetes laterais da pista fazendo a contagem regressiva até a base, onde meia dúzia de trilhas convergiam para três teleféricos e um punhado de cafés, centenas de cadeiras de lona dispostas ao sol, gente circulando sem jaqueta, fumando e tomando cerveja às onze da manhã. Dexter e Julia estavam num desses cafés, com as botas desfiveladas, descansando.

Kate saiu com Bill na direção do teleférico. Deslizaram por entre as pessoas que circulavam, passaram pelos portões, fincaram os bastões. Uma cadeira que se aproximava, retinindo pela curva, e o aço do assento lhe atacou a dobra dos joelhos, forçando-os a se sentarem mais depressa e com mais força do que tinham esperado, com os traseiros doloridos.

Ninguém mais se juntou a eles na cadeira. Ela se afastou, acelerada, primeiro sobre uma área plana, depois subindo em ângulo agudo para atravessar uma face exposta de rocha, perpassada por uma teia de veios minerais escuros.

Uma rocha varicosa.

– É eletrizante, não é? – comentou Bill.

O teleférico se nivelou na travessia de um vale pouco profundo, uma pequena depressão cavada na lateral da montanha, um regato veloz cercado por pinheiros semienterrados na neve, margens altas e íngremes, água de aparência gelada, pedras no leito, milhares e milhares de pedras, cinzentas e cor-de-rosa, brancas e pretas, marrons e em tons de bege, grandes e pequenas e médias.

– Quando a gente desce em velocidade, sem saber ao certo o que vai encontrar a seguir.

A cadeira passou pelo vale e subiu por mais uma face rochosa, depois por um aclave longo e áspero, singelos e montes de neve, imensos pedregulhos espalhados, bolas jogadas por gigantes.

Agora estavam a uma grande distância do solo, num daqueles pontos da subida de 600 metros em que o teleférico ficava acima da altura normal de 6 metros, chegando a uns 15 ou 20.

A cadeira reduziu a velocidade. E parou.

Exposta ao vento, ao frio. Balançou para trás, numa reação igual e oposta ao que tinha sido seu impulso para a frente. A terceira lei de Newton, ali, no alto da montanha. Balançando para a frente, depois para trás. Para a frente. Para trás.

Rangendo.

Um arrepio percorreu a espinha de Kate. Aquilo era um erro. Ela não devia estar ali, sozinha com Bill.

O vento aumentou, uivando, empurrando a cadeira num arco maior, fazendo rangerem mais alto as dobradiças. O frio ultrarrigoroso de um teleférico parado num dia de ventania; exposição completa.

Kate levantou os olhos para o ponto em que a cadeira se ligava ao cabo por um gancho que parecia a ponta de um cadarço de sapato.

– Meio assustador, não é? Chamava-se agulheta, essa ponta do cadarço.

Bill se inclinou para a frente e olhou para baixo: – Se você caísse daqui, acha que morreria? A peça semelhante a uma agulheta se prendia ao cabo como que por um gigantesco pregador. Kate viu o ponto de junção em que ele poderia se abrir.

– O que você acha? Kate o fitou. Pelas lentes cor-de-rosa, viu algo novo em seu rosto, uma expressão que não vira antes, algo duro.

– Algum dia você já temeu por sua vida, Kate? Eduardo Torres vinha morando numa suíte do Waldorf, o hotel em que os presidentes se hospedam quando passam por Nova York para sessões de fotos na ONU e num teatro da Broadway, ou num jogo no estádio dos Yankees. Mas Torres não estava na suíte presidencial. Não era presidente, nunca fora. Embora achasse que deveria ser. E não apenas presidente do México. Torres tinha uma visão grandiosa de um Estado

supranacional pan-latino-americano – el Consejo de las Naciones, o Conselho das Nações – do qual seria o líder, ou, a rigor, o chefe do hemisfério ocidental e do meio bilhão de pessoas que viviam ao sul da fronteira dos Estados Unidos.

Primeiro, porém, ele tinha que arquitetar seu retorno triunfante de um exílio não oficial. Ele não aceitara de forma cortês sua derrota nas eleições. Ao contrário, formara uma oposição vociferante.

Havia incitado pessoas à violência, a qual, por sua vez, levava a retaliações violentas e a um ambiente que era, grosso modo, inseguro para o ex-general. E por isso ele tinha fugido de sua residência em Polanco para Manhattan, onde não precisava empregar um regimento inteiro só para cuidar da segurança de um restaurante durante o jantar. Na América do Norte, ele podia sentir-se seguro com um punhado de guarda-costas.

Torres havia passado o ano anterior tentando construir alianças e levantar verbas para a eleição seguinte, ou para um golpe de Estado, ou para fosse qual fosse o caminho que imaginava para sua ascensão. Enganara-se. Nenhuma pessoa racional se dispunha a lhe oferecer qualquer tipo de apoio.

Ele estava ficando desesperado. Seu desespero o tornava cada vez mais inviável, o que, por sua vez, deixava-o cada vez mais desesperado. Um círculo vicioso.

Nesse período, Kate havia acabado de fazer uma viagem ao sul do México, a qual viria a ser sua última missão no exterior. Tivera uma série de encontros não particularmente clandestinos com políticos locais, procurando fazer amizade – ou, pelo menos, reduzir a inimizade – com quem quer que pudesse chegar ao poder: generais, empresários e prefeitos que, mais cedo ou mais tarde, fariam suas campanhas presidenciais. Sentara-se em jardins de pátios com buganvílias roxas subindo por paredes caídas, tomando café forte em xícaras de louça coloridas, trazidas em bandejas de prata que refletiam a grandiloquência daqueles homens.

Depois tinha regressado a Washington, para o marido e o filho primogênito de 6 meses. Ia andando pela Rua G, voltando do almoço para o escritório, quando um sedã de luxo parou junto ao meio-fio.

O motorista baixou o vidro da janela: – O señor Torres gostaria de alguns minutos do seu tempo.

Ela pesou rapidamente suas alternativas, suas respostas. Por mais irracional que Torres viesse ficando, não teria como fazer mal a uma agente da CIA em Washington.

– Ele está no Ritz. Está disponível agora.

Kate se acomodou no banco de trás e, cinco minutos depois, entrou no saguão do hotel, onde um guarda-costas a recebeu e lhe indicou o caminho para a suíte de Torres.

– De maneira nenhuma – disse ela. – Ele pode me encontrar no bar.

Torres foi a seu encontro, pediu uma garrafa de água e lhe perguntou como ia passando – um instante de amenidades que durou trinta segundos, antes que ele começasse a pontificar. Kate passou meia hora escutando a história das suas mazelas e suas previsões e planos para o México e a América Latina. Ele fez uma defesa apaixonada, embora completamente ridícula, de por que a CIA deveria apoiá-lo.

Como plateia, Kate se esforçou por parecer hesitante e pessimista, mas sobretudo foi reservada e, decididamente, evitou o confronto. Fazia dez anos que conhecia Torres. Não queria irritá-lo, a menos que fosse obrigada.

Torres pediu a conta ao garçom. Disse a Kate que ia voltar a Nova York na manhã seguinte e que ansiava pela próxima conversa dos dois, tão logo ela tivesse disponibilidade. Ela lhe garantiu que discutiria o assunto com seus superiores.

O homem assentiu com a cabeça, devagar, fechando os olhos, como se expressasse uma profunda gratidão. Mas não agradeceu de fato.

Kate se levantou.

Foi nesse momento que Torres levou a mão ao paletó e tirou algo do bolso interno. Colocou-o na mesa reluzente de cerejeira, mas não disse nada.

Ela deu uma espiada. Era uma foto 7x10 em papel brilhante. Kate se inclinou para examinar mais de perto a imagem nítida, clara, obviamente feita com uma teleobjetiva potente.

Endireitou as costas com lentidão proposital, procurando manter a calma. Seus olhos saltaram da foto para o homem do outro lado da mesa.

Torres tinha um olhar distante, como se aquela ameaça implícita não tivesse nada a ver com ele.

Como se fosse apenas um mensageiro e aquela fosse uma história sórdida entre Kate e outra pessoa.

Bill deslizou à frente de Kate, descendo uma trilha íngreme e não nivelada, floresta densa de um lado, despenhadeiro rochoso do outro, margeado pelos postes de delimitação da trilha – postes com bandeiras pretas: inclinação indicada a pessoas experientes, o que ia muito além da capacidade de Kate. Bill parecia decidido a levá-la ao nível mais difícil. Ela se recusaria ou tentaria alcançá-lo, sem conseguir. Mas, de qualquer modo, seria diferente.

Kate batalhou descendo a encosta infestada de ressaltos. Um par de adolescentes destemidos passou como um raio e desapareceu em segundos. Kate e Bill tornaram a ficar sozinhos, no silêncio profundo de uma montanha alta e coberta de neve na fronteira franco-suíça.

Ela atravessou o terreno irregular até onde a montanha tinha um fim abrupto, na intersecção com o céu. Ao se aproximar da borda do penhasco, pôde ter uma visão mais ampla do que havia para além da montanha, mas não conseguiu ver a parede dela: o declive era íngreme demais. Uma placa fantasticamente assustadora fora posta ali: a imagem estilizada de um esquiador caindo, braços se debatendo, um esqui fora do pé, um bastão no ar. Morte certa, era isso que prometia a sinalização.

Bill vinha logo atrás dela: – Você está indo muito bem – comentou.

Kate não se sentiu tranquilizada. Pensou em parar, mas não parou, seguiu em frente, e de novo resolveu parar, mas novamente não parou, foi mais depressa, mais depressa, ficando mais nervosa.

Podia ouvir Bill descrevendo as curvas feitas às suas costas. Viu o despenhadeiro à esquerda, nove metros de descida até um afloramento de pedregulhos, mais seis até o fundo da garganta. O esqui esquerdo escorregou em direção à borda, perto do céu...

Fez uma curva fechada em direção a uma área mais segura, pressionando as pontas dos esquis na neve, fazendo força até que, com neve sendo jogada para o alto, conseguiu uma parada brusca.

E percebeu, tarde demais, que havia parado sem aviso. Ainda estava no microssegundo que levava para notar o erro quando ouviu o grito...

Sentiu o bastão de Bill tentando tirá-la do caminho...

A ponta do esqui dele atravessando sobre o dela...

E veio a colisão plena, o impacto no quadril e no tronco e no ombro e no braço, e ela se viu no ar, sendo lançada para a borda da trilha, para a beirada da encosta, caindo na pista e descendo de lado, para uma queda longa e fatal, já sem os bastões nas mãos, porém ainda presos por fios de nylon a seus pulsos, os bastões girando, apenas um esqui ainda seguro à bota, e tentou lembrar se algum dia ouvira algum conselho – em qualquer lugar: em seus tempos de bandeirante, ou no campo de treinos da CIA, ou até na ESPN, ou, quem sabe, na PBS – sobre

qual é a melhor posição para assumir quando se despenca de um paredão de 15 metros sobre uma pedra.

Tentou levantar a cabeça, mas foi em vão. Não conseguiu mexer o pescoço, nem os ombros, nem os braços. Não enxergava nada, exceto um vago tom rosado na escuridão quase total. Estava com o rosto afundado na neve densa e granulosa. O frio lhe inundara a pele, e ela imaginou seus músculos faciais esfriando, sendo instantaneamente congelados, como um salmão-vermelho numa traineira do Pacífico Norte, com os olhos imobilizados em caráter permanente, olhando de esguelha.

Era como se um peso enorme a houvesse prendido pela espinha, paralisando-a.

Tentou mexer os dedos dos pés, mas não teve como saber se conseguira; malditas botas de esqui.

Começou a hiperventilar.

E então, o peso na espinha pareceu deslocar-se. E depois, de fato se deslocou, primeiro aumentando a pressão, depois diminuindo, depois desaparecendo por completo.

Kate ouviu alguma coisa.

Achou que agora conseguiria se mexer. E conseguiu. Virando-se, rolando o tronco, o ombro e o pescoço, tirou o rosto da neve, com os óculos de proteção ainda quase todos cobertos, mas não por inteiro, de modo que pôde discernir de novo o mundo. Tornou a escutar o que tinha ouvido antes. Era uma voz, e ela pôde ver pelos retalhos de neve que era de Bill. Ele estava de pé a seu lado, perguntando-lhe se estava bem.

E ela estava.

A escuridão avançava depressa nas montanhas. Às três horas, o ângulo dos raios solares se tornara oblíquo, a luz azulada caindo plana, sem sombras.

Kate chegou sozinha à base de uma pista suave e regular, um alívio depois da agressividade de Bill.

Correu para o portão do teleférico ao ver que não havia ninguém na fila. Queria ocupar uma cadeira sozinha, mas outro esquiador parou a seu lado.

Era um homem. Kyle. Finalmente.

O portão se abriu e os dois se aproximaram da linha vermelha pintada no piso de borracha, ambos olhando para a cadeira que chegava. Então veio mais um esquiador, pelo outro lado de Kate, invadindo a privacidade deles. Droga.

Sentaram-se os três com um baque grupal. Kyle fechou a barra de segurança.

– Bonjour – disse, mal se fazendo ouvir em meio aos rangidos do arrancar da cadeira.

Kate levantou os óculos do rosto. Deu uma olhadela nesse Kyle de Genebra, depois uma espiada furtiva para o outro lado, para o terceiro esquiador.

Olhou de novo ao perceber que era Dexter, abrindo-lhe um sorriso.

– Meu amor, você veio atrás de mim na surdina – disse.

Alto o bastante para garantir que Kyle a ouvisse, sem possibilidade de erro.

– Isso mesmo – confirmou Dexter, exultante com sua brincadeira. –

Como vão as coisas? – Isto aqui é lindo – disse Kate, e se perguntou se Dexter teria ouvido o cumprimento de Kyle.

Dexter se inclinou para a frente, olhando para Kyle por cima da mulher. Droga de novo.

– Vocês se conhecem? – indagou.

Por favor, Kate pensou – rezou –, tomara que o Kyle não seja um idiota.

– Não – veio a resposta.

– Você a cumprimentou.

– Só estava sendo gentil.

Kate olhou para a frente, enquanto os dois homens falavam por cima dela e os três cortavam o céu.

– Dexter Moore. Esta é minha esposa, Kate.

– Meu nome é Kyle. Prazer em conhecê-los.

– Você está hospedado aqui? – perguntou Dexter. – Ou veio de outro hotel para uma visita? – É um passeio de um dia, na verdade. Saindo de Genebra. Eu moro lá.

A cadeira passou com estrondo por uma torre de sustentação.

– Estamos esquiando com outros americanos – comentou Dexter. –

Amigos de Luxemburgo.

Moramos lá.

Kyle não fazia ideia de como continuar essa conversa, nem de como interrompê-la. Kate não sabia o que fazer. Assim, apenas continuou sentada em silêncio, enquanto os homens conversavam fiado.

Na hora das apresentações gerais, Bill tirou sua luva dos Muppets e Kyle fez o mesmo, e os dois trocaram um aperto de mão.

– Achamos este americano solitário nas montanhas – explicou Dexter.

Estavam parados num cume açoitado pelo vento, com um declive acentuado e cheio de ressaltos de um lado e um despenhadeiro impossível de esqui do outro, isolado por uma corda amarela frouxa que nada faria para reduzir a velocidade das pessoas, muito menos para detê-las e evitar que caíssem da borda.

Bill deu uma rápida olhadela em Kyle, de cima a baixo: – É mesmo.

Kyle sorriu, os dentes brancos reluzindo na vermelhidão do rosto.

Dexter consultou o relógio: – Temos de ir. Preciso buscar as crianças na escola de esqui daqui a alguns minutos – falou, depois se virou para Kyle: – Quer nos fazer companhia? Kyle hesitou, mas não por muito tempo. Não tanto que

pudesse parecer mais do que apenas a hesitação de um homem diante de um convite inesperado.

– É claro – respondeu. – Eu adoraria.

A luz ia diminuindo, o sol sumia de vista atrás de um cume serrilhado no sudoeste. Os cinco americanos atravessaram a crista numa fileira sinuosa, as bordas dos esquis arranhando os montes de neve endurecida, num som que se entremeava com o sibilar suave nos trechos de neve mais fofa, o farfalhar do nylon roçando o nylon, o tinido de um bastão batendo numa bota. Kate ouviu Bill logo atrás dela e não pôde impedir o calafrio que lhe desceu pela espinha.

Ninguém disse nada.

Dobrando uma curva, lá estava o centro de la station, a aglomeração de prédios altos em torno do Village des Enfants, as charretes puxadas por cavalos movendo-se com velocidade surpreendente, tudo recoberto de neve fresca, salpicada pelos pontos nítidos das lâmpadas elétricas – um primeiro plano complicado, em contraste com o pano de fundo simples, formado por garganta e vale, montanhas e a imensidão do céu azul.

– Quem é esse Kyle? – perguntou Bill.

Kate encolheu os ombros, indiferente: – Um cara do teleférico.

– Sei – bufou Bill. – E eu sou um cara do clube de tênis.

O cérebro de Kate entrou em parafuso. Ela não entendeu o que Bill estava dizendo. Abriu a boca, fechou-a, tornou a abri-la, mas não conseguiu pensar em nada para dizer sem fazer revelações. Só que não dizer nada também seria revelador.

– Não sei o que você quer dizer com isso – retrucou.

Uma rajada de vento soprou a neve que estava solta. O céu parecia escurecer a cada segundo.

– Você vai me dizer? – insistiu Bill.

Ele a encarou por um segundo, dois, mas se afastou esquiando, sem falar nada.

Só havia uma explicação: ele sabia. Sabia que ela sabia.

Kate avançou, seguindo Bill encosta abaixo, e fez uma curva e atravessou um platô e penetrou na densa massa humana que fervilhava no centro do resort – pais entrando em bando na área infantil, grandes abraços e cumprimentos com a mão espalmada, e crianças pequenas chorando de alívio por finalmente verem a mãe depois de um dia que parecera interminável e, possivelmente, assustador.

Dexter cruzou esquiando os portões da escola de esqui, enquanto Julia e Bill se ofereceram para ir até o café mais próximo e arranjar uma mesa. Kyle e Kate foram deixados sozinhos, parados lado a lado no meio da pista principal, cercados por milhares de pessoas.

– Você não vai gostar disto – avisou Kyle.

Kate viu Dexter abaixar-se para pegar os filhos com abraços apertados,

levantando um em cada braço. Mesmo em meio à aglomeração e ao equipamento, por baixo dos capacetes e óculos, ela pôde ver os imensos sorrisos de alegria irrestrita nos rostos dos meninos. Reencontro.

– O que eles estão investigando – prosseguiu Kyle.

Kate se virou para ele: – Sim? – É o seu marido.

Kate desejou ter ficado surpresa, mas não ficou. Também desejou não ter sentido alívio, mas sentiu.

Pelo menos um pouco. O que quer que o marido tivesse feito, não poderia ser tão ruim quanto o que ela própria fizera.

– O que acham que ele fez? Dexter estava tirando os coletes de identificação dos meninos, de tom amarelo-vivo, que lhes davam a aparência de concorrentes mirins de um campeonato de slalom.

– Roubo cibernético.

– De quê? Julia tinha voltado de repente: – Estamos ali – disse.

O coração de Kate deu um salto – alguns saltos.

– Naquele bistrô de toldo verde – continuou Julia.

Kate mal a ouvia, em meio à barulheira. Seria possível que Julia tivesse escutado a conversa dos dois. Seria? Os meninos se aproximaram, carregando os esquis atravessados no peito, seguidos por um risonho Dexter. Kate abraçou os filhos, tentando em vão se distrair, nem que fosse por um minuto, do pavor que a assaltava.

Todos avançaram custosamente pela neve e pela multidão, seguindo em direção a Bill, que os aguardava sentado sozinho no lugar central de uma enorme mesa de piquenique.

Kate precisava de menos de um minuto a sós com Kyle, talvez apenas alguns segundos.

Todos se acomodaram à mesa de acabamento tosco e aceitaram chocolates quentes cobertos de creme chantili, canecos gigantesco de cerveja espumante e pratos de torta de maçã.

– Então, o seu nome é Kyle, não é? – disse Bill.

– Isso mesmo, Bill.

– Você mora em Genebra? – Moro.

– É uma cidade interessante? – Não muito.

– Você me parece familiar. Nós nos conhecemos? Kate estava prestes a explodir.

– Acho que não.

Bill meneou a cabeça, mas não foi um gesto de concordância.

– O que você faz, Kyle? – Sou advogado. Mas você vai ter que me desculpar – disse, levantando-se –, porque sou um advogado que precisa do toalete masculino.

Kate sentiu os olhos de Bill pousados nela, sentiu a desconfiança dele em

relação a Kyle vazar pela mesa e cobri-la com seu visgo. Fingiu observar as pessoas: esquiadores com macacões acolchoados, jaquetas e capacetes de cores vivas, crianças fazendo guerras de bolas de neve, cães latindo, garçonetes carregando bandejas cheias de canecos de cerveja, avós com agasalhos de pele, adolescentes fumando.

Deslizou até a ponta do banco.

– Com licença – disse Kate, sem encarar ninguém.

Sentiu Bill e Julia se entreolharem, sabia que estavam trocando sinais, tendo uma conversa inteira a respeito de deverem ou não segui-la até o banheiro, qual dos dois devia ir e se devia ser uma coisa escancarada ou sub-reptícia.

– Vou com você – disse Julia.

É claro que vai.

Kate andou por entre as mesas e aguardou a passagem de uma charrete puxada a cavalo e a de um par de meninas que vinham correndo aos guinchos, e uma delas virou bem a tempo de ser atingida no rosto por uma bola de neve, o que desencadeou um sangramento nasal instantâneo e um choro agudo.

Uma grande e densa gota de sangue bateu na neve empedrada, depois outra, e em seguida o alvoroço de mais algumas, uma pequena área respingada aos pés da menina. A mãe chegou, dando bronca no que era, obviamente, um irmãozinho caçula satisfeito e comprimindo um lenço no nariz machucado da menina, o sangue se espalhando pela neve. Aquele mesmo desenho de novo, em escala menor. Sangue a se espalhar.

Kate havia passado uma noite difícil após o desagradável desfecho do encontro não marcado com Torres no hotel. Estava com medo dele, sem sombra de dúvida. Fora uma noite longa e penosa, torcendo as mãos e arquitetando tramas e maquinações.

Só havia conseguido dormir às três da manhã, depois de tomar uma decisão de cortar o coração.

Acordou duas horas depois, quando Jake chorou para começar o dia. Ela o amamentou e lhe fez companhia e o acarinhou com palavras amorosas, com o olhar no céu que clareava a cerca que separava seu jardim, precariamente cuidado, do quintal cheio de mato e ervas daninhas do prédio de apartamentos alugados à direita.

Kate ainda não sabia, mas estava grávida outra vez. Não fora algo intencional. Mas também não foi algo frustrante.

Vinte e quatro horas depois, Kate estava no trem para Nova York, num assento sem reserva cuja passagem fora comprada em dinheiro numa bilheteria da Union Station, usando óculos enormes de lentes falsas – sua visão era perfeita – e uma peruca loura. Depois andou da Penn Station até o outro lado da cidade – trinta minutos de travessia pelo coração apinhado de Manhattan, com uma parada rápida para comprar um boné dos Yankees numa loja de rua que explodia

de mercadorias produzidas na China. Enterrou o boné na cabeça, a franja loura roçando as pálpebras.

Entrou no Waldorf-Astoria não pela Park Avenue, mas pela entrada mais tranquila da Rua 49. Saiu do elevador poucos minutos depois das nove. Era cedo demais para haver uma grande movimentação de arrumadeiras pelos andar – muitos hóspedes ainda estariam dormindo. Mas já era tarde o bastante para que as pessoas que estivessem na cidade a trabalho tivessem saído. Um horário calmo do dia num corredor de hotel.

Kate sabia que Torres não era exceção à regra dos horários mexicanos. Com frequência se atrasava para os encontros, às vezes até por uma hora. E nunca recebia ninguém nem fazia nada antes das dez da manhã. Kate nunca havia entendido, sinceramente, como aquele país conseguia qualquer coisa.

Kate sabia que ele estaria sozinho no quarto às 9h08.

Não encontrou ninguém no corredor luxuosamente acarpetado, até chegar ao guarda-costas diante da porta de Torres. Era um sujeito atarracado, de expressão raivosa, que usava um terno preto barato e apertado demais. A turma das primeiras horas da manhã não era o time A, não eram os homens imponentes que se sentavam em bares de restaurantes à noite. O cara dessa manhã era do time B. No máximo.

Quando estava a poucos passos de distância, Kate deu um sorriso acanhado para o guarda-costas, sem reduzir a marcha nem parar, continuando, ao que tudo indicava, em direção a outro quarto no corredor. Tirou a mão do bolso do casaco, o canivete já aberto. O braço disparou à frente do corpo e a lâmina afundou suave e sem som na traqueia do homem, que arregalou os olhos, registrando sua situação aflitiva, os braços tentando ser erguer, tarde demais, o corpo arriando, deslizando pela parede, enquanto Kate sustentava o peso dele pelas axilas, para evitar o baque alarmante de um corpo pesado batendo no chão.

Kate precisava fazer Julia seguir à sua frente, e estava ficando sem espaço e sem tempo. Deu alguns passos mancos.

– Desculpe – disse. – Minha meia enrolou toda. Vá andando na frente.

Dobrou o corpo, evitando o olhar de Julia, que certamente estaria dizendo: “Coisa nenhuma!” Mas, se Bill sabia de Kate, Julia também devia saber. E era provável que Bill e Julia soubessem quem era Kyle, ou algo próximo disso. E confrontariam Kate agora, ou então não o fariam.

Ela estava pagando para ver, com essa encenaçãozinha transparente, apoiada numa cadeira num salão de jantar vazio. Demorou-se, abrindo a bota devagar, à espera de que Julia saísse andando, com medo de que não o fizesse. Julia prosseguiu.

– Xiii – sibilou Kate, inclinando a cabeça em direção ao toalete feminino.

– Ela está ali dentro.

Puxou Kyle pelo corredor, para longe das portas.

– Depressa.

– Eles acham que ele roubou dinheiro – falou Kyle.

Os olhos de Kate estavam presos nos óculos de proteção pendurados no pescoço de Kyle, que a fizeram pensar em microfones escondidos, embora não conseguisse imaginar o que alguém ganharia usando uma escuta contra ela nesse momento.

– Quanto? – Cinquenta milhões.

– O quê? – fez Kate, mal conseguindo evitar a tonteira. – Quanto? –
Cinquenta milhões de euros.

Jogou água no rosto e se olhou no espelho, pingando.

As coisas não ditas entre Kate e Dexter iam muito além do limite do compreensível. Havia crescido dia a dia durante meses, anos, ao longo de todo o relacionamento. Mas agora as mentiras e os segredos vinham acelerando. O crescimento era exponencial.

Como seria possível ela não contar isso ao marido? Por outro lado, como poderia contar? Como poderia explicar suas suspeitas, seus atos, seus contatos? Contaria a ele sobre ter invadido o apartamento de Bill? Sobre Hayden, em Munique, e sobre o agente/motorista de Berlim, e sobre Kyle, bem ali, sentado à mesa deles, com as crianças? Como é que explicaria qualquer dessas coisas sem admitir que era da CIA, sem mexer nesse balaio de gatos sem fundo? Estava aprisionada – numa armadilha que ela mesma montara – sob um véu opressivo de silêncio.

– O que é preciso fazer, o que eu tenho de fazer, é tentar me colocar na cabeça do invasor, do hacker.

O que eu faria se estivesse tentando invadir um sistema? Dexter estava reclinado no banco, a barba por fazer e a pele queimada de frio, o cabelo desgrenhado e os olhos não exatamente firmes. Explicava seu trabalho a Kyle, justamente a Kyle.

– Por isso, tenho que sair remexendo tudo, para descobrir os pontos fracos. Será que é a arquitetura do sistema? O firewall? Os protocolos de atualização do programa? Ou será que é a localização física: a disposição do escritório, o acesso ao computador central, a confusão da correria na hora do almoço? Ou será que é uma engenharia social que fica fácil demais? Será que os funcionários são treinados para ficar a par das questões de segurança? Existem procedimentos suficientes para a escolha, a mudança e a proteção das senhas? Kate olhou de relance para os filhos, que comiam alheios à conversa, vorazes, mergulhando na sopa grossa como fugitivos da prisão, devorando batatas fritas e pedaços de pão francês entre colheradas vigorosas. Jake fez uma pausa para beber água, engasgou-se um pouco e voltou à sopa.

Os meninos estavam com rosto vermelho e lábios rachados, e a garçonete rechonchuda usava uma blusa decotada de algodão muito fino, e o maître era

uma alegre circunferência. Todas as pessoas pareciam ter sido pintadas naquela cena, por sua vez ambientada num cenário de trenós clássicos e bastões de esqui de madeira pendurados nas paredes, uma pilha de garrafas de vinho da altura de uma pessoa, um fogo majestoso na lareira de pedra. Tábuas grossas servindo de tempo de mesa, panelas de fondue e travessas de batatas.

Dexter afastou a sobra de sua batata gratinada com bacon, mais um prato em matizes variados de branco, tomou um grande gole de cerveja de um caneco enorme e continuou, em tom categórico: – O melhor hacker não é apenas perito nos aspectos técnicos do projeto e da engenharia dos sistemas, das interfaces e códigos e vulnerabilidades dos aplicativos. Não. Isso é o que faz um bom programador. O bom hacker é um engenheiro social arbiloso que consegue identificar e explorar a pior fraqueza de todos os sistemas, todas as organizações: as fragilidades humanas.

Kyle estava extasiado.

– E, depois que eu descubro a maneira de o hacker entrar, tenho que pensar em como ele planeja sair sem ser detectado.

Julia e Bill trocaram uma olhadela rápida, que Kate mal notou.

– Há uma porção de maneiras de ser apanhado ao tirar uma coisa de um lugar qualquer. Pergunte ao ladrão de banco que está cumprindo trinta anos numa prisão federal. Entrar e pegar o dinheiro são as partes fáceis. O difícil, sempre, é sair. Principalmente sem ser notado.

Kate havia respirado fundo e batido – com cuidado – na porta, um toc-toc baixo e educado, como um garçom do serviço de quarto ou um cônjuge atencioso.

Era o tipo de operação que precisava levar menos de meio minuto, entrar depressa e sair de imediato, com completa dependência do elemento surpresa. Uma batida forte à porta estragaria a surpresa.

Ela contou os segundos – seis, sete – enquanto lutava contra a ânsia de bater de novo, que seria outra maneira de abrir mão da surpresa – oito, nove –, até que a maçaneta girou e uma pequena fresta da porta se abriu e Kate jogou todo o seu peso nela, lançando Torres longe.

Ele cambaleou para trás na sala da suíte, tentando não perder totalmente o equilíbrio e cair sentado, ao mesmo tempo que lhe chegava à consciência a ideia de que tinha cometido um erro grave. De que, de algum modo, entre todos os erros que havia cometido em seus 57 anos de perigos, satisfações e acontecimentos marcantes, entre todas as pessoas – centenas, milhares delas – a quem havia irritado, espantosamente era essa chica que ia acabar por matá-lo, ali mesmo. Nunca deveria ter contratado um homem para tirar aquelas fotografias pela janela da sala dela em Washington. Nunca deveria ter mandado revelar aquelas cópias brilhantes da mãe com o filhinho lendo um livro no sofá. Nunca deveria ter feito essa ameaça implícita à vida dela, à segurança de sua

família.

Abriu a boca para implorar por sua vida, mas não teve chance.

Foi quando Torres ainda estava caindo no chão – duas balas com o silenciador no peito, uma na cabeça, impossível não estar morto – que Kate ouviu o bebê chorar, ergueu os olhos e viu a moça que vinha entrando pela porta do quarto.

PARTE III

Hoje, 12h49 – Kate! Oi! Carolina acena à aproximação dela. Outra desterrada em outra calçada parisiense estreita, sorrindo, era uma mãe holandesa da escola. Outra mulher que tem um grande conjunto de malas, compradas em algum lugar a menos de um quilômetro de onde elas estão, na Rue de Verneuil, a cem metros da sombria ponte Royal, que atravessa o rio Sena em direção ao Louvre e às Tulherias.

Carolina começa a falar, um jorro contínuo de entusiasmos e exclamações. É uma mulher agitada, socialmente ambiciosa e ultra-amável, de uma extroversão quase patológica, que produz um fluxo constante de convites numa ampla faixa da comunidade de estrangeiros moradores da margem esquerda do Sena. Os holandeses, Kate descobriu, são muito afáveis.

Kate não consegue prestar muita atenção ao bate-papo. Olha para a boca de Carolina, porém mal ouve o monólogo – alguma coisa sobre o café reformado da esquina da Rue du Bac e sobre quando elas fizeram a primeira saída noturna das mães no ano letivo e sobre haver uma nova americana de Nova York, será que ela a havia conhecido? Kate fica parada ali, sorrindo e balançando a cabeça para a amiga, para essa mulher que ela conhece há um ano, essa mulher que ela vê quase todo dia, às vezes duas ou três vezes por dia, à gigantesca porta verde da escola na rua de paralelepípedos, no café ao lado e no restaurante do quarteirão, na tabacaria e na loja de jornais e revistas, nos parquinhos e jardins, no museu D’Orsay e jogando tênis e tomando café, comprando roupas de crianças e vinho tinto, sapatos e bolsas, cortinas e castiçais, falando de babás e empregadas domésticas e do espaço para as pernas nos voos transatlânticos e de jogos de malas com dez peças.

Essa mulher que Kate talvez nunca mais veja, com quem estaria tendo sua última conversa. Assim é a vida dos desterrados: nunca se sabe quando uma pessoa que se vê todos os dias vai desaparecer para sempre, feito um fantasma. Não vai demorar muito para que você já não consiga lembrar o sobrenome dela, a cor dos seus olhos, em que séries seus filhos estavam. Você não consegue imaginar que não vai vê-la no dia seguinte. Não consegue imaginar que você mesma é uma dessas pessoas, alguém que um dia simplesmente some. Mas é.

– Então, nos vemos amanhã? – pergunta Carolina.

Ela acha que essa é uma pergunta retórica.

– Sim – responde Kate, concordando sem pensar.

Mas se dá conta de que, na verdade, está selando um acordo para algo totalmente diferente, comprometendo-se com um plano que rondou por seu cérebro durante a última hora.

Agora Kate sabe que não vai precisar das malas feitas para o fim de semana pela quadragésima quarta vez, nem do Audi com o tanque cheio. Sua

família não vai a lugar nenhum. Nem hoje à noite nem amanhã.

Há outra vida que Kate pode levar aqui. E agora ela sabe como fazê-la acontecer.

Poc! Kate se virou, assustada com o som de mais uma rolha arrancada por Cristina, apressada demais e talvez bêbada demais para tirá-la girando-a devagar, e, em vez disso, apenas arrancando-a, deixando o líquido efervescente numa toalha, enxugando a garrafa e servindo o vinho depressa, de qualquer jeito, derramando-o. Devia haver uma porção de garrafas vazias espalhadas pela cozinha.

Essa noite era o primeiro encontro social deles desde que haviam esquiado e jantado com os pretensos Maclean, fazia uma semana. Tinham voltado a Luxemburgo na véspera.

Cristina tornou a encher a taça de Kate, feita de cristal pesado. Será que essa gente possuía mesmo dezenas de taças de cristal? Mil dólares ou mais em jogos de taças para a noite de ano-novo? Kate notou Julia na sala ao lado. Falara com ela pela última vez à porta do restaurante do resort, trocando beijos frios e falsos sob a fraca neve que caía, distraída com os filhos cansados e a companhia surpreendentemente agradável de Kyle, além da nova informação de que esses agentes do FBI suspeitavam que seu marido houvesse roubado aproximadamente 50 milhões de dólares.

Ainda não tinha falado nada disso com Dexter.

A língua mais comum nessa festa era o inglês, que todos os presentes falavam. Mas, como os anfitriões eram dinamarqueses, também havia muito desse idioma zumbindo por ali, indistinguível para Kate do sueco e do norueguês, mal separável do holandês e do alemão. Kate sabia lidar com as línguas românicas; era capaz de se comunicar em todas elas – num aperto, até em português, que tinha uns sons meio estranhos. Mas essas línguas nórdicas não faziam o menor sentido para ela.

Julia fez contato visual. Kate respirou fundo, para se acalmar.

Dexter vestia jeans e camisa preta, assim como alguns outros homens presentes. Mas só a camisa preta de Dexter estava para fora da calça, enquanto todos os outros usavam cintos grossos com fivelas que eram símbolos de status, logomarcas em prata ou ouro, um grande H com serifa, um G dentro de um quadrado: as fivelas eram o elemento fundamental. Não ocorreria a Dexter comprar um cinto e prender a camisa para exibir tal símbolo. Não era esse o marido de Kate; ela o conhecia, e ele não era assim. Mas, bem, não o conhecia de verdade.

Kate correu os olhos pelos homens, aqueles banqueiros com seus relógios de platina e seus sapatos de couro de jacaré, suas calças de brim stretch e as camisas em mescla de algodão e seda, com botões de madrepérola iridescente e casas com acabamento feito à mão, conversando sobre seus esquis de alta velocidade e seus chalés na Suíça com serviço completo, suas casas de campo na Espanha e voos de primeira classe para Cingapura, os Audis do ano seguinte e os

modelos Jaguar da última geração, o dólar na comparação com o euro, os relatórios de lucros, as bolsas de valores.

Dinheiro: ganhá-lo, gastá-lo. Comer, beber, vestir o dinheiro.

Dexter dera um relógio a Kate no Natal: ouro, correia de couro, simples e elegante. O preço estava bem ali, na vitrine da Rue de la Boucherie, visível para qualquer um na cidade: 2.100 euros. Todos os maridos iam fazer compras nas ruas do centro, duas vezes por ano: no Natal e no aniversário da esposa. Olhavam as vitrines das mesmas lojas, nas mesmas ruas, considerando os mesmos preços que todas as mulheres consideravam, de forma que qualquer um que se importasse sabia exatamente quanto custava cada bolsa – aquela de tamanho médio era de 990 euros, a de bolsos maiores, 1.390.

E essas mulheres, todas essas mães, todas essas ex-advogadas e ex-professoras, ex-psiquiatras e ex-jornalistas. As “ex” desterradas. Agora eram cozinheiras e faxineiras, faziam compras e saíam para almoçar. Levavam etiquetas de preço nos braços, evidências da renda dos maridos e da disposição deles em gastá-la em nada. Nos ativos intangíveis do matrimônio.

Será que, pelas costas dela, Dexter se transformara num desses homens? Se assim era, ainda estava escondendo esse fato. E Kate continuava a deixá-lo esconder. Acreditava que confrontá-lo, quando tudo de que tinha certeza era que o FBI suspeitava dele, não adiantaria nada. Ela precisaria descobrir a verdade. E não tinha as mesmas chances de êxito que qualquer pessoa, tinha mais. Tinha acesso ao computador dele, a suas posses, sua agenda diária. Sua história. Sua mente.

– Olá, Kate – saudou Julia.

Kate não conseguiu decifrar a expressão no rosto dela. Não soube determinar o nível de verdade, ou o grau de dissimulação contínua, em que as duas estavam concordando em se situar, ali no meio dessa recepção apinhada. A sinceridade é um continuum consensual.

Será que Julia sabia que Kate sabia que ela era agente? E que também sabia qual era sua missão? Kate engoliu o orgulho, ou a repulsa. A postura protetora e a hostilidade.

– Oi, Julia.

Que solidão completa era aquela? Cercada de gente, inundada de mentiras, incapaz de dizer algo de verdadeiro a ninguém. Pessoas que conhecia de vista, amigos ocasionais, amigos íntimos, até sua alma gêmea, seu escolhido no mundo inteiro, seu parceiro, seu aliado, seu tudo. A cabeça dele estava inclinada para trás, numa risada descontraída, os óculos fora do lugar, o cabelo em desalinho, o sorriso torto. Ela o amava muito. Mesmo quando o odiava.

Pensou no marido, nos segredos entre eles, na distância que criavam. Os segredos dela: sua vida secreta. A espionagem que já fizera e planejava fazer a respeito do marido, o imenso muro de inverdades que ficava mais alto a cada dia

que passava, a cada conversa que eles não tinham, a cada confissão que ela não fazia.

Subiu a escada. Em silêncio, sozinha, passando do andar dos pais para o das crianças, para um banheiro afastado. Umas porcarias de plástico em cores primárias nas bordas da banheira, vidros de xampu decorados com personagens desconhecidos de desenho animado – programas de televisão produzidos na França, na Alemanha, talvez na Dinamarca. Alguns tubos de pasta de dentes em estágios variados de formação de crosta e nojeira grudenta, esse incontrolável universo dos banheiros das crianças.

Sentou-se. Do outro lado do cômodo azulejado, um espelho de corpo inteiro, um convite – um desafio – a observar a própria nudez. Kate fitou sua imagem, plenamente vestida, com saia e meias de nylon pretas, suéter preto, colar exuberante, brincos exagerados, o novo relógio caro. Joias idiotas.

Pareceu-lhe óbvio nesse momento: é claro que ela se sentiria atraída por um homem com uma vida secreta. É claro que havia de sentir atração por alguém que tivesse algo sob a superfície, algo indecoroso, algo secreto.

Ela se forçara a crer que, ao escolher Dexter, havia deixado isto para trás: o mundo em que as pessoas eram definidas por sua dissimulação. E, na sua vida repleta de fingimentos, esse fora o maior de todos: o autoengano.

Dexter tinha dito que o melhor resultado num trabalho de ciberpirataria era obtido ao se explorar as fragilidades humanas. Kate sempre soubera, é claro, que tinha seus pontos fracos. Todo mundo tinha.

Até então, porém, nunca soubera exatamente quais eram eles. Agora sabia.

Será que conhecia minimamente o marido? Mais uma vez, começou a chorar.

O clique da porta e Dexter se foi, de volta ao escritório pela primeira vez desde antes do Natal. De volta ao cômodo que Kate tinha invadido. De volta ao computador a que ela não conseguira ter acesso, aos arquivos que havia folheado. De volta à câmera de vídeo pendurada num canto.

Era o dia seguinte ao feriado de ano-novo. O primeiro dia de volta à rotina doméstica, desde que Kate soubera que seu marido era, provavelmente, um criminoso. De volta a comprar mantimentos, carregar peso, desembrulhar, guardar. Encher e esvaziar a máquina de lavar louça. Separar e dobrar a roupa limpa, uma pequena carga atrás da outra. Roupas brancas e claras, escuras e coloridas.

De manhã cedo havia uma camada de gelo vítrea nas ruas, uma fina película de perigo invisível revestindo todas as superfícies pavimentadas – carros derrapando e batendo por toda parte, em ruazinhas e autoestradas, nas rampas íngremes das garagens. Kate deu graças por morarem no centro da cidade, onde o tráfego dos banqueiros que iam cedo para o trabalho derretia a camada de gelo

antes que Kate afundasse no banco aquecido do carro, às oito em ponto, passando pelos desastres e desviando deles. O Porsche que derrapara e se chocara com um muro de pedra, a Ferrari rebocada de um tronco de árvore. Luzes de emergência brilhando na névoa cinza-escura.

Agora seu marido estaria no escritório. Se o vídeo fosse a primeira coisa verificada por ele, Dexter já deveria saber.

Kate tinha olhado para o celular umas cem vezes, supondo ter perdido a ligação dele, esperando a cada olhadela ver o novo aviso da mensagem de voz e ouvir o recado: “O que é que você estava fazendo no meu escritório?” Mas o recado não apareceu. A única pessoa que telefonou foi Julia. Kate não atendeu e Julia não deixou recado.

Dexter saíra para o trabalho mais tarde que o normal e agora estava em casa antes do esperado: – Vou a Londres de manhã – avisou. – Vai ser minha última viagem, por algum tempo. Minha última viagem de negócios. Mas você está lembrada de que vamos passar o fim de semana em Amsterdã, não está? – É claro – respondeu Kate.

Dexter tinha feito todos os arranjos referentes a Amsterdã, porque era um de seus velhos amigos que ia passar por lá a trabalho, um amigo do início da carreira, de quando eles tinham cargos subalternos em um provedor de internet. Tinham restabelecido contato por meio de redes sociais. E acharam que seria divertido se reverem, depois de tantos anos, na Europa.

Portanto, era a primeira viagem da família para a qual Kate não fizera as reservas em casa, no laptop que Julia tinha usado por dez minutos, certa vez, para verificar seu e-mail, numa ocasião em que ficara sem internet.

Dexter levantou bem antes de o dia clarear. Kate ficou na cama, imóvel, olhando para a parede escura, enquanto ele tomava banho e se vestia depressa. Quando ouviu a porta do apartamento se fechar, ela se levantou.

Iniciou sua investigação pelo computador, em meio às trevas de antes do alvorecer. Entrou nas contas bancárias do casal, a de Luxemburgo e a de Washington. A conta corrente norte-americana tinha uma segurança mínima on-line – nada mais complicado que um nome de usuário e uma senha.

Mas a de Luxemburgo exigia um nome de usuário longo e abstrato, uma sequência de algarismos e letras sem sentido. Depois, uma senha similar. Em seguida, uma grade complexa de códigos de acesso, na qual Kate tinha de inserir os algarismos e letras corretos de um código que parecia uma quebra-cabeça.

Se era esse o nível dos procedimentos de segurança para proteger 11.819 euros, ela nem podia imaginar a complexidade necessária a uma conta de 50 milhões de euros, 50 milhões de euros roubados. Seriam códigos complexos demais para que Dexter – ou qualquer pessoa – os decorasse.

Tinha que haver um registro dos números da conta e dos protocolos de segurança em algum lugar.

Não seria no escritório dele, num prédio institucional no centro da cidade, cercado por uma multiplicidade de agentes da lei. Um local que poderia ser invadido, um prédio que poderia ser fechado, uma propriedade que poderia ser confiscada.

Ele devia estar guardando essa informação no apartamento.

Kate começou a abrir e fechar rapidamente todos os arquivos do disco rígido, ou dos drives compartilhados, ou das nuvens: arquivos que não eram seus, à procura de informações semelhantes sobre uma conta diferente.

Quando os meninos acordaram, famintos, uma hora depois, ela ainda não tinha descoberto nada no computador. Já esperava por isso. O próprio Dexter dissera que qualquer computador podia ficar comprometido. Kate tinha que ser minuciosa e paciente.

Aquilo tinha que estar ali, em algum lugar.

Levou duas horas para vasculhar toda a gaveta de arquivos da escrivaninha do escritório de casa, cada pedaço de papel, cada envelope e pasta, à procura de anotações manuscritas, páginas impressas, rabiscos em contas telefônicas, qualquer coisa em que Dexter pudesse haver registrado um código.

Nada.

Voltou a atenção para os livros que ele decidira levar para a Europa, alguns romances, dicionários de línguas estrangeiras, guias de viagem, manuais técnicos. Tudo o que descobriu foi que ele havia admirado particularmente algumas linhas de Uma confraria de tolos.

Examinou todos os cadernos de notas espalhados pela casa – os bloquinhos e agendas de tamanho médio dos meninos, os cadernos grandes de redação e os gigantescos blocos de desenho, tentando não se deixar distrair pelo trabalho artístico dos filhos. Ben, em particular, havia passado por uma fase de retratos comicamente concentrada em meias.

Talões de cheques de bancos americanos, guias de depósitos, comprovantes de cheques compensados. Álbuns de fotografias. Os passaportes das crianças. A gaveta da mesinha de cabeceira.

O armário dos remédios. Bolsos de casacos. Gavetas da cozinha.

Nada.

Às dez e meia da noite, Dexter voltou de Londres, exausto. Parecia ter partido anos antes, não naquela manhã. Os dois mal se falaram – o voo não fora ruim, a reunião tinha sido boa – antes de ele desabar na cama com um livro de capa dura no peito, um volume grosso sobre mercados financeiros.

Ele ainda não havia mencionado nada sobre a câmera de vídeo do escritório. Não dissera uma palavra sobre nada que importasse.

Kate deitou a seu lado, pegou uma revista, abriu-a no sumário, virou folhas e tentou ler, mas só fez passar os olhos superficialmente pelas palavras e imagens.

Dexter não demorou a pegar no sono. Kate manteve os olhos na revista, matando tempo, virando as páginas sem fazer barulho, olhando as fotografias, desconstruindo-as nos pixels que as compunham, abstrações de formas e cor. Era uma revista em papel brilhante dos Estados Unidos, datada de dois meses antes: fuxicos ultrapassados sobre celebridades, comentários culturais irrelevantes e um longo artigo de jornalismo político que parecia vir não apenas de um país e um continente diferentes, mas de um mundo totalmente distinto. Um planeta em que Kate tinha vivido, mas que agora mal conseguia reconhecer.

Ela esperou cinco minutos depois que Dexter começou a roncar. Então saiu furtivamente da cama.

Desceu pé ante pé, no escuro. Levou a carteira dele para o banheiro e fechou a porta. Trancou-a.

Tirou todo o conteúdo da carteira, item por item: cartões de crédito e identidade, recibos, cédulas e moedas variadas.

Examinou tudo, não encontrou nada.

Pegou um pano de prato do gancho em que ficava na cozinha e o levou para a escrivaninha onde o telefone celular de Dexter estava, ligado no carregador, a luz vermelha brilhando. Embrulhou o telefone no pano, para abafar o bipe de quando o desconectasse. Voltou ao banheiro e se sentou no vaso sanitário, vasculhando os contatos da agenda, as mensagens e telefonemas recentes e qualquer aplicativo que desse a oportunidade de se digitar e gravar uma sequência de algarismos ou letras.

Descobriu que ele não dera nenhum telefonema durante seu dia em Londres. Ao percorrer a lista de ligações feitas ou recebidas nos sessenta dias anteriores, descobriu que Dexter nunca fizera nenhuma ligação internacional de qualquer tipo, em nenhuma de suas viagens de negócios, exceto os telefonemas para ela, em casa.

Desligou o telefone, pensando na estranheza de uma série de viagens de negócios que não requeriam um único telefonema. Nenhuma secretária para confirmar reuniões, nenhuma logística a ser providenciada – carros a chamar, mesas a reservar. Nenhum preparativo nem acompanhamento posterior das reuniões. Nenhum detalhe a discutir com ninguém, jamais? Não parecia provável.

Era impossível.

Ou ele não fizera essas viagens ou tinha outro telefone.

Nos tempos em que Kate pensava no que não queria fazer – e o que menos desejava era investigar Dexter –, era exatamente essa a imagem em sua cabeça: esgueirar-se no escuro em sua própria casa, no meio da noite, vasculhando os objetos pessoais do marido enquanto ele dormia.

Era por isso que tinha prometido a si mesma que, depois de se casarem, nunca mais o investigaria.

Não queria agir assim, não queria sentir-se desse jeito.

Mas ali estava ela, carregando a pasta de nylon para o banheiro e trancando a porta. Apalpou os bolsos internos, abriu zíperes, botões, fechos de Velcro, sem a expectativa de encontrar nada, mas aí alguma coisa... o quê?... uma aba de seda no fundo da pasta...

Sua pulsação acelerou. Kate puxou aquele centímetro quadrado preto, com súbita esperança.

Levantou um painel de nylon resistente e, pronto, lá estava ele: um compartimento oculto. E dentro, um telefone. Um aparelhinho desconhecido, de plástico e metal.

Ela fitou aquela primeira prova, a entrada da toca de coelho da qual talvez nunca mais saísse.

Pensou em repor o aparelho em seu compartimento, em devolver a pasta ao corredor. Em vez de prosseguir com aquilo, poderia subir e sacudir o marido até acordá-lo: “Que porra é essa que está acontecendo, Dexter?” Mas não subiu.

Ligou o telefone. A tela se iluminou. Kate fitou o brilho azul e frio, os ícones dos aplicativos, as barras indicativas da recepção do sinal. Apertou o ícone dos telefones e o botão das chamadas recentes e olhou para a lista, as paredes da toca de coelho se fechando, descendo mais fundo, enquanto ela percorria os nomes: Marlena, às 9h18 da véspera.

Marlena, às 19h04, um dia antes.

Um número de Londres, com códigos da cidade e do país, 44-20, não gravado nos contatos, às 16h32.

Marlena na véspera desse dia, e de novo na segunda-feira anterior, à noite.

Kate abriu a lista de contatos: apenas dois. Marlena, com um número em Londres. E Niko, com um prefixo que ela não reconheceu. Decorou os dois.

Marlena e Niko: quem diabo era essa gente? Dexter acordou tarde. Tomou o café da manhã com Jake e Ben e só tornou a subir para tomar banho e se barbear depois de todos saírem para a escola. Um malandro preguiçoso, de repente, após quatro meses sendo um incorrigível viciado em trabalho.

Quando Kate voltou para casa, porém, ele havia saído. De volta à câmera de vídeo que a tinha gravado. De volta a seu escritório inexplicável. De volta a seu telefone secreto, seus contatos desconhecidos, seus 50 milhões de euros roubados. De volta a sua outra vida.

Kate mal conseguia respirar.

Pôs-se a trabalhar de novo. Vasculhou o depósito do porão, examinando os aparelhos eletrônicos americanos que não funcionavam na Europa. Verificou a traseira do antigo televisor, o interior das cúpulas de abajur, as aberturas da torradeira, o filtro da cafeteira. A caixa de peças antigas de Tupperware e copos descartados, além de tigelas chinesas compradas por impulso e desperdício. Os

pneus de verão do carro. A bomba da bicicleta. As malas. As etiquetas das malas.

Em meio a todos esses detritos não usados nem utilizáveis havia uma caixa guarda-roupa, roupas de trabalho da Kate: terninhos de lã escura e blusas brancas engomadas, os colarinhos quase puidos. Sua antiga vida, empacotada e esquecida num porão.

Foi à padaria e pediu um sanduíche de presunto. Enquanto esperava, tentou descobrir como poderia começar a investigar Marlena e Niko, a não ser telefonando para seus números. Isso poderia ser rastreado; ela seria descoberta.

Se Dexter não verificava as gravações de vídeo, quem o fazia? Para que aquela câmera estava lá? Examinou a gaveta de meias dele, a de cuecas, a das camisetas, os bolsos de calças jeans, paletós e sobretudo, a costura interna dos cintos. Os forros das gravatas. As solas dos sapatos, os saltos dos sapatos, as palmilhas dos sapatos.

Buscou os filhos na escola, comprou salgados na confeitaria e plantou os meninos diante da televisão, vendo desenhos animados em francês. Bob l'Éponge, ao que parece, estava sempre no ar.

Examinou os textos de capa de CDs, os bolsos grandes de plástico dos álbuns fotográficos, o verso de fotografias; todo esse trabalho sentada no sofá, com os filhos.

– Mamãe – chamou Jake. – Estou com fome.

Ela se esquecera de dar comida às crianças.

Não ouviu Dexter chegar. O exaustor do fogão estava ligado enquanto ela salteava o frango.

– Oi.

Kate deu um pulo e fez voar longe o frango que estava na panela que ela segurava com a mão direita. A borda quente encostou no seu braço esquerdo, deixando no mesmo instante um lanho de queimadura, e a panela foi largada com estardalhaço sobre o cooktop. Ela soltou um grito.

– Ah! – exclamou Dexter, correndo para a cozinha, mas perdido, sem ideia de como ajudar.

Kate correu para a pia, abriu a torneira e pôs o braço embaixo.

– Desculpe – disse Dexter. – Eu sinto muito.

Nos segundos anteriores, Kate se esquecera da câmera de vídeo e do dinheiro e de Marlena e Niko.

Mas nesse momento se lembrou.

Dexter pôs a mão em seu ombro: – Desculpe – repetiu, ajoelhando-se, catando os pedaços de frango no chão e os jogando no lixo.

Depois recolheu os pedaços que caíram sobre o cooktop e os jogou de volta na panela.

– Estes nós ainda podemos comer, não é? Kate fez que sim.

– Quer que eu busque o estojo de primeiros socorros? A tênue linha

vermelha corria por uns cinco centímetros da pele alva da parte interna do braço.

Kate o manteve sob a água corrente e fria.

– Quero, obrigada.

Olhou para o marido. Para os olhos dele, cravados nos seus, a preocupação estampada na testa. Ele nunca se queimara cozinhando. Não cozinhava o bastante para cometer erros na cozinha. Nunca havia cortado o polegar com um descascador, tirado um naco da ponta do dedo com uma faca afiada, escaldado os braços na água fervente nem feito bolhas de queimadura no dorso da mão, com respingos de gordura.

O que ele tinha feito era roubar 50 milhões de euros.

O jantar veio e passou. Os adultos leram livros para as crianças, depois leram livros para si, e então Dexter adormeceu, sem mencionar nada sobre vídeo algum.

Kate permaneceu desperta a seu lado, insone.

Marlena e Niko.

– E o Dexter? – perguntou Claire.

Estavam na escola, aguardando a saída das três horas.

– Perdão, o que disse? Kate estava completamente absorta em suas obsessões. Ainda não tinha descoberto mais nada importante: nenhum registro de contas, nenhuma pista sobre Marlena e Niko, nenhuma informação sobre ninguém que houvesse roubado 50 milhões de euros de ninguém, em parte alguma do mundo.

Além disso, a família ia de carro para Amsterdã naquela noite e Kate ainda não tinha feito as malas.

Dexter ia chegar às quatro e meia, aflito para pegar a estrada. Seu tempo estava passando.

– Eu estava dizendo que o Sebastian é inútil dentro de casa. Dexter é jeitoso? – Não – Kate teve de admitir. – Ele não é muito habilidoso. Sou eu que faço as coisas de casa.

– É você quem monta aquelas porcarias de móveis pré-fabricados? – perguntou Claire.

Uma vez, Kate tinha montado uma cômoda composta de 388 peças.

– Sim – admitiu.

Tinha levado quatro horas para montar a tal cômoda.

– Sebastian tenta, mas só se eu implorar – disse Claire.

– Paolo é a mesma coisa – concordou Sophia.

– Henrik só troca uma lâmpada – disse Cristina, chegando mais perto e baixando a voz – se eu lhe der uma chupada.

Kate sabia que Cristina estava brincando. Mas talvez não fosse má ideia, porque Dexter nunca...

Sim, Kate percebeu, ele havia cuidado de um conserto doméstico banal,

sem que ninguém pedisse.

Só uma vez.

Ela derrubou as meias e as cuecas na cama, empilhou as camisas e calças, largou as camisetas e suéteres, impossível mantê-los dobrados.

Atacou com a parafusadeira sem fio, bzzz-bzzz, soltando um ou outro parafuso, retirando um painel aqui, virando uma tira de aglomerado ali, movendo um pedaço de MDF, outra peça de plástico ABS.

Desconstruindo a cômoda do quarto dos meninos, o único móvel de que Dexter havia cuidado, muito depois de feita a montagem, fazendo um suposto concerto – quando tinha sido: um mês antes? dois? – que Kate não notara ser necessário.

Virou a estrutura da cômoda de cabeça para baixo e se debruçou sobre o fundo, o retângulo de peças de madeira que dava forma à base, e então as desaparefuso, soltou umas das outras, desmontou-as.

Nada. Mal conseguiu acreditar. Tinha certeza, certeza absoluta, de que a resposta era essa.

Examinou as extremidades das peças de madeira, espiou os buracos deixados pelos parafusos que as prendiam, o primeiro, o segundo.

Deu um suspiro.

Na base do pé havia... havia?... uma fenda na madeira que ela não tinha notado quando a cômoda estava em pé. Kate tentou introduzir o indicador nela, mas ele não entrou, nem tampouco o mindinho.

Pegou a parafusadeira e a enfiou lá dentro... inclinou-a... empurrando para baixo e puxando ao mesmo tempo... deslizando...

Caiu no tapete. Um pedaço de papel, dobrado num pacotinho retangular apertado.

Ali.

Kate o apanhou, aquele pedacinho de papel, e o desdobrou até chegar ao tamanho de um invólucro de chiclete, e olhou fixamente para os algarismos e letras manuscritos que não pareciam ter sentido.

Seu relógio, seu presente caro de Natal, mostrava 15h51. Kate correu os olhos pela bagunça no quarto dos filhos, roupas por toda parte, a cômoda desmontada, peças dispersas, ferramentas espalhadas pelo chão.

Dexter ia chegar dali a quarenta minutos – 39 –, pronto para iniciar o longo trajeto até a Holanda.

Kate pegou o pedacinho de papel. Estendeu-o no chão. Tirou o celular do bolso, bateu uma foto, verificou-a para ter certeza de que estava tudo legível na imagem. Depois reinseriu cuidadosamente o pedaço de papel na fenda que lhe servia de esconderijo.

Pegou a parafusadeira, seguindo a lembrança da montagem de outros móveis, juntando partes, martelando pinos, girando tarraxas, apertando parafusos.

Às 16h02, Jake apareceu à porta: – Mamãe, o que você está fazendo? – Nada, querido.

– Mamãe, o Bob l'Éponge acabou.

Bzzz-bzzz.

– Não posso fazer nada, querido.

– Você pode mudar de canal.

– Que diabo, Jake! – gritou, do nada.

O garoto tropeçou no próprio pavor.

– Eu tenho que fazer isso aqui agora. Me deixe em paz! O menino começou a chorar e saiu. Kate sentiu-se péssima, porém também estava em pânico.

Às 16h13, a estrutura fora totalmente reconstruída.

Kate suspirou, parcialmente aliviada. Quanto tempo poderiam levar as gavetas? Pôs-se a trabalhar na primeira, marcando o tempo. A coisa se mostrou mais confusa do que ela havia esperado e lhe tomou quatro minutos. Havia seis gavetas.

Ela se apressou. A segunda foi mais fácil – já não houve confusão –, mas ainda restava uma porção de parafusos para apertar. Levou menos de três minutos. Mas Kate não ia conseguir.

– Mamãe? Agora era Ben.

– Sim? – respondeu, sem se virar para olhá-lo.

– Esse é o móvel do papai.

– É verdade, foi ele que o consertou da última vez.

– Mas ele não fez direito? E aí você tem que fazer de novo? Ah. Como explicar isso? – Não é isso. É que quebrou outra vez.

Isso era um problema, um problema totalmente inesperado. Kate se levantou e se aproximou do filho: – Mas não conte isso ao papai, está bem? – Por quê? – Porque ele ia ficar triste.

– Porque ele não fez direito? É, pensou Kate consigo mesma, ele não fez direito.

– Isso mesmo.

– Ah.

– Então, vamos guardar segredo, está bem? Pedir ao filho que metisse para o pai. Que merda.

– Está bem – respondeu o menino, sorrindo.

Gostava de segredos. Foi embora.

A terceira gaveta levou dois minutos, mas esse também tinha sido o tempo do diálogo com Ben.

Eram 16h27.

Kate olhou em volta, desesperada. Dexter se atrasaria, é claro, estava sempre atrasado. Nunca chegava em casa quando dizia que chegaria.

Exceto quando eles iam viajar.

Não havia jeito de Kate terminar a tempo. Pegou uma frente de gaveta e a encaixou na base e nas laterais, sem parafusos, sem fundo e sem trilhos nem corrediças. Ficou firme. Kate a pegou com delicadeza e a introduziu na estrutura, devagar, devagar... a frente caiu no chão, fazendo barulho.

– Papai! Eram os meninos. Kate levantou a peça frontal. Tornou a pô-la no lugar, bateu nela com a base da mão e a peça ficou encaixada.

– Oi! – gritou Dexter da escada para ela, ainda lá embaixo.

– Oi! – Kate gritou de volta.

Repetiu o encaixe e o soco com outra gaveta. Ouviu o marido e os filhos falando no andar de baixo, mas não conseguiu entender o que diziam. Parecia a fala dos adultos de Snoopy.

Encaixou outra gaveta no soco.

Ouviu as solas de couro do marido batendo nos degraus de pedra.

Ainda faltava mais uma gaveta. Ela não conseguiria, não tinha tempo nem para juntar as peças. Com a mão direita, pegou a frente da última gaveta, a de baixo. Com a esquerda, puxou uma grande cesta de plástico cheia de peças de Lego. Pôs a frente da gaveta onde ela deveria ficar e empurrou a cesta contra ela, prendendo-a na posição.

– Tudo pronto? – perguntou Dexter do alto da escada, fazendo a curva no corredor.

Kate inspecionou a bagunça restante, as roupas, a... – merda! –... a caixa de ferramentas. Puxou o cobertor laranja da cama de Jake e o jogou em cima da caixa, no exato instante em que Dexter chegava à porta.

– Estamos prontos? – perguntou e olhou em volta. – O que houve aqui? Kate afastou o cabelo da testa, prendeu-o atrás da orelha.

– Eu estava separando a roupa dos meninos. Eles têm uma porção de coisas que estão muito pequenas. Preciso me desfazer disso.

Os olhos de Dexter pousaram na cômoda, não muito bem encostada na parede.

– Hum.

– Desculpe, acabei me distraíndo nisso.

Ela atravessou o quarto, saindo de perto da cômoda, afastando-se de sua tentativa de esconder aquilo tudo. Pegou a sacola de viagem que tinha levado para o quarto dos filhos de manhã – por que não fizera as malas cedo? – e a colocou em cima da cama.

– Só vou levar um minuto – prometeu. – Você já está com as suas coisas na mala? – Já. Preparei tudo de manhã. E você? Ela balançou a cabeça.

– Dê aqui – disse ele, pegando a sacola. – Eu faço a mala dos meninos. Kate ficou sem fala.

– Quais são as roupas que estão pequenas demais? – Eu, ahn... já me desfiz delas.

– Ah, é? Sobrancelhas arqueadas.

– E o que fez com elas? – insistiu Dexter.

Desconfiado. Ou estaria apenas curioso? – Eu pus na, ahn... no cesto de panos recicláveis. Lá no porão.

– Aquilo é para roupa? Pensei que fosse para toalhas velhas. Lençóis.

Coisas assim.

– Roupa também. Eles separam tudo no centro.

Não tinha a menor ideia se isso era verdade.

– Hum. Então, está bem.

Pôs a mão no ombro da mulher.

– Vá fazer sua mala.

Será que ela poderia mudar o rumo da situação? Poderia mandá-lo fazer companhia aos filhos lá embaixo? Poderia contar alguma mentira que o impedisse de ficar sozinho naquele quarto? Não.

Será que ele queria ficar sozinho no quarto? Será que percebia exatamente o que estava acontecendo? – Obrigada – disse. – Desculpe eu não ter feito as malas mais cedo.

Saiu, entrou no corredor e parou, aguçando os ouvidos para escutar o que ele estava fazendo. Os sons eram muito leves, um farfalhar, uma respiração. Nada parecido com um cesto de plástico sendo arrastado, nenhum pedaço de cômoda se estatelando no chão.

Kate separou suas coisas o mais rápido que pôde. Seria uma daquelas viagens de 48 horas. Como Estrasburgo, Bruges, Colônia. A família já as fizera em número suficiente para que ela não precisasse pensar muito nem levar coisas a mais. A viagem não precisava ser muito diferente de passar um dia fora de casa. Duas vezes.

Levou suas coisas de volta ao quarto dos meninos, voando pelo corredor,

ansiosa...

Dexter estava parado no meio do quarto, dobrando o cobertor laranja de Jake.

A caixa de ferramentas descoberta, aberta. A parafusadeira sem fio no tapete, ao lado da caixa de plástico resistente, laranja e preto.

Dexter a encarou enquanto dobrava o cobertor. Não disse nada.

Kate atravessou o quarto, foi até a cama de Ben, onde estava a sacola de viagem aberta e parcialmente ocupada pelas roupas dos meninos. Pôs suas coisas dentro, fechou o zíper.

Viu Dexter pôr o cobertor dobrado na cama e sair do quarto, ainda calado. O painel frontal da gaveta de baixo, completamente solto da moldura, havia escorregado alguns centímetros. Continuava encostado no cesto, não caído no chão, mas era óbvio, para qualquer pessoa que o olhasse, que não estava preso. Que tinha se soltado ou fora retirado. Que havia alguma coisa errada.

Dexter teria visto? Os canais de Amsterdã cintilavam na noite fria, a água formando um cobertor ondulante de minúsculos pontos de luz, reflexos de postes de rua, restaurantes, bares, casas. As persianas de todas as casas estavam levantadas, cortinas abertas, pessoas sentadas nas salas de estar e de jantar, lendo o jornal ou bebendo uma taça de vinho, famílias reunidas à mesa, crianças assistindo à televisão, tudo em exposição para os vizinhos, os estranhos, o mundo.

Dexter achou uma vaga perto do hotel, à margem do canal, e estacionou o carro com cuidado, devagar, pois não havia barreira entre a rua de paralelepípedos e o desnível de três metros até a água. Num parquímetro automático, pagou 45 euros por uma autorização de estacionamento. Colou o comprovante na janela, válido por 24 horas. Meses antes, ele não saberia fazer isso. Agora, tinha se tornado natural decifrar instruções em línguas que ele não falava, apertar botões e passar cartões de crédito, guardar tíquetes grossos na carteira, para depois serem validados e reintroduzidos em máquinas na saída, ou tirinhas frágeis a serem expostas no painel do carro, que voavam para o chão quando a porta se abria nos dias de vento.

Dexter estava muito mais competente do que antes. Sabia estacionar.

Atravessaram uma ponte, o canal ladeado por majestosas casas revestidas de tijolos, vastos espaços de vidro iluminado, portas brilhantes, todas pintadas no mesmo matiz de verde-escuro, quase preto. Kate repassou mais uma vez sua conversa imaginária. Dexter, diria, Julia e Bill são agentes do FBI a serviço da Interpol. Eles acham que você roubou 50 milhões de euros. Sei que você tem uma conta bancária secreta e estou inclinada a achar que você é culpado, mas agora o importante é descobrir a maneira de você não ser pego.

Dexter perguntaria: Como você sabe da conta? Kate lhe falaria da cômoda desmontada, da descoberta do pedaço de papel.

E essa bisbilhoteira veio do nada? Era nesse ponto da conversa que sua

imaginação falhava. Era essa a pergunta que ela não conseguia se imaginar respondendo, esse o assunto que não sabia como explicar. Não exatamente, diria. E quais seriam as palavras seguintes? Como começaria a contar a história que levaria, inexoravelmente, a passei quinze anos trabalhando na CIA? Tornou a afastar o assunto – pela centésima, milésima vez, quem saberia? – naquela rua de Amsterdã, com frio, cansada e com fome.

– Que tal este? Dexter estava parado à porta de um café em tons de marrom, paredes revestidas de madeira, mesas sem toalha, grandes espelhos fumês, fileiras de garrafas em prateleiras grossas, toda a madeira sem adornos e castanha.

Foram levados a uma mesa no salão principal, a última disponível, as outras ocupadas por casais e grupos alegres, noite de sexta-feira. Tudo no cardápio parecia bom, todos os pratos especiais descritos pela garçonete soavam deliciosos. Eles estavam famintos. Deveriam ter comido na estrada, mas só tinham tomado essa decisão quando já era muito tarde e os pontos de parada haviam ficado para trás, nos arredores da cidade.

Tinham dado barrinhas de cereais aos meninos. O porta-luvas estava cheio de barras de cereais.

A garçonete trouxe cerveja e refrigerantes, marrom e laranja em copos pesados, baques gratificantes em tampos de mesa escuros. Os meninos ficaram colorindo cadernos de atividades, como de hábito. Os adultos sabiam estacionar em cidades estrangeiras, as crianças sabiam se divertir em restaurantes longe de casa. A própria casa estava muito longe de casa.

– O que você estava fazendo com a caixa de ferramentas? Assim, do nada. Um ataque sorrateiro, cinco horas depois do ocorrido.

Kate não respondeu, a mente em disparada.

Dexter não se estendeu, não esclareceu nem repetiu, não deu desculpas para uma demora tão longa.

Kate não conseguiu se lembrar da mentira que havia preparado antes, para uma conversa que deveria ter acontecido mais cedo.

– Eu, ahn... a janela...

Viu que Ben prestava muita atenção. Não ficou claro se o filho estava achando aquilo engraçado ou sério, se ia dedurá-la ou não. Um sorriso se insinuou em seus lábios.

– Tive de consertar a persiana – falou e tomou outra decisão rápida: – Meninos, vamos lavar as mãos.

– Eu os levo – disse Dexter. – Venha, Ben. Jake.

Levantou-se, pegando os filhos pelas mãozinhas, levando-os dali. No meio da travessia do salão, Ben virou para trás e sorriu para a mãe, com ar travesso.

Como Amsterdã era uma viagem dele, para encontrar o amigo dele – ideia dele, do início ao fim –, Dexter é que havia escolhido o hotel e feito as

reservas. Esse hotel parecia mais caro que o normal para a família. Quatro estrelas, mas decididamente tendendo para cinco, não descendo para três.

Enquanto Dexter cuidava do registro, Kate e os meninos esperaram no saguão, num sofá de dois lugares estofado de veludo e com estrutura de madeira entalhada, cercados pelo suntuoso papel de parede adamsado e as sancas grossas de gesso que cortavam o pé-direito de quase cinco metros.

– Ben – cochichou ela –, você contou ao papai o que eu estava fazendo? – Quando? – Lá em cima, no quarto de vocês.

– Quando que eu contei a ele? – No banheiro do restaurante? Ou, sei lá, em alguma hora? Você contou a ele em algum momento? Ben olhou para o irmão mais velho, como que em busca de uma explicação ou de apoio. Mas Jake estava aninhado no ursinho de pelúcia, com o dedo na boca, quase dormindo. Nenhuma ajuda.

– Do trabalho ruim que ele fez? – perguntou Ben.

– Isso mesmo. Você contou a ele? Dexter deu uma olhadela em volta, sorriu para Ben e tornou a se virar para o recepcionista.

– Não – respondeu o menino, também sorrindo.

– Ben, você está falando a verdade? – Estou, mamãe – afirmou, ainda sorrindo.

– Então, por que esse sorriso grandão, meu amor? – Não sei.

Os meninos dormiram quase de imediato no sofá-cama, um inclinado para o outro, separados pelo ursinho de pelúcia de ar animado, esfarrapado e magro, que ia ficando cada vez mais fino e encardido.

Kate compreendia que tinha sido um absurdo se recusar a desconfiar de Dexter. Só que ao menos ela estava ciente de sua motivação: uma mentirosa não quer achar que as outras pessoas são mentirosas, porque, nesse caso, as outras deverão desconfiar que ela também mente – porque ela mente – e ela será apanhada.

Dexter saiu do banheiro, de cueca e camiseta brancas, os tufo de pelo encaracolado brotando da pele alva nas pernas e braços, mais descorado impositivo. Um homem pálido no rigor de um inverno sem sol.

Deitou-se na cama, as mãos cruzadas no peito. Não pegou nada para ler, não disse nada.

Jake soltou o ar com força, feito um animal no cio, e começou a roncar. Dexter permaneceu imóvel.

Kate não queria olhar, não queria ver a expressão em seu rosto, saber o que estava pensando. Não queria começar uma discussão, não queria ir por esse caminho.

Mas, por outro lado, queria. Desesperadamente. Precisava que isso – precisava que alguma coisa – ficasse às claras. Precisava parar de produzir mais segredos, precisava parar de gerar perguntas.

Num arroubo de determinação, fechou o guia turístico, o som de seus pensamentos ensurdecendo-a ao se voltarem para o marido. Abriu a boca, a pulsação latejando na cabeça, pronta para falar, pôr tudo para fora, trazer algo à tona, ou coisa assim, não sabia ao certo, mas o fato é que falou: – Dexter – começou, virando para o lado –, eu...

Estacou no meio da frase, no meio do pensamento, no meio de tudo. Ele dormia a sono solto.

Foram ao museu Van Gogh e ao mercado das flores, onde não havia muito que ver em pleno inverno.

Bulbos para vender, colheres de jardineiro, pacotinhos de sementes. Concordaram em que o museu Anne Frank levantaria muitos temas desagradáveis para as crianças e perguntas impossíveis de responder, por isso o deixaram de lado.

Quando chegou a hora de um agrado para os meninos, entraram numa loja de brinquedos e lhes deram carta branca para qualquer caixa de Lego. Qualquer caixa pequena.

– Eu cuido disso – falou Dexter, apenas com vaga consciência das discussões, considerações e negociações que estavam por vir.

Assim, Kate voltou para a rua, para o movimento da tarde de sábado na Hartenstraat, todo mundo encasacado e de chapéu, fumando e rindo, em bicicletas e a pé. Viu pelo canto do olho uma figura familiar, no fim do quarteirão para pedestres. Kate reconheceu na hora a postura e o porte, altura e peso sob um chapelão escuro e um casaco de lã. A mulher estava de frente para uma vitrine de loja, um amplo espaço refletor de vidro imaculado.

Aquela mulher não esperava que Kate saísse da loja tão depressa, depois de meros dez segundos.

Não havia contado com isso. Daí ter se deixado relaxar, parcialmente descoberta, relativamente desprotegida. E fora apanhada.

Hoje, 13h01 Kate abre a fechadura da gaveta da escrivaninha e o cofre dentro dela. Avalia o peso da Beretta, muito mais leve sem o carregador. O metal preto e liso é frio em sua mão.

Passa os olhos de relance por uma fotografia na escrivaninha, um pequeno instantâneo numa moldura de couro antiga, os meninos rindo na água em Saint-Tropez. Agora já faz mais de um ano, eles bronzeados e alourados por um verão de sol, os dentes reluzindo de brancos, uma luz dourada bruxuleando no Mediterrâneo, fim de tarde no final de julho.

No fim, Dexter deixou com Kate a decisão sobre onde morar. Disse que preferia o interior ou opções de cidades pequenas, na Toscana ou na Úmbria, Provença ou Côte d'Azur, até na Costa Brava. Mas Kate desconfiou que ele jamais quisera realmente viver em parte alguma do campo. O que queria, ao contrário, era perder uma discussão. Queria fazê-la sentir que tinha vencido

alguma coisa, como se essa decisão tivesse sido sua, não dele.

Kate não pudera deixar de suspeitar que ele a estivera manipulando a respeito de tudo, o tempo todo. Uma virada e tanto, após tantos anos acreditando que o marido era a pessoa menos manipuladora que ela conhecia.

O argumento, provavelmente desnecessário, que ela fizera em defesa de Paris tinha sido o bem dos filhos. Para que eles crescessem educados e cosmopolitas, não superprotegidos e mimados; ela não queria que as únicas áreas de competência dos meninos fossem o tênis e o iatismo. E eles ainda poderiam se mudar para a Provença quando os garotos fossem para a universidade.

Kate se recosta na cadeira, a pistola na palma da mão, pensando naquela gente: naquele outro casal, estranhos que ela havia pensado serem amigos bancando os inimigos. E em seu marido surpreendentemente diabólico. E no comportamento dela mesma, ao mesmo tempo questionável e justificado. E no que está prestes a fazer.

Prende o pente da Beretta no lugar. Levanta uma aba rígida no fundo da bolsa – muito parecida com o compartimento da velha maleta de Dexter, onde ele guarda o telefone secreto. Deixa a pistola cair no fundo e reposiciona a aba.

Estende a mão para uma prateleira atravancada e desconecta um celular do carregador. Faz mais de ano e meio que não usa esse telefone, mas o mantém carregado. Liga-o e tecla o número comprido. Não guarda números como esse em nenhum tipo de caderno de endereços.

Não reconhece a voz do outro lado da linha – uma mulher que diz “Bonjour” –, mas não esperava mesmo reconhecê-la.

– Je suis 602553 – diz Kate. – Sou 602553.

– Um momento, senhora.

Kate olha pela janela para os telhados de cumeeira alta de Saint-Germain, o Sena e o Louvre à direita, as cúpulas de vidro do Grand Palais bem em frente, a Torre Eiffel à esquerda. O sol espia por entre as nuvens atrás dela, sem ser visto, pintando uma camada dourada sobre a cidade, enfeitando desnecessariamente sua paisagem preciosa, quase perfeita demais.

– Pois não, senhora. Antessala do toailete feminino do Bon Marché. Quinze minutos.

Kate consulta o relógio.

– Merci.

Torna a sair às pressas pela porta, desce o elevador, atravessa o saguão e a galeria coberta até a rua, segue a Rue du Bac, que se funde com o bulevar Raspail, vai costurando para o sul por entre a massa densa do horário de almoço, abre caminho para a loja de departamentos, sobe a escada rolante e esbarra em mulheres que se encaminham com vagar para a antessala externa ao toailete, onde há um telefone público tocando.

– Alô – ela atende, fechando a porta ao entrar.

- Que prazer ouvir sua voz – diz Hayden. – Faz muito tempo.
- Eu digo o mesmo – responde Kate. – Precisamos conversar

pessoalmente.

- Há algum problema? – Na verdade, não. É uma solução.

Hayden não retruca.

- Podemos nos encontrar às quatro? – pergunta ela.

- Em Paris? Receio que não. Eu não... bem, não estou perto.

- Mas não está longe. E, se não me engano, tem acesso a um avião.

Hayden foi promovido no ano anterior, apesar de ter passado toda a carreira fazendo trabalho de campo, não na administração.

Agora, surpreendentemente, é o vice-chefão na Europa. Cargo que dá direito ao uso de um jato. Bem como liberdade de ação no tocante ao pessoal, desde os oficiais subalternos de Lisboa e da Catânia até os chefes das atividades de campo em Londres e Madri. Paris também.

Ele não responde.

– Lembra-se dos 50 milhões de euros roubados de um sérvio? – pergunta Kate.

Pausa.

- Entendo.

- Quatro horas? – Cinco.

Kate ficou espantada com o tanto que tinha enterrado a cabeça na areia. Ignorara o que devia ter visto havia muito tempo: que os Maclean vinham monitorando todos os movimentos dos Moore já fazia meses.

Jake lhe deu um adeusinho do outro lado da vitrine da loja. Kate retribuiu o aceno. Dexter e os meninos estavam em outra loja, agora de chocolates, enquanto ela aguardava do lado de fora. Via os olhos deles arregalados, os dedos apontando, o corpo todo a implorar. Crianças numa loja de doces.

Ela havia optado por fingir que não tinha visto Julia. Virara de costas na Hartenstraat, deixara os olhos se demorarem na direção oposta, dando à agente do FBI uma oportunidade de sair correndo, sem saber ao certo se fora ou não reconhecida.

Agora Kate estava numa outra rua, o pensamento voltando veloz para o que ela percebeu ter sido o começo da vigilância: aquele dia chuvoso – ultrachuvoso, cascatas torrenciais de chuva – no fim de setembro, fazia mais de três meses, no estacionamento do centro comercial Belle Étoile, em Strassen.

Julia dizendo ter esquecido o celular no carro de Kate. Insistindo em que ela ficasse longe, permanecesse seca. Voltando sozinha ao carro, instalando alguma coisa sutil e impossível de achar e retornando para ela com o sorriso tênue da vitória secreta. Mona Lisa.

Daquele momento em diante, Bill e Julia sempre sabiam onde Kate estava.

Portanto, os Maclean souberam, na tarde da sexta-feira seguinte, que Kate e Dexter partiram pela A3 na direção sul, atravessaram a fronteira da França, passaram pelos reatores nucleares de Thionville e dobraram em Metz para a A4, em direção a Reims. Deve ter sido nessa virada que Julia e Bill decidiram ir atrás, pular no pequeno BMW dele e disparar para alcançá-los, reduzindo a distância durante as três horas que restavam no trajeto até Paris e só baixando a velocidade para 140 quilômetros por hora ao serem alertados pelo GPS sobre os radares de controle. Ou talvez nem reduzindo nada. Que importância dava o FBI às multas da União Europeia por excesso de velocidade? E, enquanto os Moore procuravam um local para estacionar em Paris, os Maclean ainda se encontravam na estrada, disparando pela região de Champanhe, onde os vinhedos estavam repletos de caminhões estacionados para o pernoite no campo, época de colheita. Localizaram a caminhonete de Kate parada numa garagem. Telefonaram para os hotéis mais próximos, um após outro, até descobrirem aquele em que havia uma suíte registrada no nome de monsieur e madame Moore.

Hospedaram-se eles mesmos num quarto nas imediações e montaram campanha.

Os Moore eram fáceis de seguir. Deslocavam-se num grupo grande e lento, andavam de metrô, nunca de táxi, e caminhavam por ruas movimentadas. Ficavam o tempo todo em espaços públicos.

Era provável que os Maclean houvessem organizado turnos – dez minutos de vigilância, dez de descanso – enquanto seguiam a família, acompanhando-a, à espera de uma boa oportunidade, uma situação natural, um local turístico no fim do dia, um simples encontro fortuito, uma intromissão sem esforço. Já haviam telefonado para o hotel dos Moore e confirmado que ele tinha serviço de babá, sabendo que conseguiriam levar a cabo sua manobra, sabendo que Dexter e Kate aceitariam um convite para uma noitada, para o excesso de vinho, uma boate da moda, uma amizade acelerada, uma intimidade instantânea.

Toda aquela noite espontânea de sábado tinha sido cuidadosamente orquestrada. A tentativa de assalto fora uma encenação, uma farsa.

Tudo aquilo havia começado fazia três meses.

Dexter andava escondendo alguma coisa – seriam mesmo 50 milhões de euros roubados? – e esses agentes do FBI estavam firmes no seu encaixo. Seguiam cada movimento dele, em Luxemburgo, na Bélgica e na Holanda, e agora o espreitavam em Amsterdã. Estavam chegando perto de alguma coisa e não queriam perder Dexter de vista nem por um fim de semana. Por quê? Os garotos saíram da chocolataria, vitoriosos, levantando bem alto o seu butim – “Mamãe! Olha!” –, ansiosos por mostrar à mãe o que o pai os deixara escolher, inocentes e ingênuos.

Kate sorriu para os filhos, mas estava trêmula de frio e pavor: – Que legal, amorzinho.

O que quer que viesse acontecendo dava a impressão de estar se aproximando do fim. Kate certamente torcia para que não fosse um fim violento. Mas tinha que estar preparada.

Sozinha, parou no meio de uma ponte, olhando para o céu magnífico: o rico azul-escuro adamascado do crepúsculo, as nuvens estufadas e céleres, camadas empilhadas de branco, prata e cinza. Havia luzes acesas nas janelas e nos faróis das bicicletas, refletindo-se na água.

Dexter levava os meninos de volta ao hotel, para verem antes do jantar um programa comprado na TV a cabo. A família só se encontraria com seu maçante amigo Brad às oito horas.

No outro extremo da ponte, as últimas butiques foram minguando, como o fim de um trecho de comércio numa rua de bairro residencial, as últimas lanchonetes e oficinas iluminadas pelos postes da rua, depois a área rural às escuras. Veio um cheiro enjoativo de maconha de um par de adolescentes de trançinhas rastafári.

Kate encontrou uma agência bancária e entrou no espaço estreito dos caixas automáticos. Ignorou os cartões encaixados em suas aberturas na carteira,

os cartões do cotidiano. Em vez disso, enfiou o polegar num bolso interno onde havia meia dúzia de pedaços de plástico, coisas com que não precisava andar na Europa, mas andava: o cartão de seguridade social norte-americano, a antiga identidade da CIA, o cartão da academia de ginástica. E o do banco, da conta bancária em seu nome antigo. A conta de que Dexter não tinha conhecimento.

Sacou o limite máximo: mil euros.

Também sacou o máximo da conta conjunta de Luxemburgo, mais mil. E fez saques em dinheiro de dois cartões de crédito, mil cada um.

Já na rua, as luzes vermelhas começaram a aparecer, com mulheres grandes e pouco atraentes do Sudeste Asiático: ligas e saltos altos e seios caídos saltando da renda enfeitada.

Kate achou um minimercado. Comprou uma embalagem de sacos plásticos, um rolo de fita adesiva e uma garrafa de água. Estava com sede, nervosa.

As ruas foram ficando mais estreitas e as vitrines das fachadas, mais numerosas: seis moças em rápida sucessão, europeias bonitas e de cabelos escuros; mais adiante, dobrando a esquina, algumas africanas de lábios grossos e traseiros volumosos. Parecia haver setores. Como numa loja de departamentos.

Ela entrou num café bem iluminado, de aparência limpa e segura pelo lado de fora, porém mais tosco no interior. Pediu uma Coca-cola, deixou as moedas sobre o balcão, tomou-a depressa. Foi até os fundos e encontrou a placa dos toaletes, que apontava para a descida de uma sinistra escada em espiral. Lá embaixo havia um par de homens numa transação suspeita, com cheiro de sigilo.

– Com licença – pediu ela, passando pelos dois e trancando a porta.

Tirou do bolso a embalagem de sacos plásticos, rasgou um deles na linha perfurada e jogou os outros no lixo. Pegou o maço de cédulas de valor alto. Tirou umas notas de cem e as enfiou no bolso direito; no esquerdo ficaram algumas de vinte. Pôs o resto dos 4 mil euros no saco plástico.

Comprimiu-o para tirar o ar, dobrou-o bem apertado e o vedou com fita adesiva.

Sentou-se no vaso sanitário. Tirou a bota do pé esquerdo. Quando cruzava as pernas, sempre punha a direita sobre a esquerda. Não sabia se cruzaria as pernas – nem sabia como diabo as coisas iriam acontecer, se é que aconteceriam. Mas era melhor prevenir que remediar.

A bota tinha salto baixo, mas serviria. Na parte posterior, atrás do arco do pé, onde o couro se levantava para se juntar ao salto de sola de borracha, havia amplo espaço. Kate prendeu seu embrulho de dinheiro ali, com fita adesiva.

Novamente na rua, havia homens arrastando os pés, mantendo contatos visuais fugazes, em meio ao miasma vermelho e aos espaços cintilantes de vidro emoldurado de veludo. Havia adolescentes barulhentos em grupos de três ou quatro, uns se vangloriando mais que os outros, para compensar a inexperiência.

Homens de terno na meia-idade, uns furtivos, outros descarados – clientes regulares ou que simplesmente já não se importavam com a opinião dos estranhos, tranquilos na certeza de que ali cada um cuidava dos seus interesses. O que não diferia de todos os outros lugares.

Os cafés estavam apinhados, ruidosos e com um cheiro incômodo, o odor penetrante dos baseados que emanava das portas e persistia nas calçadas.

Um rapaz lhe lançou um olhar, numa cantada para alguma coisa. Kate o avaliou e o descartou, continuando em frente.

Seguiu mais um canal, esse muito diferente dos que ela vira na Amsterdã de alta classe, ladeado por lojas de produtos eróticos, boates e vitrines iluminadas de vermelho. De um bar veio o som de risadas ébrias, de inglês com sotaque australiano e de risinhos de mulheres sem jeito.

Outro homem buscou o contato visual, este mais velho e mais rude. Acenou para Kate com a cabeça e ela retribuiu o aceno. O sujeito disse alguma coisa em holandês e ela reduziu o passo, mas não respondeu.

– Procurando alguma coisa? – perguntou ele.

Sotaque antilhano. Longe de casa, como Kate.

– Sim.

Dente de ouro brilhando.

– É o quê? – Uma coisa especial. Uma coisa de aço. Com chumbo.

O sorriso do homem desapareceu.

– Nisso eu não posso ajudar.

Kate meteu a mão no bolso, puxou uma nota de vinte.

– Quem pode? – Procure Dieter. Por ali – falou, inclinando a cabeça, as trancinhas balançando.

Ela seguiu pela calçada que margeava o canal estreito, os sons e cheiros bem ao lado. Em frente a uma boate de sexo ao vivo, com cartazes promocionais que não deixavam dúvidas quanto ao show, um homem de terno preto brilhoso, sapatos de bico fino e gravata estreita de couro observava atentamente o ir e vir das pessoas. Seu olhar encontrou o de Kate.

– Guten Tag.

– Oi. Você é o Dieter? Ele fez que sim.

– Estou procurando uma coisa. Um amigo me disse que você poderia ajudar. É um ferro.

Dieter pareceu confuso: – Me ferro? – Não. Um ferro.

Kate levantou a mão, apontou para ele com o indicador, o polegar erguido. Dobrou rapidamente o polegar. Pou.

Dieter compreendeu, balançou a cabeça: – Não possível.

Kate tirou do bolso duas notas azuis de 20 e as ofereceu. Ele fez uma careta, não aceitou o dinheiro, tornou a balançar a cabeça.

Ela pegou outra nota, esta de 100.

Dieter olhou de relance para o pedaço de papel verde, fácil de reconhecer num instante.

– Venha – disse, fechando a mão sobre a cédula.

Caminhou depressa, olhando repetidas vezes para os dois lados, pouco à vontade numa missão não relacionada ao comércio sexual. Cruzou uma ponte, desceu uma rua estreita e apinhada: prostitutas atraentes em todas as vitrines, um trecho popular, o setor Billboard das 40 Mais do bairro, nada de gostos por especialidades ali. Uma virada para uma rua menor e mais escura: um beco, na verdade, com apenas um par de luzes vermelhas e longos trechos de muros de tijolos.

Dieter se deteve diante de uma vitrine vermelha e Kate parou a seu lado. A loura bonita lá dentro o olhou, depois olhou para Kate, e abriu a porta sem dizer palavra. Cheiros de incenso, fumaça de cigarro e desinfetante à base de amônia. Dieter passou pela garota e seu quatinho sórdido, a cama feita com cuidado, emoldurada por espelhos. A moça não encarou Kate.

Atravessaram um corredor estreito, com revestimento barato de madeira nas paredes, sem adornos.

Ao final dele, um lance de escada meio bambo, teto rebaixado, iluminação fraca.

Kate estava ficando nervosa. Parou de andar.

– Venha – repetiu, com um aceno rápido, que não chegou propriamente a tranquilizá-la. – Venha.

Subiram os degraus, viraram num patamar traiçoeiro, tornaram a subir, agora para um corredor recém-construído. O piso barato vibrava e Kate discerniu as batidas de hip-hop de um contrabaixo, depois vozes, um baixo rouco e sintetizadores. A música foi ficando mais alta, com a letra em inglês nítida, vulgar e grosseira.

Saíram do carpete para um piso de lajotas, um corredor mais largo, pé-direito mais alto, passando da favela para uma mansão enfurnada ali, de algum modo, com um par de portas grandes, almofadadas e pintadas, Dieter olhando Kate de soslaio, abrindo as portas...

Ela assimilou num relance a anarquia da sala descomunal. Sofás e poltronas e espreguiçadeiras, mesinhas e tapetes persas, abajures com cúpulas de borlas e pés de alabastro, lareiras de mármore e janelas enormes, de frente para o canal, com meia dúzia de garotas em estados variados de nudez, uma delas com a cabeça no colo de um homem tatuado, de piercings e expressão furiosa, que a empurrava para baixo e puxava para cima pelas orelhas e, no meio de tudo, uma cabeça de um laranja vivo, curvada sobre uma mesinha de tempo espelhado, que em seguida se ergueu, jogou-se para trás, aspirou o pó branco e se sacudiu, as mechas compridas e sebosas de cabelo batendo no rosto.

– Ahhhhhh! – gritou ele. – Isso é bom pra caralho! Esfregou o nariz e

olhou para Kate e para Dieter.

– E quem é essa piranha? Dieter encolheu os ombros: – Está procurando um coisa.

– E você conhece ela? – Não.

– Tudo bem.

Dieter tornou a dar de ombros, virou-se e se retirou, fechando as portas ao sair, feliz por se livrar de Kate e sua busca inquietante.

– Angélique, revista ela.

A moça se levantou languidamente, com seu mais de 1,80 metro de altura, seios à mostra, sem usar nada além da calcinha e sapatos de salto agulha. O ruivo a observou, olhos cheios de desejo.

Angélique era um espécime fantástico, que não teria mais de 17 anos.

Revistou Kate e se afastou com passos lentos, de volta para sua espreguiçadeira e sua revista. Vogue. Uma garota nua, lendo uma revista de moda.

– O que você quer? – Quero um ferro.

O homem tatuado parecia estar chegando ao fim, bombeando furiosamente a cabeça da garota, para cima e para baixo, enquanto ela se engasgava, engolia e tentava não lacrimejar.

– Meu ferro? – sorriu ele. – Veio aqui pra pegar no meu ferro? É muita gentileza.

Kate abriu um sorriso largo: – Quero a porra de uma arma, seu escocês idiota.

– Ah, ah, ah – gemeu o outro homem.

– Como é que é? Ouvia essa, Colin? – Ah, ahhhhh – fez Colin, ainda segurando tufo do cabelo da moça. – Não me atrapalha, Red.

– A porra de uma arma, você disse? Kate não respondeu.

– Qual é a sua, você é tira ou o quê, porra? Cadê a escuta? – Não tenho escuta.

– Então mostra.

Kate o encarou, olho no olho. O homem não pestanejou.

– Senão, cai fora daqui.

Ela esperou mais um segundo, dois, sem desviar o olhar. Tirou devagar o casaco e o deixou cair no chão, ainda encarando o sujeito.

Tirou o suéter pela cabeça com um movimento rápido, o cabelo cheio de estática. Levou as mãos atrás, abriu o zíper da saia e também a deixou cair no chão. Pisou fora dela, as mãos nas cadeiras.

– É americana? – perguntou Red.

Agora Kate não usava nada além das botas e da roupa de baixo. Não respondeu.

– O resto – fez ele, agitando os dedos. – Tira o resto.

– Vá se foder.

– Pra que precisa de arma? Kate estava desesperada para vestir de novo a roupa, mas também sentia uma pequena vitória a cada segundo que passava sem ela, tirando forças da humilhação.

– Colin, o que a gente tem pra ela? Colin estava fechando o zíper do jeans preto e se aproximou, sem camisa, o tronco coberto por uma misturada indecifrável de tinta desbotada. Debruçou-se sobre a mesa de tampo espelhado e deu uma cheirada. Depois se levantou e atravessou a sala. Abriu a gaveta de uma escrivaninha e olhou para dentro: – Beretta – respondeu.

– Ah – exclamou Red, com um sorriso. – Bela arma. Essa eu acabei de achar na rua, na semana passada.

Kate não estava interessada em saber qual era a história que ele queria usar para negar qualquer responsabilidade pela arma.

– Quero vê-la.

Com um gesto desvolto, Colin tirou o pente da Beretta e jogou o objeto de aço reluzente para o outro lado da sala, a cinco metros de distância – um arremesso perfeito para Kate, que o pegou sem dificuldade. Ela se demorou um momento examinando a arma, em parte para examiná-la, em parte para convencer Red de que não estava para brincadeiras. A 92FS era o Toyota Corolla das pistolas.

E essa parecia estar em perfeitas condições.

– Dois mil – ofereceu ela.

Não quis perguntar o preço, não quis dar a Red a oportunidade de conduzir a conversa. O preço final seria negociação pura, não estava amarrado a nenhum valor objetivo. A arma poderia valer 50 euros ou 20 mil; o valor estava na interseção do que Red pudesse fazê-la pagar com o que Kate pudesse fazê-lo aceitar.

– Cai fora daqui, porra. O preço é dez.

Kate curvou-se, pegou a saia. Fechou o zíper.

– Oito – disse Red.

Foi quando ela soube que venceria. Vestiu o suéter.

– Dois e quinhentos – retrucou, puxando o cabelo para fora da gola.

– Cai fora daqui, sua vaca de merda.

Ela pegou o casaco e o vestiu.

– Não aceito um centavo abaixo de cinco.

– Eu lhe dou três.

– Foda-se.

Kate balançou os ombros e lhe deu as costas.

– Quatro – disse Red.

– Três e quinhentos. É pegar – sorriu – ou largar.

Red tentou vencê-la com um olhar duro, mas percebeu que era em vão.

– Três e quinhentos – concordou. – E uma chupada no meu pau.

Kate não pôde deixar de rir.

– Vá se foder – retrucou.

Ele abriu um largo sorriso: – Isso também ia ser um bom pagamento.

Kate insistiu em que fossem ao museu de ciências, que ficava num cais do porto. Em seguida, depois do almoço, a um mercado das pulgas numa igreja, onde ela se demorou e pechinhou e comprou uma coisa e outra: uma travessa de porcelana e utensílios de serviço em prata de lei. Depois, quis sentarse em algum lugar para tomar um café, com uns petiscos para as crianças.

Embaixo da mesa, a nova Beretta pesava no fundo da bolsa, e era um peso ainda maior em sua consciência.

Dexter admitiu que Brad realmente se tornara um cretino insuportável, nos dez anos decorridos desde que haviam trabalhado juntos. Mudara-se para Nova York para fazer alguma coisa que soava como uma superbabaquice em novas empresas de tecnologia. E toca de alardear o título de diretor de marketing e de falar em comprar lofts e de passar o verão nos Hamptons e blá-blá-blá, blá-blá-blá.

Kate sempre o havia achado insuportável e ficou satisfeita por Dexter finalmente perceber isso, agora que o babaca latente em Brad tinha desabrochado em toda a plenitude. Nova York havia alimentado sua babaquice.

Se Dexter tinha mesmo 50 milhões de euros escondidos em algum lugar, vinha fazendo um trabalho muito bom para não se tornar um babaca cheio de si.

Kate pediu outro café. Estava esticando o dia – de uma hora até as duas, dali até as três, até ter certeza de que, quando a família chegasse a Luxemburgo, fosse tarde e os meninos tivessem que ir direto para a cama, e as luzes de seu quarto nem chegassem a ser acesas. Dexter não teria chance de ficar sozinho no quarto dos filhos, de examinar a cômoda desmontada, prova da desconfiança dela, prova de sua descoberta.

Aceleraram pela via expressa na planura da Holanda, uma saída a cada três ou quatro quilômetros, uma cidade a cada saída. Ao cair do sol, tinham chegado ao pare e siga do anel viário em torno de Bruxelas, depois tornaram a acelerar para o sul pela Valônia, na Bélgica, escassamente povoada, escura e montanhosa, gargantas e florestas e nada, nada e mais nada.

Kate olhou pela janela para a escuridão das Ardenas, onde as grandes guerras haviam sido travadas em sangrentos combates corpo a corpo. A Batalha do Bulge, a maior e mais mortífera da Segunda Guerra Mundial. Isso já fazia uns sessenta e tantos anos. E agora? Agora nem sequer havia fronteiras entre a Alemanha e a França e a Bélgica e Luxemburgo. Toda aquela carnificina em nome da soberania e da integridade das fronteiras e agora nem sequer se precisava mostrar um passaporte para viajar dos Aliados para o Eixo.

O general George Patton, junto com outros 5 mil soldados americanos, estava enterrado em Luxemburgo, a uma distância da escola dos meninos que

podia ser percorrida a pé.

O carro alemão cantarolava baixo, a 150 quilômetros por hora, cortando a neblina que deslizava célere pela estrada asfaltada. Subia e descia as colinas escuras e silenciosas, raras vezes cruzando com outros carros ou com caminhões, no meio de lugar nenhum, no negrume da noite.

O lugar perfeito para desaparecer.

Oito da manhã. 8h05. 8h07. Hora – agora – de sair para a escola, já com atraso, mas Dexter ainda não saíra de casa. Acabara de acordar e estava no chuveiro.

Se Kate sáísse, ele ficaria à vontade no apartamento. Poderia ir a qualquer canto, fazer qualquer coisa. Poderia verificar a cômoda e descobrir que ela a havia desmontado. Poderia verificar a cesta de lixo no fundo da despensa e encontrar a Beretta.

– Tudo bem, meninos – disse ela da cozinha, depois tirou a arma da cesta e a jogou dentro da bolsa.

– Mamãe está pronta.

Não podia continuar vivendo assim.

– Olá...? Fechou devagar a porta da entrada, sem fazer barulho. Clique.

– Ó de casa? Olhou para a vasilha de cerâmica no aparador do hall, onde ele deixava as chaves. Estava vazia.

– Dexter? Subiu a escada para uma dupla confirmação, cruzando o corredor até o quarto do casal, ao banheiro deles. Ao passar pelo quarto dos meninos, deu uma espiada da cômoda, inalterada, não consertada.

Logo cuidaria disso.

Desceu a escada e atravessou o corredor e a sala de estar. Enfiou a cabeça na cozinha, checando pela terceira vez. Mais nervosa a cada segundo que passava, praticamente tremendo.

Sentou-se à escrivaninha. Abriu o laptop. Conferiu o e-mail, procrastinando. Respondeu a uma mensagem banal, leu alguma coisa irrelevante. Chegou até a esvaziar a pasta de spams.

E aí não havia mais nada a fazer, exceto o que ela precisava fazer.

Abriu o álbum de fotos do telefone celular. Escolheu a imagem do papelzinho de Dexter, com os números e senhas das contas. Não havia nenhum nome de banco. Mas quantos bancos poderia haver? Quanto tempo isso poderia levar? Meia hora? Uma hora? Levantou-se. Foi à cozinha, tomou uma xícara de café. Como se a cafeína pudesse ajudar.

Sentou-se de novo, as mãos paradas sobre o teclado, pensando. Começar pelo mais fácil: o banco em que eles tinham a conta conjunta.

Clicou nos favoritos, no alto da barra do navegador. A tela saltou para a página de entrada do banco, que pediu o número da conta e a senha.

Ela tornou a olhar para o telefone, para a imagem, os números...

Bateu na tecla do primeiro algarismo, um oito, apoiando nela o dedo médio, abaixo do asterisco acima do número... pensando em alguma coisa... esse computador...

Julia lhe veio à lembrança. Aquele dia em que visitara este apartamento para verificar seus e-mails, supostamente por estar sem internet. O dia em que se

sentara nesta cadeira, diante deste computador, com as mãos neste teclado.

E então Kate compreendeu: Julia não estivera verificando e-mails. Havia introduzido um programa espião, para captar as telas de Kate e registrar suas batidas no teclado, transmitindo subrepticiamente a Julia e Bill, por e-mail, tudo o que ela digitava, mostrando-lhes o que ela via, para que eles pudessem furtrar os números e senhas das contas bancárias dos Moore, controlar seus saldos e suas carteiras de investimento, acompanhar suas compras de passagens aéreas e suas reservas de hotéis.

Os Maclean vinham monitorando a atividade deste computador. Mas não tinha sido nele que fora planejada a viagem a Amsterdã.

É claro! Os Maclean não sabiam onde os Moore estavam indo, nem por quanto tempo ou por quê. É que Dexter fizera a reserva do hotel em seu escritório. Em seu escritório ultrasseguro e em seu computador de acesso impossível. Por isso o FBI não soubera se Kate e Dexter estariam fugindo, talvez. A caminho da Ilha de Man, ou de Hamburgo, ou de Estocolmo. Mudando-se em caráter permanente, indo para um esconderijo, levando passaportes falsos e sacolas abarrotadas de dinheiro.

E por isso o pessoal do FBI os seguira, nervoso, para ter certeza de que o suspeito não ia desaparecer.

Kate tirou as mãos do teclado maculado, desse local exposto.

– Alô, Claire? É a Kate. Kate Moore.

– Kate? Como vai? – Tudo bem, obrigada.

Viu um rosto conhecido passar por sua cabine telefônica da agência de correio e telecomunicações.

– Claire, eu tenho um favor estranho para lhe pedir.

– Qualquer coisa, meu bem, qualquer coisa.

– Será que posso dar uma passada aí e usar o seu computador? O escritório da casa de Claire ficava enfiado num canto atrás da escada, de frente para a entrada da garagem: o cômodo menos atraente daquela construção com ares de mansão de subúrbio residencial. Kate viu um carro passar e se perguntou se Julia ou Bill acabariam chegando ali, rastejando pela rua, vigiando-a de perto.

Abriu o navegador. Começou pelos bancos maiores, os que tinham o nome estampado por todo canto da cidade, no topo de edifícios, em faixas de patrocínio nos festejos, nas camisetas das equipes de ciclismo.

Havia dois números de conta na tirinha de papel de Dexter. O primeiro vinha acompanhado de um nome de usuário, uma senha e outras informações; o segundo não era seguido por informação alguma.

Kate nem tentaria esse segundo número. Não faria sentido.

Mas o primeiro fazia. E foi quase fácil demais, rápido demais: dez minutos depois de ela começar, no quinto banco que tentou, o primeiro número de conta

foi válido.

Ela respirou fundo e prendeu a respiração enquanto digitava a senha... também válida.

Em seguida, teve de escolher a imagem correta numa seleção de umas trinta, o que explicava a anotação “cachorro” no pedaço de papel. E depois, teve de completar um quebra-cabeça com uma fileira de letras anotadas por Dexter. Abriu-se então uma caixa de diálogo: Obtendo acesso aos dados de sua conta.

Um momento, por favor.

Obtendo acesso aos dados de sua conta.

Um momento...

A tela ficou preta.

Kate enrijeceu, em pânico. Olhou depressa em volta, perguntando-se o que isso poderia...

A tela voltou a se acender com o resumo da conta, informações escassas, apenas um mero esqueleto, e seus olhos vagaram pela tela, assimilando tudo o que havia ali.

Correntista: LuxTrade S.A.

Endereço da conta: Rue des Pins, 141, Bigonville, Luxemburgo.

Não havia cifras nessa página, nenhum valor, apenas essas informações inconclusivas, que não indicavam nada, não provavam nada. Ela se sentiu esmorecer.

Notou então a aba ativos; pegou o mouse, moveu o cursor, clicou e aguardou, durante aquele milissegundo frustrante em que não acontece absolutamente nada, e então a nova tela piscou em branco e azul, duas linhas no centro da página: Saldo da conta poupança: 409.018,00 euros Era uma soma e tanto, além de inesperada. Mas estava muito longe de 50 milhões de euros. Kate soltou um longo suspiro de alívio e se reclinou na cadeira, afastando-se do computador. O que quer que Dexter andasse fazendo, não era roubar 50 milhões de euros.

Contemplou a tela, perdida em especulações, a cabeça girando... indagando o que poderia significar aquilo, aquela vasta discrepância entre 400 mil e 50 milhões...

Foi então que notou a aba da outra conta.

Chispou por Luxemburgo no carro esporte do marido de Claire, no sentido oeste-noroeste, por vias de mão dupla e um breve trecho numa autoestrada propriamente dita, passando por rotatórias que se fundiam em outras vias, acelerando e freando, ultrapassando. Nada no rádio, nenhuma música nem cultura francesa, perdida em seus próprios labirintos de explicações, entrando num beco sem saída após outro.

Passara um minuto inteiro olhando fixamente para a tela do computador, boquiaberta: Saldo da conta corrente: 25.000.000,00 euros Depois disso, ela havia

desfeito a conexão com o banco, limpado o histórico do navegador, esvaziado os cookies, saído do programa e reiniciado o disco rígido, enquanto planejava os passos seguintes.

Tinha entrado na cozinha com um sorriso forçado. Claire ficara meio confusa quando ela lhe perguntara se podia pegar emprestado o BMW do Sebastian. “Meu carro está fazendo um barulho esquisito”, dissera, “e o tempo está pavoroso. Eu detestaria enguiçar num dia como este. Amanhã levo o meu carro para a oficina.” Seguiu por um declive quando rumou para oeste pelo vale do Pétrusse, que corria pelo centro da região. Do outro lado do rio, as colinas suaves recomeçaram a aparecer, longas ladeiras de inclinação leve, planaltos, pequenas descidas para atravessar regatos e rios, antes de continuar a subir.

Havia uma grande diferença entre os 50 milhões de euros que o FBI achava que Dexter tinha roubado e os 25 milhões e tal de suas contas. Metade. Mas essa era uma diferença de quantidade, não de natureza. A ideia geral era a mesma: uma soma colossal de dinheiro. Um valor impossível de ganhar.

Kate disparou pela floresta, as árvores bem junto da estrada, os troncos finos de casca branca esforçando-se para chegar ao céu, à luz. De repente, as árvores ficaram mais brancas e luminosas, numa daquelas zonas de completo congelamento que aparecem regularmente no interior, em dias como esse, com a temperatura pouco abaixo de zero grau centígrado, quando a neblina de antes do amanhecer se gruda a todos os planos de todas as superfícies, por baixo, por cima e pelos lados, e em seguida congela, envolvendo tudo – árvores e moitas, gravetos e agulhas de plantas perenes, placas de trânsito e postes de iluminação – num gelo branco turvo, brilhante e ofuscante. Do outro mundo.

Tinha que haver uma razão justificável. Dexter era um bom homem. Se fizera uma coisa ruim, tinha de haver uma razão legítima para isso.

Afinal, ela mesma fizera a pior coisa que se podia imaginar. E era uma boa pessoa. Não era? Metade de 50 milhões...

O carro avançou pela desolação característica das terras agrícolas no inverno, reduzidas, estéreis e baixas, onde até as menores construções pareciam agigantar-se, casas térreas, galpões e celeiros erguidos bem junto à estrada, que outrora tinha sido uma trilha medieval, depois fora alargada para se tornar uma via para cavalos no Renascimento, e novamente alargada e, por fim, pavimentada para automóveis no século XX, sendo a forma atual a sua encarnação mais recente, no máximo cinco por cento da vida dessa rodovia, outra nesga de história da Europa escondida numa – ou na forma de uma – estrada estreita.

Onde estaria a outra metade...? Devia estar naquela outra conta, aquela cujo número Dexter tinha escrito sem nenhuma outra informação, sem nome de usuário nem senha. Por que manteria um registro escrito de apenas uma conta, de apenas metade do dinheiro? O carro seguiu zumbindo pelo asfalto gasto,

entrando e saindo de florestas, com uma preponderância de sempre-verdes nessas terras serranas.

Ele tinha um sócio. Marlena? Niko? Os dois? Kate não estava usando o GPS de Sebastian. O propósito de usar o carro dele era evitar que seus passos fossem refeitos. Por isso ela usava um mapa, que agora tinha de consultar com regularidade, ao seguir por estradas sinuosas e não numeradas, cujos nomes se alteravam a intervalos de poucos quilômetros, desembocando em outras, dando em becos sem saída e tendo de refazer o trajeto.

Por fim, chegou a Bigonville, à Rue des Pins, uma rua extremamente fácil de passar despercebida, sem linhas pintadas no asfalto e densamente ladeada de árvores. Era mesmo a rua dos pinheiros.

Agora Kate estava certa – 99 por cento, quase cem – de que Dexter se apropriara ilegalmente de milhões de euros. E era esse dinheiro que vinha pagando pela casa e pelos mantimentos e brinquedos, e pelo diesel que ela pusera no carro na manhã do dia anterior: 63 euros para encher o tanque, quase 100 dólares de combustível para o Audi de segunda mão.

O carro usado. Era aí que duas realidades irreconciliáveis se chocavam: que homem compraria um carro usado, quando tinha 25 milhões de euros no banco? Kate havia suportado um jantar inteiro com aquele babaca do Brad em Amsterdã. Aquele era um cara com milhões extras no banco. E gastava todo o seu tempo livre, toda a sua energia, esbanjando esse dinheiro. Seus carros, suas casas, suas férias. Igualzinho aos banqueiros ricos de Luxemburgo, cujo trabalho era ganhar dinheiro e cuja paixão era gastá-lo.

Seu marido não era um desses.

A estradinha serpeou e deu voltas, desceu e subiu por entre retalhos de neve e gelo, florestas densas e um riacho sinuoso que ela seguiu de perto, sobre o qual nunca houvera nem haveria orçamento para construir uma ponte.

A coisa toda não fazia mesmo o menor sentido.

A estrada abandonou o riacho e iniciou uma subida íngreme, nivelando-se no alto de outra serra em que a floresta minguava, abrindo a paisagem para um amplo cenário de cadeias montanhosas, dobras da terra cobertas de um branco acinzentado, como a pelagem de um sharpei velho. Um muro rústico de pedra corria ao lado da estrada – removidas as pedras grandes para tornar arável o campo do outro lado, o muro era um mero subproduto, um lugar em que colocá-las. O campo era imenso, coberto de capim baixo, verde-amarronzado e improdutivo.

Kate viu a casa de fazenda de paredes brancas e telhado de ardósia preta, igual a todos os outros telhados da totalidade daquela naçãozinha sem acesso ao mar, uma casa que tinha bosques de carvalhos de ambos os lados, agora sem folhas, e que seria um lugar sombreado no verão. As terras a seu redor eram cortadas por uma série de muros baixos e semidesmornados de pedra, que

pareciam a base de uma ruína romana, delimitando cômodos gigantescos – salões de banquete e passagens e saguões grandiosos.

Ela reduziu a velocidade até quase se arrastar, com uma olhadela pelo retrovisor para confirmar novamente que não fora seguida. Em todas as direções, não se via um só carro, caminhão ou trator; as venezianas de madeira estavam fechadas. Nenhum sinal de vida ou de habitantes nessa casa protegida, isolada no vasto campo aberto por sua fileira de guarda-costas lenhosos.

Não havia espaço para estacionar na lateral da estrada, que caía precipitadamente em fundas valas de escoamento. A entrada de garagem passava por uma abertura estreita no muro de pedra e era bloqueada por uma corrente, que Kate viu estar presa por um cadeado. Numa das colunas de pedra havia uma plaquinha esmaltada branca, com o número 141 em preto. Decididamente, essa era a Rue des Pins, no 141, Bigonville, Luxemburgo. A sede da LuxTrade S.A.

Kate tinha parado por completo no meio da estrada. Não havia como se demorar por ali, não havia jeito de espreitar aquela casa nem seus habitantes ou suas visitas. Ela olhou em volta, à esquerda e à direita, à frente e atrás: nenhuma área onde se esconder a menos de um quilômetro, em qualquer direção. Era impossível espionar furtivamente aquela casa.

Era uma sede estranha para uma companhia com capital de 25 milhões de euros. O que aquilo parecia era um esconderijo.

Havia uma dúzia de mães na noitada das mães, sentadas em banquetas de bar em volta de uma mesa alta. Em menos de meia hora, quase todas estavam para lá de bêbadas.

Essa saída deveria tirar da cabeça de Kate aquela situação impossível. Além disso, ela precisava manter uma fachada de vida normal. Isso fizera parte do seu treinamento, parte da sua carreira, parte dela mesma: houvesse o que houvesse, era preciso viver como uma pessoa normal. Fazer coisas normais, ver gente normal. Não dar motivo a ninguém para questioná-la, investigá-la. Não dar nenhuma resposta que alimentasse perguntas bisbilhoteiras depois de ela sumir. Não criar nenhuma suspeita de que ela não fosse quem dizia ser.

Os mexericos corriam na mesa, infundados, maldosos. O marido de fulana estava traçando a secretária. A babá de beltrana era a piranha da escola. Sabem aquela família tcheca que parecia riquíssima? Na miséria. E aquela texana vulgar e espalhafatosa com três filhos? Está fazendo tratamento de fertilização para ter o quarto.

Fulano de tal era isso e aquilo.

Kate não conseguia parar de tentar montar o quebra-cabeça do que seu marido vinha aprontando. E onde é que teria conseguido arranjar milhões de euros senão fazendo exatamente o que o FBI suspeitava: roubando? Quando não havia ninguém prestando atenção, colocou discretamente 10 euros na mesa e se

afastou como se fosse ao toalete. Mas se dirigiu à porta, pegou o guarda-chuva no suporte e saiu para a rua e a névoa, para a luz etérea dos postes, para o chocallar do rio que corria ali perto, cheio de neve derretida.

Havia um punhado de bares aglomerados nas imediações da ponte de Grund, cada um com seu microclima de fumaça e ruído, o som do jogo de rúgbi na televisão num deles, o de música pop europeia em outro e o de adolescentes desleixadamente bêbados num terceiro, onde uma placa proibia com clareza a entrada de menores de 16 anos – com isso atraindo todos os jovens de 16 anos da cidade.

Kate atravessou a ponte e entrou no longo e bem iluminado túnel escavado nas profundezas da rocha sobre a qual se erguia a haute ville; as paredes sem acabamento eram cheias de trabalhos artísticos inspirados em outras obras e havia um vago cheiro de urina, como em todos os túneis urbanos, até nas cidades mais bem cuidadas. Eram trinta metros de subida para seu bairro por cima dessa formação rochosa – um bom exercício, se ela subisse pela ladeira da Rue Large, mas nessa noite Kate não queria se exercitar. Queria respostas, não aeróbica. Queria ficar em casa, a sós com seus pensamentos. Havia uma babá a quem pagar e liberar, e um marido jogando tênis com o agente do FBI que o estava investigando. Que confusão desgraçada.

Um pequeno grupo saltou do elevador que chegou: dois adolescentes, uma dupla de sujeitos com jeito de banqueiros, uma mulher desacompanhada, que olhou para Kate com uma espécie de solidariedade.

Kate ficou sozinha no elevador, esperando que ele subisse. Ouviu passos no túnel, alguém se apressando. Pareciam de homem – batidas pesadas, passadas longas. Ela apertou repetidas vezes o botão, num gesto irracional e inútil, mas ao menos uma ação.

As portas se cerraram no momento em que o homem chegou e tentou introduzir o braço no espaço que se fechava, entre os painéis de aço, mas, por uma fração de segundo, foi tarde demais.

O elevador era lento, roncava e gemia nos cabos. Kate saltou no platô de Saint-Esprit, o conjunto arquitetônico do governo, com os tribunais de justiça, os órgãos de governo, a praça no centro de todas as construções ultralimpas, tudo bem iluminado, mas deserto, silencioso.

Ela se apressou pelo calçamento de pedra. Passou por uma boate, a batida da música soando no interior, mas ninguém do lado de fora. Dobrou uma esquina e subiu para outra praça. Nessa havia um bar, uma fonte, um restaurante fino, um táxi parado. Um casal de meia-idade saiu do restaurante e entrou no táxi.

Kate deu uma olhadela para trás: ninguém. Atravessou rapidamente a praça e entrou numa rua de pavimento arrancado, onde o equipamento de construção descansava em buracos fundos na terra.

Ouviu passos às suas costas.

Apressou-se, andando o mais rápido que podia. Correu por uma ou duas passadas, reduziu para a marcha acelerada, foi alternando as duas opções. Passou por um cruzamento com um movimentado restaurante italiano à direita e o palácio do grão-duque à esquerda e se deu conta de que estava prestes a passar sob as janelas dos Maclean.

A pessoa às suas costas era um homem, decididamente, e seus sapatos batiam depressa nas pedras, acompanhando o ritmo dela. Kate olhou para trás. Um casacão escuro, chapéu de aba. Seria o mesmo homem do túnel? Idade e estatura indeterminados, escondidos na noite. Tudo indeterminado.

Ela olhou para o restaurante italiano e considerou uma entrada rápida, em busca de proteção. Porém continuou a andar, mais ligeiro. Passou por um restaurante chinês e um bar, cortou caminho por uma ruela íngreme – o atalho mais curto para sua casa, porém, infelizmente, o mais sinistro – e desatou propriamente a correr, desajeitada e sem firmeza sobre os saltos altos nos paralelepípedos molhados e irregulares. Levou a mão a um muro de estuque, para não cair. Arranhou os dedos na superfície áspera. Dobrou uma esquina a toda a velocidade, fincando o guarda-chuva no chão para ajudá-la a girar, toda a concentração voltada para a frente, para casa, agora quase em disparada. Deu uma olhadela numa passagem escura e mudou de ideia.

Escondeu-se na passagem, que dava para a porta de entrada de um prédio semelhante ao seu: mais uma estrutura medieval reformada a ponto de se tornar irreconhecível, as paredes de pedra cobertas de argamassa, a madeira substituída, janelas de vidro duplo instaladas, chapas impermeabilizantes modernas colocadas em volta das chaminés.

Encostou bem o corpo na parede, esperando, escondida, calada.

Os passos ficaram mais altos, batendo ritmados nas pedras, e veio o som de um escorregão na ladeira íngreme, e então ele estava quase chegando, a três segundos de distância, depois dois, depois...

Kate girou o corpo para se afastar da parede e entrar na rua estreita, braço direito levantado, o impulso do giro ajudando-a a soltá-lo com o máximo de velocidade, a mão direita bem esticada na horizontal, num movimento firme, e, quando a mão fez contato com o pescoço do homem, ela sustentou a cutelada, vencendo a resistência da carne e dos ossos.

O homem tombou de joelhos, levando as mãos ao pescoço, lutando para respirar. Kate segurou o guarda-chuva com as duas mãos e o girou, de forma que a curva do cabo de madeira ficasse voltada para fora no golpe que acertou o sujeito no dorso da cabeça, bem no meio, jogando o homem de cara nos paralelepípedos e, provavelmente, quebrando seu nariz.

Kate ajoelhou ao lado dele e confirmou que estava inconsciente, mas vivo. Notou que não usava chapéu. Esse não era o homem que estivera no seu encaixo, trinta segundos antes.

Examinou o bolso interno do paletó dele e pegou sua carteira. Acabara de nocautear um advogado suíço que morava no seu quarteirão.

Hoje, 16h57 Faz muito tempo que Kate não porta uma arma, passando pela polícia e pelas câmeras de segurança e tentando não ficar nervosa.

É uma sensação conhecida, como uma lesão antiga que se agrava-se.

Olha para a tela pendurada no alto da plataforma do metrô. O próximo trem da Linha 12 com destino a La Chapelle deve chegar dentro de um minuto e o seguinte, em quatro minutos. Vai esperar o segundo. Precisa estar no trem da Linha 12 que chegue às cinco horas ou depois.

Corre os olhos pela plataforma. Brinca com a ideia de tentar descobrir quem é a pessoa que a está seguindo, mas não faz sentido. Compreende a precaução deles. Precisam ter certeza de que ela mesma não está sendo seguida e de que não está mancomunada com nenhuma pessoa execrável, ou com ninguém, a rigor. E que não está tentando escapar de alguém ou de alguma coisa. Portanto, não importa quem a esteja seguindo.

Folheia as páginas da Paris Match, com fotografias de todas as pessoas que espera encontrar nas páginas da revista.

Antigamente, ela desconfiava que os mexericos franceses sobre as celebridades seriam diferentes da versão americana. Agora, depois de um ano morando na França, sabe que não são.

O segundo trem vem mais cheio que o primeiro, o número de usuários crescendo devido à virada da hora. Não há lugar para Kate se sentar. Ela se encosta na parede perto de uma porta, equilibrando o peso do corpo, e começa a se inquietar.

Agora não consegue evitar: quer saber quem a está seguindo. Examina o sortimento normal de pessoas encontráveis num vagão de metrô das cinco horas. Ninguém sustenta seu olhar por muito tempo e ninguém o evita claramente. Pode ser qualquer uma dessas pessoas. Pode não ser nenhuma.

O trem faz uma parada em Solférino e não há grandes modificações. Depois, Assemblée Nationale. Nada, ainda. Em seguida, Concorde: a composição entra devagar nessa estação ampla e movimentada, de plataforma repleta, onde os passageiros à espera andam em direção ao trem ainda em movimento. Kate ouve uma voz masculina, baixa e grave, no instante em que as portas se abrem: – Faça a transferência aqui. Vá para o Beaubourg, para o café da cobertura.

A porta está aberta e ela sai.

Nem chegou a olhar para o homem que lhe deu as instruções; nem sequer tentou. Ele já se afastara no momento em que seu último som ainda pairava no ar, decidido a ser um sopro de sussurro na barulheira da multidão.

Kate percorre o caminho para a baldeação, sobe e desce escadas, faz curvas, passa por longos túneis que se fundem com outros mais compridos, até

que finalmente se vê na plataforma quando o trem da linha I entra na estação, abarrotado nessa linha que é a mais central, com multidões de fim de expediente fluindo para os vagões a cada uma das cinco paradas incômodas, gente empurrando e se apressando, até Kate se deixar levar pela massa densa, um eflúvio humano, na estação Hôtel de Ville.

Está na rua, caminhando para longe do rio, quando a gigantesca estrutura do Centro Pompidou avulta à sua frente, sem aviso, em cores primárias e aço cintilante contra o luminoso céu azul de fim de tarde.

Kate paga seu ingresso e entra num elevador, a única passageira.

Sabe circular por esse museu. É um dos lugares que costuma frequentar com Dexter, para visitar uma nova exposição durante uma hora, antes do almoço no restaurante da cobertura, de onde se tem a melhor vista de toda a margem direita do rio Sena.

Entra no restaurante, cumprimenta a garçonete com um aceno da cabeça e vai para a mesa de canto no extremo oposto. Há uma garrafa de água mineral na mesa, dois copos, um cliente.

Uma mulher de outra mesa lhe lança uma olhadela rápida e torna a se virar para sua xícara de café. O homem que a acompanha examina as unhas. Equipe de reforço.

A pulsação de Kate acelera. Ela tem uma consciência fugaz da pistola que traz no compartimento secreto no fundo de sua bolsa e das outras armas escondidas, espalhadas por bolsas e coldres pendurados no ombro, ali em cima, nesse restaurante refinado, sob paletós de corte largo, talhados para ocultar as armas sempre presentes.

Hayden se levanta para lhe dar um beijo, face roçando face, e a barba por fazer de fim de tarde arranha a pele de Kate, ressecada pelo longo verão ao ar livre e por seu desprezo geral pelos filtros solares. O hálito dele recende a café e a bala de hortelã.

– Outro museu – comenta Kate, sentando-se. – Você é um grande fã das artes, não é?

– É uma das minhas principais razões de morar na Europa.

– Sim.

– E a sua, qual é?

– A aventura.

– Ah. É claro. Todos adoramos aventura, não é? Hayden lhe serve um copo de água, cujas borbulhas sibilam baixinho. Ele dá o mais ínfimo dos sorrisos irônicos, dos quais parece possuir uma variedade infinita.

– Muito bem. Você mencionou alguma coisa sobre um dinheirinho roubado.

Kate bebe um gole d'água, acalmando-se, preparando-se para ser firme, sem hesitação. Para não se deixar manipular, não se deixar tapear.

– Sim – responde.

Descansa o copo na mesa e volta os olhos para Hayden.

– Mas quero uma coisa em troca.

Ele balança a cabeça, assentindo.

– Duas coisas, na verdade.

A porta tinha a identificação registre de commerce et des sociétés, num pequeno prédio comercial novo, numa rua em que Kate nunca tinha entrado nem pensado em entrar. Uma mulher sentava-se atrás de uma escrivaninha, de um computador e de um par de óculos angulosos, com armação magenta.

Kate havia decorado novas palavras do vocabulário e verificado as conjugações verbais. Levava até um dicionário de bolso, no bolso, é claro. Esperava muita linguagem desconhecida no registro nacional de empresas. Mas, depois de sua primeira frase em francês, a mulher respondeu diretamente: – É claro. Qual é o nome da empresa, por favor? – LuxTrade.

A mulher digitou e pressionou com autoridade a tecla enter.

– O presidente e diretor geral – disse – é monsieur Dexter Moore.

– Há alguma coisa que a senhora possa me dizer sobre a companhia? –

Ela é descrita como uma empresa de investimentos no mercado financeiro.

– Quando foi fundada? – Não sei.

– Desculpe-me, eu queria dizer: quando foi registrada aqui em

Luxemburgo? A mulher olhou para a tela: – Outubro retrasado.

– Obrigada. Há mais alguma informação que a senhora possa me dar? – Não há mais nada.

Kate deu meia-volta para se afastar, parou e se virou outra vez: – A senhora quis dizer “outubro passado”, três meses atrás, não foi? – Não, senhora. A LuxTrade foi registrada em Luxemburgo há quinze meses.

Quinze meses? Isso tinha sido um ano antes de eles se mudarem para Luxemburgo. Tinha sido na ocasião em que Dexter deixara o emprego no banco para trabalhar como autônomo. Aparentemente, era quando ele havia iniciado o plano de roubar uma quantia imensa em dinheiro e escondê-la em Luxemburgo. Quinze meses.

Kate foi caminhando aturdida para a garagem do shopping pela avenida JFK, larga e veloz, cercada por prédios comerciais de vidro e aço e por carros de vidro e aço, formas e tamanhos diferentes de embalagens da vida humana, uma pedestre numa via não feita para pedestres. Caminhando contra o vento duro e frio, doloroso quando soprava.

O bulevar era ladeado por escritórios bancários, sociedades anônimas e companhias limitadas, as diferentes configurações disponíveis para proteger de impostos e processos judiciais os lucros obtidos. Havia guindastes e escavadeiras por toda parte, novas construções de arranha-céus comerciais em volta do novo museu de arte, do novo teatro de ópera, do novo centro de esportes, de todos os novos espaços públicos financiados pelos míseros impostos incidentes sobre o dinheiro novo que achava o caminho dali, todos os dias, para se esconder. Como os 25 milhões de euros da LuxTrade.

Kate subiu a escada e entrou no centro comercial de vidro e aço, passando alguns segundos entre gente viva e pulsante antes de descer sozinha no grande elevador de vidro e aço, sem outra pessoa à vista.

Dexter tinha registrado a LuxTrade, uma empresa de investimentos – seria mesmo? –, ali em Luxemburgo, fazia quinze meses. Como era possível? Kate ouviu pneus cantando, o zumbido de um motor, uma batida de porta.

Caminhou dentro da faixa pintada que demarcava a trilha para pedestres, seguindo as regras, olhando em volta, escutando.

Num ponto distante, o som estridente de um carrinho de compras sendo encaixado numa longa fila de outros.

Kate andou em direção ao ponto em que julgava estar seu carro. Ouviu passos, não muito longe, mas não viu ninguém. Descartou o medo que passou em disparada por seu cérebro, mas pensou melhor e aceitou o temor. Olhou outra vez em volta, com mais cuidado, os ouvidos atentos a outros ruídos, de preferência sons normais e reconfortantes, mas também os anormais e assustadores.

Era um estacionamento em Luxemburgo, ao meio-dia. Mais seguro que quase qualquer lugar em Washington, a qualquer hora de qualquer dia. Para não falar de todos os outros lugares perigosos em que ela havia passado a maior parte da carreira.

Levava a chave na mão, os olhos correndo de um lado para outro. Ouviu passos e uma mala fechando, um carro acelerando na subida da rampa, o tilintar de um carrinho de compras com uma roda bamba, e então viu – graças a Deus – seu carro. O estalido das portas sendo destrancadas, seu coração em disparada, ela atrás do volante. Ligou a ignição, engatou a marcha, soltou o freio de mão e acelerou, para tratar de cair fora dali, e sentiu o medo ser superado pela vergonha – como podia ter tanto medo do estacionamento Auchan? Baixou o vidro para inserir o tíquete de estacionamento no aparelho, a cancela subiu, e ali estava a rampa ascendendo para a luz do dia, saindo para a...

Um farfalhar, um movimento e uma voz no banco traseiro, um grunhido grave.

– Vire na próxima à direita – ordenou ele.

Kate considerou suas alternativas. Podia meter o pé no freio, abrir a porta e pular para fora do carro, correr pelo meio da rua e chamar a polícia.

Ou se recusar a ir a qualquer lugar, até que ele se explicasse.

Ou enfiar a mão na bolsa, no bolso do carona, sacar a Beretta, virar-se para trás e meter umas balas nesse agente do FBI.

Ou podia ouvir o que ele tinha a dizer.

– Para onde vamos? Bill não respondeu, sentado no meio do banco traseiro, olhos grudados nos dela pelo retrovisor.

Kate fez a curva com o carro, conforme as instruções, depois tornou a virar, contornando a monstruosa rotatória com a escultura de aço no centro.

Alguém tinha dito que era uma obra de Richard Serra, mas isso não fazia muito sentido para ela. Parou o carro onde foi mandada, algumas dezenas de metros depois do círculo de tráfego, ao lado de uma faixa estreita de jardim de um parque público, uma ladeira comprida com bancos e postes de iluminação, e um senhor idoso passeando com um cãozinho.

– Vamos saltar – disse Bill.

Ele a conduziu a um banco próximo. Era um local escancarado, totalmente público; seria difícil imaginar que não fosse seguro. A ideia, Kate tinha certeza, era essa.

Bill sentou-se. Kate pensou em se dirigir a um banco diferente, escolhido ao acaso, não de forma premeditada. Mas esse fora escolhido ao acaso, não? Estava começando a ficar difícil separar suas decisões das que eram tomadas por outras pessoas, em lugar dela, mas em benefício próprio.

Passou um carro, logo atrás de outro. Um deles parecia ser o da Amber. Kate já estivera nessa rua, passara por esse parque. Todos dirigiam por essa rua.

– Vão pensar que estamos tendo um caso – comentou Kate.

Sentou-se ao lado de Bill nas tábuas frias da madeira tratada.

– Seria melhor do que a verdade.

Um carro conhecido chegou. Kate ficou tensa, o pensamento atraído pela arma em sua bolsa. Julia desceu do automóvel, andou até o banco e se sentou do outro lado de Bill.

– Oi, Kate.

Aquele meio sorrisinho tenso de pessoas que se cumprimentam num funeral.

Kate não disse nada.

– Você acha que uma bichinha como o Kyle Finley poderia entrar nos arquivos conjuntos do FBI e da Interpol sem que ninguém soubesse? – perguntou Bill. – Sem que ninguém alertasse os agentes de campo? Kate olhou para ele, depois para Julia, novamente para Bill. Compreendeu então que os dois a estavam confrontando e que poderia obter informações deles. O que tinha de fazer era não fornecer nenhuma.

– Aonde você quer chegar? – Escute – disse Bill. – Não há maneira fácil de prepará-la para isto.

Kate riu.

– Acho que você já está preparada. Pois então, lá vai: Kate, seu marido é um ladrão.

Kate se surpreendeu com sua surpresa ao ouvir a afirmação abertamente, feita pelos próprios investigadores. Foi um raro momento de clareza, de certeza. Se nada mais acontecesse ali, pelo menos ela já teria a certeza de que esse homem acreditava no que acabara de dizer.

– Diga-me o que você acha que sabe.

– Até onde posso dizer, ele cometeu o primeiro crime no último verão, quando vocês moravam em Washington. Roubou 1 milhão de dólares, desviando uma transação eletrônica.

Kate não reagiu.

– Houve alguns sinais na trilha eletrônica – continuou Bill –, pistas de que o dinheiro roubado tinha ido para Andorra, mas de que o furto fora praticado de um computador nos Estados Unidos. Assim, começamos a examinar o perfil dos americanos que chegavam ao aeroporto de Barcelona, o mais próximo de Andorra, que não tem nenhum.

– Nenhum o quê? – perguntou Kate, ganhando uma pausa na história, para poder recordar o verão anterior, a viagem de Dexter a Barcelona, avisada de última hora...

– Aeroporto – respondeu Bill. – Andorra não tem aeroporto. Assim, quatro dias depois do desvio do dinheiro, um dos americanos que chegaram a Barcelona veio a ser o homem que era um dos principais especialistas do mundo inteiro no campo de segurança em transações eletrônicas.

Kate cruzou os braços.

– Esse homem alugou um carro para seguir viagem de Barcelona, um trajeto de três horas, e regressou no dia seguinte. Automóvel caro. Sabe onde ele foi? Kate deu uma olhada para Julia, que a observava atentamente.

– Esse homem levou esse carro alugado para Andorra por um dia, depois voltou para o aeroporto e para casa, nos Estados Unidos. Em seguida, comprou passagens de avião para Frankfurt. Quatro passagens aéreas: dois adultos, duas crianças. Pôs a casa para alugar. Colocou o carro à venda. E a mulher dele? Pediu demissão do emprego.

Kate olhou nos olhos de Bill e viu que ele sabia quem ela era, o que fazia. O que fizera no passado.

Olhou para Julia. Ambos sabiam.

– O que lhe parece? – perguntou Bill.

Kate desviou o rosto e observou um trio de carros descendo a ladeira. O trânsito havia aumentado, na rua já movimentada.

– Parece um criminoso em fuga – ele respondeu à própria pergunta. – Já tínhamos uma equipe investigando o roubo do milhão de dólares, mas entramos em contato com a Interpol e transformamos a coisa numa operação conjunta, para podermos seguir o suspeito na Europa, com plena autoridade e acesso. Nós...

– Por quê? – Por que o quê? – Por que vocês o seguiram? Ele roubou... quanto é que vocês alegam: 1 milhão de dólares? Há sempre alguém roubando 1 milhão de dólares. Por que isso justificava seguir uma pessoa no exterior? – Porque não conseguimos descobrir como foi que ele agiu.

Kate não entendeu. Percebeu que estava deixando escapar alguma coisa.

Balançou a cabeça.

Julia interveio: – Já que não conseguíamos saber de que modo ele tinha agido, também não podíamos descobrir o que o impediria de agir de novo. De roubar qualquer soma em dinheiro, a qualquer momento em que alguém fizesse uma transferência em qualquer parte do mundo.

Ah. Isso certamente justificava a montagem de uma operaçãozinha secreta modesta.

– E foi exatamente o que aconteceu – disse Julia, inclinando-se para a frente. – Em novembro... no dia de Ação de Graças, na verdade. Lembra-se do seu dia de Ação de Graças, Kate? Kate fuzilou essa mulher com os olhos. Essa destruidora de lares.

– Aposto que você ficou bem zangada. Seu marido se ausentou numa viagem de negócios – falou, desenhando as aspas no ar. – Ele lhe disse que ia sozinho? Kate não ia revelar nada. Esfregou as mãos para aquecê-las. Parecia estar ficando mais frio a cada segundo.

– Bem...

Julia encolheu os ombros. Enfiou a mão na bolsa e puxou um envelope grande de papel pardo. Tirou alguma coisa de seu interior, documentos, talvez.

– Ele esteve em Zurique – prosseguiu, jogando a pilha para Kate. – Com outra mulher.

Kate pegou a pilha de fotos instantâneas, anotadas a caneta, com rabiscos de datas, locais e nomes.

Dexter com homens de aparência suspeita num café em Sarajevo. Dexter em bancos de Andorra e de Zurique. Dexter numa boate em Londres, com uma mulher lindíssima. Kate virou essa foto e viu a data e o nome no verso: Marlena.

– O que é isso? – perguntou, lutando para manter a compostura, para não desmoronar nesse exato momento, completamente e, quem sabe, em caráter permanente.

Não havia esperado que a tal Marlena fosse do quilate das supermodelos.

– O que é que isso prova? – Cada uma dessas fotos prova uma coisa diferente. Juntas ela compõem a verdade.

Kate não conseguia tirar os olhos de uma foto de Zurique, de junho do ano anterior: Dexter num balcão de joalheria, inclinado sobre o vidro, parado ao lado daquela linda criatura, sorrindo para ela. Marlena. E atrás dessa foto havia mais cenas de Zurique: Marlena e Dexter entrando e saindo de um saguão de hotel, do elevador do hotel. Fazendo uma refeição no salão de jantar. Tomando café da manhã. E depois, em Londres, num restaurante, na escada de uma casa de vila revestida de tijolos pintados de branco.

Kate balançou a cabeça: – É possível fazer qualquer coisa com Photoshop. Não esperava que ficasse tão enciumada, tão inquieta.

– Com uma impressora decente, qualquer um pode fabricar qualquer

história.

Seu celular estava tocando: Claire. Ela apertou o botão ignorar.

– Pode ficar com essas cópias – disse Julia, ignorando solenemente a objeção de Kate, que seria ignorada de qualquer forma. – Compare-as com as anotações de sua agenda. Seus e-mails, contas telefônicas, o que for. Você verá que o Dexter sempre esteve nos lugares em que dizemos que estava.

Abrindo contas bancárias, uma atrás da outra, contas numeradas por toda a Europa. E se encontrando com essa mulher.

– Vocês poderiam ter montado tudo isso depois das viagens dele – retrucou Kate.

Estava lutando para não acreditar que Dexter vinha levando uma vida dupla de criminoso, com outra mulher que morava em Zurique ou Londres. Não era uma conclusão totalmente inevitável, mas chegava bem perto disso.

– E, quando estive em Zurique – prosseguiu Julia –, ele repetiu a dose. Só que, dessa vez, roubou 25 milhões de euros.

O rosto de Bill se sobressaltou, com um rápido franzir do cenho, um espremer dos olhos.

– Quanto? – perguntou Kate.

Lembrou-se de se fazer de surpresa, tentou estampar a surpresa no rosto.

– Isso mesmo, 25 milhões – repetiu Julia.

A boca de Bill se abriu ligeiramente e os olhos correram para o lado. Mas, em seguida, ele fechou a boca e tornou a fitar Kate.

– Isso é muito dinheiro – disse Kate, embora não fosse tanto quanto Kyle dissera ter sido roubado. – De quem ele o roubaria? – De um traficante de armas sérvio.

Kate baixou os olhos para a fotografia que continuava a segurar. A sensacional Marlena. Mais 25 milhões de euros. Difícil competir com isso.

Afastou essa ideia.

– Quem são vocês, afinal? – perguntou.

– Você sabe quem somos.

– São do FBI, trabalhando com a Interpol? Julia fez que sim.

– Vocês são a força-tarefa de alto nível para crimes cibernéticos.

Seguiram meu marido até Luxemburgo, porque ele é suspeito de ter roubado 25 milhões de euros em novembro do ano passado, mais 1 milhão de dólares no verão anterior.

– Correto.

– E é crucial apanhá-lo, porque vocês não fazem ideia de como detê-lo.

– Sim.

– Por que estão me contando tudo isso? Nenhum dos dois respondeu, à espera de que Kate tirasse a conclusão. Ela olhou de um para outro e entendeu que tivera razão. Entendeu o que estavam tentando fazer.

O telefone voltou a tocar, era Claire de novo. Podia ser alguma coisa importante. O que não era importante? Kate atendeu: – Oi.

– Kate? Está tudo bem? – Ahn... – Que pergunta! – Hum...

– Seus filhos são os últimos na escola. Todas as outras crianças já foram embora.

Merda! Kate olhou para o relógio: quinze minutos depois da hora de buscar os meninos.

– Mil desculpas – disse, desculpando-se com a pessoa errada e se levantando.

Nesse momento compreendeu todo o trânsito recente na rua: eram as mães saindo do shopping para buscar os filhos.

– Obrigada por me telefonar, Claire. Eu chego aí em cinco minutos.

Pôs o telefone no bolso.

– Tenho que buscar meus filhos.

Julia meneou a cabeça, como se estivesse lhe dando permissão, o que deixou Kate furiosa. Ela virou as costas e se afastou, em direção ao carro e ao resgate dos filhos, com a cabeça rodando, num turbilhão que ia se formando em torno de uma nova premissa. Um novo plano.

Kate acordou às duas horas da madrugada. Por alguns minutos, tentou voltar a dormir, mas logo percebeu que não conseguiria e nem queria. Desceu pé ante pé, de penhoar e chinelos, no apartamento frio e silencioso que ecoava segredos, sem jeito de lar. Olhou pela janela para o abismo escuro do vale profundo, as luzes da rua, um ou outro carro que passava em excesso de velocidade pelas geladas ladeiras sinuosas.

Ligou o computador e recomeçou a abrir arquivos. Os mesmos que abria antes, fazia apenas uma semana. E vasculhou as páginas das contas bancárias do casal na web, de novo. Não havia encontrado nada na semana anterior. Não encontraria nada nessa noite. Mas era isso que faria uma esposa desconfiada, quando o marido suspeito estivesse dormindo. Era o que tinha de fazer. O que tinha de ser vista fazendo.

Às quatro horas, fechou o computador. Pegou uma caneta hidrocor de ponta grossa e fez letras grandes, fáceis de ler, para escrever um bilhete curto, que levou consigo para cima. Deu uma espiada nos meninos, como sempre fazia ao passar pelo quarto deles durante a noite. Observou-os por um minuto em seu sono, imersos em sua inocência.

Voltou para o quarto e acendeu uma lâmpada de leitura na mesa de cabeceira. Parou junto à cama, olhando para o marido. Ele estava com a respiração pesada e a boca entreaberta, num sono profundo.

Cutucou-o.

Dexter acordou pestanejando, confuso, olhando para o pedaço de papel que a mulher segurava diante de seu rosto: Silêncio. Vista o casaco e desça comigo para a sacada.

Dez horas depois, Kate subiu os degraus da entrada de lajotas e levantou três dedos para o maître: – Trois, s'il vous plaît.

O homem a conduziu pela área de penumbra do bar até o salão mais iluminado, ao fundo.

Era ali que Kate e Dexter haviam jantado na noite em que assinaram o contrato de aluguel do apartamento. Uma comemoração, com os meninos dormindo aos cuidados do serviço de babás do hotel.

Podia mesmo ter sido menos de seis meses antes? Fazia calor na ocasião. As mesas da parte externa ocupavam os dois lados da rua de paralelepípedos, numa pracinha sob uma árvore frondosa, empoleirada na borda de um penhasco, com uma vista magnífica. Kate e Dexter tinham jantado a uma mesa coberta de branco, à luz do crepúsculo, a rua salpicada de gente jovem em trajés de trabalho, segurando copos, fumando.

Depois do jantar, Dexter segurara a mão de Kate e fizera cócegas em sua palma. Ela se encostara no marido, experimentando a sensação calorosa de seu casamento, a promessa de sexo.

Isso tinha sido no verão no norte da Europa. Nenhum dos dois havia especulado sobre como estaria o local no rigor do inverno.

Kate deslizou para o assento da janela, sentando-se de lado, meio de frente para a paisagem – começava a nevar –, meio voltada para o salão com ar de boate, papel de parede sombrio, arandelas com cúpula, móveis pesados e escuros, tudo obliquamente iluminado pela luz prateada do dia sem sol. Pôs a bolsa a seu lado no banco, pesada com o fardo da Beretta.

Como de costume em Luxemburgo, a garçonete depositou os cardápios na mesa dizendo “por favor”. Wann ech gelift.

Quase todas as mesas estavam ocupadas por homens, aos pares ou em grupos de quatro, de paletó e gravata. Do outro lado do salão, uma mulher sentava-se sozinha. Jogou o cabelo para trás e deu uma olhada em volta, tentando não só chamar atenção, mas também monitorar qualquer atenção que conseguisse atrair. Uma manobra que só seria tentada por uma moça solteira e sem atrativos.

Todos se portavam como manda o figurino.

Julia e Bill pararam diante da porta, de cara amarrada.

A própria Kate tinha que sustentar seu papel, ser fiel a seu personagem.

– Olá – Julia a cumprimentou, pondo o casaco numa cadeira vazia. – E então, você queria falar conosco? Portava-se como se aquilo fosse uma reunião de negócios para resolver um problema persistente.

A garçonete pairava por perto. Eles pediram a bebida. Quando a moça já não podia ouvi-la, Kate disse, em tom categórico: – Vocês estão errados.

Julia assentiu, como quem concorda com uma ótima ideia, uma proposta para um piquenique à margem do lago num dia claro de primavera: – O problema, Kate – sorriu de forma condescendente –, é que não podemos localizar nenhum registro de contrato de trabalho do Dexter com nenhum banco.

Kate ficou surpresa com a irrelevância desse detalhe administrativo. Ainda visualizava o contrato de trabalho em questão, guardado naquele arquivo de aparência inofensiva sobre o refinanciamento da hipoteca. Mas então lhe ocorreu a lembrança do funcionário da embaixada dizendo que as autoridades americanas deveriam ter recebido uma cópia do visto de trabalho de Dexter, fornecida por seu empregador. Aquilo não era um pequeno detalhe administrativo: era parte das provas deles.

– O trabalho do Dexter é confidencial – disse Kate, contribuindo com seu próprio argumento irrelevante.

– Também não há registro – prosseguiu Julia, como um trem de carga começando a rodar – de como é gerada a renda dele. Verificamos sua conta bancária, é claro. Digo, sua conta bancária normal, a que vocês abriram no nome dos dois, com cartões de crédito e cartões de saque e extratos enviados ao seu apartamento. Por isso, podemos ver a renda entrando e as despesas saindo

regularmente. Mas o que não conseguimos ver é de onde vem a receita.

Julia fez uma pausa, olhos cravados em Kate, deixando a informação ser assimilada, antes de esclarecer: – As transferências são feitas de uma conta numerada. Sem nome, anônima.

– Parece que essa é a ideia do sistema bancário de Luxemburgo, não? Sigilo.

– Você conheceu algum colega dele? – perguntou Julia, continuando a ignorar a participação de Kate na conversa. – Algum dia já viu o contrato de trabalho do Dexter? Era a primeira alegação que Kate podia refutar. De fato tinha visto esse contrato, um documento sucinto, sem maior destaque, que o marido havia escondido dentro de uma pasta com uma etiqueta enganosa. Mas permaneceu calada.

– Já viu algum contracheque? Ele recebeu alguma coisa do patrão pelo correio? Preencheu algum papel? Formulários de seguro de vida? Kate olhou para a mesa antiga e desgastada. É claro que o contrato poderia ser falso. Era falso.

– Algum cartão de visitas? Um cartão de crédito empresarial? Um cartão magnético para entrar no escritório? A garçonete serviu as bebidas, produzindo baques altos na mesa: duas Cocas light e uma cerveja, depositadas no tampo de madeira descoberto.

– Você já viu alguma coisa, qualquer coisa, capaz de provar... nem digo provar, isso seria demais... capaz de indicar que seu marido trabalhe para alguma empresa? Julia pegou seu refrigerante e tomou um gole. Não deu seguimento ao ataque.

– É uma coleção e tanto de provas circunstanciais – disse Kate.

– As provas circunstanciais podem não ser suficientes para uma condenação, mas quase sempre bastam para revelar a verdade. Não é? – Provas circunstanciais para respaldar acusações incabíveis.

– Respalda conclusões inevitáveis, na verdade – retrucou Julia, que fitava Kate com firmeza e completa convicção, procurando transmitir sua certeza para o outro lado da mesa.

Kate desviou os olhos e contemplou pela janela a neve rodopiante.

– O que vocês querem? – perguntou. – De mim.

Após um longo silêncio, Julia respondeu, dizendo exatamente o que Kate esperava: – Queremos que você nos ajude.

– Dexter.

Ele levantou os olhos do tira-gosto que ia espetando com o garfo, uma coisa qualquer com molho de não sei quê. Esse era tido como o restaurante mais requintado do país. O chef tinha recebido o prêmio mais prestigioso do mundo. Isso fazia muito tempo, mas, ainda assim...

– Eu sei – disse Kate.

Seu corpo inteiro formigava, arrepiava-se de ansiedade. Seria uma conversa difícil, com muita coisa em risco.

– Sabe o quê? – perguntou ele, pondo na boca o alimento não identificado.

– Sei que você não é consultor de segurança.

Dexter a encarou, mastigando seu óvni devagar: – Não sei se entendi o que você quer dizer.

– Sei da conta bancária secreta.

Ele parou de mastigar por um momento, depois recomeçou, com ar pensativo.

Kate mordeu a língua. A bola estava com ele e ela esperaria. Dexter engoliu. Pegou o guardanapo no colo e limpou os cantos da boca.

– O que você acha que sabe? – indagou.

– Não tente negar.

A frase soou um pouco mais agressiva do que ela pretendia.

– Quem andou lhe dizendo o quê, exatamente? Havia amplo espaço entre as mesas. Ali eles tinham privacidade, mesmo em meio a uma aglomeração de pessoas em trajes formais, gravatas e ternos escuros, pérolas e bolsas de couro.

– Ninguém precisou me dizer. Eu descobri a conta com os 25 milhões de euros, Dexter.

– Não, não descobriu – disse ele, devagar e com calma, munindo-se de força. – Porque ela não existe. Não tenho uma conta com 25 milhões de euros.

Kate o encarou com sua mentira e Dexter retribuiu o olhar.

– Quem falou com você, Kat? Ela deu um resmungo.

– Quem? – Bill e Julia. Eles são do FBI, emprestados à Interpol.

Dexter pareceu pensar nisso.

– Eles vieram para cá, para Luxemburgo, atrás de você, Dexter. É uma grande operação, para um grande crime, e você é o suspeito.

Um par de garçons aguardava com os pratos na mão. Pousaram a louça branca na mesa e, de forma sincronizada, ergueram as redomas de prata que a cobriam. Um dos garçons explicou o prato, no que talvez fosse inglês, ou possivelmente suáli. Kate não prestou a menor atenção.

– Você roubou esse dinheiro, Dexter? Ele a encarou.

– Dex? Ele baixou os olhos para o prato e apanhou o garfo: – Depois que comermos isto – disse –, vamos dar um pulo ao toailete.

Dexter trancou a porta: – Mostre que não está usando escuta.

Kate o encarou, mas não disse nem fez nada.

– Mostre.

– Você não vai fazer isso.

– Tenho que fazer.

Kate se surpreendeu com a sensação invasiva disso. Mas, é claro, era o que alguém como ele faria.

Portanto, era o que Dexter tinha de fazer.

Ela tirou a blusa. Fazia muito tempo que não era revistada. E lá estava isso acontecendo duas vezes na mesma semana. Abriu o zíper da saia, deixou-a cair, pisou fora dela. Dexter apalpou o forro, o zíper. Não reconheceria um grampo de escuta nem se ele estivesse diante de seu nariz.

O marido lhe devolveu as peças de roupa.

Nos últimos tempos, os transmissores podiam ser qualquer coisa, de qualquer tamanho, instalada em qualquer lugar. O que ela estava usando, por exemplo: um disquinho afixado à base de seu relógio de pulso. O presente que Dexter lhe dera, fazia apenas duas semanas, na manhã de Natal nos Alpes, primorosamente embrulhado em papel xadrez em tons terrosos, com uma sóbria fita de seda, pelo joalheiro da Rue de la Boucherie. O relógio produzido na Suíça, transportado de caminhão para um distribuidor na Holanda, buscado num furgão pela butik de Luxemburgo, depois levado de avião por Dexter de volta à Suíça, para ser desembulhado por Kate na França, a 50 quilômetros de onde fora fabricado, e de novo levado de avião a Luxemburgo, onde, no banheiro masculino de um pequeno restaurante no centro da cidade, fora aperfeiçoado por um agente secreto do FBI, para depois passar despercebido a um semicriminoso americano, ali, naquele momento, num toailete de paredes revestidas de papel prateado.

Kate começou a fechar o zíper e a abotoar a roupa.

Dexter abriu a bolsa dela e a vasculhou: batom e pó compacto e celular, canetas e chaves e um pacotinho de chiclete e sabe-se lá o que mais, tudo possivelmente gravando ou transmitindo.

Impossível liberar por completo aquela bolsa, num exame tão superficial.

Kate deixara a Beretta no apartamento.

– Vou pôr sua bolsa no carro – avisou Dexter. – Encontro você na mesa.

Ela saiu do toailete para o corredor aos tropeços. Equilibrou-se na parede antes de dar outro passo no carpete felpudo.

A coisa era muito mais difícil do que ela havia esperado. Já estivera em situações parecidas. Mas nunca com o marido. Por muitas razões, tinha achado que seria mais fácil desta vez.

Tentou manter a compostura. Tomou um gole de vinho, depois um gole de água. Limpou a boca no guardanapo, brincou com o garfo, massageou a ponte do nariz.

Dexter voltou ao salão do restaurante: – Desculpe, eu não queria fazer aquilo.

Os garçons depositaram imensas tigelas brancas na toalha alva. O prato de sopa. Algumas colheradas de líquido, encimadas pelo que parecia ser carne de lãgosta.

– Você entende que fui obrigado? Kate fitou a sopa.

– Em primeiro lugar – disse Dexter –, não sei nada sobre 25 milhões de euros.

Como haviam combinado na noite anterior, ao elaborarem o roteiro desse diálogo em sua sacada fria, haveria três grandes mentiras em sua conversa. Essa era a primeira.

– E, na verdade, não roubei dinheiro algum de ninguém.

Era a segunda.

– Mas admito que nem tudo é inteiramente legal na forma como venho ganhando a vida.

– Então você não é consultor de segurança? – Não, não sou mais. Eu especulo no mercado de ações. Fazia uns anos que vinha experimentando, era um passatempo. E aí, há um ano e meio, tive uma seqüência de sucessos e estava farto do meu trabalho e... desculpe, Kate... eu pedi demissão.

Um cumim retirou os pratos, alisou a toalha e se afastou.

– Então o que você faz que é ilegal? – Eu invado computadores de empresas para ter acesso a informações privilegiadas. E as uso para garantir o lucro das minhas transações.

Essa era a terceira mentira, dita com firmeza e calma. Boa encenação.

Um garçom se aproximou para averiguar se estava tudo bem. Pergunta ridícula.

– Quanto você já ganhou? – Uns 600 mil euros com essa, ahn, atividade.

Kate deu-lhe um sorrisinho, um aceno encorajador com a cabeça. Os dois minutos anteriores tinham sido a parte mais difícil da conversa, o maior desafio da encenação. Dexter se saíra bem. O resto seria muito mais fácil. Muito mais próximo da verdade.

Cerimoniosamente, os garçons levantaram mais redomas, sob as quais havia pequenos peitos de ave de pele esmaltada, um molho grosso amarronzado e minilegumes. Um jardim de infância inteiro.

– Quem é essa tal Marlena? Eles me mostraram fotografias suas com uma mulher assustadoramente linda.

– Uma prostituta. Ela me ajuda seduzindo os homens e ganhando acesso aos computadores deles. É assim que eu invado os sistemas.

– Isso é um horror.

Dexter não se defendeu.

– Quer dizer que você não tem um emprego de verdade. Mas eu achei um contrato de trabalho escondido num arquivo. É falso? Ele confirmou com um aceno da cabeça.

– Mas você tem visto de trabalho? Estamos aqui legalmente? – Estamos. Eu tenho uma firma aqui.

– Mas houve um problema, não foi? Na época em que chegamos, na embaixada americana.

– O problema é que eu tinha pedido o visto de trabalho muito antes de chegarmos aqui. E, nesse meio-tempo...

– Um meio-tempo de cerca de um ano? – Isso mesmo. Naquele ano, o governo de Luxemburgo começou a mandar cópias dos novos vistos de trabalho às embaixadas estrangeiras, automaticamente. Eu não sabia dessa mudança. Por isso, em condições normais, em setembro, a embaixada deveria ter recebido uma cópia do meu visto, se eu o tivesse recebido quando ela... quando você achou que eu tinha recebido, quando eu disse que teria.

Mas não foi nessa época que o recebi.

– O que vamos fazer em relação a eles? – perguntou Kate.

– Os Maclean? – É.

– Eles não têm como encontrar provas de que eu roubei 25 milhões de euros, porque não roubei.

Logo, não há nada com que nos preocuparmos.

– Como vamos fazer para eles nos deixarem em paz? Para irem embora? – perguntou Kate.

Contemplou o segundo prato de carne: duas minúsculas costeletas de carneiro, perfeitamente rosadas, os ossos dispostos como espadas cruzadas. Um novo vinho, taças do tamanho de uma cabeça de criança, com um fundo escuro de líquido vermelho, um laguinho sangrento de filme de terror numa pedreira abandonada.

– Acho que eles vão embora logo – disse Dexter. – Foi por isso que confrontaram você, depois de...

há quanto tempo estão aqui? Quatro meses? – O que você acha que eles estavam esperando? – Que desencavassem provas. Que gastassem quantias enormes, comprássemos carros, barcos, mansões na Riviera. Hotéis de luxo, passagens de avião de primeira classe, passeios de helicóptero em Mont Blanc. Esperando que fizéssemos qualquer das coisas que faríamos se tivéssemos 25 milhões de euros.

– Então me diga como você acha que isso vai acabar.

– Acho que não precisamos fazer nada de especial. Talvez apenas deixar de ter qualquer relação com o Bill e a Julia.

– Sob que pretexto? – Não precisamos explicar. Eles sabem exatamente por quê.

– Não, não estou falando deles. O que vamos dizer para nossos outros amigos? Dexter deu de ombros. Não se importava, não tinha nenhum amigo, na verdade.

– Bill lhe deu uma cantada? – sugeriu. – Ou Julia em mim? O que você prefere? Kate lembrou-se num flash da festa de Natal da embaixada: Dexter e Julia saindo da cozinha.

– Julia deu em cima de você – respondeu. – É mais importante haver uma

desavença entre nós duas do que entre você e ele.

– Faz sentido.

Kate olhou para a extravagante obra de arte feita de múltiplos componentes de chocolate que havia aparecido à sua frente: – Muito bem. Então, não falamos mais com eles. O que mais? – Cedo ou tarde, provavelmente cedo, eles vão desistir. Não têm nenhuma prova. Não vão descobrir nada, porque não há nada para descobrir.

Kate espetou o garfo na torta com cobertura de chocolate, revelando camadas e mais camadas de texturas e cores, todas escondidas sob a crosta escura e firme, que dava toda a impressão de ser a invenção mais simples do mundo.

– Ai eles irão embora – disse Dexter, rompendo também a casca lisa e marrom e espalhando a doçura pelo prato. – E nunca mais tornaremos a vê-los.

Hoje, 19h03 O homem é o primeiro a ser notado por Kate, vindo do outro lado do cruzamento, de um café maior, mais movimentado e menos exclusivo, um local turístico. Óculos escuros apoiados na cabeça e barba volumosa, no estilo atual dos homens de Nova York e Los Angeles; Kate viu fotografias nas revistas. Um ator numa foto instantânea, manhã de domingo em Beverly Drive, segurando um café macchiato num copo com tampa para viagem.

Kate se dá conta de que os dois estavam sentados lá, no outro café, escondidos atrás dos óculos escuros, vendo Dexter e ela chegarem e aguardarem. Ficou impressionada e ligeiramente intimidada com o rigor deles. Depois de tanto tempo, ainda tinham energia para isso.

Felizmente, ela havia sido discreta quando mexera no açucareiro ao se sentar: a prudência é sempre conveniente.

– Bonsoir – cumprimenta-os o homem.

A mulher inicia uma rodada de beijinhos falsos.

O garçom se aproxima no mesmo instante, atencioso com monsieur Moore e seus convidados, como sempre. Monsieur Moore sempre deixa gorjetas polpudas ali. Em todo lugar, na verdade.

– E então, como tem estado? – pergunta Dexter.

– Nada mal – responde Bill. – Nada mal mesmo.

O garçom mostra a garrafa de vinho a Dexter para avaliação. Dexter assente com a cabeça. O garçom pega seu saca-rolhas e começa a cortar a cápsula do gargalo da garrafa.

– Vocês estão morando aqui, agora? – pergunta Bill.

Dexter faz que sim.

A rolha sai – ploct – e o garçom serve uma prova do vinho a Dexter, que o experimenta e meneia a cabeça, em sinal de aprovação. O garçom serve a bebida, quatro taças pela metade, na mesa silenciosa.

Os quatro americanos se entreolham alternadamente, incapazes de iniciar

uma conversa. Kate ainda se pergunta para que poderia servir este encontro e como o faria encaixar-se em suas necessidades particulares. Ela tem seus próprios interesses. Sabe que Julia e Dexter devem ter planos diferentes, compartilhados pelos dois e talvez por Bill. Ou talvez Bill tenha um projeto totalmente distinto. Ou nenhum, quem sabe.

– E então – diz Dexter, olhando para Julia, depois para Bill. – Recebi um recado. Sobre o coronel.

Julia pousa as mãos na mesa, os dedos cruzados. O brilhante do anel de noivado capta a luz, cintila. Com quem Julia vai se casar? Ou será que esse anel é apenas um novo adereço para um novo disfarce? – Sim – diz Bill.

Cruza as pernas, acomodando-se para contar uma história.

– Você sabe, é claro, que alguém roubou uma fortuna dele durante uma transação.

Kate nota que Bill não menciona o valor específico em dinheiro.

– Ouvi dizer – confirma Dexter.

Os dois sustentam o olhar. É um jogo de pôquer, ambos blefando. Ou fingindo blefar.

– Bem, o fornecedor do coronel naquela transação, um ex-general russo chamado Velten, ficou furioso quando não recebeu uma enorme soma em dinheiro em sua conta bancária na Suíça, no fim da negociação.

– Posso imaginar.

– Assim, o coronel passou uma noite desagradável na zona oeste de Londres. Ou melhor, à primeira vista, ela pareceu bastante agradável, num restaurante três estrelas com uma prostituta russa linda, chamada Marlena. Mas tenho certeza de que a noite dele foi agustiante.

Bill gira o vinho na taça, toma um gole e deixa o líquido descansar na boca antes de engolir.

– Então – franze os lábios –, o coronel acordou de manhã e começou a transferir seu patrimônio para o general: carros, joias, iate, outros bens móveis. Semanas depois, já tinha vendido seu apartamento em Londres e transferido o dinheiro para o general.

Em seguida...

– Onde era? Os dois homens olham para Kate, surpresos com a interrupção.

– Onde era o quê? – O apartamento de Londres.

– Belgrave Square – responde Bill, tornando a se voltar para Dexter.

– Onde, exatamente? – Wilton Crescent.

Kate dispara um olhar para o marido, que reage com uma ligeira encolhida dos ombros, uma admissão de culpa, perfeitamente disposto a aceitar o castigo de ter muito dinheiro. Agora Kate compreende por que eles haviam parado naquela rua curva da Belgrave Square, diante de todas aquelas mansões

brancas, sonhando com onde morariam, um dia, quando ficassem ricos. Na ocasião, não lhe ocorrera que aquele endereço pudesse ter qualquer significado. Outra das mentiras silenciosas do marido.

– O coronel também vendeu um apartamento em Nova York Mas o mercado andava fraco, especialmente no setor de segundas residências para ricos. E ele estava sem tempo. Assim, teve de aceitar uma avaliação muito baixa – falou, depois virou para Kate e explicou: – Creio que esse ficava na Rua 68 Leste. Perto da Quinta Avenida.

– Obrigada pelo detalhe.

– Por nada.

– Quer dizer que ele ficou sem imóveis – disse Dexter, tentando retomar o fio da meada. – Mas ainda devia muito dinheiro.

– Sim. O coronel vinha batalhando para fechar outro negócio, um estoque oculto de misseis terra-ar, mas a notícia de sua derrocada tinha se espalhado no Congo. Por isso, ele estava enfrentando dificuldades. Nesse meio-tempo, o general tinha se mostrado muito mais paciente do que qualquer um poderia esperar. Fazia um ano desde que a dívida fora contraída.

– Por que tanta paciência? – indagou Dexter.

– Porque Velten não tinha realmente perdido dinheiro nenhum. Não comprara os MIGs, os roubara. Por isso, tirou um bom lucro desse negócio. Mesmo assim, queria que o resto da dívida fosse quitado. Afinal, tinha uma reputação a manter. O coronel acabou, enfim, fechando outro negócio. Que gorou na última hora.

– Como? – Creio que alguém dos órgãos policiais dos Estados Unidos deixou vaziar para o fornecedor a informação de que o coronel vinha sendo vigiado de perto.

– Interessante – comentou Dexter. – Que azar.

– Pois é.

– E então o coronel ficou sem bens e sem alternativas – disse Dexter.

– Isso mesmo – concordou Bill. – E o que você acha que ele fez? – Acho que desapareceu.

– Justement. Escondeu-se em Bali, ou em Buenos Aires, ou seja lá onde for. Quem sabe onde um traficante de armas se esconde de seu fornecedor furioso e homicida? Mas então, passados alguns meses, ele cometeu a estupidez de aparecer em Brighton Beach. Sabe onde fica isso? – Na cidade de Nova York. É o bairro russo.

– Exactement. Ele estava visitando Brighton Beach, ou hospedado lá, ou morando lá, ou o que fosse. Não estou a par dos detalhes. Mas o que sei é que, na noite da última sexta-feira, ali por volta das onze, ele saiu de um restaurante com dois compatriotas, ambos homens de meia-idade, como ele. Um lugar barato, com clientes da região.

Bill toma outro gole de vinho. Kate nota que Julia não tocou no dela.

– O coronel nunca foi um homem especialmente bonito. Mas, durante grande parte da vida, teve dinheiro e poder e, com esses trunfos, pôde atrair algumas mulheres. Ou bancá-las, pelo menos. Mas agora, nada feito. Ele e seus companheiros, também pouco atraentes, estavam do lado de fora, na avenida Brighton Beach, em frente ao restaurante, tentando passar uma cantada em duas mocinhas que esperavam um táxi para ir a alguma boate em Manhattan, onde planejavam beber champanhe Cristal da reserva pago por algum diretor de fundo de investimentos, antes de irem para casa transar com jogadores profissionais de basquete. Eram garotas gostosas, que diziam ter 21 anos, o que significa que tinham uns 17 ou 18.

– O coronel e seus amigos queriam uma coisa que não era para o seu bico.

– Era para aves totalmente distintas. Mas os sacanas eram gaviões persistentes. De dentro do restaurante, a recepcionista observava o assédio, considerando se teria que juntar alguns garçons e cumins para intervir, ou até chamar a polícia. Mas então veio uma van branca, sem nenhuma identificação. A porta lateral deslizou e se abriu, com o veículo ainda em movimento. Dois homens mascarados pularam para a rua e pou, pou, uma bala para cada amigo do coronel, bem no meio da testa, espirrando sangue em cima das garotas, que desataram a gritar. A recepcionista também começou a berrar. Foi um pandemônio.

– E o coronel? – Foi esmurrado no rosto, puxado da calçada e arrastado para dentro da van, que fechou a porta e disparou, cantando pneus.

– Aposto que a van não tinha placa.

– Não tinha.

– E depois? – Depois, nada, durante todo o fim de semana.

– Foi um longo fim de semana para o coronel – sugere Dexter.

– Vraiment.

– Para que todos esses termos em francês, Bill? – interrompe Kate.

– É um idioma bonito.

– E daí? – indaga Dexter, impaciente.

– Daí que estou praticando.

– Não, não estou falando do que mais você pode me dizer sobre o francês, seu idiota. O que aconteceu depois com o coronel? – Saquei. Daí que, na segunda-feira de manhã, um homem deixou seu labrador ir brincar na praia em Brighton Beach e o bicho se recusou a sair de baixo do deque de madeira que beira a areia.

– O coronel.

Bill confirma com a cabeça: – Braços? – pergunta, sem esperar resposta.

– Decepados.

Kate deixa escapar um arquejo, apanhada de surpresa.

– As pernas também tinham sumido.

– Deus do céu.

– O coronel tinha passado a ser só um tronco, preso a uma cabeça. E os olhos? – O quê? – Estavam abertos.

Bill toma um gole do vinho tinto caro.

– Sabe o que isso significa? Todos sabem, mas ninguém responde.

– Ele teve de olhar – diz Bill. – O coronel foi obrigado a ver seus braços e pernas serem decepados.

Dexter olhou para o bilhete de Kate, depois para o rosto dela e para o relógio. Eram 4h06 da noite anterior à ida do casal ao restaurante.

Kate andara evitando aquilo, ou desejando, prevendo, temendo, ignorando, pelo que parecia ser uma eternidade. Agora que enfim chegara o momento, não se surpreendeu ao se descobrir ainda relutante. Relutava em acabar com a parte da sua vida em que essa conversa ainda não tinha acontecido. Relutava em descobrir como seria sua vida depois dela.

Desceu a escada devagar. Mordeu o lábio, subitamente à beira das lágrimas. Em todas as deliberações íntimas sobre essa conversa, seus principais sentimentos tinham sido a raiva e o medo.

Não a tristeza. Mas era esta que a dominava, agora que havia chegado o momento.

Será que eles ainda teriam uma vida juntos, depois dessa noite? Ou era isso, este era o fim? Será que ela ia arrumar uma mala, acordar os meninos, levá-los para o aeroporto, pegar um voo de manhã cedo e partir para... onde? Para Washington? Quem a salvaria em Washington? No ombro de quem ela poderia correr para chorar? Dexter era tudo o que Kate tinha. Era tudo o que tivera durante toda a sua vida adulta. Ela se lembrou do voo de volta de uma missão na Guatemala, sentada no frio transporte militar, olhando para a parede rebitada cinza-escuro e reconhecendo que só havia uma coisa, uma pessoa, que ela ansiava por encontrar em Washington.

De costas para Dexter, enxugou os olhos, afastando as lágrimas. Os dois puseram casacos e botas e saíram para a varanda fria, açoitada pelo vento, que pairava acima do vale escuro e profundo. A luz do interior do apartamento era tênue, mas suficiente para Kate ver a expressão no rosto do marido. E ela viu que Dexter sabia exatamente o que estava acontecendo.

– Dexter – disse.

Respirou fundo, tentando se acalmar, mas sem muito sucesso.

– Sei dos 25 milhões... ou, talvez, 50 milhões de euros roubados. Sei das contas anônimas e da LuxTrade e da casa da fazenda. Sei... Dexter, eu sei que você não é consultor de segurança de nenhum banco daqui. Sei que, seja o que for que anda fazendo, é algo que você faz há muito tempo.

O vento soprou no rosto de Dexter e ele se contraiu: – Eu posso explicar.

– Não quero que você explique. Quero que me convença de que estou errada. Ou admita que estou certa.

Kate já conhecia a verdade; não era isso que esperava ouvir no momento. A primeira coisa que queria saber era se Dexter negaria os fatos. Se optaria por acrescentar mais mentiras. Se todas as esperanças estavam perdidas.

E, por uma fração de segundo, parada ali, 15 metros acima da alameda pavimentada de pedra, ela também se perguntou, por mais irracional que fosse a

ideia, se Dexter tentaria matá-la naquele instante.

Kate havia imaginado muitas vezes os possíveis rumos dessa conversa. Se Dexter dissesse A, ela diria B, ele responderia C e assim por diante. Havia tentado imaginar a melhor e a pior das hipóteses. Havia ponderado as probabilidades. Pensara em alguns diálogos que terminavam com ela saindo porta a fora com os filhos, para nunca mais ver o marido. Imaginara até a possibilidade de que sua arma fosse envolvida. A Beretta estava logo atrás da porta, em cima do aquecedor, escondida por uma cortina que ela havia comprado no shopping Belle Étoile e que pendia de um suporte que ela havia instalado usando as brocas diamantadas que comprara em sua terceira ida consecutiva à loja de ferragens, não fazia muito tempo – mas era tempo suficiente para ter sido na época em que ela era apenas mais uma esposa normal longe de seu país. A época antes de sua vida começar a se desintegrar. Ou antes de ela saber que sua vida estava se desintegrando.

Quando Dexter abriu a boca, todas as hipóteses possíveis pareceram correr para Kate ao mesmo tempo, o que lhe tornou difícil ouvi-lo dizer: – Você está certa.

Ela não reagiu e ele não se estendeu. Ficaram parados no silêncio gelado, sem se olhar.

– Por que estamos aqui fora? – indagou Dexter, ainda com os olhos noutro lugar.

– Porque Bill e Julia são agentes do FBI a serviço da Interpol investigando você. Estou certa de que nosso computador está sendo monitorado. Nosso carro vem sendo vigiado por um dispositivo de rastreamento. Nossos telefones estão grampeados. Tenho quase certeza de que há escutas no apartamento.

Ele levou um momento para digerir isso.

– Mas aqui fora é seguro? Kate deu de ombros. Virou-se, finalmente, para o marido, cujo rosto estava transtornado de preocupação. Isso era bom, pensou. Se ele estivesse calmo, se não se importasse, seria muito pior.

– Agora eu posso explicar? – perguntou ele. – Por favor? Kate assentiu com a cabeça.

– Não é uma história curta.

Dexter gesticulou indicando as cadeiras e a mesa e esperou que ela se sentasse, antes de fazer o mesmo.

– Você se lembra de que meu irmão era do corpo de fuzileiros? De onde diabo essa história estava surgindo? – É claro – retrucou com rispidez, mais irada do que pretendia. – Sim – acrescentou, procurando abrandar o tom.

– Você sabe que ele foi morto durante a guerra da Bósnia. Mas eu nunca lhe contei como ele morreu.

– Você me disse que ele não era mais do corpo de fuzileiros. Era um daqueles assessores militares.

Kate sabia toda sorte de coisas sobre esses sujeitos.

– Foi capturado e morto – concluiu ela.

– Isso mesmo. Capturado por um coronel sérvio chamado Petrovic. Já ouviu falar dele? Kate balançou a cabeça.

– Petrovic não era muito conhecido fora da Europa. Mas era famoso nos Bálcãs. Pelo sadismo. Era um torturador. Torturava por diversão. Sabe o que isso significa? – Posso imaginar.

– Ele se divertia arrancando unhas com alicates. Decependo orelhas com um facão de açougueiro.

Tirando braços com um machete, Kate. Ele mutilava as pessoas, matando-as de modo lento e doloroso, com o máximo possível de sangue. Não na tentativa de obter informações, simplesmente porque gostava. Porque isso fazia sua reputação. Quando encontraram meu irmão, Kate, ele tinha perdido todos os dedos das mãos. E dos pés. Os órgãos genitais também. E os lábios. Os lábios, Kat.

Petrovic arrancou os lábios de Daniel.

Ela sentiu um calafrio na espinha.

– Petrovic torturou meu irmão até a morte só por farra e depois largou o cadáver mutilado apodrecendo num beco, roído por gatos de rua, ratos e cães selvagens.

Era muito mais terrível do que Kate poderia ter imaginado. Mesmo assim, ela não conseguia ligar essa história aos milhões de euros roubados. Nem imaginar como não soubera dela antes, na época em que tinha investigado os antecedentes de Dexter.

– Isso é um horror. E não quero parecer irracional e impaciente, Dexter, mas que diabo tem isso a ver com você roubar 50 milhões de euros? – São 25.

– Seja que porra for de milhões de euros! Merda, Dexter! – É que... – fez ele, respirando fundo, trêmulo. – É que a pessoa que roubei é Petrovic.

– Tudo bem – disse Kate, segurando as laterais da cadeira para se acalmar. – Mas me explique uma coisa: como você soube? – Como eu soube o quê? A voz de Dexter vacilava e Kate percebeu que ele estava à beira das lágrimas.

– Tudo. Sobre seu irmão. Sobre Petrovic.

Ele tornou a respirar fundo: – Para começar, houve as fotos do corpo do Daniel. No relatório original do Departamento de Estado sobre a morte dele.

– Quando você viu esse relatório? – No fim dos anos 1990. Alguém do Departamento entrou em contato com meus pais. Disse que os documentos da guerra tinham sido liberados do sigilo, inclusive o relatório sobre a morte de Daniel.

– Você viu esse relatório? Ele balançando a cabeça para cima e para baixo vigorosamente: – Uma fotocópia. O relatório terminava com a informação

de que Petrovic estava vivo e com saúde, levando uma vida de luxo como traficante de armas, vendendo-as às piores pessoas do planeta: chefões mexicanos do tráfico de drogas, sudaneses genocidas, talibãs.

– Isso estava no relatório sobre a morte de Daniel? – Não. Foram informações separadas, dadas pelo mesmo sujeito com quem tínhamos entrado em contato. Eu o conheci alguns anos depois. Esse cara não sabia muito mais do que o relatório trazia.

Mas me pôs em contato com um emigrante croata, um sujeito chamado Smolec, que conhecia muitos militares. E esse Smolec conhecia os podres do coronel. Eles tinham entrado juntos no exército e o Smolec sabia tudo que o coronel aprontava.

Era a história mais sem pé nem cabeça que Kate já tinha ouvido.

– Então, eu meio que contratei Smolec – continuou Dexter. – Para me ajudar a vigiar de perto o coronel. As idas e vindas dele, as compras de imóveis, as negociações de armas.

– E de quem foi a ideia de Smolec vigiar o coronel, dele ou sua? Kate percebeu uma sugestão de sorriso no rosto de Dexter, um lampejo de alívio. Entendeu o que o marido estava pensando: se ela estava fazendo essas perguntas, era porque estava tentando compreender. Tentando perdoá-lo. E ele tinha razão.

– Não me lembro – respondeu. – Talvez ele tenha aludido a como seria fácil e eu tenha lhe pedido para fazer uma tentativa. Foi há muito tempo.

– Onde você se encontrava com esse tal de Smolec? – Numa praça. A Farragut Square.

É claro: era o que ele estivera fazendo naquele dia frio em que Kate notara seu chapéu de caça vermelho do outro lado da Rua I, no inverno anterior.

– Por que você fazia isso? – Boa pergunta. A verdade é que não sei. Eu não tinha nenhum plano, se é nisso que você está pensando. Mas as informações estavam à mão e me pareceu que eu devia pegá-las.

– Está certo – disse Kate, pondo de lado por um momento a implausibilidade de todo aquele roteiro. – Smolec vigiava o coronel para você, isto eu entendo, vagamente. Mas o que não entendo é o seguinte, Dexter: por que você nunca mencionou isso para mim? Apesar de eu trabalhar no Departamento de Estado.

– Tudo começou antes que eu conhecesse você. E o que eu estava fazendo não tinha, assim, um tremendo sentido. Por isso, eu fiquei com vergonha. Não queria que você soubesse.

Isso pareceu uma estupidez a Kate, mas soou franco.

– Tudo bem. E depois? – Anos atrás, houve um episódio sem nenhuma relação com isso, no meu mundo profissional.

Durante os testes de um protocolo de segurança, descobri uma porta não documentada no sistema, um modo de acesso pelo qual se poderia furtar dinheiro

eletronicamente durante as transferências.

– Você descobriu isso assim, por mero acaso? – Não. Não foi uma coincidência ocorrida enquanto eu navegava pelo eBay. Esse era o meu trabalho. Era a minha atividade. Eu procurava possíveis brechas na segurança e as fechava.

– Certo.

– Além disso, eu sabia que era por transferências eletrônicas que o coronel fazia seus negócios.

Fazia transferências regulares de milhões, às vezes dezenas de milhões, para dentro e para fora de contas anônimas, sistematicamente. Fechando negócios com armas pelo computador de casa.

– E você resolveu deixá-lo sem um tostão? – Sim. Mas eu não queria só esvaziar a conta bancária dele; isso seria mero furto.

A voz de Dexter já não vacilava. Agora ele falava mais alto, mais depressa, aliviado por poder explicar aquilo à mulher. À sua melhor amiga.

– O que eu queria era descobrir um ponto em que ele ficasse vulnerável, quando estivesse com muito dinheiro que não fosse dele, no meio de uma negociação. Quando estivesse de posse de uma soma gigantesca que devesse a outra pessoa.

– Alguém que ficaria insatisfeito por não receber o pagamento.

– Exato.

– Então sua vingança não era só tirar dinheiro dele.

– Não – falou Dexter, balançando a cabeça. – Eu queria que o coronel fosse morto.

Kate ficou surpresa por o marido se mostrar tão abertamente vingativo.

– A ideia é toda essa, Kate: justiça.

Ele forçou um sorriso para ratificar sua lógica.

– Não roubei o dinheiro por ser ganancioso. Fiz isso para castigar uma das piores pessoas do mundo.

Kate considerou sem justificável essa explicação: – É uma maneira de ver as coisas.

– E que outra maneira existe? – Que você é um ladrão.

– Estou impondo um castigo muito merecido.

– Você é ladrão e justiceiro.

– Estou transformando o mundo num lugar melhor.

– Pode ser. Mas não da maneira como nós fazemos as coisas.

– Nós, quem? – Os americanos. Essa não é a forma americana de justiça.

– A forma americana? Você quer dizer detenção, indiciamento, júri, condenação, apelações, prisão? Kate confirmou com a cabeça.

– E como é que se faz isso com um cidadão sérvio que mora em Londres?

– Tratando-o como um criminoso de guerra internacional.

– Ou seja, processando-o no tribunal de Haia. Isso também não é tremendamente americano, é? – É americano respeitar as leis internacionais, sim.

Dexter bufou.

– Mas, é claro, isso não lhe daria 25 milhões de euros – disse Kate.

Um trem de carga passou com estrondo pela ponte ferroviária que cobria um trecho do desfiladeiro: carga indo para o norte num trem comprido, baixo e lento.

– E qual foi o seu primeiro passo? Quando? Kate estava começando a separar seu sentimento de traição, sua raiva, do comportamento de Dexter. Começando a tomar o partido dele. Ou, pelo menos, começando a poder avaliar as coisas do ponto de vista dele.

– Há cerca de um ano e meio, eu registrei uma empresa aqui, uma firma de investimentos, uma société anonyme. E abri uma conta numerada anônima para ela. Também comecei a monitorar de perto todas as atividades do coronel, as contas, as diversas transferências, examinando os tipos de oportunidades que eu teria, tentando descobrir como explorá-las.

– Como você fez isso? – Numa viagem de negócios a Milão, ele usou a rede sem fio de um hotel para fazer uma transação pela internet e essa conexão me permitiu instalar e esconder um programa no HD dele, um programa que criava um registro das telas usadas. Todas as noites, às 4h, pelo horário de Greenwich, se estivesse ligado, o computador dele me mandava por e-mail um histórico da sua atividade nas 24 horas anteriores. Isso não me fornecia as senhas dele nem nada do gênero, apenas me deixava ver o que ele fazia. E permitiu que eu me organizasse. Assim, no início de agosto, seis meses depois, eu estava pronto. Tinha tudo preparado. Quase tudo. Mas, primeiro, eu precisava confirmar que conseguiria mesmo fazer aquilo.

– Como? – Com um teste. Eu estava habituado a invadir o firewall dos bancos. Um deles, em Andorra, era onde um escritório de advocacia deixava o dinheiro, antes de fazer desembolsos para seus clientes.

O principal negócio desse escritório era representar uma única empresa de seguros, uma operadora de planos de saúde. Alguns anos antes, num erro judicial grosseiro, esse escritório não só tinha defendido a seguradora num processo, como também tinha responsabilizado o queixoso pelas custas judiciais: 1,5 milhão de dólares. O escritório guardou a remuneração dele, que era um terço do total, em Andorra. E depois transferiu os dois terços restantes para o cliente. Ou melhor, tentou transferir.

– Um milhão de dólares. Você os roubou? – Isso mesmo. Você faz alguma ideia de qual era essa operadora de seguros? O pensamento de Kate correu pelas possibilidades irrelevantes e percebeu que não se tratava de algo irrelevante. Fazia muito tempo que ela não pensava nessa empresa. Duas décadas.

– A American Health – murmurou.

Em certa época, uma das principais ocupações de Kate tinha sido se corresponder com a American Health. Para discutir com a firma, preencher seus formulários, solicitar reuniões, implorar e afirmar que era obrigação dela aprovar o tratamento de saúde de seu pai, apesar da cláusula em letrinhas miúdas que dizia o contrário.

– Você desviou 1 milhão de dólares da American Health.

– Foi 1 milhão de dólares sujos. Que pertenciam por direito a alguém igualzinho ao seu pai. Ou melhor, igualzinho a você. O processo tinha sido movido por uma filha, em nome do pai falecido.

– O seu teste foi esse? – Achei que podia usar uma cobaia do mal. E funcionou. Eu estava pronto para arrasar o coronel.

– Foi aí que nos mudamos para cá? – Foi.

– Certo – disse Kate, inclinando-se para a frente.

A coisa toda começava a fazer sentido.

– Agora me explique como funcionou – pediu ela.

Dexter não era exatamente o homem que Kate havia pensado. Mas começava a ficar óbvio que não era tão diferente quanto ela havia temido.

– Primeiro – disse ele –, eu precisava ter mais acesso ao computador do coronel. Por isso, contratei uma pessoa para me ajudar, uma mulher em Londres.

Kate foi tomada por uma onda de alívio: – Qual é o nome dela? – Marlena.

Era uma das duas pessoas para quem Dexter havia telefonado de seu celular secreto. Kate imaginou que Niko fosse a outra: – E qual é o primeiro nome de Smolec? Dexter pareceu confuso, mas respondeu, ainda mesmo: – Niko.

Esse era o outro contato. Duas na mosca. Essa parte estava explicada.

– E essa Marlena, o que ela fazia? – perguntou Kate.

– Ela me ajudou a ter acesso ao computador do coronel.

– Como? – Transando com ele – veio a resposta.

– Então ela é prostituta? – É.

– E você andou trepando com ela? Dexter chegou a dar uma risada.

– Você não tem o direito de rir de nenhuma pergunta minha, nenhuma.

Vai precisar reconquistar esse direito.

– Desculpe.

– E então? Trepou? Ele engoliu o sorriso e perguntou: – Você imagina como é a Marlena? – Eu sei, vi umas fotografias.

– Sei que sou incrivelmente bonito, Kate. Nós dois estamos de acordo quanto a isso. Mas você acha, sinceramente, que uma mulher como a Marlena dormiria comigo? – Você paga a ela. Para transar.

Dexter lhe lançou um olhar de “dá um tempo”.

– Está bem – cedeu Kate. – Continue.

– Marlena é uma russa de 22 anos. Essa é, digamos, a especialidade do coronel. Eu a coloquei numa situação... num bar de hotel que era conhecido como um lugar para encontrar moças do tipo dela.

– Quer dizer que ele sabia que ela era prostituta.

– Sabia.

– E ela simplesmente foi ao apartamento do cara e invadiu o computador dele? – Não, isso tinha que ser uma coisa mais a longo prazo. Assim, quando os dois se conheceram, ela deu ao coronel o número do telefone pelo qual atendia. Ele telefonou e ela foi lá. Naquela primeira noite, ela executou uma performance superespecial.

– E isso significa o quê? – A encenação exagerada de praxe. Seguida por um momento terno de conversa íntima em que ela confidenciou que, apesar de

transar com homens quase todas as noites, nunca tinha chegado a tamanha, hum, satisfação com um cliente. Deixou claro que tinha sido uma experiência física singular e que adoraria que o coronel se tornasse um cliente assíduo.

– E ele caiu nessa? – Quem não cairia? Kate jamais compreenderia a extensão da burrice dos homens.

– Só no quinto encontro foi que o coronel a deixou sozinha por tempo suficiente para que tivesse chance de mexer no computador. Ela instalou uma coisa chamada sniffer, que é capaz de descobrir nomes de usuário e senhas. Quando Marlena voltou a vê-lo na semana seguinte, e aí eles estavam se encontrando toda semana, eu já tinha criado um pacote de programas que gravava cada tecla digitada e me mandava as informações por e-mail, de minuto em minuto. Depois que ela o instalou, passei centenas de horas decifrando o algoritmo desse sistema dinâmico de senhas, para poder entrar na conta bancária do coronel sem o conhecimento dele. Foi um trabalho pesado. E levei mais algumas semanas para construir um site falso do banco.

– Para quê? – Porque, quando as pessoas transferem milhões de dólares, elas não simplesmente apertam uma tecla “enviar” no computador. Também falam por telefone com um funcionário do banco, para confirmar a transação. O cliente digita os detalhes da transação e o funcionário do banco executa a transferência. É assim que os bancos impedem as fraudes.

– E como foi que um site falso contornou essas medidas de segurança? – Acontece que, quando o coronel pensava estar entrando no site do banco, estava, na verdade, entrando num programa no seu disco rígido, não na internet. Os botões que ele apertava, as imagens que via na tela, tudo isso tinha apenas uma relação fantasiosa com a atividade real da conta dele. A atividade real era dirigida por mim, a distância.

– Então, você está dizendo que ele achava estar on-line, transferindo dinheiro. E que também estava ao telefone, confirmando a transferência. Mas ao mesmo tempo você estava digitando dados diferentes para a transferência.

– Correto.

– Isso é brilhante.

Dexter voltou à varanda com o gorro de esqui. Entregou a Kate o dela, que o puxou por sobre as orelhas, ardidas e sensíveis por causa do frio. Os dois se recomodaram sob mantas de lã.

– O coronel estava sempre preparando algum grande negócio com armas – disse Dexter. – Mas aquele que eu estava acompanhando era maior, com compradores africanos. Seria a minha oportunidade ideal, exatamente o tipo de transação complicada pela qual eu vinha esperando. O coronel estava comprando uma frota de caças MIG de um ex-general soviético e revendendo para uma facção revolucionária congolês. Você sabe sobre a guerra no Congo? As carnificinas do Terceiro Mundo tinham sido a especialidade de Kate, em certa

época, e ela se sentia feliz por estar livre disso. O que não significava que estivesse curada. Sempre seria viciada em política.

– O conflito mais sangrento desde a Segunda Guerra Mundial – respondeu.
– Mais de 5 milhões de mortos.

– Isso mesmo. Portanto, esse negócio do coronel dependia de que ele tivesse a confiança do general, Ivan Velten, a qual ele havia conquistado ao longo de umas duas décadas de parcerias. E a transação exigia que algumas transferências acontecessem quase simultaneamente, no mesmo dia da entrega dos MIGs. E que vinha a ser o dia de Ação de Graças.

Kate meneou a cabeça, confirmando que agora entendia o motivo de Dexter não haver ficado em casa.

– Na manhã da transação, os congoleses fizeram o pagamento da entrada ao coronel, que transferiu metade para Velten. Assim, metade dos jatos foi entregue num campo de pouso perto da fronteira angolana, depois de partir de madrugada da Zâmbia, onde o general escondia os aviões desde que os pilhara de uma base aérea no Cazaquistão. Nesse ponto, o coronel era obrigado a pagar a parcela seguinte ao general. Ele iniciou a transferência e o dinheiro saiu de sua conta. Mas nunca chegou à do general.

– Porque você o transferiu para a sua.

– Sim. O coronel ficou devendo ao general 25 milhões de dólares, um dinheiro que não tinha. Ele tentou descobrir o que havia acontecido. Telefonou para o banco, mas sua gerente tinha gravações da conversa dos dois, que incluíam as aprovações e confirmações dele sobre a transferência intrabancária. Tanto o coronel quanto Velten tinham conta no SwissGeneral. As transferências para o mesmo banco são executadas de imediato, porque o banco pode confirmar a existência de saldo. Eu também tinha conta no SwissGeneral.

– E o banco não podia rastrear o histórico da transação que você fez? Não podia descobrir sua conta no próprio sistema dele? – Sim, podia. E tenho certeza de que investigou. O que encontrou foi uma conta zerada, aberta por um sujeito a quem eu tinha pagado para abri-la um ano antes e que nunca soube meu nome nem viu meu rosto. Eu zerei essa conta do SwissGeneral na mesma hora, passando tudo para uma conta externa.

– Mas eles não poderiam rastrear essa transação também? – Sim, em condições normais, poderiam. Mas eles sofreram uma falha de segurança nesse dia, na matriz em Zurique. Muito tempo antes, meses antes, eu havia alugado um cofre nessa agência. Na manhã da transação do coronel, fui ver meu cofre. Levaram-me a uma sala particular para que eu o examinasse. Tirei do cofre um aparelhinho de conexão de rede sem fio, que parecia um cabo de força de computador, liguei-o ao roteador embaixo da mesa da sala e fui embora. O roteador garantiu o acesso ao computador central e o aparelhinho me deu um sinal de rede sem fio, de modo que eu pude acessar o sistema de fora do prédio.

– Por que você não entrou no sistema na sala mesmo? – Porque, estando conectado lá dentro, o administrador poderia usar um dispositivo de rastreamento e descobrir exatamente onde eu estava. Além disso, eu não queria entrar no sistema dentro do banco, porque presumia que a segurança deles fecharia o prédio quando descobrisse a invasão.

– E fechou? – Fechou. Mas eu já tinha voltado para o hotel, bem ali do lado. Meu quarto era de frente para a rua. Posicionei uma antena direcional para captar o sinal do WAP.

– Como você sabia que isso ia funcionar, em termos tecnológicos? – Eu já havia experimentado, numa viagem anterior. Tinha testado os aspectos técnicos e conseguido as senhas do firewall do banco. Havia conseguido analisar a arquitetura e a lógica do sistema, os protocolos e as salvaguardas usados pelos administradores. Na ocasião, eu ainda não tinha como fazer nada, mas sabia o que poderia fazer, quando chegasse o momento.

– Que foi qual? – Depois que redirecionei a transação do coronel e transferei o saldo do SwissGeneral para uma conta em Andorra, levei uns dois minutos para entrar na parte do sistema do banco que registrava o direcionamento e os números de contas das transações do dia.

– Você apagou esses registros.

– Isso mesmo. E foi nesse ponto que o administrador do sistema notou minha intromissão e fechou o sistema, bloqueou o prédio. A essa altura, eu tinha transferido o dinheiro para dezenas de contas em todo o planeta, cada transação com uma soma diferente. E de todas essas contas o dinheiro depois foi para uma só. Em Luxemburgo.

– O que você ficava fazendo no escritório, trabalhando até tarde em todas aquelas noites, nos fins de semana... o que o mantinha tão ocupado? – Havia muita análise de sistemas a fazer, do computador do coronel e, é claro, do computador do SwissGeneral. Invadir toma tempo. Exige uma coleta de dados enorme e uma quantidade incrível de teoria.

– Mas por que você tinha de fazer isso tarde da noite? – Na maioria das noites, era outra coisa: eu ficava monitorando as comunicações do coronel, emails e telefonemas, para me manter a par dos negócios. Muitas vezes, tinha de ficar esperando o desfecho de uma conversa do tipo “ligo de volta daqui a umas horas”. Esperando.

– Só esperando? – É. Mas eu usava essas horas de folga para fazer outras coisas. Uma espécie de hobby: pesquisar uma categoria muito complicada de títulos.

– Por quê? – Calculei que, se esses títulos eram criados de forma tão complexa, a ponto de impossibilitar sua compreensão pelos leigos, os banqueiros deviam estar escondendo alguma coisa incrivelmente lucrativa. E a lógica circular desses arranjos, que tenho certeza de que foram construídos no intuito

proposita de confundir, despertou o interesse do engenheiro que há em mim. Seja como for, é outra maneira de jogar no mercado de ações. Nos últimos dois meses, ganhamos 250 mil euros com esses investimentos. É assim que venho ganhando a vida.

– Pensei que você ganhasse a vida roubando.

– Não. Isso é o que eu faço para me divertir.

Kate pôs as duas canecas na mesa, o vapor do café subindo em massas brancas e espessas no ar gélido do pré-almorecer. Sentou-se em sua cadeira e tornou a se enrolar na manta de tricô cinzenta.

– Como é que podem apanhá-lo? Kate ainda estava às voltas com a logística do plano de Dexter, pondo de lado os temas mais intrincados – moral, honestidade, matrimônio, crime – para se concentrar nos aspectos práticos. Por essa noite. Por enquanto.

– Não podem.

– Não? Não é possível? – Não.

Kate ficou surpresa – impressionada – com o excesso de confiança do marido. De onde vinha aquilo? – E se o FBI achar o dinheiro? – Não tem importância. É impossível eles rastrearem todas as transações, por todas as contas. Por bancos comerciais e bancos de investimento, em países com sistemas bancários transparentes e em paraísos fiscais, passando pelo sigilo de Andorra, da Suíça, da Ilha de Man e das Ilhas Cayman e, é claro, de Luxemburgo. Além disso, Kate, essas contas já não existem; os rastros das transações delas foram apagados. Não há jeito de ligarem isso a mim.

– Nenhum? – Absolutamente nenhum.

– Mas e se eles simplesmente acharem o dinheiro, como eu? Como você vai explicar a posse de todo esse valor? – Não tenho que explicar. É por isso que o dinheiro está aqui, em Luxemburgo. No sigilo bancário.

– É por isso que estamos aqui? – Basicamente.

– Por falar nisso, nós podemos ir para casa? Para os Estados Unidos? – É claro.

– Mas...? – Mas não devemos deixar nenhuma quantia substancial em nenhum banco americano e não devemos transferir mais de 10 mil dólares de qualquer conta para outra. Não devemos comprar imóveis nos Estados Unidos. Não devemos gastar nenhuma soma notável por lá. Também não devemos auferir renda, por isso não devemos vender nossa casa em Washington, mas apenas continuar a alugá-la. Não devemos fazer nada que nos exponha à Receita Federal.

Kate entendeu. Precisavam esconder-se da Receita para poderem se esconder dos agentes federais.

– O homem que você roubou, esse coronel, ele pode encontrá-lo? – Ele não está procurando por mim. Incriminei outra pessoa. Armei as coisas para

fazer parecer que outro sujeito roubou o dinheiro do coronel. Outro ex-militar bandido do exército sérvio.

– O que aconteceu com ele, com esse outro homem? – Foi mais um vilão que teve o que merecia.

O que mais Kate precisava saber? – Essa conta de 25 milhões. É uma quantia muito estável. Não vem tendo nenhum rendimento.

– Não.

– Você não quer ter que declarar nenhum rendimento sobre esse dinheiro. Nem mesmo aqui.

– Exato. Porque temos que declarar nos Estados Unidos a renda obtida aqui.

– Para sempre? – Para sempre. Enquanto formos cidadãos americanos, teremos que apresentar declarações de renda americanas.

– E o que vamos fazer com isso? – Vamos limitar nossa renda ao que eu posso ganhar por meio de investimentos legítimos. Mas isso não significa que tenhamos de limitar nossos gastos.

– Seu plano inclui gastar esse dinheiro roubado ou você o roubou apenas para tirar algo de uma pessoa a quem odeia? – Meu plano é gastá-lo.

Kate deixou essa ideia se acomodar em sua boca. Girou-a na língua, feito vinho tinto.

– Quando? – Quando for seguro. Quando o FBI nos deixar em paz, acho.

Esse comentário fez sentido naquele momento, em meio à sobrecarga de informações da narrativa surpreendente de Dexter. Kate demoraria muito a notar a falha na lógica desse raciocínio: se o marido esperava que o FBI os deixasse em paz, era por já saber que estava sendo vigiado. Antes de Kate lhe contar.

– Fale-me da fazenda.

– É um endereço para correspondência, um endereço bancário. É de acesso difícil, impossível de monitorar.

Daria um belo esconderijo, se um dia surgisse a necessidade. Mas Dexter pensava em termos de endereços para objetivos fiscais, não de abrigos seguros. Os abrigos eram o departamento de Kate.

– Você alugou um carro para ir lá, quando disse que ia a Bruxelas. Por quê? – A conclusão do negócio era iminente. Por isso, abri um monte de contas novas, durante uma semana, para poder movimentar o dinheiro. A papelada das contas foi enviada para a fazenda. Eu precisava buscá-la. Para destruí-la.

– Entendo. Isso foi mais ou menos na ocasião em que você escondeu os dados das contas na cômoda dos meninos, certo? Ele pareceu envergonhado diante dessa revelação: – Aquilo foi depois da... ahn, transação. Quando o sigilo da conta se tornou muito mais crucial.

Kate se lembrava com clareza daquela noite: – E foi na época em que o suposto pai de Julia apareceu, não foi? Quando saímos para jantar com ele.

– Foi? Não me lembro dessa parte.

Pareceu implausível. Impossível. Kate sentiu-se de novo lançada na dúvida, na suspeita, na desconfiança.

– É mesmo? Dexter deu de ombros.

– E quem você acha que era ele? – perguntou Kate. – Chamava-se Lester, não? – Devia ser chefe dos dois. Ou um colega de trabalho.

Ficaram sentados em silêncio, cada qual seguindo sua linha de pensamento em separado, mas paralela.

– Por que você não guardou as informações sobre a conta no seu escritório? Ou na casa da fazenda? – Não queria ter que ir a lugar nenhum, se um dia precisássemos fugir às pressas.

– Por que precisaríamos fugir às pressas? – Se eu estivesse prestes a ser apanhado.

– Mas você disse que isso é impossível.

– Mesmo assim. É bom eu tomar precauções.

Kate não pôde deixar de pensar que a precaução principal que ele andara tomando tinha sido contra ela. E isso a levou de volta à câmera de segurança. Não sabia quanto devia pressionar o marido. Não conseguia avaliar qual seu grau de desespero para saber se Dexter tinha visto a gravação do escritório. E portanto, se poderia fazer uma retrospectiva da miríade de mentiras dela. Ainda estava agarrada aos próprios segredos, apertando-os bem junto ao peito.

– Seu escritório não é seguro? – perguntou, forçando um pouquinho.

– Muito.

– Você tem equipamento de vigilância? Uma vez começado, não conseguiu parar de forçar a mão.

O rosto de Dexter continuou a não revelar nada.

– Comprei uma câmera de vídeo.

O coração de Kate parou.

– Mas nunca cheguei a montar a rede para ligá-la ao meu computador. Dexter não sabia.

Mas não sabia quanto? Não sabia que Kate havia furtado seu chaveiro.

Não sabia que ela invadira seu escritório e bisbilhotara suas coisas. Não sabia que a esposa havia desconfiado dele muito antes de Bill e Julia lhe dizerem para desconfiar. Não sabia que Kate também havia suspeitado de Bill e Julia. Não sabia que ela invadira o falso escritório de Bill, que entrara em contato com um antigo conhecido da CIA, em Munique, e com novos conhecidos em Berlim e Genebra. Não sabia que, poucas semanas antes, a esposa havia pensado que talvez os investigadores fossem assassinos.

Dexter não sabia que estivera – que toda a sua família tinha estado – vagando pela Europa, correndo atrás do próprio rabo.

E não sabia que sua mulher era da CIA.

Ainda não havia sinal do amanhecer no céu, mas os carros, caminhões e ônibus tinham se tornado mais frequentes. Não era preciso clarear para ser dia.

– Aquela sua última viagem a Londres, pouco antes do Natal. Foi para pagar Marlena? – Foi.

– Quanto? – Vinte mil libras.

– Não parece muito.

– E não é, de propósito. Paguei o bastante para fazê-la aceitar o serviço, mas não tanto que ela imaginasse se tratar de algo gigantesco. Não achei que mais dinheiro pudesse comprar mais segurança, achei que seria o contrário.

Kate ficou surpresa com o discernimento de Dexter.

– E o que aconteceu com Marlena, depois do seu, ahn... como vamos chamá-lo? – Da transação? – Certo, da transação. Que aconteceu com ela? – Ela esteve com o coronel na noite da transação, mas cancelou o encontro da semana seguinte.

Ficou escondida, mas permaneceu em Londres, para o caso de alguma coisa dar errado e ela precisar reavivar o romance com ele. Marlena já tinha uma história pronta sobre ter sido agredida por um cliente e ter ficado com medo. Eu tinha arranjado um cara que poderíamos acusar.

– Você pensou em tudo, não? – Sim.

– E então deu tudo por encerrado com ela? – Dei.

– Mas ela está viva.

– Eu sei em que você está pensando.

– E...? – Em primeiro lugar, ela não sabe de tudo o que aconteceu, só tem conhecimento da parte dela no quebra-cabeça.

– Mesmo assim.

– Tenho uma pilha de provas contra ela. Provas de que ela cometeu múltiplos crimes.

– Ela poderia recorrer à delação premiada, depor contra você em troca de imunidade, não poderia? – É uma lista bem comprida. Alguns dos crimes dela foram graves.

– Ainda assim.

– Certo – disse Dexter, em tom exasperado. – Você tem razão. Existe uma ínfima possibilidade de que, um dia, possam fazê-la voltar-se contra mim.

Fitou a mulher, olho no olho, e sustentou seu olhar: – Mas o que é que eu deveria fazer? Kate também o encarou. Havia algo nos olhos dele que parecia um desafio, uma provocação para fazê-la dizer em voz alta o que ela diria, se fosse a pessoa que um dia tinha sido.

Aquela pessoa diria: Matá-la. Mas a pessoa do presente não diria isso.

O não dito ficou pairando no ar, cutucando Kate com mais uma chance, mais uma ligação possível com seu próprio passado de mentiras. Mas essa, como todas as outras, tornou-se apenas mais uma oportunidade que ela deixou passar.

Em vez disso, sua mente perseguiu uma nova ofensiva, uma virada da mesa, como Kate sempre fazia quando deveria estar se defendendo: por que Dexter havia escondido tudo isso dela? Por outro lado, quem era Kate, justamente ela, para questionar os motivos de sigilo de alguém? Podia pensar em boas razões – ótimas razões – para Dexter ter guardado esse segredo. Não tinha o direito de perguntar.

Mas não é nisso que consiste o casamento: querer coisas que não estamos no direito de querer? – Por que você não me contou, Dexter? – Quando? – retrucou ele. – Quando eu poderia ter contado? A própria Kate havia ensaiado essa mesma discussão, diversas vezes.

– Seria quando pensei nesse plano ridículo pela primeira vez? – perguntou Dexter. – Quando contratei uma prostituta em Londres para seduzir um velho criminoso, para ela poder expor o laptop dele a uma invasão? Quando nos mudamos para Luxemburgo, para eu poder piratear uma transação de tráfico de armas na África? Você teria me largado.

Ela balançou a cabeça: não, não era verdade. Ou era? Kate nunca havia imaginado que Dexter pudesse saber tudo a seu respeito. Mas nessa noite, pela primeira vez, teve suas dúvidas. É que ele era muito mais inteligente, muito mais evasivo e muito mais ardiloso do que ela teria julgado possível. Estivera errada sobre o marido durante todos aqueles anos. Errada a que ponto? – E então, como você acha que devemos lidar com o FBI? – perguntou ele.

Na ocasião, Kate não percebeu quão completamente dissimulada era essa pergunta.

Ela contemplou o espaço, decifrando esse desafio.

– Vou ligar para a Julia de manhã – disse, consultando o relógio.

Os meninos acordariam a qualquer momento.

– Vou marcar um encontro.

– Por quê? – quis saber Dexter.

– Porque tenho certeza de que eles vão me pedir para ajudá-los.

Provavelmente, usando uma escuta.

Vou me fingir de ofendida, mas eles vão insistir, vão jurar que nossa vida vai ser um inferno, a menos que eu coopere.

Agora que o proferia em voz alta, o plano começava a parecer o curso de ação rigorosamente correto.

– E então eu vou concordar.

Dexter arqueou as sobrancelhas e se curvou para a frente: – E depois? – Depois, você e eu iremos a um lugar público, como se estivéssemos tentando garantir que ninguém pudesse nos espionar. Um local neutro, não previsto. Um restaurante, acho...

Sua voz se extinguiu, enquanto ela procurava visualizar o lugar certo. Tentando solucionar cada imprevisto, todos de uma vez.

– Sim? E então? – Então vamos fazer um teatro. Para eles.

A encenação estava encerrada, finalmente. O automóvel arremetia noite adentro pela estrada reta de mão dupla, sem iluminação e solitária, as rodas vibrando no calçamento, zumbindo pela zona rural em direção ao brilho no céu distante acima da cidade, acima da casa e dos filhos deles, da retomada de uma vida normal, ou da criação de uma vida nova.

Dexter dirigia mais depressa que de hábito. Talvez houvesse bebido demais no restaurante, sucumbindo à pressão de encenar para a escuta e os agentes do FBI do outro lado dela. O aparelho ainda estava ligado.

Deixaram-se imergir na quietude do carro, banhar-se na calidez de ausência de falas, de encenações. Pelo que podia se lembrar, era a primeira vez que o silêncio entre os dois não estava repleto de camadas e mais camadas de mentiras. Mas Kate tinha aguda consciência da grande inverdade que ainda pairava entre eles.

Observou a estrada, a hipnótica lista amarela entre as duas faixas de negrume. Hesitou mais uma vez. E então, de repente, sentiu-se mais frustrada consigo mesma do que era possível suportar.

Era preciso dar um basta.

– Dexter – disse, obrigando-se a falar antes que pudesse desistir –, podemos fazer uma pausa no ponto de parada ali adiante? Ele tirou o pé do acelerador e olhou de relance para a mulher.

– Há uma coisa que eu preciso lhe dizer.

O ponto de parada ficava alguns quilômetros ao sul da cidade: uma gigantesca área construída, repleta de enormes carretas estacionadas, de adolescentes bêbados saltando em bando de seus surrados automóveis Skoda, para comprar cerveja, cigarros e grandes sacos de batata frita, de jovens holandeses cheios de piercings voltando de longas viagens rodoviárias aos Alpes e de trabalhadores portugueses calados e exaustos comendo sanduíches em embalagens de plástico, a caminho de casa, depois de limparem os pisos grudentos de ketchup das lanchonetes.

Dexter manteve o carro em ponto morto, o aquecimento dos bancos ligado, faróis apagados. Virouse para Kate.

Ela pensou no transmissor. Pensou em pedir ao marido para saltarem para o isolamento sombrio do estacionamento. Mas é claro que o FBI e a Interpol já sabiam tudo o que ela estava prestes a lhe dizer, então, para que se incomodar? – Dexter – começou –, eu nunca redigi documentos oficiais.

Era difícil decifrar o rosto dele ao tênue brilho azulado das luzes do painel. Kate lutou contra o impulso de desviar o rosto, esconder os próprios olhos. Lutou contra o hábito muito arraigado de disfarçar suas mentiras, agora que finalmente dizia a verdade.

– E nunca trabalhei no Departamento de Estado.

Passou uma carreta em marcha lenta, com o ronco e a vibração do grande motor, o chacoalhar e tilintar da carroceria. Kate esperou que o barulho se dissipasse.

– O que eu fazia para ganhar a vida...

E, nesse momento, mudou de ideia. Embora soubesse o que planejava dizer, não tinha ideia de como Dexter reagiria.

Deu uma olhada na construção central superiluminada do ponto de parada, onde ficavam a loja de conveniência e a lanchonete, com os pisos reluzentes e as mesas cuidadosamente arrumadas.

Tirou o relógio do pulso e o deixou cair no bolso de couro pregueado que havia no assento.

– Vamos tomar um café.

Dexter pôs a moeda na máquina, apertou o botão e esperou a irrupção, o sibilar e o borbulhar do café expresso, esguichado e ejetado do bico descolorido de plástico no frágil copo descartável.

Kate bebeu seu cappuccino. Não era ruim aquele café feito na máquina da estrada: era quente e forte, decente. Havia muito café bom em todo canto da Europa.

Sentaram-se a uma mesa com tampo em mosaico de pastilhas de vidro e leves cadeiras de aço, diante de uma janela gigantesca que dava para a estrada. Outro casal sentava-se no lado oposto do salão, a mulher com os olhos lacrimosos, vivendo sua própria crise: um rompimento, uma gravidez indesejada, uma aventura amorosa. Aquela gente já tinha seus problemas, não tentaria bisbilhotar os de mais ninguém.

Não havia sentido em fazer rodeios. Kate estendeu as mãos sobre a mesa e segurou as de Dexter: – Eu trabalhava na CIA. Era o que você chamaria de espia.

Os olhos de Dexter se arregalaram.

– Meu trabalho era fazer espionagem na América Latina. Trabalhei um pouco em El Salvador, na Venezuela, na Nicarágua, no Panamá e na Guatemala. Mas principalmente no México.

Dexter fez menção de dizer alguma coisa, mas não disse.

– Comecei a trabalhar na Agência assim que saí da faculdade. Foi a única coisa que fiz na vida. Em grande parte, escolhi essa carreira porque me achava incapaz de amar alguém. Minhas experiências com meus pais, minha irmã... Eu era uma pessoa endurecida. Não considerava que teria chances de chegar a ter uma intimidade verdadeira. Acreditava que jamais constituiria família.

Apertou as mãos do marido, enfatizando esse ponto, que era o componente mais eficaz do pedido de desculpas.

– Eu achava que sempre seria sozinha, Dexter. Achava que nunca precisaria mentir para nenhuma pessoa amada, porque nunca haveria uma

pessoa amada. Eu era jovem, estava traumatizada e não conseguia imaginar não ser jovem nem traumatizada. Lembra-se de como era ser jovem? Dexter balançou a cabeça, ainda mudo.

– Na época era impossível compreender como aquilo era breve. Parecia que a juventude ia durar uma eternidade, ia durar para sempre. Mas ela é só um piscar de olhos.

Na mesa do outro lado da lanchonete, a mulher soltou um soluço curto e alto.

– Quando nos conhecemos, é claro que eu não lhe disse a verdade sobre o que fazia. Minha expectativa era largá-lo em seis meses. Ou então, você se frustraria por eu ser tão fechada e se livraria de mim. Achei que nunca teríamos algo especial, assim como eu nunca havia tido nada especial com ninguém.

Dexter a observava atentamente.

– Mas eu estava errada. Acontece que me apaixonei por você.

A atenção de Kate foi captada por um homem que entrou na lanchonete e olhou na sua direção.

Torceu para chegar o dia em que não desconfiasse de todas as pessoas que passavam.

– Eu queria lhe contar, Dexter. Por favor, acredite. Pensei nisso milhares de vezes. Quase todos os dias, durante todo o tempo que nos conhecemos. Mas quando eu poderia lhe contar? Quando passaria por esse ponto? Era exatamente a lógica que ele havia usado na noite anterior, na sacada, quando abriu o jogo e eles planejaram a encenação feita nessa noite para os ouvidos dos agentes federais. Agora, ali naquela parada, eles tinham voltado à privacidade do casamento.

– Aí, nós nos casamos e eu ainda não tinha contado. Foi horrível. Eu admito que isso foi terrível da minha parte.

Dexter deu um sorrisinho, uma pequena concessão.

– E aí, depois do Jake...

Kate fez uma pausa, pensando em quantos detalhes deveria contar ao marido, em quão completa precisava ser a sua revelação para ter valor, para satisfazê-la.

– Pedi transferência das operações de campo e me tornei analista. Comecei a passar os dias atrás de uma mesa em Washington. Você não sabe o que isso significa. Mas é... é como deixar de ser o jogador principal do time profissional da liga de beisebol para ser o técnico assistente do amadores.

Dexter tinha sido um torcedor ardoroso de beisebol, em certa época. Deu outro sorriso sofrido a Kate, mas pareceu incapaz de falar.

– Em síntese, joguei fora a minha carreira. Mas continuei na CIA. Precisávamos do meu salário e do plano de saúde, que em pouco tempo você já não podia nos dar.

Dexter deixou escapar uma careta; ela não devia ter entrado nessa seara. Por sorte, a assistência médica em Luxemburgo era universal e gratuita.

– Enfim, a questão é que nunca encontrei o momento para lhe contar – concluiu.

Não soube dizer se o marido estava com raiva, ou triste, ou indignado, ou em estado de choque.

Muito depois, compreenderia que a impassividade tinha sido tudo o que ele conseguira exibir. Nunca fora treinado para esse tipo de confronto. Não era fingido por natureza nem por profissão. Apenas por acaso.

– E, quando nos mudamos para cá, é claro, pedi demissão. Mas, àquela altura, por que eu deveria lhe contar a verdade? Como poderia? Tinha passado dez anos mentindo para você. E, naquele momento, a mentira finalmente estava encerrada. Eu tinha todas as razões para crer que o assunto ia se tornar mais irrelevante a cada dia. Então, por que eu deveria admiti-lo? Que bem faria isso? Como me lembro de você ter dito uma vez, a propósito do sigilo do seu suposto cliente, o cliente que não existia, seria uma tremenda desvantagem, sem nenhum benefício.

Dexter olhou fixamente para o outro lado do salão, para o vazio.

– Só que eu estava errada, Dexter, eu sei. Devia ter dado um jeito de lhe contar, em algum momento.

Mas não contei.

Procurou fazer seus olhos implorarem perdão.

– E eu sinto muito, muito, muito.

Nesse momento, Dexter lhe deu um sorriso sem pudor, um sorriso que parecia cheio de compaixão, arrogância e condescendência. O sorriso que se usa ao receber um pedido importante e sincero de desculpas. Um sorriso de indulgência combinada com superioridade. Um sorriso que dizia: estou disposto a aceitar suas desculpas, mas agora você fica me devendo.

Ou, pelo menos, assim pareceu a Kate na ocasião.

Ela só perceberia isso dali a um ano e meio, mas o sorriso de Dexter tinha sido de profundo alívio.

O sorriso de quem podia finalmente parar de fingir que não sabia algo que sabia fazia muito tempo.

Começou a chover, como era comum. Devagar, no início, embaçando o janelão panorâmico de frente para a estrada. Depois veio o martelar alto de gotas grossas na galeria envidraçada, no andar de cima.

Um carro fez uma curva e jogou os faróis nos olhos de Dexter.

– O que você fazia? – perguntou ele.

– Na maior parte do tempo, eu me encontrava com pessoas. Incentivava-as a fazerem coisas que nós... os Estados Unidos, ou a CIA, pelo menos, queríamos que elas fizessem. Eu as convencia.

– Como? – Dava-lhes dinheiro e informações. Ajudava-as a se organizarem. Às vezes ameaçava consequências desagradáveis, se elas não cooperassem.

– Como o quê? – Principalmente, como a falta de coisas que elas queriam. Dinheiro, ou armas, ou o apoio do governo americano. Em vez disso, seus rivais é que receberiam esse apoio. Ou o dinheiro, ou as armas.

– Mas, às vezes, era outra coisa? – Às vezes eu dizia às pessoas que elas seriam mortas.

– Por você? – Eu costumava deixar vaga essa parte.

– E elas eram? Mortas? – Às vezes.

– Por você? – Não exatamente.

– O que significa não exatamente? Kate não queria responder a essa pergunta. E não respondeu.

Dexter desviou os olhos, prestes a formular uma pergunta que não queria fazer: – Era parte do seu trabalho transar com as pessoas? – Não.

– Mas você fez? – Fiz o quê? – Dormiu com outras pessoas? – Não. E você? – Não.

Kate bebeu o último gole do cappuccino, que agora tinha a temperatura ambiente, em equilíbrio com a atmosfera local. Essa era uma guinada inesperada para o campo irrelevante da fidelidade sexual, a única traição a que nenhum dos dois se entregara.

– Você já matou alguém? – perguntou ele à queima-roupa.

Kate sabia que a pergunta surgiria, havia temido isso, mas, mesmo assim, não se decidira por uma resposta. Por quão completa seria sua resposta.

– Sim.

– Quantos? Ela não queria citar números. Essa era uma das grandes razões por que nunca dissera a verdade a Dexter. Não era meramente o código de sigilo da CIA que ela não queria violar, também não se tratava de sua relutância em admitir que havia mentido durante tantos anos. A razão primordial por que nunca desejara ter essa conversa era que não queria responder a essa pergunta, formulada por esse homem, que nunca mais a olharia da mesma maneira.

– Alguns.

O rosto dele pedia um grau maior de especificidade, ou de franqueza. Mas Kate balançou a cabeça.

Não lhe forneceria o número.

– Recentemente? – perguntou ele.

– Não exatamente.

– E isso quer dizer...? Havia impaciência na voz dele. Estava cansado das evasivas da mulher.

– A última vez foi meses depois de Jake nascer. Foi alguém que eu havia conhecido no México.

Se tinha que lhe contar isso, ia contar a história toda. Ou quase.

– Era um político que havia perdido uma eleição presidencial. Estava planejando outra tentativa e queria nosso apoio. O meu apoio. Eu havia desprezado o pedido e, na verdade, a última viagem que fizera ao México tinha sido para conhecer outros políticos, outros homens que estavam pensando em se candidatar. Ele soube disso. E, quando voltei da viagem, meio que me forçou a me encontrar com ele.

– Forçou? De que modo? – Ele meio que me sequestrou. Na rua. Não foi uma situação violenta, mas continha uma ameaça, decididamente. O encontro se transformou numa longa ladainha sobre por que devíamos, por que eu devia apoiá-lo. E então ele me mostrou uma fotografia, tirada pela nossa janela, de mim com o Jake, na nossa sala.

Dexter inclinou a cabeça, como quem quisesse confirmar se havia entendido.

– Ele estava me ameaçando. Se eu não o apoiasse, poderia haver problemas para minha família. Eu não tinha como avaliar até onde o perigo era verdadeiro. E não a teria levado a sério, em absoluto, se o homem não fosse um sujeito totalmente irracional. Delirante. E eu tinha um bebê. O meu primeiro. Nosso primeiro bebê.

– E então...

– Então, não consegui ter certeza absoluta de que ele nos deixaria em paz. Um sujeito desses tem um alcance que vai muito além da deportação, ou da prisão, ou... de qualquer coisa. Se ele quisesse nos fazer mal, faria.

– A menos que você o matasse.

– É.

– Como? Onde? Kate não queria fornecer a pornografia do assassinato quadro a quadro. Não queria recitar seu trajeto por Manhattan, o comprimento da lâmina da faca e o número de vezes que ela havia apertado o gatilho, a cor do papel de parede salpicado de sangue no quarto de hotel, o homem caindo no chão, o bebê chorando no cômodo ao lado, a mulher surgindo e deixando cair a mamadeira, o bico se soltando e o leite derramando no tapete, a mulher implorando “Por favor”, de mãos para o alto, balançando a cabeça, pedindo – suplicando – que sua vida fosse poupada, os enormes olhos negros arregalados, sumidouros profundos de um pavor tenebroso, enquanto Kate lhe apontava a Glock, num debate interno aparentemente infundável, e o bebê parecia ser da mesma idade que Jake, e a pobre mulher, da mesma idade de Kate, uma versão diferente dela mesma, uma pobre infeliz que não merecia morrer.

– Dexter, não quero entrar em todos os detalhes.

Não queria falar do sangue que se espalhou pelas fibras do carpete, saindo do buraco terrível na cabeça de Torres. Maldita mancha.

– Um dia, talvez. Mas hoje, não. Está bem? Dexter assentiu com a cabeça.

– E o que eu percebi – prosseguiu Kate – foi que tinha ficado fácil demais me atingir, me abalar.

Fazer com que eu me portasse como não deveria. Entendi que eu tinha que deixar o trabalho de campo. Tinha que parar de interagir com espíões.

Aquela jovem tinha visto o rosto de Kate. Tinha visto que Kate matara Torres e o guarda-costas.

Aquela mulher, aquela testemunha de um assassinato a sangue-frio, poderia mandar Kate para a cadeia. Poderia arrancá-la do filho pequeno, do marido. De sua vida.

– E assim, depois de matar esse homem, voltei para meu escritório e pedi para ser transferida.

Kate mirou a pistola no peito da mulher, firmando o pulso direito na palma da mão esquerda, começando a entrar em pânico, a se perguntar se teria forças para fazer aquilo, se teria forças para não fazer.

E, no cômodo ao lado, o bebê chorou novamente, dessa vez mais alto.

Depois de tantos anos de tantas mentiras, não havia demorado muito para abrir o jogo. Era surpreendente a indiferença que ela sentia, agora que estava tudo – quase tudo – às claras.

Ambos tinham o direito legítimo de estar furiosos um com o outro. Mas suas indignações moralistas separadas pareciam anular-se e nenhum dos dois estava com raiva. A preocupação estava estampada no rosto de Dexter. Kate achou que era uma preocupação com o futuro deles. Talvez o marido se perguntasse se eles, aqueles dois mentirosos, poderiam dar certo juntos. Um casamento baseado em tantas inverdades. Uma vida levada em tanta falsidade, por tanto tempo.

Kate não sabia que Dexter não havia confessado todas as suas mentiras. Do mesmo modo que ela não tinha revelado cada um de seus segredos.

Ele abriu a boca, deixou-a aberta em silêncio, lutando com alguma coisa, mas desistiu.

– Também lamento muito, Kat. Lamento muito.

Sentados ali, como Kate se deu conta tempos depois, Dexter ficara em conflito entre admitir ou não a camada mais profunda de sua traição. Mas havia optado por não fazê-lo.

E ela também.

Kate bateu pelo corredor, as pontas dos dedos correndo pelo papel de parede com estampa de seixos, até a luz que vinha do quarto dos meninos. Ao sair antes do jantar, agitada, ela não havia fechado as persianas. A iluminação da rua entrava no quarto e banhava tudo com um tom prateado, um mundo cromado de roupinhas e brinquedinhos e garotinhos inocentes, sem rugas na testa e com ombros de uma estreiteza impossível.

Foi até as camas dos dois, com colchões tamanho júnior pouco maiores que os de berços, mas chamadas, ainda assim, de camas de meninos crescidos. Beijou as duas cabeças, os cabelos sedosos, com cheirinho de limpeza. Os meninos estavam esparramados, cada um numa posição estranha, como se houvessem caído de uma grande altura naquelas caminhas. Ploft.

Kate olhou pela janela antes de fechar as persianas. A babá estava entrando no banco do carona, Dexter ao volante, para levá-la para o outro lado da ponte, à sua ruína estreita, repleta de restaurantes asiáticos medíocres. Luxemburgo é um lugar onde um belo filé mignon custa metade do preço de uma comida chinesa horrorosa.

Havia um táxi parado no fim do quarteirão, janela parcialmente aberta, o motorista soprando a fumaça do cigarro em baforadas que se inflavam com uma aparência violenta, a fumaça quente adensando-se no frio ar noturno.

Na direção oposta, Kate discerniu sem precisão a silhueta de uma figura sob um carvalho plantado numa clareira, com uma grade preta de ferro fincada no chão. Era provável que permanecesse ali até o amanhecer – ou talvez eles se alternassem nesse serviço noturno de sentinelas –, para ter certeza de que os Moore não fugiriam. De pé sobre os paralelepípedos, encostado numa grade de ferro cuja borda espetava, tremendo de frio apesar de embrulhado em agasalhos, os pés doloridos, cansado, com fome, entediado.

Mas era o trabalho dele. E, embora Kate ainda não o soubesse, ele tinha feito uma descoberta recente que havia aumentado sua motivação, a qual agora se achava num nível que seria lícito caracterizar como obsessão. Portanto, ele agora contava com a paixão para ajudá-lo a atravessar a noite longa e escura.

Kate estava novamente sentada na varanda quando Dexter voltou. Ele largou as chaves na vasilha de cerâmica do aparador, onde sempre as deixava. Andou pelas lajotas de pedra enceradas, as mesmas de qualquer outro piso em Luxemburgo, à meia-luz. Saiu para a varanda e fechou a porta ao passar.

A chuva e as nuvens tinham sido sopradas pelo vento. Agora a noite estava clara, as estrelas cintilavam.

– Você pode ficar comigo ou com o dinheiro – anunciou Kate.

Havia tomado sua decisão e não era negociável. Estava convencida de conhecer a natureza do marido. Sabia que ele não era homem de querer

comprar iates e carros esporte com uma fortuna em dinheiro sangrento e roubado. Ele simplesmente quisera roubá-lo.

– Não pode ficar com os dois – pressionou ela.

Encararam-se na escuridão fria, pela segunda noite consecutiva, uma distância colossal atravessada nas horas decorridas nesse intervalo.

Dexter deixou a cabeça pender para trás, fitando o céu.

– Você precisa mesmo que eu diga? – Eu gostaria que não, mas preciso.

Ele compreendeu: a situação entre eles mudara. Agora era impossível ela saber com exatidão onde estava pisando.

– Você – disse Dexter, olhando-a. – É óbvio que eu escolho você.

Kate retribuiu o olhar. Passou-se entre os dois uma coisa a que ela não soube dar nome, um reconhecimento, uma resignação, uma gratidão, uma mistura de sentimentos entre duas pessoas que eram casadas fazia muito tempo. Dexter estendeu a mão, segurou a dela.

– Vamos deixar os 25 milhões naquela conta, sem jamais tocá-los – disse Kate.

– Então, para que guardar o dinheiro? Por que não doá-lo? Podemos construir uma escola no Vietnã. Ou uma clínica de tratamento de AIDS na África. Qualquer coisa.

Nunca havia ocorrido a Kate que ela pudesse dispor de uma soma imensa em dinheiro. Que pudesse doar qualquer coisa a qualquer pessoa. Reconsiderou seu plano, suas alternativas, sob esse estranho prisma novo. Os dois passaram alguns momentos calados, imersos em seus pensamentos.

– Acho que não – disse ela. – Precisaremos ter uma reserva, uma soma considerável em dinheiro vivo para fugir, se for preciso. O suficiente para construir uma vida nova do zero.

– Por quê? – Não estou convencida de que não haja meio de você ser apanhado. Sempre há um modo de o sujeito ser pego. Talvez haja provas que você desconhece. Tem a garota de Londres e a sua fonte croata, onde quer que esteja e seja ela quem for. Existem as pessoas com quem essa gente falou, com quem dormiu. Tem aqueles agentes do FBI e os registros que eles fizeram. Tem a Interpol.

Dexter arriou na cadeira. Era uma hora da manhã.

– Precisaremos ficar de prontidão durante anos – prosseguiu Kate. – Talvez para sempre.

Precisaremos estar prontos para sumir, com uma mala cheia de dinheiro vivo.

– Está bem. Mas isso dá o quê: 1 milhão de euros? E quanto ao resto? – Precisamos deixá-lo quieto. Como uma espécie de depósito em garantia.

– Por quê? – Porque, um dia, talvez precisemos devolvê-lo.

Kate acordou assustada, suando frio.

Saiu pé ante pé pelo corredor escuro, beijou os meninos no alto das cabeças perfeitas, ouviu-os respirarem, são e salvos.

Olhou pela janela. Bill continuava lá fora, certificando-se de que ela não fugiria.

Dexter dormia a sono solto, o peso do mundo retirado de seus ombros.

Mas Kate estava inteiramente desperta, perseguida pelo mesmo demônio que a assombrava com regularidade, sobretudo quando ela tentava esquecê-lo.

A descida era estreita e íngreme, com uma curva fechada de noventa graus no meio, mais uma curva difícil no outro lado da porta da garagem, na saída para a rua estreita e seus muros de pedra, que também era uma descida íngreme, e depois mais curvas fechadas. Kate guiava o carro com cuidado pelas ruas espremidas, subindo e descendo os paralelepípedos que a chuva deixara escorregadios, dobrando esquinas apertadas. O rádio estava sintonizado na France Culture, no noticiário matutino, num escândalo político. Ela ainda não identificava um quarto das palavras usadas, mas ficou quase satisfeita por estar compreendendo a história. No banco de trás, os meninos conversavam sobre os tipos de coisas que mais gostavam de cortar ou picar. Jake gostava de maçãs; Ben, para a sua surpresa, falou em kiwis.

Kate havia chegado àquele nível especial de cansaço que é quase alucinatório. Uma sensação que ela recordava dos primeiros meses dos filhos, quando precisava levantar às quatro da manhã para amamentar. E das missões que havia cumprido, de pé e pronta para invadir lugares às três da madrugada, para voos não programados às cinco, em pistas de decolagem improvisadas em clareiras na floresta.

Conduziu os meninos na neblina matinal pelas proximidades da escola, trocando alô e sorrisos e acenos de cabeça com uma dúzia de amigas e conhecidas. Bateu um papo rápido com Claire. Foi apresentada por Amber a uma americana recém-chegada, uma jovem de rosto sardento que vinha de Seattle e cujo marido trabalhava na Amazon, no antigo galpão reformado de uma cervejaria.

Concordou em se encontrar com elas para um café antes de buscar as crianças, dali a seis horas e meia – a oportunidade diária para fazer compras e a limpeza e assistir a filmes e ter aventuras amorosas com treinadores de tênis. Para ter qualquer tipo de vida secreta que se conseguisse imaginar. Ou, meramente, para tomar um café nada secreto com outras donas de casa estrangeiras.

Desceu a colina, tomando um cuidado extra numa zona perigosa de construção. Cruzou a passagem de nível da ferrovia, tornou a subir, depois desceu para atravessar o rio Alzette em Clausen. Subiu para Haute Ville, passou pelo desvio para o palácio do grão-duque e pelo guarda arrogante e gordo de óculos escuros, depois voltou para sua vaga no edifício-garagem.

Havia recomeçado a chover. Kate saiu a pé pelo centro, por ruas em que conhecia de cor cada ladeira e curva, cada loja e cada vendedor.

Havia uma freira idosa parada diante da igreja de Saint-Michel.

– Bonjour – disse a Kate.

– Bonjour.

Kate a examinou de perto, os óculos sem aro e o hábito fechado sob um casaco escuro de feltro.

Percebeu que a freira não era idosa, apenas dava essa impressão, de longe. Era provável que não fosse mais velha que ela.

Seguiu pela Montée de Clausen, paisagens surpreendentes de ambos os lados do platô estreito e inclinado, vastos panoramas em tons de marrom e cinza, como um cavalo pardo molhado. A chuva aumentou, já era um aguaceiro frio e ininterrupto. Kate apertou o casaco em volta do corpo.

Um trem atravessou o desfiladeiro, na ponte elevada em estilo de aqueduto. No rio semicongelado lá embaixo, um pato grasnava com insistência, parecia um velho rabugento discutindo com um de caixa de banco. Um trio de turistas japoneses com ponchos de plástico atravessou a rua correndo.

Kate subiu ao mirante no alto das fortificações, que eram perpassadas por um labirinto de túneis.

Centenas de quilômetros de túneis corriam sob a cidade, alguns grandes o bastante para permitir a passagem de cavalos, móveis ou regimentos uniformizados. Durante as guerras, a população tinha se escondido – morado – nesses túneis, protegendo-se da carnificina lá no alto.

Ela deu o último passo para a plataforma. Havia outra mulher lá em cima, com o rosto virado para o nordeste, na direção dos prédios reluzentes da União Europeia, no bairro de Kirchberg. Parada no alto da velha Europa, contemplando a nova.

– Vocês estão errados – disse Kate.

A mulher – Julia – virou-se para ela.

– E precisam nos deixar em paz.

Julia balançou a cabeça: – Você achou o dinheiro, não foi? – Droga, Julia! Kate estava lutando para manter a compostura. Não tinha grande confiança em que viesse a ter êxito.

– Isso simplesmente não é verdade – insistiu.

Julia estreitou os olhos para uma rajada de chuva que batia de lado: – Você está mentindo.

Em toda a sua carreira, Kate nunca havia perdido as estribeiras durante uma missão, um confronto.

Mas, quando bebês, os filhos haviam minado seu ânimo, esgotado sua paciência, e por diversas vezes ela perdera a calma. Aquilo era uma sensação conhecida, aquele aperto no peito que antecedia a perda do controle.

– E vou provar que está – acrescentou Julia, dando outro passo em direção a Kate e estampando um insuportável sorriso de presunção na boca ridiculamente pintada.

Kate ergueu o braço num átimo e a esbofeteou no rosto, o pulso estalando ao entrar em contato com a pele molhada – uma bofetada contundente, com a mão espalmada, que deixou uma grande marca vermelha.

Julia encostou a mão no rosto machucado, fitando Kate nos olhos com uma expressão que parecia de satisfação. Sorriu.

Em seguida, deu o bote, segurando Kate pelos ombros, pelo pescoço, pressionando, empurrando-a com as pernas. Kate cambaleou para trás, na direção da escada – ia cair, se não recuperasse o equilíbrio. Girou o corpo para se soltar e parou junto ao muro baixo de pedra que a separava de uma queda de mais de 20 metros.

Olhou em volta, observando o despenhadeiro perigoso que a cercava por três lados. Julia estava parada no alto da escada do quarto lado, bloqueando a rota de fuga. As testemunhas japonesas haviam desaparecido. Não havia outros turistas, outros visitantes, mais ninguém. Era o meio da semana, numa pequena cidade do norte da Europa, em pleno inverno, embaixo da chuva gélida que caía a cântaros.

Estavam completamente sozinhas.

Julia deu um passo em direção a Kate, rosto abaixado, mandíbula tensa, olhar enfiado. Mais um passo. Kate estava encostada no muro.

Julia estava a poucos passos. De repente, Kate ergueu o braço e desferiu um soco rápido. Julia se esquivou, girou e tirou a mão do bolso, levantando alguma coisa prateada e brilhante.

Kate desferiu um chute e acertou com o pé direito a mão de Julia, porém não foi um golpe forte o suficiente para que a outra largasse a arma, apenas fez com que Kate perdesse o equilíbrio nas pedras molhadas e escorregadias. Caiu sentada, depois bateu a cabeça no arenito duro, denso e irregular, num impacto doloroso.

Tudo escureceu.

Mas só por uma fração de segundo. Logo em seguida, a visão de Kate foi voltando: pontos, estrelas e espirais de luz multicores. Ela enfiou a mão no bolso enquanto seus olhos discerniam Julia voltando à ação e girando na direção dela. Levantou depressa o braço; houve um borrão indistinto e um roçar de tecido contra tecido.

Julia estava parada diante de Kate, apontando-lhe o revólver na cabeça, e a Beretta preta e fosca de Kate mirava diretamente o peito de Julia.

Um ônibus roncou na rua lá embaixo, oculto, e trocou de marcha para enfrentar a arrancada final na subida íngreme até o alto da Montée de Clausen.

As mulheres se encararam pela mira das armas. Estavam ambas

encharcadas, com água escorrendo pelo cabelo e pelo rosto, entrando nos olhos. Kate piscou para afastá-la. Julia enxugou a testa com a mão esquerda, livre.

Continuaram a se encarar.

E então, de repente, Julia baixou a arma. Fitou Kate por um segundo e acenou com a cabeça. Foi o mais ínfimo dos acenos, o pescoço se inclinando ligeiramente, o ângulo do rosto mal chegando a se alterar. Ou talvez o pescoço e a cabeça nem se houvessem mexido, talvez o aceno tivesse sido apenas com os olhos, uma piscadela. Sua face se contraiu no que talvez fosse um sorriso, talvez uma careta.

Kate pensaria muitas vezes nessa expressão enigmática, no ano e meio seguinte. Julia estava tentando lhe comunicar alguma coisa, ali naquele mirante, sob a chuva torrencial. Mas Kate não conseguiu descobrir o que era.

Então Julia deu meia-volta, cruzou a plataforma, desceu a escada e desapareceu de vista. Foi embora. Para sempre, acreditou Kate.

– Você soube dos Maclean? Kate estava em pé na escola, esperando dar as três horas. Fazia frio, mas o tempo estava claro e sem nuvens, o tipo de dia que se diria ser corriqueiro no nordeste dos Estados Unidos, no rigor do inverno, mas que parecia um raro prazer ali, uma ruptura do cinza cotidiano.

A pergunta viera de uns três metros de distância, às costas de Kate. Ela não quis virar de frente para a conversa, mas queria ouvi-la disfarçadamente.

– O que é que tem? – Estão indo embora. Talvez já tenham ido.

– De volta para os Estados Unidos? – perguntou uma mulher cuja voz soou familiar. – Por quê? Abriu-se a porta gigantesca e as crianças começaram a emergir do prédio, ofuscadas pelo brilho do sol.

– Não sei. Eu só soube que estão de partida. Pela Samantha. Você sabia que ela trabalha numa firma especializada em mudanças, aqui em Luxemburgo? Pois acabou de receber uma cotação para o apartamento dos Maclean. Verificou com o corretor e descobriu que eles estão sendo liberados do contrato de locação, porque vão regressar para os Estados Unidos a trabalho. Imediatamente.

Jake saiu para o sol, procurou a mãe, achou-a e seu rosto se iluminou, como sempre fazia, todos os dias.

– Oi, mamãe.

Kate se virou de frente para as mulheres que fofocavam. Uma tinha um rosto vagamente conhecido.

Kate sentiu os olhos da mulher pousados nela – uma colega de Julia Maclean, possivelmente afetada pelo que quer que houvesse forçado o casal a partir.

A outra mulher, a da voz conhecida, era a Singela Jane. Seus olhos encontraram os de Kate e Jane os baixou, com inequívoca vergonha. Devia achar que aquilo tinha a ver com ela; seu romance com Bill havia destruído o casamento. Todos se acham o centro de tudo.

O inverno foi chegando ao fim. Eles passaram uma semana em Barcelona, mais cálida que o norte do continente, temperatura para suéter, em vez de casacão. Um passeio de carro a Hamburgo num fim de semana. Um voo para um fim de semana em Viena. Locais estrangeiros, línguas estrangeiras.

Kate passou um fim de semana sozinha na Paris invernal: chegou no trem-bala de sexta de manhã, após duas horas de viagem confortável, e deu uma caminhada revigorante da Gare de l'Est até o almoço num mercado coberto: mesas com toalhas de plástico, vapor subindo da barraca vietnamita, manteiga chiando nas chapas largas dos crepes, pratos com esculturas de pés de porco. Ela entrou e saiu das grandes lojas de departamentos nos grandes bulevares. Visitou o Louvre.

Sábado, ao final da tarde, parou na Pont Neuf, o rio cintilando abaixo, liso e prateado à luz hibernal. Tornou a amarrar a echarpe nova no pescoço, mais apertado, mais quente. Atravessou outra vez para o burburinho movimentado da margem esquerda do Sena, os cafés e brasseries lotados para os drinques e cigarros do começo da noite, a luz do sol se extinguindo aos poucos, substituída pela luz elétrica. Ao esperar que o sinal abrisse numa esquina da Place Saint-Michel, abarrotada por centenas de pessoas, notou que o galho de árvore que pendia sobre o cruzamento começava a florescer.

Quando eles deixaram Luxemburgo para as férias de verão no sul da França, planejavam regressar em cinco semanas. Presumiram que mandariam as crianças de volta para a mesma escola, em novas séries. Mas, naquele mês no Mediterrâneo, reavaliaram seus planos. Queriam mesmo morar em Luxemburgo? Precisavam disso? Aquilo de que precisavam – de que haviam precisado – era que Dexter pudesse abrir as contas numeradas ultraprotegidas que seu golpe exigia. Ele precisara criar uma société anonyme para operar num ramo de negócios que nenhuma autoridade questionaria: investimentos no mercado financeiro, em Luxemburgo. E os dois precisavam pagar o imposto de renda em algum lugar que não estivesse sob a jurisdição do FBI.

Mas tinha que ser Luxemburgo? Não. Podia ser a Suíça, ou as Ilhas Cayman, ou Gibraltar, ou diversas pequenas nações bem cuidadas e favoráveis à privacidade. Dexter visitara todas elas, no ano anterior à mudança. Tinha escolhido Luxemburgo por parecer o melhor paraíso fiscal para se morar. Era um lugar de verdade, não uma ilha remota no mar da Irlanda, nem um clube campestre no Caribe, nem um afloramento de rocha dos Pireneus. Tinha uma próspera comunidade de estrangeiros residentes, boas escolas e acesso fácil às riquezas culturais da Europa Ocidental.

E ninguém nos Estados Unidos sabia o que era Luxemburgo. Quando os americanos ouviam dizer que alguém ia se mudar para Zurique ou para as Ilhas Cayman, presumiam que a pessoa estava escondendo dinheiro ou fugindo – ou ambas as coisas. Mas ninguém sabia o que se fazia em Luxemburgo.

No cômputo geral, Kate tinha que admitir que Luxemburgo fora uma boa escolha para toda a família. Mas havia acabado comprometida pela maneira como tudo tinha começado. E pelos Maclean.

Agora que a LuxTrade S.A. estava firmada, agora que Dexter ganhava a vida de forma legítima – e surpreendentemente lucrativa – com sua empresa de investimentos, agora que eles tinham vistos de residência e carteiras de motorista da União Europeia, agora que tinham entregado suas declarações de renda em Luxemburgo... agora que tudo isso estava feito, precisavam realmente permanecer em Luxemburgo? Não.

Foram as crianças que fizeram amizade na praia de Saint-Tropez. E, então, no dia seguinte, os adultos se apresentaram. E no outro dia, estavam todos juntos na mesma praia outra vez, e mais adiante naquela semana, num almoço regado a vinho rosé gelado e com a tagarelice animada de americanos desterrados em férias. Kate ouviu as histórias sobre a vida em Paris, e sobre a escola internacional de Saint-Germain, e sobre o mercado imobiliário, onde os preços tinham entrado em baixa recentemente...

Depois disso, tomaram o voo matutino de Marselha, os meninos de cabelo lavado e penteado e as camisas enfiadas nas calças, e pegaram um táxi do aeroporto à escola. Vieram as entrevistas rápidas com as crianças e as outras, mais longas, com os pais. E em seguida, os apertos de mãos com o funcionário encarregado das admissões, sorrindo e recebendo a garantia de que os meninos seriam bem-vindos ali.

Comeram e beberam alguma coisa no Café de Flore. Depois, tornaram a sair, naquele abafado dia útil de verão. Chegaram à agence immobilière, que tinha as janelas enfeitadas por fotografias de apartamentos em papel brilhante. Apresentaram-se e partiram para uma visita rápida aos imóveis.

Na manhã seguinte, assinaram o contrato de matrícula da escola e o contrato de locação do apartamento.

Em meados de agosto, Luxemburgo parecia deserta. Ou sem seus estrangeiros residentes. Todas as amigas de Kate estavam de férias com a família – as americanas, nos Estados Unidos; as europeias, em chalés alugados à beira-mar na Suécia, em villas caiadas de branco nas montanhas da Espanha ou em residências em tons pastel e com piscina na Úmbria.

Kate circulou pela cidade vendo os rostos conhecidos dos balconistas de lojas, dos vendedores do mercado da Place Guillaume II, das garçonetes em seus intervalos dedicados a fumar, dos guardas do palácio. Eram todas pessoas cujos nomes ela não sabia e que faziam parte da textura de sua vida.

Teve a sensação de que devia despedir-se de todas e cada uma delas.

Desejou que suas amigas estivessem ali, nesse momento. Ansiou por se sentar numa cafeteria com Claire e Cristina e Sophia, tomar uma última rodada de café, trocar uma última rodada de abraços.

Mas era melhor assim, provavelmente. Detestava despedidas.

Voltou ao apartamento levando um sanduíche de presunto num saquinho de papel e retomou a tarefa de triar os brinquedos dos meninos, separando os que eram para jogar fora, para doar, para guardar.

Os garotos estavam com Dexter no parquinho do navio pirata, pela última vez.

Kate sabia que seria mais fácil nessa segunda vez. As partes difíceis seriam menos difíceis e as divertidas, mais divertidas. Como com o segundo filho, Ben: menos intimidante, menos árduo, menos confuso, com o bônus da experiência prévia.

Eles ainda precisavam manter algum tipo de residência em Luxemburgo: um lugar de onde mandar as declarações de impostos, onde pudessem fingir que moravam. A casinha de fazenda, alugada nas Ardenas por mil euros por mês, serviria perfeitamente. Havia uma pilha de caixas destinadas a ela, jogadas num canto da sala, cheias de luminárias baratas, pratos sem uso e talheres descartados. E um cofre em que eles guardariam 1 milhão de euros em espécie.

Afora isso, o dinheiro do coronel continuava intacto, na mesma conta numerada, possivelmente para sempre. Agora eram 24 milhões.

Kate contemplou pela janela a vista ampla, a larga faixa de Europa em seu campo visual, nesse seu breve lar. Os olhos se encheram de lágrimas. Ela sentiu um peso maciço de desespero ante o término disso. Ante a marcha inexorável de sua vida para adiante, para o fim inevitável.

Hoje, 19h32 As lembranças começam a esmaecer, a assumir uma tonalidade indefinida nas bordas, uma imprecisão que se infiltra sorrateira em direção ao centro, acabando com a confiança de Kate em que os eventos de fato aconteceram. Faria muito mais sentido se ela houvesse imaginado a coisa toda, sua vida inteira. O presente seria apenas o presente, ligado a outro passado, mais simples.

Faz um ano e meio desde o dia em que Kate e Julia ficaram sob a chuva enregelante, na plataforma do mirante da Montée de Clausen, ambas armadas, enraivecidas e sem saber ao certo se uma teria que matar a outra.

Agora, neste café parisiense, elas se entreolham sem jeito, como namorados depois da primeira briga.

O corpo de Julia se inclina na direção de Bill, numa atração magnética. Há algo diferente, agora, na maneira de esse homem e essa mulher estarem juntos. Talvez mais natural que antes, nos tempos de Luxemburgo. Mais qualquer coisa. Ou talvez menos.

– E então – diz Julia –, o que vocês têm feito? Dirige a pergunta a Kate, agora que os homens acabaram sua história masculina de tráfico de armas e membros destroçados.

Kate dá uma olhada para Dexter. Ele não a encara, não oferece nenhuma orientação. Parece completamente à vontade, como se não houvesse nenhum aspecto negativo possível nessa interação, nada que pudesse dar errado, nenhum rumo ruim que ela pudesse tomar. O que deixa Kate duplamente certa de ter razão quanto ao que realmente aconteceu entre eles. Triplamente. Tem uma certeza incontestável.

O que ela não entende é como pode conversar com essas pessoas, como se fossem todos normais, como se este fosse um encontro de verdade entre amigos sinceros, ou até um tenso confronto entre inimigos. Que grau de franqueza Julia poderia estar esperando? Que tipo de conversa essa mulher acha que eles terão? – Por que Paris? – pergunta Julia.

Talvez espere que uma pergunta mais específica gere uma resposta.

– Por que não? É a resposta tensa de Kate.

Bill levanta as mãos, faz um gesto apontando o ambiente e diz: – Porque isto aqui, sabem?, isto é um horror, porra.

Há um apelo nos olhos de Julia: – Ora, vamos, Kate. Não estou pedindo muito. Não precisamos ser... amigas...

Kate baixa os olhos.

–... mas não temos que ser inimigas, Kate. Não somos inimigas. Não estamos aqui... isto não é...

Sua voz se extingue e o olhar se perde na distância.

Kate olha demoradamente para Julia, que tem as mãos cruzadas, cotovelos na mesa, curvada para a frente, sobrancelhas arqueadas, cabeça inclinada de lado, ansiosa por ouvir qualquer pequeno detalhe irrelevante de qualquer história que não venha ao caso. Qualquer coisa. Nessa pose de avidez, Kate pensa reconhecer uma coisa estranha: amizade.

– Eu... – começa Kate e de repente sente uma tristeza terrível. – O que você quer que eu diga, Julia? – Não sei, qualquer coisa. Você sente saudade de Luxemburgo? Kate dá de ombros.

– Eu, sim – confessa Julia. – Sinto saudade das minhas amigas. Sinto saudade de você, Kate.

Kate tem que desviar os olhos, lutando contra a vontade de chorar.

– Senhoras – diz Bill, erguendo sua taça. – Não sejamos piegas. A Luxemburgo! Kate observa Julia erguer sua taça, respingar umas gotas de vinho nos lábios e repor a taça na mesa.

– A Luxemburgo.

– Então, perdoem a minha falta de rodeios – diz Kate, dando o passo que ninguém mais parece disposto a dar –, mas, por que vocês estão aqui? Julia e Bill trocam uma olhadela rápida.

– Nós viemos contar a vocês... – diz Julia –... contar ao Dexter sobre o coronel.

– Ah – Kate meneia a cabeça. – Sei.

Novo silêncio.

– Não entendo por que isso precisa ser feito pessoalmente – recomeça Kate. – Na verdade, não entendo nem mesmo por que vocês querem fazê-lo. Afinal, Dexter é uma pessoa que vocês investigaram, que acusaram de um crime grave, do qual é óbvio que ainda o consideram culpado.

– Também éramos amigos – diz Julia.

Kate se inclina para a frente: – Éramos? Elas se encaram, as duas mulheres.

– Eu achava que sim. Ainda acho.

– Mas...

Kate procura estampar no rosto sua perplexidade, seu sentimento de traição.

– Eu estava fazendo... nós estávamos fazendo aquilo que precisávamos fazer.

Kate sente alívio por Julia não dizer que estivera apenas fazendo seu trabalho. Pelo menos é franca quanto a isso. Porque trabalho tinha sido a última coisa com que ela se preocupara.

– Há também mais uma coisa – diz Bill, voltando a entrar na briga. – Queríamos contar a vocês que, agora que o coronel morreu, a investigação está encerrada.

– Completamente? – pergunta Dexter.

Por um instante, todos se calam, no ruidoso crepúsculo parisiense. Bill esvazia sua taça e torna a enchê-la: – Completamente. E em caráter definitivo.

Há um policial de uniforme azul encostado num automóvel, flertando com uma jovem que fuma um cigarro montada numa motoneta. Os olhos de Kate são atraídos pelo revólver do policial, que pende descuidado. Seria fácil dominá-lo e lhe tirar a arma, enquanto ele se distrai com outras prioridades mais francesas.

Kate vira para seus companheiros. Será que um dia alguma dessas pessoas vai abrir o jogo com ela? Será que ela própria abrirá inteiramente o jogo com alguma delas? Durante este último ano, foi rigorosamente sincera com Dexter. Ou quase. E tinha pensado que ele fora sincero com ela também. Mas perdeu essa ilusão hoje à tarde. Agora mal consegue acreditar que levou tanto tempo para examinar o anuário dele, agora percebe que houve uma enorme dose de negação em seu lapso.

Foi só uma fotografia pequena que ela encontrou, uma cópia ruim, em cores desbotadas. Terceira fileira de cima para baixo na página, segunda foto da direita para a esquerda: uma moça de beleza corriqueira, sorriso largo, brilho rosa-claro nos lábios e cabelo louro repicado.

– E então? – pergunta. – O que vocês vão fazer com a sua metade? A mesma mulher de beleza corriqueira, agora sentada do outro lado da mesa, sobranceiras levantadas, sorriso desfeito, finge-se surpresa: – Nossa metade de quê? – Sua metade do dinheiro.

Nem Julia nem Bill esboçam qualquer reação – nenhuma expressão facial, nenhum movimento do corpo, nenhum som, nada: a não resposta treinada do mentiroso profissional. Mas esses dois são muito óbvios. Não são tão bons atores quanto Kate imaginava, nem de longe tão bons quanto ela. Talvez seja verdade o que todo mundo afirmava em seu trabalho, na ressentida disputa de meio século entre as duas instituições: os agentes do FBI simplesmente não são tão bons quanto os da CIA. Ou talvez, como a própria Kate, eles apenas estejam sem prática.

– Que dinheiro? – pergunta Julia.

Kate dá um sorriso condescendente.

– Ainda não decidiram? – retruca.

Olha para cada um de seus três companheiros, para o disfarce que usam, na tentativa de mascarar as diferentes mentiras que contaram uns aos outros. As mentiras que todos continuam tentando sustentar. Na esperança de que elas os protejam pelo resto de suas vidas plenas e satisfatórias, apesar das verdades que eles optaram por não contar às pessoas mais importantes de seu mundo.

Kate mantém os olhos na principal responsável, Julia. Nessa tarde, ao perceber que Dexter e Julia – cujo nome verdadeiro era Susan Pognowski – tinham se conhecido na faculdade, seu primeiro pensamento foi que eles haviam

arquitetado juntos esse plano, já naquela época, ou logo depois. Mas não conseguiu conciliar essa hipótese com a realidade do seu Dexter. Ele não era esse tipo de pessoa. Não era um manipulador. Era do tipo que é manipulado.

Kate percebeu que tinha sido isto: Julia havia orquestrado a coisa toda, enganado todo mundo. Nunca houvera nada de sexual entre ela e Dexter, nada romântico. Apenas um grau extraordinário de maquiavelismo e uma assombrosa capacidade de planejamento e visão de futuro.

Ao ver aquela foto do anuário pela primeira vez, Kate ficou magoada, com raiva, sentiu-se traída e confusa. Mas, caminhando pelas ruas apinhadas e barulhentas de Paris, montou todo o quebra-cabeça, peça por peça. E, à medida que ele foi desvendado, sentiu-se cada vez menos aborrecida com Dexter, cada vez mais perplexa com Julia. Parada na Rue Saint-Benoît, no trecho elegante formado pela esquina do Le Petit Zinc, Kate perdoou o marido. Depois de andar outro quarteirão, tinha reconsiderado todo o seu projeto de vida. E, ao entrar no apartamento, minutos depois, estava pronta para tomar as providências necessárias.

Kate compreende por que Dexter teve de esconder dela esse segredo específico. É que admiti-lo implicaria admitir outra coisa que ele não podia suportar – que sabia que Kate era agente da CIA. Não conseguia confessar a que ponto tinha mentido para ela.

Dexter não sabe que foi perdoado. Sabe apenas que seu pior embuste acaba de ser descoberto. Agora está tomado pelo nervosismo e mal consegue permanecer sentado. Kate se lembra de como costumava prender os filhos com o cinto de segurança na cadeirinha de alimentação, para eles não fugirem durante as refeições. Imagina-se estendendo as mãos e prendendo Dexter nessa cadeira de palhinha do café, fechando a fivela. A imagem surreal a faz sorrir.

Seu sorriso dá a Julia coragem para romper o silêncio: – De que diabo você está falando? E isso a instiga a dizer: – Estou falando da sua metade dos 50 milhões de euros – afirma, e então, para arrematar, acrescenta: – Susan.

Bill quase se engasga com o vinho.

– Por favor – diz Kate –, interrompam-me se eu disser alguma coisa errada. Está bem? Bill, Julia e Dexter se entreolham feito os Três Patetas. Acenam com a cabeça ao mesmo tempo.

– Ninguém aqui foi criado em Illinois. Bill, você não frequentou a Universidade de Chicago. Julia, você não foi de nenhuma faculdade da Universidade de Illinois. Vocês criaram essa história de Chicago por saberem que eu nunca estive lá, não tinha amigos por lá. Não poderíamos nem mesmo tentar encontrar um conhecido distante em comum. Bill, você é meio irrelevante nessa história. Vocês dois – aponta para Dexter e Julia – se conheceram num de dois lugares: ou eram do mesmo dormitório ou fizeram alguma matéria juntos em uma turma pequena. Imagino que no primeiro semestre do primeiro ano.

Por um momento, nenhum dos dois responde, ambos numa previsível negação de que finalmente tinham sido apanhados.

– Dormitório – admite Julia, a primeira dos dois a chegar à conclusão de que a verdade, ou essa verdade, pelo menos, já não podia ser evitada. – Primeiro ano.

– E alguma coisa fez a relação de vocês ultrapassar a de colegas de dormitório. O que foi? – Fizemos uma disciplina juntos no segundo semestre – responde Julia. – Francês.

– Portanto, vocês logo se tornaram amigos no primeiro ano, quando era fácil fazer amizade com qualquer um. Exatamente como as pessoas que vivem fora de seus países.

Kate tem uma lembrança do dia em que conheceu Julia. Daquela noite, parada ao lado de Dexter no banheiro, os dois escovando os dentes lado a lado, quando lhe disse que a nova vida deles parecia a vida de calouros na universidade. E que havia conhecido uma mulher de Chicago. Dexter brincou, dizendo que ela não poderia fazer amizade com essa mulher, já que tinha tanta antipatia por Chicago. Manteve-se muito calmo. Kate nunca imaginou que o marido fosse capaz de uma falsidade assim. Está impressionada com ele, apesar de tudo.

– Mas vocês gravitaram para grupinhos diferentes – continua. – Ao se formarem, já não eram realmente amigos. Ninguém da faculdade os identificaria como amigos. Se os seus colegas de classe fossem consultados, nenhum deles se lembraria de que vocês tinham sido íntimos. Porque, basicamente, só vocês sabiam da sua relação, certo? Não tinham uma história pública. Só a história privada.

Ainda nenhuma resposta. Nenhuma correção.

– E assim, passaram-se quinze anos. Você – ela inclina a cabeça para Julia – estava trabalhando no FBI. Sua especialidade era a investigação de crimes cibernéticos. A movimentação bancária on-line dos consumidores havia explodido, passando de zero a bilhões em alguns anos, e depois, decorrida mais meia década, era praticamente todo o dinheiro do mundo sendo movimentado via internet. Você tinha se tornado perita em investigações nesse campo, no primeiro escalão do FBI, certo? – Sim.

Kate vira-se para Dexter: – Você trabalhava num banco. Também tinha se tornado um tipo diferente de especialista no mesmo campo. E então, um dia, do nada, você topou com sua velha amiga, sua ex-amiga, num local público. Onde foi que aconteceu? – Numa livraria – responde Dexter, em voz baixa.

– Que incrível! Pois então, lá na livraria, essa velha amiga o convidou para tomar uma bebida, certo? É claro, você respondeu, eu adoraria pôr a conversa em dia. E assim, vocês se encontraram num bar qualquer da Rua M, engataram um bate-papo informal e, pimba, Julia expôs o plano que havia

arquitetado. Tinha descoberto um jeito de fazer o conhecimento dos dois se complementarem para gerar uma bolada colossal. Certo? – Basicamente.

– O plano era que, se vocês descobrissem um jeito de piratear transações bancárias e você conseguisse praticar o roubo, ela garantiria que você não fosse pego. Porque seria ela a fazer a investigação. E vocês dividiriam o lucro. E assim vocês devem ter ficado gravitando em volta um do outro. Você, Julia, deve tê-lo vigiado. Ou nos vigiado. Descobriu que eu tinha perdido o pique na minha carreira. Que não tínhamos dinheiro. Que Dexter, ao contrário de outros gênios da informática da geração dele, nunca chegara nem perto de fazer fortuna. Tinha uma leve amargura em relação a isso, além da motivação financeira.

Kate contempla a mulher diabólica do outro lado da mesa, cercada por seus parceiros um tanto ineficazes: – E você sabia, é claro, que Dexter alimentava uma fantasia antiga e profundamente arraigada de vingança em relação à pessoa que havia matado o irmão dele.

Kate ainda está em dúvida se deve abrir o bico e revelar esse enorme segredo. Sim ou não, não ou sim...

Abre a boca para acrescentar o novo toque, a acusação que mudará tudo para Dexter, mais uma vez: – Ou supostamente matado.

Hoje, 20h08 Dexter fica visivelmente confuso. Bill também. Os dois de cenho franzido.

– O que quer dizer com supostamente? – pergunta Dexter.

Julia trinca os dentes, estreita os olhos. Sabe que Kate sabe a verdade. E sabe que ela está prestes a revelá-la.

– Enquanto considerava a proposta dela, Dex – Kate vira para o marido –, enquanto avaliava a possibilidade, você, por acaso, recebeu informações atualizadas sobre o coronel? Alguma coisa ultraconvicente sobre a maldade dele? Dexter não balança a cabeça, não faz um sinal afirmativo, não pestaneja, não abre a boca. Olha fixamente, pensando, correndo para alcançar a mulher, para chegar à conclusão antes que ela a enuncie em voz alta, para evitar essa faceta particular da humilhação.

Kate lhe dá um sorriso, gabando-se um pouquinho da vitória. Falta de espírito esportivo, admite. Apesar de tê-lo perdoado, ainda se deleita com a expressão de surpresa e vergonha no rosto do marido.

– É claro que recebeu, querido.

Sente-se no direito de ter uma pequena vingança, que é esta: revelar que ele foi tapeado pela pessoa em quem confiou. Vai doer, mas não vai durar muito. Ao contrário da trapaça em si, que abarcou uma década.

Kate praticamente escuta as engrenagens de Dexter girando, sente o cheiro da fumaça, enquanto ele descobre que sua fonte croata anônima era falsa, um impostor, mais um ator remunerado nessa peça de trama complexa. Dexter se vira para a dramaturga, Julia.

É o momento em que sua ficha cai. E o deixa literalmente boquiaberto.

– Era você a minha fonte? Julia o encara, sem mostrar arrependimento: – Era.

Ele arregala os olhos. Está tentando digerir a monstruosidade dessa revelação, buscando na memória o novo começo desse enredo: – Eu lhe falei da morte de Daniel, na faculdade? – Falou.

– E, quando começou a trabalhar no FBI, você investigou isso? Foi então que descobriu que o coronel tinha sido o assassino de Daniel? Kate percebe a expressão infantil no rosto de Dexter. Um homem adulto que quer desesperadamente que a realidade se curve à sua concepção. Na esperança de que, se afirmar sua ideia em voz alta e em tom confiante, o mundo concorde com ele.

As crianças têm a mesma expressão e o mesmo tom quando testam suas teorias sobre piratas ou dinossauros, ou opções de viagens espaciais. Ainda hoje de manhã, Ben explicou a Kate: “Se a gente abrir bem os braços e fizer assim, igual ao passarinho, a gente consegue voar. Não é, mamãe?” Julia não diz nada, relutando em ser aquela que vai estraçalhar essa última migalha de ingenuidade

de Dexter.

Ele olha para a taça de vinho. Kate percebe que está descascando as camadas, num movimento retroativo: se nunca houve nenhuma fonte croata secreta, isso quer dizer que nunca houve um funcionário do Departamento de Estado que o pôs em contato com essa fonte. O que significa que nunca houve relatório sobre a brutalidade da morte de Daniel. O que significa...

– O coronel Petrovic não teve nada a ver com a morte de Daniel, teve? Kate estende a mão sobre a mesa, segura a do marido e a aperta.

– Nossa – diz Dexter.

Suas sobrancelhas subiram tudo o que podiam na testa. Ele tira a mão da de Kate, reclinando-se na cadeira para longe da mesa, abrigando-se nele mesmo, buscando privacidade na humilhação.

– Nossa.

– Sinto muito – diz Julia. – Ainda assim, Petrovic era uma pessoa terrível, terrível. Ele...

Dexter levanta uma das mãos: – Deixe-me entender direito – diz, fuzilando Julia com os olhos. – Você inventou o telefonema do Departamento de Estado que me alertou dessa fantasia de que o coronel tinha matado meu irmão. Inventou o relatório sobre a morte dele e inventou um funcionário para me dar esse relatório e me pôr em contato com um croata inventado, que, ao longo de... quanto tempo: uma década?, me deu informações inventadas sobre o coronel? – Em síntese – admite Julia.

Ninguém diz nada.

– A palavra croata niko – acrescenta Julia – significa ninguém.

Dexter solta uma risada alta, enraivecida.

– Mas quero deixar claro – prossegue Julia – que a maioria das informações sobre o coronel era correta.

– Menos as partes que tinham alguma coisa a ver com Daniel. E portanto, comigo.

Kate dá uma olhada para Bill, calado. Calcula que ele também não sabia nada sobre esse aspecto da história por trás da cena.

Mas ele não lhe dá uma importância especial; para Bill, esse show secundário é puro entretenimento. Ele tem as próprias desonestidades fundamentais para proteger.

– Você mandou informações atualizadas para mim, através do suposto Niko, para me fisgar cada vez mais, para me deixar cada vez mais interessado na história desse traficante de armas que supostamente havia trucidado meu irmão. Tudo isso para que eu ficasse motivado, para que fosse compelido a ajudá-la a roubar um homem rico. É isso mesmo? – É.

– Quer dizer que você tramou esse plano há doze anos? – Sim.

– Eu não entendo – diz Dexter, estampando a perplexidade no rosto. – O

que você teria feito se, nesse meio-tempo, o coronel morresse? Ou falisse? Ou se eu não cooperasse, já imaginou? Depois de tanto tempo investido em mim? – O que o faz pensar – pergunta Julia – que você foi o único? – Monsieur – diz Julia, chamando o garçom para pedir uma garrafa de água. – Une carafe d'eau, s'il vous plaît.

Kate nota que a pronúncia de Julia em francês melhorou muito, agora que ela já não precisa fingir ter um sotaque horrível.

– O que você quer dizer? – pergunta Dexter.

– Que estou com muita sede – responde ela aos companheiros, matando tempo até que o grupo volte a ter privacidade.

O garçom serve dois copos, para as damas. Julia bebe uma golada comprida, esvaziando o seu. Torna a enchê-lo, deixando todos em suspenso, prendendo a respiração. Uma estranha nuvem de mal-estar lhe perpassa o rosto. Em seguida, ela diz: – Você não era a minha única opção.

– Não estou entendendo.

– Você e o coronel não foram os únicos antagonistas que montei.

Agora é o cérebro de Kate que corre para alcançá-la. Mas não consegue fazê-lo antes que ela recomece a falar: – Dexter, você não é a única pessoa do mundo que poderia fazer essa invasão. Na verdade, lamento dizer que, em muitos aspectos, é a menos qualificada. Para ser franca, fico surpresa por ter sido você.

– Hein?!? – Passei anos, passei toda a minha carreira, identificando as mentes mais originais e mais capacitadas no campo da segurança na internet. E depois me encontrei com todos eles. Fiz perguntas sobre seus segredos mais profundos e obscuros. Seus maiores temores e seus desejos mais intensos. Seus ressentimentos reprimidos e seus ódios incontroláveis. Os pontos de pressão em que eles poderiam ser manipulados.

– Como conseguiu isso? – É muito fácil e perfeitamente justificável perguntar qualquer coisa a qualquer pessoa, quando se trabalha no FBI e se entrevista candidatas a empregos, ou conduz investigações.

Kate fica mais assombrada a cada nova informação.

– No fim, eu tinha fígado meia dúzia de hackers como você.

– Se eu sou o menos qualificado, por que você me escolheu? – Não escolhi. Propus esse plano a todos. Vencia quem chegasse primeiro.

– E eu fui o primeiro a descobrir? Dexter tenta reprimir o orgulho, meros segundos depois de digerir um insulto arrasador.

– Foi. Mas, nesse meio-tempo, eu descobri um pequeno problema. Até pormos as engrenagens em movimento, eu não sabia de você, Kate. Tinha feito meus levantamentos sobre Dexter, é claro. Mas não me incomodei com investigações minuciosas sobre as esposas e namoradas e ex-namorados das mães de todos os meus candidatos. Só que, quando ele apareceu com essa

manobra de invasão dupla, eu investiguei.

– E aí? – E aí, sinceramente, tive de pensar em desistir do plano todo. Ou desistir apenas de Dexter, inventar uma razão para dizer que a coisa não ia funcionar e passar a ideia para que outra pessoa a executasse. Também tive de considerar que talvez alguém estivesse armando uma cilada para mim, que fosse um golpe. Mas depois, percebi que, por incrível que parecesse, Dexter não sabia de você.

Kate não gosta de ouvir essa parte em voz alta, ali, meio que em público. Sente-se no direito de humilhar o marido traçoeiro, mas não quer que Julia o faça. Ele já foi suficientemente humilhado por aquela suposta amiga.

– Dexter era certinho demais – prossegue Julia. – Sua vida era muito passível de comprovação, muito sem subterfúgios. Ele não era espião de ninguém, nem agente duplo de ninguém, nem dedo-duro de ninguém. Era quem ele é. E não sabia que você não era.

– E o que você fez? – Conteí a ele.

– Por quê? – Não tive saída. Dexter era o sujeito que tinha a resposta. Era o cara que podia conseguir o dinheiro. Chegar a esse ponto havia demorado muito, e eu não tinha certeza se algum dos meus outros candidatos teria sucesso. Precisava ficar com Dexter e seguir o plano dele. Ou então, teria que arrancar dele todo o processo e, depois, matá-lo.

Dexter solta uma gargalhada, mas depois percebe que não era brincadeira. Franze o cenho.

– Mas é claro que matar o marido de uma analista da CIA seria mau negócio. Em vez disso, portanto, eu precisava ter certeza de que Dexter tomasse um cuidado extra perto de você. Por mais que ele achasse que tinha de ser sigiloso, teria que duplicar isso.

Não poderia tomar a iniciativa de entrar em contato comigo, jamais. Teria que seguir cada instrução exatamente ao pé da letra.

Tinha de saber que, por mais sério que achasse que aquilo era, seria ainda muito mais.

– Como você sabia que ele ia acreditar? – Ei, eu estou aqui – protestou Dexter.

– Por que você acreditou nela? – pergunta Kate ao marido.

– Para que ela mentiria sobre isso? – Por que você não pôde simplesmente me contar? É Julia quem responde: – Ah, qual é, contar a uma agente da CIA que estávamos planejando violar transações bancárias e roubar uma fortuna? – Muito pertinente. E depois? – Depois, nós, quer dizer, eu, preparei toda a série de transações para que elas levassem unicamente ao Dexter. Ele seria a única pessoa a ver um centavo que fosse, durante muito tempo. Ele é que levaria a culpa pelos crimes graves e pelos delitos associados: a falsificação de registros, as invasões, as fraudes, o roubo da American Health. Que proporcionou o

orçamento da operação, inclusive a verba para a sua família. E também serviu de crime inicial para eu desvendar, com bastante facilidade, é óbvio, e comunicar a meus superiores, para ser designada para a investigação desse novo tipo de problema. Essa forma irrefreável de pirataria cibernética. Eu tinha até um suspeito número um, que previ que fugiria do país. Como se verificou, eu estava certa. Isso consolidou a decisão de que o caso ficaria comigo. Estava claro que eu tinha faro para descobrir o que ia acontecer.

– Toda essa história parece depender de ser você a pessoa a conduzir a investigação – diz Kate. – Por quê? – Porque Dexter pode ser apanhado.

– Posso? – É claro que pode. Há uma quantidade enorme de provas que o incriminam, Dexter. Registros da sua abertura e fechamento das contas pelas quais o dinheiro do roubo foi canalizado, até umas fotos e vídeos de você nos bancos.

Dexter torna a parecer confuso.

– Há registros de seu relacionamento com aquela garota de programa que você contratou para praticar fraude e roubo. Existe a própria garota, é claro, com seu depoimento terrivelmente lesivo de que você tramou fazer exatamente o que fez.

Dexter balança a cabeça.

– São provas convincentes. De crimes graves – completa Julia.

– Não entendi – diz ele.

Mas Kate, sim: – Isso tudo é para proteção dela, seu bocó.

Pobre infeliz.

– É verdade? Ele torna a ficar perplexo com a falsidade de Julia.

– Eu precisava ter certeza de que você cumpriria sua parte do trato – admite ela. – Precisava poder obrigá-lo. E, enquanto isso, também precisava ser a encarregada no FBI, para poder me certificar de que ninguém mais descobrisse o que eu sabia que estava lá para ser descoberto, porque eu o havia criado.

Kate se anima ao término desse pequeno discurso, que é exatamente o tipo de confissão que vinha esperando ouvir: – E aí entro eu – diz, querendo cravar uns pregos no caixão, como parte de sua negociação pessoal.

– É, você – confirma Julia. – A desmancha-prazeres do meu plano. Bem, eu precisava ter certeza de que essa esposa da CIA não ia dedurar o marido. Não achava que fosse, não conseguia imaginar que uma mulher destruísse a própria vida só porque o marido era ladrão. Afinal, ele estava roubando de alguém que julgava ser o pior crápula do mundo: o homem que havia assassinado seu irmão. Isso é que é crime justificável. E é claro que aquele primeiro milhão, tirado dos porta-vozes calhordas daquela companhia de seguros desalmada, era o óbvio ululante. Mas eu tinha que ter certeza, não é? Certeza absoluta. Tinha que testar a mulher. Tinha que atraí-la para a jogada, fazê-la perceber que o marido era

culpado. Que o FBI o estava perseguindo e com razão. Precisava deixá-la descobrir a verdade e ver o que ela faria.

– Estou lisonjeada por você ter me levado tão a sério.

– Bem, para ser franca, eu também tinha outra motivação para confrontar você.

– Qual? – Eu – interveio Bill.

Kate continua a se impressionar com os artifícios extraordinários dessa mulher, inseridos em sua rede maciça de falsificação.

– Quer dizer que, durante todo o tempo que vocês passaram em Luxemburgo – diz Kate a Bill –, você pensou que estivessem trabalhando numa investigação autêntica? – Pensei.

– Ha! – faz Kate, virando-se para Julia. – Muito bem, Julia. Absolutamente brilhante.

– Obrigada.

– Portanto, a missão em que vocês estavam – diz Kate –, totalmente transparente, devidamente autorizada pelo FBI, era a investigação daquele primeiro milhão roubado pelo Dexter. Você, Julia, era a responsável pela investigação. E este belo palhaço era seu parceiro.

Julia confirma com um aceno da cabeça.

– E assim, vocês foram mandados, entre aspas, para Luxemburgo. Fazendo-se passar por um casal. Para ficar de olho no pobre do meu marido, ver o dinheiro que ele gastava, observar seu estilo de vida. Era esse o sujeito que acabara de roubar 1 milhão de dólares? Era esse o cara que tinha descoberto como roubar somas ilimitadas em dinheiro, na hora que quisesse? Kate balança a cabeça e prossegue: – Ele morava num apartamento modesto. Hospedava-se em quartos apertados de hotéis medianos, viajava na classe econômica, trabalhava todo dia. Sua mulher limpava os banheiros. Ele foi a Esch-sur-Alzette comprar um Audi usado. Os milionários nunca vão a Esch, muito menos para comprar caminhonetes de segunda mão.

Esse mesmo Audi usado ainda era o carro da família. Eles não tinham arranjado tempo para comprar nada novo. Ou talvez houvessem apenas decidido, sem discutir o assunto, que o velho Audi estava bem razoável. Afinal, era só um carro.

– Então, vocês concluíram que esse sujeito não era aquele gênio do crime e essa família não era rica. Mesmo assim, sua tarefa era obter dados concretos. Porque, mais cedo ou mais tarde, vocês precisariam voltar com um relatório completo na mão e sua carreira estaria na reta. E então, o que vocês fizeram? O garçom se aproxima com uma nova garrafa de água. Kate espera que ele se afaste pela calçada parisiense, enquanto a noite cai e as luzes se acendem. A clientela da hora do jantar que passeia por ali se acotovela, numerosa, alegre. Kate sente uma onda de bem-estar nesse lugar aprazível, com essas pessoas

inteligentes – as quais enfim entende por completo – e com essa trama que ela se descobre apreciando mais a cada segundo, como se não fosse uma participante. A coisa toda é para lá de genial.

– Eu reconheço seu mérito – diz Kate a Julia. – Adoro essa parte. O que você fez foi procurar virar a mulher do suspeito contra ele. Primeiro, construiu um disfarce frágil, que você sabia que me deixaria desconfiada: Chicago. Depois, deixou que eu soubesse exatamente quando teria a oportunidade de entrar no escritório do Bill: você me manipulou para eu sugerir aquela partida de tênis ao meio-dia, não foi? Julia ergue a taça e toma outro gole minúsculo, saboreando a gota de vinho. Saboreando a história que vai sendo construída a seu respeito, a respeito de sua argúcia.

– E nesse escritório, não encontrei grande coisa para comprovar seu disfarce. O que teria sido fácil de fabricar. Mas você não o fez. Em vez disso, deixou uma arma por lá, junto com um punhado de camisinhas. Construiu um escritório falso que parecia exatamente um escritório falso de uma profissão falsa. Vocês eram de um lugar falso, que eu sabia que seria falso, e tinham um falso casamento, com a exata aparência de um falso casamento. E você me conduziu pela mão a todas essas mentiras. Por quê? – Porque eu queria que você as descobrisse.

– Sim, mas para quê? – Para eu poder controlar suas descobertas. Para você descobrir quem nós éramos, o que estávamos fazendo. Você saberia que seu marido era culpado: era o homem que estava com o dinheiro, o que seria detido e acusado. Eu precisava que você se empenhasse em participar desse crime, o crime dele. E precisava que você fosse capaz de descobrir isso sozinha.

Kate ri da ironia.

– Bem, não exatamente sozinha – Julia admite. – Mas quase.

Kate sente o olhar atraído pelo açucareiro de metal onde, uma hora atrás, introduziu discretamente o transmissor de Hayden. A parte dela no trato.

– E quem era Lester? – pergunta. – Seu falso pai, que não era do Novo México.

– Les é nosso chefe.

– Por que ele veio à Europa? – Aquilo foi logo depois do grande roubo. Les queria ver pessoalmente nosso suspeito e a esposa. Seriam essas as pessoas que tinham acabado de roubar 50 milhões de euros? Ele fez perguntas à mulher sobre os restaurantes que ela frequentava habitualmente nas capitais estrangeiras. Quis saber quantas estrelas tinham os hotéis. Resposta: era muito improvável que fossem aqueles os ladrões. Ainda assim, Dexter continuou a ser o principal suspeito. O único suspeito, considerando-se, é claro, que era o culpado. Assim, Lester deu mais um mês para concluirmos a investigação.

– Foi então que vocês decidiram me confrontar.

– Sim. Você tinha sido uma patriota, afinal – sorri Julia. – E, além disso,

podíamos lhe mostrar provas que davam uma impressão terrível de que seu marido estava tendo um caso com uma linda jovem, em hotéis suíços cinco estrelas. Você mesma nunca tinha dormido num hotel cinco estrelas. Eles não existem na Nicarágua, não é? – Não, não existem.

– Por isso nós a confrontamos, para ver o que você faria e para encerrar o processo.

Kate se recorda daquele dia do início de janeiro, os três sentados no banco gelado de jardim. De quando Julia disse em voz alta o valor errado – 25 milhões. Da expressão no rosto de Bill, tentando descobrir o que poderia significar aquela discrepância. O valor do dinheiro roubado, ele sabia, era o dobro disso.

Bill olha para Kate nesse momento, com o mesmo olhar franco e desinibido que ela já viu antes, na boate em Paris, na Grand Rue em Luxemburgo. Um olhar que admite: Você sabe quem eu sou. Mas também desafia: E vai fazer o quê? Kate havia subestimado Bill. Ele soubera a verdade bem antes de Julia a revelar.

Mais uma vez, ela percebe ter deixado escapar um grande pedaço do quebra-cabeça. Que pedaço? Que Bill vinha armando seu próprio golpe. E a vítima tinha sido Julia.

Hoje, 17h50 – Você está brincando.

O mais ínfimo sorriso bailava nos lábios de Hayden.

– Não, não estou – disse Kate.

Eram quase seis horas. Os biriteiros de final de expediente começavam a chegar ao Georges, assim como os turistas com reservas para os primeiros horários do jantar. Um dos colegas de Hayden havia passado uma nota de 20 euros ao maître, para comprar um perímetro de privacidade. Mas não duraria muito.

– O que você imagina que faria? – perguntou Hayden.

– Sou fluente em espanhol. E agora sou passável em francês. Entendo um pouco da Europa. Posso me arranjar numa embaixada, num consulado ou no escritório de uma ONG. Não esqueci como se fazem as coisas que precisam ser feitas.

– Só que você não conhece ninguém. Não tem nenhum contato.

Era o mesmo argumento usado por Julia para não trabalhar como decoradora em Luxemburgo. Uma desculpa a curto prazo.

Uma racionalização fajuta.

– Entendo que eu teria de começar de baixo. E, provavelmente, ficar ali para sempre.

Hayden se reclinou na cadeira, afastado da mesa: – Por que você iria querer fazer isso? Kate levava muito tempo para admitir que já não queria seu emprego, sua carreira. Que estava pronta para ser mãe em tempo integral. Ao longo dos últimos dois anos, porém, tinha descoberto que estava enganada. Não era isso que ela desejava, afinal.

– Meus filhos estão na escola, meus dias são... são vazios, a não ser que eu encontre meios de preenchê-los. Mas preciso de uma razão para preenchê-los. Uma razão melhor do que o tédio.

Sabia que não seria igual a seu antigo emprego. Era provável que nunca mais portasse uma arma, que nunca mais sentisse a emoção intensa de estar ciente de um perigo mortal à espreita a cada encontro com um informante ou um espião. Portanto, seria uma pálida aproximação de sua vida antiga, da antiga carreira, da antiga adrenalina. Porém seria melhor do que nada.

Por outro lado, seria um ambiente de trabalho mais civilizado. Além disso, agora ela possuía muito dinheiro e morava em Paris, seus filhos estavam ficando cada vez mais independentes e ela construía uma relação mais estreita com o marido... Kate já tinha muita coisa. Só queria um pouquinho mais.

– O que eu não quero – continuou – é ter medo de que meus filhos sejam sequestrados por um psicopata latino. Estou mais do que disposta a ter um emprego calmo, sossegado.

Hayden se sobressaltou: – Então foi isso? – Como? – Torres ameaçou sua família? Kate não respondeu. Não admitiria o assassinato premeditado e a sangue-frio de um estrangeiro em solo norte-americano.

– Estou disposta a fazer concessões – disse, pondo de lado aquela antiga transgressão, ciente de que Hayden também não faria questão de mexer nessa grande casa de marimbondos. – E estou aqui para fazer um trato com você.

– Está bem. O que você tem para oferecer? – O culpado pelo roubo dos 50 milhões.

– Interessante.

– Em troca, recebo meu emprego de volta.

Ele assentiu com a cabeça: – Será um prazer.

– Ótimo.

Hayden estendeu a mão sobre a mesa para apertar a dela.

– Mas há uma complicação – disse Kate.

O sorriso dele desabou, assim como sua mão.

– Que é...? – Preciso de imunidade. Para mim. E para meu marido.

– Imunidade? Por meter umas balas no Torres? Por favor. Ninguém chegou nem mesmo a pensar em invest...

– Não é isso.

– É de outro assassinato que você está falando? – Não sei o que você quer dizer com outro – retrucou ela, ainda se recusando a se deixar incriminar por aquela antiga trapalhada. – Mas não, não é um assassinato. É um crime de colarinho-branco. Mais ou menos.

Ele arqueou as sobrancelhas.

– E então, nós temos um trato? Hayden levou uns segundos sem responder, olhando fixamente para Kate, esperando que ela falasse mais. Até finalmente se conformar com o fato de que ela nãoalaria.

– Sinto muito, Kate. Não.

Kate precisava estar na outra margem do rio dali a uma hora, para se encontrar com Julia, Bill e Dexter. E tinha que chegar lá cedo, antes dos outros. Antes de seu marido.

Contemplou a cidade, as ruas que irradiavam do museu, a miscelânea dos telhados. Resignou-se com o fato de que, afinal, teria que dizer a verdade a Hayden, se não toda, ao menos uma boa parte.

Kate se perguntava se o próprio Hayden estaria no furgão profissional parado na esquina, escutando essa conversa. Ou talvez esteja do outro lado da rua, observando. Ao se despedirem, faz duas horas e meia, ele não disse com clareza qual seria seu envolvimento no resto da noite. Hayden era mestre em deixar as coisas obscuras.

– A sua última cartada – diz Kate, voltando a atenção para Julia –, foi me confrontar. Mas isso não deu em nada. Menos que nada, porque aí nós cortamos

todo o contato com vocês. Vocês deixaram de ter acesso ao seu suspeito. Sua investigação se tornou um impasse que parecia permanente. Fim de jogo. E, de repente, a cidade inteira pareceu se afastar de você.

– Andei mesmo querendo lhe perguntar – retruca Julia. – O que você disse a quem? – Eu disse a Amber Mandelbaum, a inigualmente irritante supermãe judia sulista, que Julia, minha melhor amiga, tinha enfiado a língua na boca do meu marido. Que vaca! Obviamente, não podíamos continuar sendo amigas depois disso.

– Obviamente.

– E então, vocês foram embora – prossegue Kate. – Já não tinham muitos amigos, para começo de conversa: afinal, não estavam em Luxemburgo para levar uma vida real; e para você, Bill, deve ter sido um alívio livrar-se da sua amante. Imagino que a Jane fosse um desafio. Cansativa.

Julia se espinha.

– Mas acho que, tecnicamente, ela não era sua amante, já que você não era mesmo casado.

Bill continua sem reação.

– Mas enfim, vocês voltaram para Washington de mãos vazias.

Lamentaram, envergonhados, ter que admitir que haviam se enganado: Dexter Moore não era o ladrão. O arquivo da Interpol foi fechado. Vocês voltaram ao FBI em tempo integral, à velha rotina opressiva. Mas, depois de terem investido tanto tempo numa investigação cara e estupidamente malsucedida, a sua estrela brilhou com muito menos intensidade. Não foi assim, Julia? Julia não responde.

– Portanto, não foi surpresa você pedir demissão. Sobretudo quando veio ao conhecimento público que, enquanto bancavam o casal, vocês tinham mesmo se tornado um.

Bill se remexe na cadeira. Dexter, mais uma vez, fica numa confusão que se estampa em seu rosto. Julia lhe faz um aceno, uma admissão. Ele balança a cabeça, intrigado.

– Isso acontece com frequência, não é? – continua Kate. – Nunca aconteceu comigo, entenda bem. Mas vi acontecer uma porção de vezes. Com outros agentes de campo.

Kate para de falar, perguntando-se quanto deve revelar, se haverá algum benefício nisso. Sabe que um dos prazeres mais perigosos e autodestrutivos que existem é sair por aí comprovando quanto se é esperto. É o tipo de coisa que faz as pessoas levarem tiros.

Mas ela parece não conseguir se conter: – E então, Julia, quando foi que você deixou Bill a par de tudo? – Isso tem importância? – Para mim, tem.

– Contei a ele depois que pedi demissão – responde Julia. – Depois que nós nos demitimos.

O pensamento de Kate é puxado para trás, atravessando esse último ano e meio em Paris, de volta a Luxemburgo, ao penúltimo inverno, a um ponto anterior à noite no restaurante em que ela e Dexter montaram uma encenação para o transmissor do FBI e à noite da véspera, quando o marido lhe abriu o jogo, quase por completo.

– Fazia quanto tempo que vocês estavam juntos? – Alguns meses.

Kate olha de relance para Bill, que permanecia calado, deixando outra pessoa contar seu lado da história. Ou melhor, sua metade da narrativa.

– Por que você contou a ele? – Eu o amo – diz Julia. – Estamos construindo uma vida juntos – fala e então exhibe o dedo anular: – Estamos noivos.

– Que bom – diz Kate, com um meio sorriso irônico. – Meus parabéns. Mas quando vocês saíram pela primeira vez? – Que importância tem isso para você? – pergunta Bill.

Agora está alerta, a fachada de calma vai desmoronando. Kate desconfia que ele saiba exatamente aonde leva essa sua linha de indagação, e por quê.

– Estou curiosa. Tentando compreender direito a história toda.

Bill a encara com uma expressão dura nos olhos, os músculos da mandíbula se contraindo. Kate sabe que ele sabe que ela sabe.

– Foi no final – responde Julia. – Pouco antes de sairmos de Luxemburgo.

O pensamento de Kate pousa naquele banco ao ar livre em Kirchberg, quando ela foi confrontada por Bill e Julia no frio.

– Então vocês não estavam juntos no Natal, nos Alpes? Julia dá um risinho de mofa.

– Não se embebedaram e transaram na noite de ano-novo? Kate não nota que a mão direita de Bill desapareceu embaixo da mesa, mas ela desapareceu.

– Não.

A lembrança de Kate freia e para, cantando pneu, naquele momento em que Julia disse “25 milhões de euros” e Bill pareceu confuso, abriu a boca para falar alguma coisa, para corrigi-la, dizendo que a cifra era de 50 milhões, mas depois a fechou, deixou passar o lapso de Julia; deixou-o descansar e cozinhar em fogo brando, e verificou com a matriz em Washington, confirmou que o valor roubado do coronel tinham sido 50 milhões, o dobro do que Julia havia alegado na cara de Kate – uma discrepância bizarra, certinha demais para ter sido um exemplo totalmente aleatório de lapso de memória –, e se convenceu de que devia haver uma explicação lógica. Quebrou a cabeça com as possíveis razões e, por fim, descobriu-as, talvez tendo uma visão aérea panorâmica da trama inteira, estendida lá embaixo para ser examinada com vagar, e compreendeu a imensa quantidade de dinheiro que estava em jogo, e resolveu usar seus pontos fortes – a beleza, o charme, a capacidade de guardar para sempre um segredo colossal – contra os pontos fracos dela: a insegurança, a solidão e o desejo desesperado de construir uma família, diante da crua implacabilidade de não ter absolutamente

nenhuma perspectiva de marido.

– Será que foi em Amsterdã? – sugere Kate.

Pousa as duas mãos no colo, espalmando-as sobre as coxas, e se curva para a frente, mudando de posição. Depois, inclina-se para trás numa posição diferente, tira a mão esquerda da perna e a devolve à mesa. Tudo isso é apenas uma manobra para disfarçar que a mão direita fica embaixo da mesa, logo depois deslizando para dentro da bolsa.

Bill também se reacomoda na cadeira, de modo menos teatral do que Kate, mas atingindo, ela sabe, o mesmo objetivo.

Julia se vira para seu novo amor. Nem tão novo assim: isso aconteceu em janeiro, faz um ano e meio. Muito tempo para se ficar com uma pessoa a quem não se ame. Ou talvez Bill realmente ame Julia, agora. Talvez tenha aprendido a amá-la.

– Bem – diz Kate –, acho que Amsterdã era um lugar romântico. Com todas aquelas drogas e prostitutas por perto.

Mas ela sabe que foi ainda depois de Amsterdã, foi depois do banco do jardim.

Kate vai afundando a mão direita, devagar e discretamente, por entre o pó compacto, os óculos escuros, a goma de mascar, a agenda, as canetas, o chaveiro e os pedaços soltos de papel, até chegar ao fundo da bolsa, onde fica a coisa mais pesada. Sob uma aba rígida, que ela levanta.

Agora os dois se encaram, Kate e Bill, olhos cravados um no outro. Estão cercados por centenas de pessoas no Carrefour de l’Odéon, num anoitecer de início de setembro: o tempo, a luz, o vinho e o café perfeitos como um cartão-postal. A Europa que todos imaginam.

Os dedos de Kate se fecham em torno do cabo da Beretta.

A mão direita de Bill continua sob a mesa.

Kate vira para Julia. Uma mulher infeliz e solitária, até esse homem aparecer. E agora, aqui estão eles, aparentemente felizes.

O rosto de Julia está iluminado, um tom rosado nas bochechas.

Mas há uma gigantesca mentira na base de seu relacionamento, de sua felicidade. Uma motivação impura. Houve aquele errinho cometido pela mulher, ao dizer um número por engano. E então, em torno desse erro e do fato de o haver notado, o homem reconstruiu uma trama completa, um enredo grande e denso – sedução e caso amoroso e relacionamento e proposta de casamento, uma vida inteira. Aproveitando-se da mentira dela.

Mas será que isso torna a relação deles menos real? Torna impossível eles se amarem sinceramente? Kate vira para Bill e percebe a rigidez, a determinação. O que ele será capaz de fazer para proteger seu segredo? Kate e Bill apontam armas um para o outro sob o tampo de mármore da mesa. Será que ele está disposto a matá-la, neste momento? Vai disparar um revólver aqui, no

centro de Paris, acertá-la no abdômen? Vai se tornar um eterno fugitivo? Vai desistir de sua vida inteira – de sua vida recém-fabricada –, para não permitir que Kate revele a verdade dele a Julia? Essa sua verdade é que ele descobriu o que sua parceira e o suspeito do crime estavam fazendo, juntos. Mas, em vez de confrontar Julia, ele entrou na falcatrua. Fingiu não saber o que se passava, fingiu apaixonar-se por ela, fingiu ficar surpreso quando Julia, enfim, lhe contou a verdade.

Kate torna a olhar para Julia, essa mulher estranha, tão brilhante em tantos aspectos, mas tão incapaz – ou sem disposição – de enxergar uma coisa tão óbvia bem diante de seu nariz.

Mas quem sabe? Talvez Julia enxergue perfeitamente a verdade. Talvez a tenha enxergado lá atrás, antes mesmo de ela se transformar em verdade: talvez seu lapso dos 25 milhões não tenha sido erro algum. Talvez ela tenha cometido um falso erro, instigando Bill a descobrir tudo, para que ele a seduzisse, se casasse com ela. Talvez também tenha arquitetado isso, junto com o resto do golpe, tão extenso e complexo.

E talvez Dexter não tenha deixado aquele anuário na sala por engano.

Assim como o pensamento, os olhos de Kate também vagam, num pingue-pongue entre os conspiradores e os objetos sobre o tampo da mesa, e acabam pousando na taça de vinho de Julia. Que mal baixou um dedo. Faz uma hora e meia que eles estão sentados nessa mesa, já na segunda garrafa. Porém Julia não fez mais que bebericar. A mulher que costumava secar uma garrafa inteira no almoço está se encharcando de água.

Julia engordou uns 5 quilos, talvez 10. Seu rosto está afogueado, radiante.

– Ah, meu Deus! – Kate deixa escapar. – Você está grávida! Julia enrubescer. Ela que, há dois anos, afirmara não poder ter filhos. Só mais uma faceta do disfarce.

Grávida. Isso muda tudo.

Kate e Hayden ficaram sentados sob o céu resplandecente, onde os pompons de nuvens brancas dispersos pareciam arrançados para quebrar a monotonia do azul, suspensos pelos raios dourados da enviesada luz solar. Uma cena de pintura, luz de Vermeer.

Kate nunca havia apreciado plenamente a pintura do norte europeu até morar na Europa Setentrional. Até compreender que os céus dos pintores não eram invenções fantasiosas, distorções da realidade, mas reflexos exatos de uma paisagem celeste singular.

Não era essa a aparência do céu em Bridgeport, nem em Washington, ou na cidade do México, ou em qualquer dos outros lugares em que ela havia passado a vida, às vezes olhando para o céu.

– Você precisa me dizer para que seria a imunidade – declarou Hayden.

Recomeçava o impasse. Mas Kate sabia que sua postura era puro blefe, e

a dele, não. Ela teria que ceder. Porque havia finalmente descoberto o que queria, aquilo de que precisava, e Hayden podia lhe dar isso. Só que não precisava de coisíssima alguma dela.

Além disso, Kate estava com pressa e tinha que resolver isso logo, para voltar ao outro lado do rio Sena.

– É pela participação no roubo – disse. – Dos 50 milhões.

Hayden levantou o copo, bebeu um gole grande de água, repôs o copo na mesa e recomeçou a olhar fixamente para Kate.

– Pense nisso da seguinte maneira – prosseguiu ela. – Este é exatamente o tipo de operação da CIA. Esse coronel era uma praga no planeta. Não só uma pessoa terrível, mas uma força desestabilizadora, um maníaco irresponsável, cujas armas um dia acabariam, se é que já não tinham acabado, nas mãos de pessoas que quisessem fazer mal aos americanos, talvez dentro dos Estados Unidos.

Hayden se manteve indecifrável.

– Aí, nós... não eu, entenda, mas... enfim, esse coronel foi liquidado. E, enquanto isso, o dinheiro dele não acabou nas mãos de outras pessoas iguais a ele. E ainda existe um bônus que, a meu ver, você vai achar muito atraente.

– Sim...? – O culpado... bem, o outro culpado, se é que você pode imaginar, é um agente do FBI.

Ele riu, uma gargalhada grave, sonora, soltando o ar com força e de um jeito atípico no final. Achou aquilo engraçadíssimo.

– E o dinheiro? – perguntou.

– Nós o devolveremos. Bem, não devolver, propriamente. Vamos dá-lo a... sei lá... você? Além disso, preciso confessar que não temos exatamente todo ele...

Hayden desviou o rosto, olhou para seus colegas do outro lado do terraço, seus subalternos na extremidade oposta do restaurante. E tornou a fitar Kate.

– E então? – disse ela. – Temos um acordo? – Parabéns – diz Kate. – Para quando é? – Só estou... Ainda não estou nem com quatro meses.

– Que maravilha – diz Kate, depois se volta para Bill: – Parabéns.

A mão dele continua embaixo da mesa, pronta para proteger a embalagem elegante e delicada que deu ao maciço pacote de mentiras de Julia. Há muita coisa em jogo para ele: não só os 25 milhões de euros, mas também uma mulher, um filho. Uma vida inteira.

Kate vai deixar isso para lá. Vai silenciar sobre a falsidade dele, para sempre.

Devolve a Beretta ao compartimento no fundo da bolsa. Estende o braço por cima da mesa, coloca a mão sobre a de Julia, sentindo a aspereza do brilhante do anel na pele endurecida de sua palma, em sua calosidade causada pelo tênis. Faz um afago em Julia com o polegar.

Bill meneia a cabeça para Kate e pisca vagarosamente, num inconfundível obrigado. Também muda de posição e levanta o braço, pondo a mão direita agora vazia em torno da taça de vinho.

Kate não quer que essa mulher tenha um filho na cadeia. Não quer ser responsável por agravar os horrores dessa situação.

Já carrega o peso de algo igualmente pavoroso.

Não. O que ela fez foi muito mais terrível.

Um táxi buzinou na Park Avenue, os freios a ar de uma carreta gritaram. A luz matinal se infiltrava pelo voile diáfano atrás da pesada cortina de veludo, partículas de poeira flutuando nos raios de sol.

Na bandeja do serviço de quarto se espalhavam torradas não consumidas, ovos parcialmente comidos, tiras de bacon crocante, pedaços de batata rosti. Um bule de prata com café e uma xícara de porcelana descansavam numa mesinha de canto, o aroma inundando o quarto, o bule reluzindo à luz do sol.

O sangue de Torres se espalhava em poças silenciosas, que nasciam em sua cabeça e seu peito, empapando o carpete.

O bebê tornou a chorar.

Um número imenso de informações cruzou a cabeça de Kate numa fração de segundo. Ela soubera da mulher de Torres, a que havia morrido alguns anos antes, de complicações posteriores a uma cirurgia de rotina. Era uma informação antiga.

Não recebera a nova informação sobre outra mulher ou um bebê. Tinha feito algumas pesquisas: o hotel e o quarto, quantos guarda-costas, postados em que locais e horários. Também fizera alguns planos: como ir de Washington a Nova York em segredo, como se deslocar entre estações e destinos, onde se desfazer da arma, como sair do hotel.

Mas tinha sido relapsa, descuidada e impaciente. Não pesquisara o bastante, não fizera um trabalho completo. Não havia tomado conhecimento de tudo o que era preciso saber.

E ali estava aquela surpresa, aquela jovem parada na porta do banheiro da suíte do hotel Waldorf- Astoria, virando a cabeça na direção do som do bebê chorando, incapaz de fugir do instinto irreprimível de cuidar do filho. Sem saber que, ao romper o contato visual com Kate, ao cortar a ligação humana criada por seus olhares, ela permitia a Kate fazer a pior coisa que já fizera em toda sua vida.

O erro fora de Kate. Não planejava com cuidado sua missão. Era por isso que ela entraria no escritório do seu supervisor no dia seguinte e pediria demissão.

No quarto ao lado, o bebê voltou a chorar. Kate puxou o gatilho.

Kate olha para o açucareiro e pensa na escuta escondida ali. Apenas duas horas antes, ela estava quase 2 quilômetros ao norte, do outro lado do rio,

tramando seu acordo com Hayden. E agora está aqui, colocando-o em prática.

Não faz parte do trato ela prender esses dois, ou sequer participar da detenção. Tem apenas que fazê-los admitirem tudo, o que praticamente já conseguiu. E amanhã terá de transferir os 24 milhões de euros para um fundo destinado a cobrir os custos de operações secretas na Europa. As quais ela mesma vai dirigir.

– Vocês precisam de alguma coisa de Dexter, para terem acesso a sua metade do dinheiro? Julia faz que sim com a cabeça. Mas um gesto não basta.

– De quê? – pergunta Kate.

– Preciso do número da conta. Tenho o nome de usuário e a senha, mas não sei o número da conta.

Dexter também faz um aceno com a cabeça. Chegou a hora, finalmente. Ele enfia a mão no bolso do paletó e tira um pedaço de papel. Nesse instante Kate segura seu pulso.

Ele se vira para a esposa, intrigado. Todos parecem confusos, sem saber o que está havendo. Até Kate, que se surpreende com a própria ânsia em perdoar. Impossível não ceder a ela. Sabe que é por causa da gravidez de Julia, que transforma uma vilã medonha numa heroína simpática, assim, de repente. Agora Kate torce por Julia, não contra ela. Em quase tudo.

Sua mão esquerda segura o pulso de Dexter, que tem entre os dedos o papelzinho dobrado. Com a mão direita, Kate vira o açucareiro, derrubando seu conteúdo na mesa. Pega o transmissor entre o indicador e o polegar e o levanta para que seus companheiros na mesa o vejam. Todos arregalam os olhos.

Kate joga o transmissor em sua taça de vinho.

– Vocês têm um minuto – avisa. – Talvez dois.

Os olhos de Julia correm do transmissor na taça de Kate para o número da conta na mão de Dexter. Kate emborca cuidadosamente a taça, derramando o vinho e o aparelho, que chia sobre a toalha. Criando uma razão, uma desculpa para o treco ter parado de funcionar de repente.

– Vocês não podem ficar com o dinheiro – diz.

O vinho tinto escuro já se espalhou pela toalha, como garras se estendendo pelas fibras a partir da poça. O mesmo desenho, de novo.

– Mas, se forem rápidos, podem ficar em liberdade.

Julia e Bill se levantam depressa, mas sem pânico, sem chamar atenção.

– Cruzem o saguão do hotel – prossegue Kate –, desçam e saiam pela porta dos fundos para a rua lateral.

Julia vai pendurando a bolsa no ombro. Olha para Kate, com o rosto tomado por uma mescla de emoções. Bill a segura pelo cotovelo, já dando o primeiro passo para longe da mesa, dos Moore, do dinheiro.

– Boa sorte – diz Kate.

Julia dá uma olhada para trás, para Kate e Dexter. Abre um breve sorriso,

os olhos enrugados nos cantos, a boca aberta, como se fosse dizer alguma coisa. Mas não diz. E torna a se virar.

Kate observa enquanto eles se misturam à multidão compacta, todas as luzes da rua e dos interiores acesas no Carrefour de l'Odéon, um pequeno Fiat vermelho buzinando para uma Vespa verde brilhante que costura pelo trânsito, o policial indiferente, ainda flertando com a moça bonita, fumaça de cigarros subindo de mesas repletas de taças de vinho, copos, jarras e garrafas, pratos de presunto e porções de foie gras, fatias crocantes de pão em cestas forradas de guardanapos, mulheres de lenços amarradas com um nozinho no pescoço, homens de paletó esporte xadrez, gargalhadas sonoras e risinhos brincalhões, apertos de mão e beijos nas faces, cumprimentos na chegada e acenos de despedida, na densa e animada massa humana de começo de noite na Cidade Luz, onde dois estrangeiros desaparecem depressa e sem levantar suspeitas.

FIM

AGRADECIMENTOS

Obrigado aos heroicos leitores das primeiras (e mais capengas) versões deste livro: Adam Sachs, Amy Scheibe, Jamaica Kincaid, Jane Friesen e Sonny Mehta.

A meu agente, David Gernert, e suas colaboradoras, Rebecca Gardner e Sarah Burnes.

A Molly Stern e Maya Mavjee, editoras de publicações da Crown, ao editor Zachary Wagman, a Terry Deal, responsável pela produção, e a todas as outras pessoas de Nova York que ajudaram a transformar um manuscrito num livro publicado.

Ao editor Angus Cargill, da Faber and Faber de Londres, à diretora de publicações Hannah Griffiths e ao editor de publicações Stephen Page.

A Michael Rudell e Jeffrey Dupler, pela assessoria jurídica; a Sylvie Rabineau, pela orientação sobre cinema; a Layla Demay, pela ajuda no francês; e a Amy Williams, por colaborar na redação.

Às senhoras de Luxemburgo: Becky Neal, Binda Haines, Christina Kampe, Cora Demeneix, Cristina Bjorn, Jules Brown e Mandip Sumbly.

A Kevin Mitnick, autor do fascinante A arte de invadir, minha principal fonte de conhecimentos sobre os hackers. Mas note-se que o roubo cibernético de Os impostores é de natureza completamente ficcional, com detalhes inteiramente fantasiosos. O mesmo se aplica à logística que descrevi sobre o trabalho e os pedidos de demissão da CIA Às equipes da Soho House, em Nova York, e do Coffee Lounge, em Luxemburgo, que foram gentis comigo enquanto eu me sentava por lá, escrevendo este livro.

E a minha linda mulher, Madeline McIntosh, a pessoa mais inteligente que conheço.